

G.L.Trobridge

Swedenborg

Vida e Ensinos

Tradução de
Raimundo Araujo Castro Neto

Sociedade Religiosa “A Nova Jerusalém”
Rua das Graças, 45 – Bairro de Fátima
20.240-030 - Rio de Janeiro, RJ
1998



Swedenborg,
Vida e Ensinaamentos

Publicado pela
Sociedade Religiosa “A Nova Jerusalém”

Com gentil permissão de
The Swedenborg Society
Swedenborg House,
20/21 Bloomsbury Way,
London WC1A 2TH

Direitos autorais reservados

Traduzido por Raimundo Araújo Castro Neto
Revisado por Eloah e Raymundo A. Castro Filho,
com colaboração de Felipe Magioli
Editado por Cristóvão R. Nobre

Prefácio à primeira edição em português

Estamos aqui diante da primeira edição em língua portuguesa da obra de George L. Trobridge sobre Emanuel Swedenborg, tradução de Raimundo Araujo Castro Neto, texto da 4ª. edição em inglês do livro em que preliminarmente se explica tratar-se da tentativa de revisão em quase trinta anos do trabalho original de Trobridge. A 1ª. edição é de 1907 e a 4ª. é de 1935. Fica-se sabendo que “constituiu tarefa exaustiva, incluindo emendas, reformulação de frases e resumo de textos”. “Drástica a revisão em alguns casos”, o livro certamente continua sendo, em substância, enredo e execução, a mesma obra escrita originalmente pelo autor”.

Que dizer desta 1a. edição em língua portuguesa?

Sem dúvida, iniciativa que tem vários aspectos positivos, não sendo o menor o de tornar mais conhecido do público brasileiro e, de modo geral, do mundo da lusofonia, que abrange também Portugal e ex-colônias, a personalidade e a obra de Emanuel Swedenborg, o que significa contribuir para divulgar figura notabilíssima do pensamento mundial em todos os tempos.

É preciso insistir que a iniciativa transcende o alcance de divulgar a Doutrina da Nova Igreja pela Sociedade Religiosa “A Nova Jerusalém”, nome que lhe deram no Brasil, onde a instituição comemorou recentemente um século de existência, limitada embora a pequeno número de fiéis, tendo ficado circunscrita à cidade do Rio de Janeiro, onde tem bonito templo próprio.

Culturalmente, é um feito significativo, visto que Swedenborg, conhecido até certo ponto no âmbito do esoterismo, embora não fosse esotérico, não mereceu até hoje, entre nós, divulgação mais ampla.

O conhecimento de Swedenborg sobre o esoterismo é tratado pelo um grande poeta inglês, William Blake, que começa a escrever e a desenhar quando aquele morre na Inglaterra, em 1772. Blake afirma no Casamento do Céu e do Inferno que não foi a originalidade das teorias de Swedenborg que se tornou um culto atraente, mas a capacidade de Swedenborg de resumir e popularizar muitas noções místicas paralelas aos cultos cabalísticos herméticos, o que entretanto não nos leva a concluir pela pouca influência

de Swedenborg sobre o pensamento de Blake. Corretamente se deve olhar esta apreciação de Blake como excentricidade das tantas em que ela era pródigo, e lembrar o que escreveu William Butler Yeats: “William Blake era um homem clamando por uma mitologia, tentando fazê-la, porque não havia uma ao seu alcance”. Já na opinião de James Joyce, a posição de Blake entre os artistas místicos de reunir ao misticismo penetração intelectual se deve à influência que sobre ele teve Swedenborg. Aliás, não se trata unicamente de esoterismo, expondo Joyce: “A influência de Swedenborg, que morreu exilado em Londres quando Blake começava a escrever e desenhar, se adverte na glorificação da humanidade que constitui a marca de toda a obra de Blake”. Essa influência está longe de ser caso isolado. Num trabalho que procura orientar o estudo do simbolismo do ponto de vista da literatura comparada, a professora Ana Balakian, da Universidade de New York, escreveu: “Os simbolistas e sua coterie internacional aceitaram uma origem comum na filosofia de Swedenborg, que já havia conseguido se infiltrar em formas artísticas através dos literatos iluminados (*literary illuminists*), como Gerar de Nerval, Novalis, Blake e Emerson”.

Retomando o tema do esoterismo, embora sabendo que Swedenborg não era médium nem espírita, não se pode deixar de citar o que afirma Conan Doyle sobre ele na sua História do Espiritismo: “A verdade é que Swedenborg foi o primeiro e, sob vários aspectos e de modo geral, o maior médium; estava sujeito a erros tanto quanto aos privilégios decorrentes da mediunidade” (obra citada, pág. 37). Comentando esse tipo de enfoque, a Encyclopaedia Britannica discorda de Conan Doyle e observa que a idéia normal de mediunidade contraria tal modo de ver as coisas, uma vez que Swedenborg entrou no mundo dos espíritos a partir do mundo material, enquanto no espiritismo são os espíritos que vêm ao nosso mundo.

Na biografia de Trobridge se pode ver a preocupação de Swedenborg com a tradição esotérica. Por exemplo, quando fala da emoção que lhe causou se deparar com o túmulo de Casaubon na abadia de Westminster. Isaac Casaubon (1559-1614) foi erudito e religioso, nascido em Genebra, Suíça, naturalizou-se inglês, se converteu ao anglicanismo, mas sua celebridade vem de ter sido o primeiro que, com fundamento, afirmou que, embora possa ter havido alguém em tempos remotos com o nome de Hermes Trimegisto (“Hermes três-vezes-o-máximo”), grande parte da obra que lhe é atribuída consta de falsificações de cristãos.

Trobridge historia a evolução das idéias de Swedenborg, da relação entre corpo e alma, até quando sua visão espiritual começa a ser aberta, em 1743, e, finalmente, em abril de 1745, foi estabelecida sua comunicação com anjos e espíritos, passando a falar com eles como as pessoas normal-

mente conversam entre si neste mundo. Tudo culmina com a aparição do próprio Senhor a ele, em abril de 1745, afirmando Swedenborg tratar-se do mesmo Homem que já havia encontrado anteriormente e que Se apresentara como o Senhor Deus, Criador do mundo, o Redentor, e que havia escolhido a ele, Swedenborg, para explicar aos homens o sentido espiritual das Escrituras Santas. Conclui Trobridge: “Um depoimento realmente notável, feito de modo claro e simples. Para saber se Swedenborg foi realmente favorecido, basta consultarmos os seus trabalhos, que são a única resposta satisfatória a essa pergunta”. Confirmando essa afirmação, citaremos a Verdadeira Religião Cristã, n. 200: “É por este sentido que a Palavra foi divinamente inspirada e é santa em cada vocábulo. Diz-se, na Igreja, que a Palavra é santa, e isso porque JEHOVAH o Senhor a pronunciou. Mas como a santidade da Palavra não se manifesta no sentido da letra somente, aquele que, por causa disso, duvida uma vez de sua santidade, confirma-se em seguida nessa dúvida por várias passagens da Palavra, quando a lê, pois diz em si mesmo: Será que isto é santo? será que isto é divino? Portanto, a fim de que um tal pensamento não influa sobre muitos e depois não se afirme cada vez mais e a Palavra seja rejeitada como um escrito desprezível, e assim a conjunção do Senhor com o homem pereça, aprouve ao Senhor revelar agora o sentido espiritual da Palavra, para que se saiba onde nela está encerrado o santo Divino”.

Para todos da Nova Igreja, os Escritos de Swedenborg revelam o sentido interno das Escrituras Sagradas, revelação essa que é considerada a Segunda Vinda do Senhor. E uma vez conhecido o conteúdo espiritual da Palavra, a felicidade dos neo-hierosolimitas está em usá-lo, como se diz no Evangelho de João: “Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes” (13:17).

Raymundo de Araujo Castro Filho

Prefácio à quarta edição em língua inglesa

Esta biografia de Emanuel Swedenborg, por George Trobridge, teve sua primeira edição publicada em 1907, sob os auspícios da Sociedade Swedenborg. Uma segunda edição, aumentada e ilustrada, foi publicada em 1920. A terceira edição, resumida e em brochura, foi lançada em 1930.

Na preparação desta quarta edição verificamos que as mudanças ocorridas neste último quarto de século foram tão abrangentes que um livro escrito antes da guerra teria, necessariamente, de ser atualizado, a fim de continuar fiel aos propósitos idealizados por seu autor. Os últimos vinte e cinco anos não trouxeram apenas descobertas científicas que modificaram nossa concepção do universo, tampouco apenas mudanças econômico-sociais que redirecionaram o pensamento religioso, mas, também, súbita e generalizada modificação no modo de escrever e até mesmo na própria associação das palavras. O revisor, portanto, procurou dar a esta edição fisionomia moderna, além de proceder às revisões de praxe. O trabalho foi exaustivo e incluiu emendas, reformulação de frases e resumo de textos. Em alguns casos, a revisão foi drástica. Entretanto, o livro certamente continua sendo, em substância, enredo e execução, o mesmo “Vida de Swedenborg”, tal qual escrito por Trobridge.

O trabalho do revisor certamente mereceria a aprovação do autor, se este ainda fosse vivo, pois as mudanças introduzidas se tornaram necessárias para manter o texto coerente com os objetivos do autor. Os trechos que aparecem entre aspas não indicam remissão ou referência da fonte. Em quase todos os casos foram extraídos da obra Documentos sobre Swedenborg, de autoria do Dr. R. L. Tafel, uma coletânea que registra informações coligidas pelo autor na Suécia, na Inglaterra, na Alemanha e nos Estados Unidos. Nos demais casos, trata-se de informações divulgadas depois da publicação da obra do Dr. Tafel.

*E. C. M.
Setembro de 1935*

ÍNDICE

<i>Prefácio à primeira edição em português</i>	<i>3</i>
<i>Prefácio à quarta edição em língua inglesa</i>	<i>6</i>
<i>ÍNDICE</i>	<i>7</i>
<i>Cap. 1 - A hereditariedade e os primeiros anos</i>	<i>8</i>
<i>Cap. 2 - Estudos científicos e atividades práticas</i>	<i>22</i>
<i>Cap. 3 - Swedenborg, o filósofo</i>	<i>34</i>
<i>Cap. 4 - Em busca da alma</i>	<i>46</i>
<i>Cap. 5 - Entre dois mundos</i>	<i>69</i>
<i>Cap. 6 - Vidente e teólogo</i>	<i>80</i>
<i>Cap. 7 - Ensinamentos teológicos</i>	<i>91</i>
<i>Cap. 8 - Filosofia espiritual</i>	<i>101</i>
<i>Cap. 9 - Trabalhos expositivos</i>	<i>112</i>
<i>Cap. 10 - A Ciência das Correspondências</i>	<i>125</i>
<i>Cap. 11 - “Coisas ouvidas e vistas”</i>	<i>134</i>
<i>Cap. 12 - O casamento na terra e no céu</i>	<i>153</i>
<i>Cap. 13 - Sinais de vidência</i>	<i>162</i>
<i>Cap. 14 - Recepção dos ensinamentos</i>	<i>175</i>
<i>Cap. 15 - A ciência de Swedenborg</i>	<i>188</i>
<i>Cap. 16 - Swedenborg, o político</i>	<i>201</i>
<i>Cap. 17 - Visitas a Londres e suas moradias ali</i>	<i>209</i>
<i>Cap. 18 - Traços pessoais</i>	<i>217</i>
<i>Cap. 19 - Testemunhos</i>	<i>230</i>
<i>Índice Remissivo</i>	<i>244</i>

Cap. 1 - A hereditariedade e os primeiros anos

O fato de Emanuel Swedenborg ter passado da ciência natural para a teologia em plena meia idade, é ainda hoje motivo de espanto; o seu interesse pelos assuntos teológicos pode ser explicado por sua hereditariedade. Seu pai era um eminente bispo luterano e portanto ele cresceu num ambiente teológico, enquanto seus avós paterno e materno estavam ligados à indústria sueca de mineração. Daniel Isaacsson, o pai do bispo Swedberg, era mineiro e dono de minas em Fahlun, que ascendeu da pobreza à riqueza através de bons negócios de mineração. Albrecht Behm, o avô materno de Swedenborg, tinha ocupado um cargo importante no Conselho de Mineração, cargo este que Swedenborg mais tarde veio a ocupar.

A diversidade de sobrenomes na mesma família é explicada pelo costume da adoção de novos sobrenomes, às vezes pelo lugar de domicílio da família, ao invés do patronímico familiar, e pelo título de nobreza concedido à família Swedberg. Os filhos de Daniel Isaacsson se chamaram Swedberg, tirado do nome de seu domicílio — “Sweden”, a Suécia. Mais tarde, o nome foi mudado para Swedenborg, quando a Rainha Ulrica Eleonora concedeu o título de nobreza à família do bispo, em 1719.

Jesper Swedberg, nascido em 1653, pai de Emanuel, foi o segundo filho de Daniel Isaacsson. Seus pais, pessoas muito piedosas, o dedicaram à igreja e foi ordenado em 1682. Foi designado Capelão da Cavalaria da Guarda no mesmo ano, nomeado Capelão da Corte em 1686, Deão e Pastor de Vingaker em 1690, Professor da Universidade de Uppsala em 1692, Deão de Uppsala, em 1694, e Bispo de Skara, em 1702, tendo ocupado este último posto durante trinta e três anos. Era homem de vida correta e piedosa, trabalhador incansável e reformador entusiástico. Com efeito, pode-se dizer que sua conduta exemplar lhe deu um papel de destaque entre seus pares, a ponto de provocar o seguinte comentário de um de seus contemporâneos: “Se ele tivesse vivi-

do alguns séculos antes, a Suécia teria hoje número bem maior de santos. Sua sabedoria, seu espírito empreendedor, seu exemplo de vida e sua dedicação à glória de Deus, merecem ser reverenciados até neste século de maior saber”. Ele se dedicou muito à causa da educação, tanto como capelão do exército, quando instituiu um prêmio para cada soldado que aprendesse a ler, quanto como professor de teologia e, mais tarde, reitor da Universidade de Uppsala. Procedeu à reforma do ensino público, escrevendo e editando muitos livros didáticos e, de todas as maneiras, contribuiu para promover o avanço do ensino.

Embora a Suécia fosse um país protestante, o estudo da Bíblia estava bastante negligenciado. Com efeito, a Bíblia tinha se tornado artigo de luxo, devido ao alto preço cobrado pelos editores. Swedberg tentou remediar essa situação, providenciando a publicação de uma edição popular do livro a preço acessível a todos; embora a empresa contasse com a autorização real e Swedberg custeasse de seu próprio bolso grande parte da edição, o projeto malogrou, devido às pressões de poderosos editores. Seus esforços com vistas à revisão da versão sueca da Bíblia também fracassaram; sua tentativa de melhorar o Hino Nacional da Suécia e o Livro dos Salmos valeram-lhe acusação de heresia e ambos os trabalhos foram reprimidos. Parece que Swedberg foi vítima da inveja, da apatia e do conservadorismo obstinado daqueles que deveriam ter sido seus maiores aliados. Apesar de tudo, perseverou nos seus nobres intentos até o fim de sua vida.

A religião de Jesper Swedberg era eminentemente prática. Na Igreja Luterana, a exemplo de outras denominações protestantes, a fé foi elevada a um nível tal de preeminência, que as boas ações ficaram depreciadas e a moralidade conseqüentemente comprometida. Swedberg achava que a verdadeira fé não poderia estar dissociada de uma vida produtiva e caritativa. Ele denunciava que “muitos se contentavam com o primeiro e segundo parágrafos da “grande fé” (*stor-trön* em sueco), mas não prestavam atenção aos ensinamentos do terceiro parágrafo, com a “santificação e uma vida sagrada”. “A fé da cabeça” (*hjarne trön*), ou seja, a “fé do cérebro” e a “fé do demônio” eram para ele sinônimos. Foi um pregador destemido, denunciando tanto as faltas daqueles que ocupavam cargos importantes, como os deslizes dos mais modestos pecadores; era especialmente severo com a falta de religiosi-

dade desses últimos e sua abusiva e escandalosa dependência da assistência da igreja.

Seu ecumenismo era notável, considerando-se a época em que viveu. Estava sempre pronto a aceitar as coisas boas de todas as religiões e durante uma visita à Inglaterra chegou a discutir fervorosamente a questão da unificação das denominações cristãs com o Bispo Fell, de Oxford. Admirava o trabalho social da igreja nos países católicos romanos, bem como a dedicação das pessoas influentes desses países aos doentes e pobres; em seu próprio país louvou a prodigalidade dos “piedosos”, embora não concordasse com todos os seus ensinamentos e práticas. O Conselheiro Sandels descreveu Swedberg como “homem obstinado, mas sem preconceitos”. Era homem de gostos e hábitos simples, fácil de se satisfazer, que teve um razoável quinhão da riqueza deste mundo, mas morreu pobre, tendo gastado boa parte de sua riqueza na impressão e edição de livros e outros projetos sem fins lucrativos.

A maioria de seus livros não teve êxito e ele se queixava de estar com seus depósitos cheios de livros encalhados, acrescentando, jocosamente, que depois de sua morte as mulheres iriam usá-los como lenha para fazer seus bolos.

Não é de admirar que, para um homem devotado e zeloso como o Bispo Swedberg, as coisas do mundo espiritual tenham sido sempre tão tangíveis. Acreditava piamente na presença de anjos entre os homens e no seu papel de “espíritos ministradores”, enviados para revelar aqueles que serão os “legatários da salvação” (*Heb. 1:14*). Viveu na companhia de seu “anjo da guarda” com quem dizia conversar de vez em quando. Acreditava ter outros dons espirituais, que se manifestavam em certas ocasiões, e parece ter tido poderes hipnóticos de cura. Não muito depois de sua ordenação, conta que ele e os moradores do povoado onde morava ouviram vozes vindas da igreja na hora do crepúsculo. Esse fato o convenceu da presença de visitantes angélicos e fez que reforçasse sua crença na divindade da missão a que se tinha dedicado.

Todos esses fatos tiveram ainda maior influência nas extraordinárias experiências de seu filho Emanuel; a idéia do relacionamento íntimo que subsiste entre o mundo físico e o espiritual indubitavelmente provém dos ensinamentos de seu pai.

Este é o perfil do pai do nosso biografado. De sua mãe não há muitas notícias; ela era obviamente muito ocupada com suas tarefas domésticas, tendo tido nove filhos durante seus doze anos de vida matrimonial. Morreu aos trinta anos de idade, quando Emanuel tinha apenas oito anos. Estranhamente, sabe-se muito pouco a respeito da infância de Swedenborg. Nasceu em Estocolmo, a 29 de janeiro de 1688 e era o segundo filho homem e terceiro rebento dos pais. Além disso, tudo o que se sabe sobre essa fase de sua vida provém de uma carta que escreveu, em 1769, a seu amigo, Dr. Beyer, professor de grego na Universidade de Gotemburgo. Na carta diz: “Dos quatro aos dez anos eu estava constantemente meditando sobre Deus, a salvação e as experiências espirituais do homem; às vezes fazia revelações que levavam meus pais a dizer que os anjos estavam falando através de mim. Dos seis aos doze anos eu tinha muito prazer em conversar com clérigos sobre fé, afirmando-lhes que o que dá vida à fé é o amor e que o amor que é a fonte da vida é o amor ao próximo; dizia-lhes também que Deus deu a fé para todos, mas só aqueles que praticam o amor são merecedores dela. Naquele tempo eu só sabia que Deus era o Criador e Preservador da Natureza e que Ele deu ao homem compreensão e boa disposição e algumas outras coisas do gênero. Eu não sabia nada sobre aquela fé cultivada que nos ensina que Deus, o Pai, transmite as virtudes de Seu Filho a quem quer que seja e, a qualquer tempo que Ele escolha, até mesmo àqueles que ainda não se arrependeram e não reabilitaram suas vidas. E se isso me tivesse sido revelado, naquela época como agora, tudo estaria muito acima de minha compreensão”.

Se nos faltam dados concretos sobre a infância de Swedenborg, podemos preencher as lacunas usando nossa imaginação a partir dos conhecimentos que temos sobre sua família. Na ocasião de seu nascimento, seu pai exercia as funções de Capelão da Corte, em Estocolmo. Portanto, ele passou os primeiros três ou quatro anos de vida naquela capital e obviamente levou a impressão da cidade grande, com seus pomposos edifícios, a correnteza verde das águas oriundas do Lago Malaren, seus navios, suas paradas militares e o vai-e-vém de aristocratas e nobres em suas charretes de verão ou trenós de inverno, para a casa rural em Vingaker, onde a família foi morar em 1692. Aí, durante uns poucos meses ele se deleitou, como qualquer criança, com passeios

intermináveis pelos campos floridos e magníficas fazendas onde ele e seus pais eram afetuosamente tratados pelos paroquianos.

Os dez anos seguintes de sua vida foram passados em Uppsala, onde a família foi residir na Praça da Catedral. Foi nessa cidade que ele teve seus primeiros anos de instrução escolar. Seu professor foi Johannes Moraeus, conhecido por Dr. Moraeus, seu primo pelo lado materno; além disso, pouco se sabe sobre seus estudos. O Conselheiro Sandels nos fala sobre “o cuidado especial que se deu à sua educação” e conhecendo-se seu pai, não podemos duvidar desse testemunho.

Uppsala, onde Swedenborg passou seus dias felizes de infância, era, na época, uma cidade de cinco mil habitantes, e sua catedral era considerada o mais majestoso edifício gótico do norte da Europa. Foi local da coroação e túmulo de muitos monarcas. Pode-se imaginar o menino Swedenborg, caminhando entre esses monumentos, a meditar sobre toda aquela grandeza, desvanecido ou atento aos ritos do serviço diário de que seu pai sempre participava. Esses serviços não eram insípidos e monótonos como os ritos protestantes da época em alguns países da Europa, pois a Igreja Luterana tinha conservado alguns ritos do culto católico romano. Um retrato de Jesper Swedberg nos mostra ele sentado à mesa, com uma Bíblia aberta, certamente, num de seus textos favoritos (*I Cor. 16:22*): “*Se alguém não ama o Senhor Jesus Cristo, seja anátema. Maranata*”. Acima do livro sagrado aparece um crucifixo. Por uma porta aberta, em cujo portal há uma cruz, pode-se vislumbrar o interior de uma igreja com um altar, velas acesas e uma peça de altar mais acima.

Podemos imaginar com que interesse Emanuel contemplava o “moderno e grandioso edifício de pedra” de seu pai, no centro da praça; e a impressão que causou aos seus olhos de criança o incêndio que, logo depois de sua inauguração, destruiu, não apenas a casa, como outros prédios vizinhos, inclusive a grande catedral.

A história da construção dessa casa, tal qual aparece no “*Almanaque Biográfico Sueco*” (*Swedish Biographiskt Lexicon*), nos dá um testemunho esclarecedor sobre o caráter do pai de Swedenborg. “É interessante”, diz o autor, “escutá-lo falar sobre a construção de sua nova casa. Eu sei, e posso testemunhar, pois presenciei tudo, que nenhum trabalho foi feito, nenhuma pedra foi levantada com hesitação ou

incerteza; tudo foi feito com prazer e alegria. Não se ouviam queixas, lamúrias, discussões, insultos ou imprecações”. Quando a obra acabou, no outono de 1698, ele convidou para a festa da inauguração todos os pobres da cidade. Ele, sua mulher e seus filhos serviram todos os convidados. Tudo transcorreu dentro da mais perfeita ordem e essa festa de caridade se encerrou com cânticos, preces, bênçãos mútuas e graças a Deus”. Podemos supor que Swedenborg, então com dez anos de idade, participou de toda essa festa.

Outra circunstância que deve ter marcado sobremaneira a memória de Swedenborg foi a morte de sua mãe, em 1696, seguida da morte de seu irmão mais velho, poucas semanas depois. Dos filhos que restaram (sete além dele próprio), sua favorita era sua irmã Ana, dezesseis meses mais velha que ele. Antes de completar dezessete anos, ela se casou com o Dr. Ericus Benzelius, bibliotecário da Universidade de Uppsala; mas ela não se desligou de seu querido irmão. Foi nessa época que Swedenborg entrou para a faculdade e todas as indicações levam-nos a concluir que morou com ela até sair da universidade, em 1709, de vez que seu pai tinha se mudado para Brunsbo, em 1702, onde foi designado para o bispado de Skara. Nada sabemos sobre suas atividades durante esse período. Certamente ele não deve ter vivido todo esse tempo em vão. Entretanto, não há nenhum registro de que tenha realizado algo de espetacular durante esse período. O Conselheiro Sandels nos diz que “ele aproveitou ao máximo as regalias que ele e alguns poucos tinham” e classifica sua dissertação final de formatura na universidade, elaborada com a orientação de seus superiores, como “um trabalho muito inteligente para um jovem”. Depois de deixar a universidade, publicou alguns de seus poemas em latim, que, segundo o conselheiro Sandels, mostravam “formidável sagacidade e que havia feito bom uso de sua juventude”. Swedenborg continuou nessa atividade por alguns anos, e chegou a ser considerado poeta entre seus familiares.

Livre dos tutores, aulas e livros escolares, Swedenborg se refugiava em Brunsbo, na residência episcopal perto de Skara, e começa a elaborar os planos para uma longa viagem ao estrangeiro. A maior dificuldade parece ter sido arranjar os recursos para a viagem; seu pai era um homem de poucas posses, muitos compromissos e não muito longe da penúria. Em carta datada de 13 de julho de 1709, Swedenborg

pede a seu cunhado, Benzelius, assistência para seu projeto de viagem. Também solicita sua recomendação para uma faculdade inglesa, onde pudesse aperfeiçoar seus conhecimentos de matemática, física e história natural. Propunha-se a preparar um resumo das principais descobertas ocorridas no campo da matemática ao longo dos séculos e acrescentar-lhes tudo o que pudesse descobrir no curso de suas viagens.

Nessa mesma carta ele diz ao cunhado que aprendeu a arte da encadernação com um homem que trabalhou para seu pai. Cito este fato para ilustrar a natureza empreendedora e prática de Swedenborg. Aonde quer que fosse em suas viagens, sempre procurava aprender um ofício. Escrevendo de Londres, em 1711, diz: “Também resolvi hospedar-me em oficinas; primeiro foi numa relojoaria, depois numa carpintaria e, atualmente, estou hospedado na oficina de um fabricante de instrumentos matemáticos; com eles aprendo ofícios que me serão de muita valia vida afora”. Aprendeu também a fazer instrumentos de latão; mais tarde, em Leyden, a moer vidro para a fabricação de lentes e outras artes que o habilitassem a fabricar artefatos que não podia comprar. Seu cunhado encomendou-lhe, durante sua estada na Inglaterra, alguns globos terrestres para a biblioteca da Universidade de Uppsala; como os globos custassem muito caro e seu transporte fosse muito difícil, foi-lhe pedido que conseguisse as chapas gravadas para serem montadas na Suécia. Diante da recusa dos fabricantes de fornecer as chapas gravadas, o jovem Swedenborg aplicou-se na arte de gravar e fez ele mesmo as chapas.

Mas voltemos ao início da história. Passou-se um ano desde o pedido que fizera ao cunhado Benzelius e ele ainda não conseguira iniciar sua viagem. Um ano inteiro de frustração e espera. Esse não foi um período feliz na vida do irrequieto Emanuel; principalmente pela objeção a seus estudos em casa. O arcebispo, muito ocupado e eminentemente prático, gostava tanto de matemática quanto de metafísica. Certamente, não via com bons olhos a perspectiva de ter um filho de vinte e dois anos levando uma vida inativa e sem profissão definida. Não há dúvida de que o filho (Swedenborg) estava insatisfeito. Em 6 de março de 1710, escreve a Benzelius, o grande amigo de sua juventude: “Não tenho nenhum desejo de permanecer aqui por muito tempo; acho que estou perdendo quase todo o meu tempo. Por outro lado, tenho feito

tantos progressos na música que já substituí o organista, em várias ocasiões; mas este lugar me dá pouca chance de fazer outros estudos; e esses estudos não são bem vistos por aqueles que deveriam me estimular a fazê-los”.

Um paliativo para esse estado de insatisfação foi a visita que Swedenborg fez ao famoso inventor sueco, Christopher Polhammar (mais tarde conhecido por seu título nobiliárquico, Polhem). Na companhia dele, o jovem Swedenborg estava em seu elemento e Polhammar gostou de seu desempenho, como nota naquela carta a Benzélius: “Nós nos demos muito bem, especialmente quando descobri que ele era capaz de me ajudar nas experiências do projeto de mecânica que estou desenvolvendo. Nesse particular, devo mais a ele do que ele me deve. Ademais, dou muito mais valor a uma pessoa inteligente e ágil com quem posso conversar sobre assuntos a respeito dos quais sei muito pouco, do que a umas poucas semanas de casa e comida”.

O outono de 1710 vai encontrar o jovem Swedenborg em Londres; e a partir desta data, suas cartas ocasionais para o Dr. Benzélius nos dão um breve mas interessante relato de suas atividades durante os cinco anos em que esteve longe da Suécia.

Sua viagem para Londres não transcorreu sem incidentes. Com efeito, sua vida esteve em perigo em quatro ocasiões. O navio em que viajava foi abalroado ao se aproximar da costa inglesa; logo depois, o navio foi tomado de assalto por piratas. Em seguida foi alvo da artilharia de navios da marinha inglesa que o tomaram pelo navio de piratas; finalmente, depois de chegar são e salvo a Londres, Swedenborg escapou por um triz de morrer na forca, por ter infringido a ordem de quarentena imposta por causa da epidemia de peste que grassava na Suécia.

Sua primeira carta para Benzélius, escrita de Londres, é muito interessante e revela, não somente “seu imoderado desejo” (para usar a expressão que usou em carta posterior) de estudar, como pela notável abrangência de seus interesses.

“Estudo Newton diariamente”, diz, “e estou muito ansioso para conhecê-lo e ouvi-lo. Já me supri de um número razoável de livros para o estudo da matemática e também de alguns instrumentos que são, além de um ornamento, de grande valia no estudo das ciências: um telescó-

pio, vários tipos de quadrantes, prismas, microscópios, balanças e câmara escura, fabricados por William Hunt e Thomas Everard, que muito admiro e que você também admirará. Depois de pagar todas as minhas contas, espero ainda ter dinheiro para comprar uma bomba de ar”.

Não parece que seu desejo de conhecer Newton se concretizou, embora, na Inglaterra, tenha-se relacionado com personalidades notáveis como Flamsteed, Halley e Woodward, tendo este último o apresentado a vários membros da Sociedade Real de Ciências e a outros intelectuais de renome.

Entre outros registros de interesse desta carta datada de 13 de outubro de 1710, destaca-se este: “A magnífica Catedral de São Paulo foi totalmente terminada há alguns dias”. Parece fora de dúvida que a pureza virginal desse extraordinário templo, com todos os seus detalhes ainda livres da mácula da fumaça negra da grande cidade, causou vívida impressão no jovem Swedenborg.

Mas ficou ainda mais encantado com Westminster; não propriamente com a arquitetura que nem mesmo chega a comentar: “Examinando os monumentos reais na Abadia de Westminster”, diz, “deparei com o túmulo de Casaubon; movido pela inspiração do meu amor por este herói literário, curvei-me, beijei seu túmulo e dediquei à sua cabeleira, sob o mármore frio, alguns versos em latim que não cabe transcrever”.

De seus estudos na Inglaterra, a matemática e a astronomia parecem ter sido os que absorveram a maior parte de seu tempo. Escreve, em carta datada de abril de 1711: “Visito, diariamente, os melhores matemáticos aqui da cidade. Estive com Flamsteed, considerado o melhor astrônomo da Inglaterra, e que está sempre fazendo observações”. Em carta escrita em fins de 1711 ou início de 1712, relata suas conversas com Flamsteed e remete uma lista de publicações de autoria deste, que Benzelius lhe havia encomendado. Também fala com entusiasmo de seus significativos progressos e de seus planos para o futuro.

“No tocante à astronomia”, diz, “já reúno conhecimentos que me serão muito úteis no estudo dessa ciência. Embora no início meu cérebro doesse, as longas especulações teóricas não me são mais tão penosas. Examinei detidamente todas as proposições para determinar a lon-

gitude terrestre, mas nenhuma me convenceu. Então decidi formular meu próprio método, com base na Lua; o método parece à prova de erro e estou certo de que é o melhor proposto até aqui. Dentro em breve submeterei essa minha proposição à Sociedade Real de Ciências. Se a proposição merecer a acolhida daquela entidade, vou publicá-la aqui ou na França. Já descobri também vários novos métodos para observar a Lua, os planetas e as estrelas. O que trata especificamente da Lua e seus paralaxes deverá ser publicado brevemente. Agora ando ocupado com os meus estudos de álgebra e geometria avançada; tenciono estar em condições de dar continuidade às descobertas feitas por Pothhammer“.

Os amigos do jovem Swedenborg que moravam na Suécia freqüentemente se valiam de seus préstimos na Inglaterra. Às vezes era para achar um livro para a biblioteca da Universidade; noutras vezes para comprar instrumentos ou para instruções sobre o melhor método de usar esses instrumentos. Para o cunhado, comprou lentes para um telescópio de 24 pés, um microscópio e atendeu tantas encomendas de livros que o obrigaram a “saquear” livrarias e participar de leilões, atividades nada incômodas para ele. A Sociedade Literária de Uppsala também lhe confiou muitas tarefas, através de um de seus membros, o Professor Elfvius, por quem Swedenborg foi incumbido de registrar os métodos de observação usados por Flamsteed, os instrumentos por ele utilizados etc. Depois de detalhar vários pedidos, o professor Elfvius encerra uma de suas cartas assim: “Confio todas as tarefas acima e tudo mais que possa interessar aos nossos estudos de matemática à sede de conhecimento do Sr. Swedberg“.

Um assunto pelo qual o Professor Elfvius manifestara particular interesse era saber o que os ingleses achavam dos *Principia* de Newton, publicado havia vinte anos. Ele próprio não aceitava a teoria da gravitação, que lhe parecia “mera abstração”, “um absurdo”. A resposta de Swedenborg foi muito ponderada: “Sobre essa matéria”, escreveu, “nenhum cidadão inglês deve ser inquirido, pois estaria cego pelo próprio interesse; no entanto, seria criminoso duvidar deles”.

Swedenborg se desincumbia prazerosa e eficientemente de todas as missões e tarefas que lhe eram confiadas pelos amigos e ainda inseria informações e sugestões pessoais. Recomendou a compra de obras

como *Transações Filosóficas da Sociedade Real*; a *Digesta* da Sociedade Real, de John Lowth ou Lowthrop; *Léxico das Artes e Ciências*, de Harris; *Os Anais da Literatura*, alguns trabalhos de Sir Isaac Newton e inúmeros outros livros. Menciona, ainda, a publicação da *Septuaginta*, de Grabe, e de uma ou duas outras obras teológicas; esse é o único indício de seu interesse pela teologia, até então. Para descansar de seus exaustivos estudos científicos, Swedenborg continuava a escrever poesia e se dedicava ao estudo de poetas ingleses. Dentre esses, destacava Dryden, Spencer, Waller, Milton, Cowley, Beaumont e Fletcher, Shakespeare, Ben Johnson, Odham, Benham, Phillip (Ambrose Phillips?), Smith e outros, todos, segundo ele, “eminentes poetas ingleses, dignos de serem lidos, ainda que seja somente por sua imaginação”. Para um estrangeiro, Swedenborg tornou-se bastante versado em literatura inglesa.

O jovem Swedenborg passou dois anos em Londres e Oxford, aproveitando, ao máximo, qualquer oportunidade de aprender. Essas suas viagens e estudos lhe foram bastante onerosos e não podia contar com o suporte financeiro do pai. Este, aliás, estava, na época, envolvido com seus próprios negócios e, portanto, com pouco tempo para pensar num estudante solitário e pobre. Como todo bom filho, Emanuel nunca fez disso um cavalo de batalha. Mas, de tempos em tempos, se queixava veladamente dessa situação: “Estou com o orçamento apertado”, diz a Benzeliuss, em carta de abril de 1711, “e não posso comprar nada a crédito”. Nove meses depois, escreve: “Eu sempre desejei visitar a Biblioteca Bodleian, desde que conheci a pequena filial na Faculdade Sion; mas tenho de ficar aqui contando tostões. Acho que meu pai não se preocupa muito comigo, pois nos últimos dezesseis meses tenho vivido com menos de 50 libras. Nos últimos quatro meses nenhum dinheiro me chegou às mãos. É duro viver a pão e água, como um pobre diabo em Schonen“. E continua: “Sua generosidade e consideração para comigo, de que tenho tido muitas provas, fazem-me acreditar que suas recomendações a meu pai farão que ele volte a me mandar os recursos essenciais para que eu possa continuar os meus estudos. Acredite que é meu desejo ardente trabalhar para honrar sua casa e a casa de meu pai, com força e deliberação ainda maior do que as vossas” (agosto 1712).

Pena que essas cartas sejam tão escassas e esparsas. Muitas, evidentemente, se extraviaram. Em carta escrita de Paris, com data de agosto de 1713, Swedenborg se refere a uma carta que enviou da Holanda, para onde foi depois da Inglaterra, e que nunca foi encontrada. Com efeito, tudo o que se sabe a respeito de sua estada na Holanda está nessa carta escrita de Paris. Nela, diz: “Passei a maior parte de minha estada na Holanda em Utrecht, onde a Dieta se reuniu, e onde contei com a hospitalidade do Embaixador Palmqvist, que me recebeu todos os dias em sua casa para longas discussões sobre álgebra. É um bom matemático e grande algebrista. Não queria que eu viesse embora. Portanto, ano que vem tenciono voltar para Leyden, onde há um esplêndido observatório e o melhor quadrante de latão que já vi e que custou 2.000 florins novos. Estão sempre fazendo novas observações e acho que posso, facilmente, obter da universidade permissão para estagiar durante dois ou três meses. Palmqvist concorda com essa minha idéia”.

A documentação sobre a vida de Swedenborg em Paris também é bastante pobre. Sabemos que lá conheceu De Lar Hire, Varrignon, o Abade Bignon (membro da Academia e, mais tarde, bibliotecário real), além de outras personalidades da época, e comenta que: “Há muito plágio e ciúme entre os matemáticos daqui e da Inglaterra. Halley me disse, em Oxford, que foi o primeiro a examinar as variações do pêndulo sobre a linha do equador; aqui todos silenciam a respeito disso. Os astrônomos daqui também afirmam que a teoria de Cassini foi formulada antes de Halley empreender sua viagem à ilha de Santa Helena e outras coisas do gênero”.

Swedenborg passou cerca de um ano em Paris e arredores. Deixando Paris, rumou para Hamburgo, via Lille, indo então para Pomerânia, na época província da Suécia. Em uma carta escrita de Rostock, envia ao cunhado uma lista de suas invenções. Sabe-se lá que inventos eram estes e se o jovem inventor idealizou os aparelhos e máquinas modernos com a mesma precisão de suas teorias científicas que permanecem atuais até hoje.

A primeira dessas invenções foi o “projeto de um navio que podia mergulhar com sua tripulação ao fundo do mar e causar grandes danos à armada inimiga”. Outro invento era um sistema de comportas

para suspender navios cargueiros. Um outro invento foi um sistema de moinhos impulsionados pela ação do fogo sobre a água. Uma metralhadora pneumática capaz de dar de sessenta a setenta tiros, sem recarregar, e uma máquina voadora completavam a galeria de inventos sendo gerados por este jovem inventor. Mais tarde voltou ao projeto da máquina voadora; entretanto, Polhem parece ter arrefecido seu entusiasmo pelo projeto, com o argumento de que “voar por meios artificiais seria tão difícil quanto achar o ‘*moto perpetuo*’ ou produzir ouro artificialmente, embora, à primeira vista, isso possa parecer fácil e viável”.

Seu método para determinar a longitude da Terra com base na Lua é tido como a mais significativa de suas primeiras descobertas. Embora não tenha sido bem acolhida pelos sábios da época, Swedenborg sempre insistia que seu método era “o único que pode ser enunciado, o mais fácil e, de fato, o correto”. Sua confiança nele era tanta, que o republicou, por diversas vezes, entre 1718 e 1766, em latim e sueco. Esse tratado recebeu crítica favorável da *Acta Literaria Sueciae*, de 1720. O editor afirmava que o tratado de Swedenborg era superior a todos os que tinham sido formulados até àquela data. O *Acta Eruditorum*, de 1722, publicado em Leipzig, também faz muitos elogios ao trabalho de Swedberg.

Na carta escrita de Rostock, Swedenborg expressa o desejo de voltar à Suécia; todavia, permaneceu na Pomerânia por mais nove meses, passando a maior parte do tempo na pequena cidade universitária de Greifswalde. Os motivos que o fizeram permanecer nessa cidade por tanto tempo não são claros. Pode ter sido a presença do rei de Stralsund e sua esperança de vir a ser convocado para algum mister. Sabe-se, porém, que não fazia bom conceito da universidade e da comunidade acadêmica locais.

Em Greifswalde o jovem Swedenborg editou uma série de fábulas poéticas, em latim, abordando temas políticos da época, sob o título: *Camena Borea cum Heroum et Heroidum factis ludens: sive Fabulae Ovidianis similes sub variis nominibus*. Ele vinha-se entretendo com esse tema há muito tempo.

As aventuras do jovem Swedenborg estavam chegando ao fim. Pena que grande parte da sua correspondência da época e seu diário estejam extraviados. As poucas cartas que escreveu para Benzelius são

muito interessantes. Não somente pelos registros sobre os estudos e realizações do jovem Swedenborg, mas, principalmente, pela revelação de seu caráter. Swedenborg sempre foi considerado carente de afeição e amizade, mas, certamente, teve muita amizade de Benzelius, e era muito apegado à sua irmã Ana; em todas as cartas ele expressa a afeição que tinha por ambos e pelo seu sobrinho, Eric, que ele chamava afetuosamente de “irmãozinho”. Bom exemplo disso pode ser encontrado na carta escrita de Rostock, em data de 6 de setembro de 1714, na qual diz: “Desejo muito rever o meu ‘irmãozinho Eric’; talvez já saiba fazer um triângulo ou desenhar um, quando eu lhe der uma pequena régua”. O “irmãozinho Eric” tinha, então, nove anos. O interesse de Swedenborg por Eric continuou por alguns anos; mais tarde, escreveu: “Soube que seu interesse por desenho e mecânica continua. Se puder se livrar de seu preceptor, gostaria que ficasse sob minha orientação. Proveria sua subsistência e dar-lhe-ia aulas de matemática e outras matérias”. Parece que o “irmãozinho Eric” seguiu as pegadas do tio, e em 1726 foi nomeado para o Conselho de Mineração com a simpatia dele. Em 13 de julho de 1725 o pai de Eric escreve a Swedenborg: “Sou-lhe grato pelos favores feitos ao nosso filho Eric aí em Estocolmo; pelas lições de matemática e física e, mais recentemente, por um novo presente”. Eric tinha, então, vinte anos de idade.

A estada de Emanuel em Greifswalde foi abreviada pela chegada de inimigos comuns da Suécia em Stralsund, distante umas quinze milhas, onde o rei estava sitiado. Sobre o fato, Swedenborg escreve: “Consegui, por obra da Divina Providência, passagem para casa num iate, em companhia de Madame Feif [presumivelmente mulher do Conselheiro da Guerra] depois de mais de quatro anos no exterior [quase cinco]”. O ambiente estava hostil em Stralsund, tornando-se impróprio para senhoras e estudantes.

Cap. 2 - Estudos científicos e atividades práticas

Outro período de espera e desânimo sobreveio após o retorno do jovem Swedenborg à sua terra natal. Cheio de novas idéias e entusiasmo, pensou que alguma carreira estaria certamente esperando por ele. Tinha muitos planos para engrandecer seu país e melhorar sua própria reputação, e não estava absolutamente acomodado; mas seus esforços para promover o progresso da Suécia e melhorar seu nível tecnológico no concerto internacional foram bloqueados de todas as formas por conservadores, homens de negócios, indiferença e falta de recursos, da mesma maneira que as tentativas de reforma eclesiástica e educacional de seu pai tinham fracassado.

Seu primeiro projeto estava relacionado com o novo método para determinar a longitude da Terra. Em carta a Benzeliuss, datada de 9 de agosto de 1715, diz: “Depois de amanhã, viajarei para o monte Kinnekulle, para escolher o local onde tenciono montar um pequeno observatório de inverno para fazer algumas observações sobre nosso horizonte e lançar as bases das pesquisas que irão comprovar meu método para determinar a longitude dos lugares”.

Swedenborg visita o Conselho de Mineração e observa que “os modelos vão se arruinar com o tempo. Dentro de seis ou dez anos esses modelos só vão servir para lenha, a não ser que eu os reforce com uma camada de latão, um pouco de tinta e papel”. Dez anos depois, quando passou a fazer parte do Conselho, conseguiu a liberação de uma verba de 50 dalares de prata para o conserto e a conservação dos modelos, demonstrando que seu interesse não era apenas o de crítico eventual.

Depois de sua estada em países mais adiantados, certamente sentiu muito o atraso de seu país. Tinha dois projetos para remediar tal situação: um era a criação de uma “Sociedade do Conhecimento e da Ciência”, espécie de Real Sociedade Sueca; e o outro, o estabelecimento de uma cadeira de Mecânica na Universidade de Uppsala. Lutou por esse último projeto por anos, sem nenhum sucesso. Sua primeira

sugestão era de que os professores destinassem um sétimo de seus proventos a fim de constituir um fundo de 3.000 dalares de prata para financiar a nova cadeira. Essa proposta, naturalmente, encontrou muita oposição e, tempos depois, o jovem estudante explicou que fora fruto mais de seu entusiasmo que de sua razão. Ainda tinha outra proposta preparada: reduzir o número de cátedras em outras disciplinas, através do não preenchimento das vacâncias. “Isso poderia ser feito facilmente”, dizia, “eliminando-se as cátedras menos importantes; por exemplo, oportunamente, poderiam ser eliminadas cátedras de medicina e teologia, e a cadeira de línguas orientais poderia ser incluída no departamento de teologia ou na cadeira de grego; também poderíamos transferir a cadeira de moral para a cátedra de história; especialmente se considerarmos que há poucas universidades com tantas cátedras”.

O raciocínio de Swedenborg era sempre prático, seja como cientista, seja como teólogo; não podia entender como alguém podia contentar-se apenas com a teoria. Nessa época, seu cunhado, Benzeliuss, estava lutando para instalar um observatório em Uppsala, com o apoio entusiasmado de Swedenborg. Outras pessoas, porém, não mostravam o mesmo entusiasmo pelo projeto. Sobre esse fato, Swedenborg escreveu: “Admira-me a atitude de seus amigos matemáticos, que não demonstram vontade de colaborar na construção de um observatório astronômico. É uma fatalidade que matemáticos permaneçam sempre na teoria. Sempre pensei que o mundo sairia ganhando se a cada dez matemáticos se juntasse um homem prático que lhes mostrasse a realidade. Nesse caso, esse homem seria mais conhecido e útil que todos os outros juntos”.

Um homem com a disposição de Swedenborg não podia ficar inativo. Enquanto esperava a marcha dos acontecimentos, iniciou a publicação de um jornal técnico-científico intitulado *Dædalus Hyperboreus*. Aconselhado por Benzeliuss, dedicou o jornal ao rei Carlos XII que demonstrou muito interesse pela publicação. Primeiro, entretanto, era preciso viabilizar a empresa e pediu a Benzeliuss para interceder junto a seu pai para obter os recursos. Parecia sempre temeroso de ir diretamente ao pai pedir dinheiro; e, como já estava com vinte e oito anos de idade, seria de se esperar que o bispo pensasse já ser tempo de viver de seus próprios meios. Não obstante, escreve a seu intermediá-

rio: “Uma simples palavra sua a meu pai a meu respeito vale mais que vinte mil protestos meus. Você pode informá-lo sobre minha empresa, sem muitos comentários, e dizer-lhe de minha dedicação aos estudos; e que ele não precisa temer que eu vá, no futuro, perder meu tempo ou esbanjar seu dinheiro. Uma palavra de outrem vale mais que vinte palavras minhas. Ele sabe muito de seu interesse em ajudar-me, mas sabe também que eu sou o maior interessado em mim. Por essa razão ele sempre desconfiou mais de mim do que de você, meu querido irmão”.

Enquanto isso acontecia, o bispo estava usando toda sua influência junto ao rei e à corte para conseguir um emprego para seu filho. O rei Carlos estava, entretanto, muito ocupado com outros assuntos e só no final de 1716 o jovem Swedenborg foi nomeado “Assessor Extraordinário” (isto é, um “assessor extra”, acima do número regulamentar) do Conselho de Mineração, o departamento público responsável pela supervisão de toda a indústria de mineração da Suécia. Sua capacitação para o cargo foi atestada por Polhem, em carta escrita a Benzelius, datada de 10 de dezembro de 1715. Na carta, o célebre inventor diz: “Acho que o jovem Swedenborg é um matemático consumado e tem muita aptidão para as ciências mecânicas; se continuar assim, ele certamente será, oportunamente, de grande valia para os serviços de seu rei e de seu país nesses campos de especialização mais do que em qualquer outro”. Em outra carta, Polhem fala sobre outras virtudes de Swedenborg, destacando seu “espírito de iniciativa”.

Parece que o rei ofereceu ao jovem Swedenborg três cargos, antes de nomeá-lo para o Conselho de Mineração. Embora Swedenborg não recebesse salário até ser efetivado como Assessor, achou o trabalho compatível com seus objetivos e, dois anos mais tarde, rejeitou convite para assumir a cadeira de astronomia na Universidade de Uppsala, citando os seguintes motivos: “1) Já tenho um cargo honrado; 2) neste cargo posso ser útil ao meu país; com efeito, de forma mais direta do que em qualquer outro cargo; 3) portanto, estou declinando de uma cátedra que não só não é do meu gosto, como meu intento é dedicar-me à mecânica e à química; e nosso Conselho é notório pela deficiência de seus membros nessas disciplinas (confidencia em carta ao cunhado); portanto, vou tentar suprir essa deficiência e espero que meus esforços nesse sentido sejam bem sucedidos”.

Havia outras razões para a recusa de Swedenborg. Em carta posterior, escreve: “Espero ser útil no cargo que me foi confiado, como espero também obter as vantagens inerentes; meu cargo atual está apenas a um degrau de um posto superior, enquanto em Uppsala não teria qualquer perspectiva de promoção; ademais, acho que o rei não gostaria de me ver deixar meu cargo atual. Com respeito ao Conselho, vou tentar diligentemente especializar-me em mecânica, física, e química, e familiarizar-me com todos os fatos pertinentes a essas ciências, a fim de calar a boca daqueles que dizem que entrei para o Conselho pela janela”.

Durante seus primeiros tempos no Conselho de Mineração foi designado para trabalhar em projetos especiais com seu patrono e amigo, Polhem. O mais importante desses projetos foi relacionado com o cerco de Frederikstad, em 1718, quando duas galeras, cinco barcos de grande calado e uma corveta tiveram de ser transportadas por terra, de Strömstad a Iddefjord, num percurso de 14 milhas inglesas, sob a supervisão de Swedenborg. Outros projetos de vulto foram a construção das docas de Karlskrona e o projeto do canal ligando o Mar do Norte ao Mar Báltico, que não chegou a ser executado, em virtude da morte do rei.

As relações de Swedenborg com Polhem foram sempre muito amistosas. Tão boas, que, por recomendação do rei, Polhem prometeu-lhe a mão de sua filha mais velha. Numa de suas cartas ao cunhado Benzeliuss, Swedenborg dá a entender que chegou a ficar noivo dela; mas ela veio a se casar com outro. Tinha ela uma irmã mais nova, por quem o jovem Swedenborg se afeiçoou e que, mais tarde, lhe foi formalmente prometida. A moça, ao que parece, nunca fora consultada, tendo sido tudo arranjado à sua revelia; parece, entretanto, que ela não gostava do noivo. Ao se dar conta disso, Swedenborg prontamente renunciou à promessa, demonstrando seu alto espírito de honradez e sensibilidade. O livro de *Memórias*, de Robsahm, registra que, quando conheceu Swedenborg, Emerentia (este o nome da jovem) tinha treze para quatorze anos, e, portanto não podia ser obrigada a noivar. Diante disso, seu pai, que gostava de Swedenborg, deu-lhe uma escritura pela qual lhe outorgava o direito de esposá-la em data futura. Era sua esperança que, com a idade, ela viesse a aceitar o noivo designado. A noiva

foi obrigada a assinar a escritura. No entanto, como ela se queixasse desse penhor quase todos os dias, seu irmão, Chamberlain Gabriel Polhem, aborreceu-se tanto com o negócio que resolveu furtar a escritura de Swedenborg. Este, que se comprazia em afagá-la todos os dias, sentiu imensamente o choque. Sua dor foi tão flagrante que o pai da noiva insistiu em saber o motivo. E imediatamente ofereceu usar sua autoridade para fazer restabelecer a escritura. Mas, ao ver o sofrimento da moça, Swedenborg decidiu renunciar à promessa. E deixou a casa jurando nunca mais voltar a pensar em nenhuma mulher e muito menos voltar a noivar. Swedenborg passou algum tempo sem se comunicar com a família.

Esse fato foi muito penoso para ambos os lados, a julgar por uma carta de Polhem para Benzeliuss, na qual fala sobre a interrupção de sua correspondência com seu *protégé* e menciona que três cartas enviadas por ele a Swedenborg foram devolvidas sem terem sido sequer abertas. Nessa carta Polhem escreve: “Peço-lhe encarecidamente que transmita minhas recomendações a Emanuel e lhe peça para que me favoreça com sua amizade, pois aqui em casa todos o amamos como se fosse nosso próprio filho”.

Swedenborg estava ainda muito magoado. Tinham-se apagado todas as luzes de seu caminho e tudo parecia irremediavelmente triste. Em carta endereçada a Benzeliuss, datada de outubro de 1718, diz: “Nenhum dos meus parentes e irmãos demonstrou tanta generosidade comigo quanto você; e tive certeza disso ao ler uma carta escrita por meu irmão a meu pai, a respeito da minha viagem ao exterior. Se eu puder, de qualquer forma, demonstrar-lhe gratidão, fá-lo-ei sempre. O meu cunhado Unge se mete em tudo; com isso, conseguiu intrigar-me com meu pai e minha mãe, durante os últimos quatro anos”. Efetivamente, Swedenborg estava se referindo à sua madrastra, pois seu pai tinha-se casado novamente um ano e meio depois da morte da primeira mulher.

A insatisfação de Swedenborg se refletia até em suas atividades científicas. Ficou desencorajado “ao saber que suas descobertas matemáticas eram vistas como novidades que o país não podia tolerar”. Em carta a Benzeliuss, desabafa: “Gostaria de ter muitas novidades literárias — uma para cada dia do ano — para que o mundo se divertisse com

elas. São muitos os que plantam em campos de terra cansada, mas poucos se aventuram a plantar idéias baseadas na argumentação e na razão”.

Entre as novidades que seus apáticos concidadãos levaram muito tempo para adotar estavam seus planos para a instalação de um observatório astronômico e a instituição de uma cadeira de mecânica, como anteriormente mencionado; um projeto para a produção, em larga escala, de sal na Suécia; um novo tipo de fogão de combustão lenta; um novo método para descobrir veios minerais; um sistema decimal de moeda e medidas etc. Sobre isso, comenta: “Na Suécia, essas teorias e obras levam o autor à fome, pois tais assuntos são considerados mero diletantismo acadêmico pelos políticos cabeçudos. Como tal, são relegados ao segundo plano, ficando em primeiro plano suas idéias supostamente brilhantes e suas conspirações”.

Em outra carta, diz: “Parece que o trabalho científico é pouco reconhecido; em parte, devido à falta de recursos que nos impede de ir até onde devíamos, e, em parte, pelo ciúme que despertam aqueles que se dedicam a determinada causa ou ofício. Quando um país se inclina para o barbarismo, é inútil uma ou duas pessoas tentarem mantê-lo de pé”.

Ao enviar a Benzelius seu tratado sobre o sistema decimal, Swedenborg volta a se queixar da negligência e desprezo de seus concidadãos pelas ciências. Nessa carta, diz: “Este é o último trabalho científico que vou publicar, por minha conta, pois essa atividade quase me arruinou. Tenho trabalhado sozinho por muito tempo; espero que agora surja alguém que me dê alguma coisa em troca”. Desgostoso com o pouco reconhecimento conseguido em seu país, Swedenborg pensa em ir para o exterior e tentar sua sorte como engenheiro de mineração. Desabafando, diz: “Somente um idiota, tendo a liberdade de poder ir para o estrangeiro, optaria por ficar confinado ao frio e às trevas, onde as fúrias, a inveja e Plutão imperam e onde alguém com meus ofícios é recompensado com a miséria. A única coisa que ainda almejo até o dia da partida é encontrar um lugar onde possa ficar isolado do mundo; acho que poderei encontrar esse fim-de-mundo em Starbo ou em Skinberg”. Nessas cidades, Swedenborg tinha sociedade em duas em-

presas de mineração e metalurgia, adquiridas por herança de sua mãe e de sua madrastra.

O jovem Swedenborg, obviamente, não buscava honrarias; ele e seus irmãos tinham sido feitos nobres pela rainha Ulrica Eleonora, seis meses antes de ele escrever a melancólica carta transcrita acima. O título nobiliárquico conferiu-lhe um assento na Casa dos Nobres, uma das quatro casas do parlamento sueco; e, de acordo com a tradição, o nome da família mudou de Swedberg para Swedenborg, nome que passaremos a usar daqui por diante.

Se almejasse honrarias, ter-se-ia contentado com o favoritismo que o rei Carlos XII lhe demonstrava. Constantemente tinha longos colóquios com Sua Majestade, discutindo matemática. O rei dignou-se a ler seu *Dædalus* e, em várias ocasiões, valeu-se de sua assistência. Em carta escrita de Wenersborg, datada de 14 de setembro de 1718, Swedenborg diz: “Todos os dias conversávamos sobre matemática e Sua Majestade parecia se deleitar com isso. Certa ocasião observamos um eclipse e sobre isso conversamos muito. Tudo isso, no entanto, é um mero começo. Espero ter, oportunamente, o ensejo de fazer alguma coisa em prol das ciências; mas não tenciono desenvolver nenhum projeto específico agora, salvo o estritamente necessário. Sua Majestade me censurou por eu não ter continuado a publicação do *Dædalus* [que foi suspensa no sexto número], mas aleguei falta de recursos. Ele, porém, não pareceu disposto a ouvir essas desculpas. Espero conseguir alguma ajuda muito breve”.

Essas esperanças nunca chegaram a se realizar. O rei estava ocupado com os afazeres da guerra e tudo isso terminou, abruptamente, com a morte dele, durante o cerco de Frederikstad, a 30 de novembro do ano seguinte.

A perda de seu patrono real, seu malfadado caso de amor, a separação da família e a indiferença quase unânime por seus projetos e teorias poderiam ter levado Swedenborg a um estado de melancolia. Entretanto, não foi morar no estrangeiro, como havia cogitado. No verão de 1721, iniciou uma longa viagem pelo exterior, com o objetivo de estudar as minas e manufaturas de outros países, a fim de poder servir melhor seu país no cargo que ocupava.

Seu plano original era visitar a Holanda, Inglaterra, França, Itália, Hungria e Alemanha; a viagem ficou, porém, virtualmente, restrita à Holanda e aos Estados Germânicos. Visitou todas as minas da Saxônia e das montanhas Hartz e foi regamente recepcionado pelo Duque Ludwig Rudolf von Brunswick-Lüneburg, que, não só pagou todas as suas despesas, como o agraciou com uma medalha de ouro e lhe ofereceu um bule de café, de prata, além de outras honrarias.

Durante essa viagem, publicou vários de seus tratados e teorias. Em Amsterdam, publicou a obra intitulada *Prodromus Principiorum Rerum Naturalium*, um tratado sobre química e física; *Nova Observata et Inventa circa Ferrum et Ignem*; *Artificia Nova Mechanica Receptacula Navalia et Aggeres Aquaticos Construendi*, um trabalho sobre construção de docas e diques; e uma segunda edição de seu *Novo Método para Determinar a Longitude*. Em Leipzig, publicou o livro *Miscellanea Observata Circa Res Naturales*, contendo grande parte de suas investigações sobre mineralogia, geologia etc. O fato de Swedenborg ter sido obrigado a publicar a maioria de seus trabalhos no exterior ilustra bem o atraso reinante na Suécia; em parte, por causa do custo e por melhor qualidade tipográfica, e, em parte, para escapar do Censor de Imprensa cuja opinião era, necessariamente, tacanha. Quando publicou seu tratado *Regras de Álgebra* [o primeiro na língua sueca] indagou a seu cunhado se havia alguém em Uppsala com conhecimento bastante para fazer a revisão do manuscrito.

Em julho de 1722, Swedenborg estava de novo em casa, cheio de novos projetos para melhorar as perspectivas materiais de sua terra natal; como de costume, esses projetos despertaram pouco entusiasmo e a firme oposição de interesses contrários, conservadores ociosos e políticos invejosos. Entre esses se destacava Urban Hjarne, Vice-Presidente do Conselho de Mineração, que tinha uma velha rixa com o pai de Swedenborg e não perdia oportunidade de descarregar seu rancor sobre o filho.

Ao término de sua viagem de estudos, Swedenborg submeteu ao Conselho e, diretamente, ao próprio rei Frederico, propostas para o incremento da produção do cobre, melhorias na fabricação do aço e para estimular a fabricação de ferro, “já que os interesses dos produtores de cobre eram favorecidos em detrimento dos interesses dos fabri-

cantes de ferro”. Nessas e em outras áreas, tinha opiniões bastante liberais, como demonstra sua opinião sobre segredos industriais. Referindo-se às dificuldades que encontrara para obter informações do exterior, escreveu: “É minha convicção que não deva haver segredos industriais na metalurgia; pois sem esses conhecimentos, é impossível investigar a natureza”.

A 15 de julho de 1724, Swedenborg, então com 36 anos de idade, foi nomeado assessor titular do Conselho de Mineração, com um salário anual de 800 dalares de prata. Somente em 1730 começou a receber o salário integral de 1.200 dalares de prata. Os arquivos do Conselho mostram que ele era muito cioso de suas obrigações e seu trabalho era muito elogiado pelos colegas. Mas suas atividades iam muito além das funções de seu cargo. Estava constantemente recolhendo informações para futuras publicações e, no começo de 1733, tinha, prontos para impressão, vários trabalhos científicos e filosóficos. Pediu licença de nove meses para tratar pessoalmente da publicação desses trabalhos em Dresden e Leipzig. A licença foi concedida por decreto real.

Os trabalhos em questão eram: *Opera Philosophica et Mineralia*, em três volumes, com gravuras em cobre, e *Prodromus Philosophiae Ratiocinantis de Infinito* etc., sobre os quais falaremos em um dos capítulos seguintes. Os custos da edição da primeira obra, certamente bastante vultosos, foram cobertos pelo antigo patrono de Swedenborg, o Duque de Brunswick-Lüneburg. A obra foi muito bem recebida e excertos da segunda parte, versando sobre manufatura de aço e ferro, foram publicados em separado e até traduzidos para o francês ainda durante a vida de seu autor.

A publicação desses trabalhos deu a Swedenborg grande reputação na Europa, ensejando-lhe constante correspondência com os mais eminentes cientistas e filósofos da época. Em 1734, a Academia de Ciências de São Petersburgo o convidou para membro correspondente e foi um dos primeiros membros eleitos para a Academia Real de Ciências de seu país.

Swedenborg nos deixou relato minucioso de todas as viagens que fez na época; um verdadeiro diário, com muitos tópicos interessantes

que corroboram o que dele disse o Conselheiro Sandels: “Nada do que pudesse merecer a atenção de um viajante lhe escapou”.

“Seria muito prolixo”, diz Swedenborg, “nomear todos os eruditos que conheci durante essas viagens, pois nunca perdi a oportunidade de conhecê-los nem de visitar e examinar bibliotecas, galerias de artes, museus e outras entidades de interesse”.

Suas observações variam das fortificações de uma cidade ao método de construção das cercas em Schonen. Aonde quer que fosse, visitava bibliotecas, museus, galerias de arte, igrejas, mosteiros, sanatórios, teatros e, especialmente, fábricas. Em seu diário há notas sobre mineração, alto-fornos, produtos de vitriol, arsênico e enxofre, arquitetura naval, fábricas de cobre e latão, fábricas de papel, chapas de vidro e espelhos, e ainda sobre anatomia, astronomia, magnetismo, hidrostática, literatura e sobre a condição social das pessoas ao seu redor.

Seu convívio com o rei Carlos XII ensinou-lhe o quanto a cultura e a ciência sofrem sob um regime militar. Portanto, as condições da Biblioteca Real em Berlim não chegaram a surpreendê-lo. Os livros, comenta, “são quase todos muito velhos; e não há recursos para novas aquisições”. Também menciona que a maior parte dos livros da Biblioteca Ambrosiana de Milão, da Biblioteca do Vaticano e da Biblioteca de San Lorenzo, em Florença, é, também, muito antiga, embora por outros motivos.

Swedenborg era essencialmente homem moderno, cuja natureza era sempre olhar para o futuro, ao invés de voltar-se para o passado. Assim, nunca teria sido um bom antiquário. Inspirou-se no amor às ciências e ao progresso e estava sempre ansioso para conhecer os últimos inventos. Portanto, nunca teve muito interesse em breviários, missais, livros raros e coisas do gênero. Da Biblioteca Ambrosiana, disse: “Tem pouca importância, pois só tem livros velhos”. No entanto, fazia uma única exceção: os Códices Bíblicos, que lia com muito interesse.

Estava sempre muito atento aos assuntos religiosos, visitando igrejas católicas e protestantes, ortodoxas e não-ortodoxas, conversando com padres, monges e leigos, e vendo com generosidade todos os aspectos do instinto religioso. Sempre comentava o ritual romano, ao mesmo tempo que assinalava seu caráter emocional. O pai de Swe-

denborg tinha sido acusado de “devoção exagerada”; ele mesmo estava sempre alerta contra qualquer forma de coerção religiosa. “A cidade de Copenhague”, comenta, “está infectada de carolismo ou quakerismo e, no seu fanatismo, chegam a acreditar que é correto suicidar-se ou matar pelo prazer de Deus; muitos casos desses estão registrados nos arquivos”.

Em muitos pontos Swedenborg mostrou ter uma mente muito mais aberta que a de seu pai. Este não tinha muita simpatia pelo teatro e, certa ocasião, se queixou ao Rei pelo fato de gastar-se tanto dinheiro com atores e atrizes, em lugar de se destinar esses recursos para a restauração de sua catedral destruída. Swedenborg, ao contrário, sempre ia ao teatro e à ópera e gostava de criticar os espetáculos *in loco*. Chegou mesmo a assinalar que os melhores arlequins vinham de Bérgamo. Entretanto, não era, absolutamente, um homem mundano; aonde quer que fosse, sempre tinha a humanidade por objetivo. De certa forma, o teatro e a igreja eram para ele objetos de estudo.

Note-se, também, que Swedenborg não foi um *connoisseur* de arte. Seus comentários sobre pintura e escultura demonstram surpreendente ignorância dos grandes artistas e total desconhecimento da verdadeira arte. Essa ignorância era compartilhada com seus contemporâneos; ou, com efeito, provinha deles, pois suas críticas se baseavam nas leituras e o gosto da época era bem discutível.

Swedenborg era um homem de seu tempo, também porque tinha pouco interesse na natureza. Ele nos fala dos tesouros escondidos das montanhas, não da majestade e beleza dessas mesmas montanhas. Descreve suas viagens por rios e pelo mar sem nunca fazer referência à dança das ondas e às luzes mutantes que dão ao mar uma diversidade única. Tampouco se referiu aos ventos que dão aos rios uma beleza mutável. Salienta a construção esmerada das cercas, mas não vê as flores do campo que elas cercam; é atingido por “um extraordinário raio de luz” em Livorno, mas não dá a mínima atenção ao pôr do Sol. Seu pensamento estava sempre voltado para a natureza e estrutura das coisas, ao invés de sua aparência; deslumbrava-se com as maravilhas da criação e as reverenciava, mas seu senso de estética estava como adormecido ou atrofiado. Nessa época Swedenborg era, basicamente,

um homem voltado para as coisas práticas e as ciências, embora novas faculdades se estivessem desenvolvendo em seu íntimo.

Cap. 3 - Swedenborg, o filósofo

Durante o período intermediário de sua vida, a partir do retorno à Suécia, em 1734, Swedenborg esteve intensamente dedicado à investigação filosófica: seu trabalho era baseado em seus extraordinários conhecimentos de ciência natural. J. Morell, na obra *O Pensamento Filosófico na Europa no Século XIX*, comenta assim o pensamento filosófico de Swedenborg: “Às pessoas que tenham apenas ouvido vagos rumores de sua filosofia, Swedenborg parece basear seu pensamento filosófico num conjunto de fatos bem mais vastos do que o próprio pai da ciência experimental jamais concebeu” (vol. i, pág. 317). Suas investigações iam da estrutura da matéria ao sítio da alma no corpo humano; e seus estudos abrangeram matemática, física, mecânica, astronomia, metalurgia, química, geologia, magnetismo e anatomia. E esses conhecimentos não eram apenas superficiais; na maioria dessas disciplinas ele reuniu tanto conhecimento quanto havia em sua época. Suas investigações eram ousadas e profundas. Em sua obra *Principia*, primeira parte da obra *Opera Philosophica et Mineralia*, referida no capítulo anterior, formula uma teoria elaborada da origem das coisas e expõe a hipótese da nebulosa muitos anos antes de Kant, Herschel e Laplace.

Nas obras que comentaremos a seguir, Swedenborg levou suas investigações filosóficas aos mais elevados temas, e intentou desvendar os mistérios da alma humana e sua relação com seu instrumento, o corpo, ao mesmo tempo em que tratou de outros assuntos com igual profundidade.

A esse período pertencem três obras: *Æconomia Regni Animalis*, *Regnum Animale* e *De Cultu et Amore Dei*. O termo “regnum animale”, usado nos primeiros dois títulos, é, de certo modo, ambíguo; em latim quer dizer “o reino da alma”. Antes de analisarmos o conteúdo dessas obras, iremos reconstituir as viagens que Swedenborg empreendeu para coligir material e publicá-las, a partir dos diários existentes, um pouco resumidos, mas muito interessantes.

Em 10 de julho de 1736, Swedenborg deixa Estocolmo com destino a Copenhague, via Norkoping e Helsingborg. Permanece algum tempo em Copenhague e lá se relaciona com figuras eminentes; alguns conheciam seus trabalhos e o lisonjearam muito com elogios. Ali e alhures visitou muitos pontos de interesse, como a doca de querena, então sendo construída em Copenhague, trabalhos de porcelana em Hamburgo etc. Embora estivesse preparando-se para explorar os limites da mente humana, Swedenborg manteve o interesse nas coisas práticas da vida, como, efetivamente, o fez até o fim de sua carreira.

Nota importante anuncia que Swedenborg começara a estudar a obra filosófica de Christian Wolf; e registra com muita satisfação que o autor parece fazer menção dele em um de seus trabalhos. Havia conhecido Wolf pouco antes e os dois filósofos se correspondiam de vez em quando.

No diário de viagem de Swedenborg há um dado curioso sobre a cidade de Osnabrück, cidade com três igrejas católicas romanas e duas igrejas evangélicas, e que alternava bispos católicos e evangélicos, um acordo que para muitos poderia parecer impossível.

Em Amsterdam, impressionou-se com a ganância: “A cidade inteira só aspira ao lucro”. Em seguida, faz conjecturas sobre as causas da formidável prosperidade dos holandeses. Durante sua visita a Rotterdam, poucos dias depois disso, registrou em seus diários alguns comentários sobre a Holanda. “Meditei muito sobre os motivos que levaram nosso Senhor a aquinhoar um povo tão avarento e inculto com um país tão extraordinário; por que os teria preservado de todos os infortúnios; por que teria feito com que eles ultrapassassem todas as outras nações no comércio e nos empreendimentos, e transformado seu país no lugar para onde fluem todas as riquezas da Europa e de outros lugares. A principal razão, suponho, está no fato de o Senhor preferir a República à Monarquia; como foi o caso de Roma. Na República ninguém se sente obrigado a venerar outro ser humano e trata igualmente a todos como se fossem reis e imperadores. Essa faceta de patriotismo e disposição de vida é flagrante no povo da Holanda. O único objeto de sua veneração é o Senhor; não crêem na carne; e quando somente o Maior é reverenciado como tal, e nenhum ser humano toma o lugar d'Ele, o Senhor Se compraz. Ademais, cada um exerce sua vontade

livremente e daí cresce sua adoração a Deus; pois cada um é seu próprio rei e governante, sob a égide do Maior. Dessa premissa se intui que eles não perdem sua coragem e seu pensamento racional independente por medo, timidez e excesso de cuidado. No pleno gozo de sua liberdade e sem condicionamentos maiores, são capazes de restaurar suas almas e elevá-las em honra do Maior que não deseja dividir essa honraria com ninguém. Em todos os casos, as mentes subjugadas a um poder soberano se criam na lisonja e na falsidade. Aprendem a falar diferentemente do que sentem; e quando isso se torna hábito, vira uma segunda natureza; assim, mesmo quando adoram a Deus, essas pessoas falam diferente do que pensam e estendem seus louvores ao próprio Senhor, certamente desgostando-O profundamente. Esta deve ser a razão pela qual essa nação foi tão abençoada. Sua adoração ao demônio da cobiça, sua busca incessante do dinheiro, não parece compatível com tantas bênçãos. Entretanto, pode haver dez entre mil ou entre dez mil que livrem os outros do castigo e dividam com eles os frutos das bênçãos temporais”.

Palavras extraordinárias para quem gozou do convívio de vários monarcas e a quem “Suas Majestades em Carlsberg” tinham recebido com tantas gentilezas, fazia apenas umas semanas; cujo pai, ademais, tinha sido um ferrenho defensor do “direito divino”; contudo, Swedenborg sempre formava seu próprio juízo e não tinha medo de expressar suas opiniões.

De Rotterdam, Swedenborg seguiu para Dort e Antuérpia. De lá, foi de barca até Bruxelas, numa viagem que o deixou exultante. “Foi uma viagem bela e maravilhosa. Durante todo o percurso, estávamos cercados de plantações por todos os lados; as pessoas eram mais civilizadas, acentuando, ainda mais, a grosseria e rispidez dos holandeses. A viagem foi, certamente, muito agradável, pois a barca tinha 40 pés de comprimento e seis pés de largura, com cinco cômodos (cozinha, cabine, e outros compartimentos); no convés da frente havia um toldo sob o qual as pessoas podiam se sentar”.

Entre seus companheiros de viagem havia dois monges, um dos quais “permaneceu na mesma posição durante quatro horas, orando”. Swedenborg viu essa demonstração de excessiva devoção, com sua costumeira generosidade: “Essas orações certamente agradarão a Deus,

pois emanam de um coração puro e honesto e são oferecidas com devoção e não com o espírito dos fariseus”.

Embora estivesse sempre pronto a ver o bem em todas as pessoas e igrejas, Swedenborg não fechava os olhos para as mazelas que encontrava em suas observações. Elogiou em várias ocasiões o espírito de devoção reinante nas igrejas católicas romanas. Entretanto, não deixou de criticar o contraste entre a opulência da Igreja e a miséria do povo. “Em todos os lugares”, diz durante sua estada na França, “os conventos, igrejas e monges são ricos e são os senhores de quase toda a terra. Os monges são gorduchos, opulentos e prósperos; a maioria deles leva uma vida de ócio; tentam subjugar a todos, e exigem tudo dos pobres, dando-lhes em troca somente palavras e bênçãos. Para que servem esses frades franciscanos? Outros, no entanto, são esbeltos, magros, elegantes; preferem caminhar a andar montados a cavalo ou em charretes; estão sempre prontos a dialogar com os outros; são sagazes e generosos”. “Péronne“, conta-nos, “tem muitas igrejas imponentes, mas as casas são miseráveis; os conventos são majestosos, a gente pobre e miserável”. “Roya também é uma cidade miserável”.

Em outro trecho de seu diário, explica as causas da pobreza e fornece alguns dados estatísticos das ordens eclesiásticas: “Entendo que a grande renda da França, obtida através do sistema de tributação denominado 'dízimo', monta a 32 milhões de *livres* ou quase 192 toneladas de ouro, e que Paris, com seus aluguéis, contribui com quase dois terços dessa arrecadação. Dizem que as cidades do interior não arrecadam esse imposto corretamente, pois os aluguéis são declarados abaixo do seu valor real, não chegando a arrecadação a atingir 3% do real. Eu também soube que as ordens eclesiásticas possuem um quinto de todas as propriedades existentes no país, e que o país estará arruinado se essa situação perdurar por muito tempo”.

“Na França há 14.777 conventos e 300.000 a 400.000 membros de ordens religiosas que possuem 9.000 palácios ou mansões, 1.356 abades, 567 abadessas, 13.000 prioras, 15.000 capelães, 140.000 pastores e párocos, 18 arcebispos e 112 bispos; 776 abades e 280 abadessas são nomeados pelo rei. Há, também, 16 superiores de ordens”.

Apesar de todo esse aparato, a religião não parece ter tido muita influência nos negócios públicos ou privados. Ao enumerar os vários

departamentos de Estado, Swedenborg assinala que o Conde de Maurepas, Secretário de Estado, “se ocupa de todos os assuntos internos e externos, exceto os que concernem à guerra; o Conde de Florentin se encarrega dos assuntos religiosos, que são muito escassos”. Temos uma boa idéia da teologia em voga na época lendo este registro do diário de Swedenborg, datado de 17 de outubro de 1736: “Estive na Sorbonne e ouvi os debates teológicos que aconteciam com regularidade; as discussões consistiam de silogismos”. Swedenborg visitou muitas igrejas e mosteiros; ouviu a pregação do capelão real, que “gesticulava como se fosse um ator”; entretanto sua pregação era de alto nível; discutiu a adoração dos santos com um abade, visitou hospitais, compareceu à sessão inaugural do Parlamento e não perdia oportunidade de estudar a vida e a religião das pessoas. Ia freqüentemente ao teatro e à ópera, criticava os espetáculos e mencionava os atores e atrizes participantes.

Além de toda essa atividade, tinha sua mente sempre voltada para seus novos trabalhos. Passeando em frente ao Hotel de La Duchesse, em Paris, conjectura sobre a forma das partículas da atmosfera. No dia 6 de setembro, escreve: “Terminei a primeira versão do texto de introdução às *Transações* que diz: ‘a alma da sabedoria é o conhecimento e aceitação do Ser Supremo’”. No dia seguinte: “Ocupei-me em examinar a premissa de que agora é a ocasião de se examinar a natureza em função de seus efeitos”. Ele está se referindo a uma passagem da introdução à sua obra *Æconomia Regni Animalis*, na qual, após referir-se ao formidável volume de conhecimentos científicos à espera de uma teoria que os possa compatibilizar e explicar, diz:

Chegou a hora de deixar o cais e navegar mar adentro. Os materiais estão prontos; por que não construirmos o edifício? A colheita nos espera; por que não empunhamos a foice? Os legumes da horta são abundantes e estão maduros; será que devemos deixar que se estraguem? Deleitamo-nos com o banquete que nos foi servido; extrairemos das riquezas que nos são legadas, a sabedoria. Mas atentai bem, pois tratar desse assunto é como navegar mar aberto pelos quatro cantos do mundo. É fácil lançar-se ao mar aberto ou dar a partida num tropel de cavalos, mas chegar a um objetivo é tarefa para Hércules. Entretanto, estamos prontos a enfrentar o abismo, embora devamos proceder como filhotes de passarinhos, com suas

asas frágeis, procurando dosar as forças e sentir o ar, o novo mundo que os espera.

O objetivo de que Swedenborg falava confiante e exultantemente era, nada mais, nada menos do que a descoberta da alma, como explica no seguinte trecho da introdução à sua obra *Regnum Animale*:

É meu intento examinar, física e filosoficamente, a anatomia total do corpo; o objetivo do trabalho é o conhecimento da alma, pois esse conhecimento será a coroação de todos os meus estudos. Portanto, para prosseguir nas minhas investigações e resolver os problemas pertinentes, decidi utilizar o método analítico; acho que sou o primeiro a usar declaradamente esse método. Para atingir esse formidável objetivo, é meu intento pesquisar integralmente o microcosmo que é a alma; pois seria vão procurá-la em outro lugar que não no seu reino. Estou determinado a não me dar tréguas, até que tenha alcançado meu objetivo, até que tenha atravessado o reino universal animal e chegado à alma. Portanto, espero que através dessa contínua introspecção, eu possa abrir todas as portas que me levarão a ela e, então, contemplar a própria alma, com a permissão Divina.

Sua viagem para o exterior teve o objetivo de obter conhecimentos sólidos de anatomia. Na Holanda, na França e na Itália, realizou exaustivos estudos, lendo todas as obras notáveis sobre o assunto, comparecendo a todas as conferências e demonstrações e, freqüentemente, usando, ele próprio, o escalpelo. Contudo, preferia aceitar os ensinamentos dos grandes anatomistas e basear suas teorias em seus postulados, pelas razões que explica na introdução à obra *Æconomia Regni Animalis*:

O nosso conhecimento experimental de anatomia advém de homens de grande cultura e sabedoria, tais como Eustachius, Malpighi, Ruysch, Leeuwenhoek, Harvey, Morgagni, Jeussens, Lancisi, Winslow, Ridley, Boerhaave, Wepfer, Heister, Steno, Valsalva, Duverney, Nuck, Bartholm, Bidloo e Verheyen, cujas descobertas, ao contrário de meras falácias e especulações infundadas, serão utilizadas e cultuadas na posteridade.

Utilizando os escritos e estudos desses homens ilustres e amparado em sua autoridade, estou decidido a iniciar e completar meu projeto de desvendar as coisas que a Natureza supostamente mantém

na obscuridade. Aqui e ali, tomei a liberdade de inserir os resultados de minhas próprias experiências, mas somente de forma esparsa, pois achei que seria melhor utilizar o conhecimento de outros. De fato, parece que há pessoas que nasceram com um grande poder de observação, como se possuíssem naturalmente um maior discernimento; é o caso de Eustachius, Ruysch, Leeuwenhoek, Lancisi etc.. Por outro lado, há outros que possuem um dom natural de analisar os fatos já descobertos buscando explicar suas causas. Ambos são dons muito peculiares e, raramente, encontrados numa mesma pessoa. Além disso, quando estava pesquisando sobre os segredos do corpo humano, notei que toda vez que descobria alguma coisa nova, eu (talvez seduzido pelo ego) ignorava as pesquisas e teorias dos outros, para embarcar numa série de especulações baseadas somente em minha descoberta, ficando, portanto, incapacitado de enxergar e compreender adequadamente a idéia de ‘universais nos individuais’ e de ‘individuais sob os universais’. Portanto, resolvi pôr minhas ferramentas de lado, reprimir meu instinto de observador, e basear meus estudos nas teorias dos outros.

Depois dessa digressão, voltemos ao diário de viagem de Swedenborg. Saiu de Paris às três horas de uma manhã de março de 1738, viajando de diligência e barca, que aqui chamam de “diligência aquática”, até Lyon, observando atentamente tudo o que via pelo caminho. Dez dias depois, partiu para Turim, via Mont Cenis, uma viagem estafante naquela época do ano. “Tivemos que suportar muito cansaço”, escreve em seu diário, “e enfrentar o risco de perdermos a vida nas tempestades de neve, a exemplo do que ocorreu ontem à noite, quando a neve era tão profunda que tivemos de abandonar nossas montarias e seguir a pé. Felizmente nosso grupo consistia de doze pessoas, além de seis frades da ordem dos carmelitas e contamos com a assistência de cinquenta a sessenta operários que abriram o caminho para nós”. Não havia, naquela época, o túnel de Mont Cenis...

Swedenborg enfrentou outros riscos durante sua viagem pela Itália. No trajeto de Turim a Milão, foi abandonado por seu guia e obrigado a empreender a viagem em companhia de um malfeitor. Seu companheiro de viagem, empunhando um estilete, o ameaçava e, certamente, o teria usado caso resolvesse roubar Swedenborg. Durante

uma viagem marítima, de Livorno a Gênova, Swedenborg teve novamente sua vida ameaçada por piratas argelinos.

Na páscoa de 1738, Swedenborg estava em Turim, tendo assistido às procissões de quinta e sexta-feira santas. Na quinta-feira, escreveu: “Assisti às magníficas procissões, num total de nove. Ao todo houve de vinte a trinta procissões. Delas participavam um grande número de carregadores de castiçais; alguns se auto-flagelavam e o sangue escorria por seus corpos; outros carregavam uma cruz pesada sobre os ombros e ainda outros ostentavam o símbolo da crucificação; por último, vinha um andor repleto de velas, com a imagem de Jesus Cristo e Maria. Na sexta-feira santa houve outra grande procissão, com um andor contendo a imagem do Cristo envolto no sudário, a cabeça de João Batista e a imagem de Maria com uma espada fincada no coração”.

Swedenborg viu muitos desses sinais da religião cristã, mas a moral cristã não era tão aparente entre o povo. Em Milão, visitou a Ospedale Maggiore, “um dos maiores e melhores hospitais da época”. “Os serviços hospitalares”, diz, “eram desempenhados por bastardos; há muitas crianças abandonadas recolhidas em gavetões. Há áreas especiais reservadas para os feridos, pois há um grande número destes, devido às inumeráveis tentativas de homicídio”. Falou muito bem da organização do hospital.

Swedenborg também visitou os principais mosteiros da região. Um, pertencente à ordem dos ambrosianos, era esplendidamente decorado com pinturas; uma dessas, existente no salão de cima, pode ser considerada verdadeira obra-prima: “A uma distância de doze ou quinze passos, tem-se a impressão de que a pintura salta da parede”. Swedenborg achava que o realismo era a forma mais sublime da arte. “No jardim, destaca-se uma figueira onde se diz que Santo Agostinho foi convertido há 1400 anos. Cada um dos patriarcas tinha um *valet de chambre*, como era costume entre os membros da aristocracia”. No grandioso convento para moças, que visitou, conta: “Conversei com duas freiras; assisti à sua procissão e lhes ofertei flores”.

Partindo de Milão, Swedenborg se juntou a cinco frades carmelitas que iam visitar Veneza, a caminho de Roma. Eles mal podiam acompanhar todas as atividades de Swedenborg, pois em Verona, a

exemplo, de outros lugares, foi à ópera. Descreveu com entusiasmo tudo o que viu: “Um novo teatro foi construído, com cento e quarenta camarotes. As mudanças de cenários e a cenografia em geral, assim como a música e o canto, são tão superiores à ópera francesa, que fazem esta parecer uma peça infantil”.

Dos edifícios públicos, Swedenborg parecia preferir as construções modernas em lugar das antigas; faz várias referências ao material com que foram construídas, mas mostra pouca admiração pelas linhas arquitetônicas. Assim, em Pisa, faz o seguinte comentário: “O mármore é abundantemente exibido em capelas, igrejas e algumas residências particulares. A parte externa da catedral é toda de mármore; na parte de dentro há magníficas pinturas, esculturas e esplêndidos ornamentos”. Descreve, em detalhe, a cúpula de mármore da catedral de Florença que custou dezoito milhões de francos. “Próximo à catedral está a igreja de São João Batista, com esculturas de mármore e estatuária de bronze”. Swedenborg trouxe para a arquitetura os olhos de geólogo em lugar da visão de um *connoisseur*. “Em Pádua”, diz, “a prefeitura e todos os edifícios públicos são antiquados; já as modernas igrejas de Vicenza são muito admiradas por sua arquitetura”. O escultor preferido de Swedenborg parece ter sido Bernini. E pareceu ignorar até os homens mais célebres. Ficou encantado com os afrescos da igreja de “Santa Cruz”, em Florença, “porque eram tão reais que pareciam terem sido pintados em alto relevo”.

Gostaríamos novamente de assinalar a aparente insensibilidade de Swedenborg pela grandeza e majestade das paisagens naturais. Em sua viagem de Florença a Livorno, nota que a estrada era boa, mas ladeada de montanhas! Todavia, Swedenborg não tinha falta de imaginação, como atestam os trabalhos que escreveu nesse período; sua imaginação, porém, era inspirada nos seus conhecimentos das ciências naturais e da literatura clássica, ao invés de meras impressões de paisagens da natureza.

Se “o estudo da humanidade tem por objetivo o homem”, Swedenborg certamente fez a sua parte. Enquanto investigava a economia interna do arcabouço humano, observou atentamente a vida do “ser político” e nos deixou muitos escritos sobre assuntos sócio-políticos e religiosos. Em Florença, assistiu à consagração de sete freiras: “Elas

estavam vestidas de branco da cabeça aos pés. A cerimônia foi celebrada por um arcebispo, que trocou sua mitra cinco vezes; inquiriu a todas e elas responderam-lhe com cadência musical; depois se deitaram no chão, sob um manto negro, durante muito tempo. No final da cerimônia receberam anéis, coroas e outros objetos, participaram do resto da solenidade e saíram em procissão exibindo suas cabeças coroadas. À solenidade estavam presentes muitas moças, trajando vestidos de noiva, e ouvia-se música clássica”. Dois dias depois (em 9 de setembro de 1738) Swedenborg escreve: “Testemunhei, pela terceira vez num convento, a sagração de freiras; as cerimônias diferem”. Ele nos fala sobre um famoso mosteiro em Roma: “Seus membros são chamados de ‘hyerolymy’; doze deles permanecem confinados o ano todo; recebem sua alimentação através de uma portinhola; um dia, durante todo o ano, eles saem de sua cela; os outros passam o tempo andando de charrete”.

Swedenborg descreve relíquias e outros tesouros sacros existentes nas igrejas de modo objetivo, sem nunca questionar sua autenticidade ou valor como instrumentos de devoção. Assim, visitando a igreja de São João de Latrão, escreve: “Há muitas relíquias perto do altar, entre as quais destacam-se as cabeças de Pedro e Paulo, entronizadas num rico tabernáculo. Há, também, uma famosa coluna de metal incrustada de pedras do sepulcro de Cristo”. Em Roma visitou também o cárcere de São Pedro e São Paulo: “A porta através da qual contam que São Paulo foi libertado por um anjo; o pilar de pedras em que foi amarrado; a fresta pela qual recebia comida etc.”. A oportunidade de visitar todos esses lugares em Roma foi proporcionada a Swedenborg por influência de seu conterrâneo, o Conde Nils Bjelke, camareiro do Papa e senador de Roma. Quando, no fim da vida, escreveu sobre a Igreja Católica Romana, Swedenborg não se baseou em histórias de terceiros.

Swedenborg não estava interessado somente em assuntos eclesiásticos. Em Livorno, visitou a cadeia e em Veneza participou da expedição que acompanha o *Dodge* na cerimônia anual do “casamento do Adriático”.

O diário de sua viagem termina, abruptamente, em 17 de março de 1739; porém, por outras fontes, sabemos que retornou a Paris em meados de maio. Sobre suas atividades até 3 de novembro de 1740, data em que reassume suas funções no Conselho de Mineração, sabe-se

muito pouco; foi nesse período que publicou sua obra *Æconomia Regni Animalis*, em Amsterdam.

No início do ano de 1743, Swedenborg novamente dirige ao rei requerimento de licença para viajar ao exterior, onde iria lançar um novo trabalho. Seu pedido foi muito bem acolhido, mas uma questão de ordem fez que o requerimento fosse, primeiramente, submetido à apreciação do Conselho de Mineração. Assim sendo, a 17 de junho, Swedenborg envia carta ao conselho-executivo, cujo teor é particularmente importante para nós, como prova de que, na ocasião, não tinha nenhuma idéia de sua futura missão, nenhuma intenção de se dedicar à teologia, e que os atrativos da vida terrena ainda o seduziam. “Posso lhes afirmar”, escreve, “que eu preferia mil vezes permanecer em minha casa, no meu país natal, onde tenho o prazer de servir nesse egrégio Conselho e de contribuir para o bem-estar social; a oportunidade de melhorar minha condição e zelar pelo pequeno patrimônio que amealhei e, finalmente, usufruir da vida no meu próprio lar, cuja continuidade, com a graça e ajuda de Deus, nada irá deter, do que viajar para o exterior às minhas próprias expensas, sujeito a perigos e vexames, especialmente nesses tempos agitados, enfrentando toda sorte de dificuldades e, no fim, recebendo mais críticas desfavoráveis que favoráveis. Mas, apesar de tudo isso, estou imbuído de um desejo interior de produzir, durante meu tempo de vida, alguma coisa concreta que possa ser útil à comunidade científica e também à posteridade, como também ser benéfica e aceita em minha terra natal; e, se meu intento for concretizado, que o seja com honradez. É meu desejo primordial terminar essa obra e retornar ao meu país, ao meu lar, ao meu povo, para continuar, com paz e tranqüilidade, a trabalhar na minha obra *Regnum Minerale* e, assim, contribuir para o bem público nos assuntos que competem ao Conselho Real”.

Aparentemente a obra intitulada *Regnum Minerale* era o trabalho que tencionava iniciar depois de terminar o livro *Regnum Animale*, o motivo principal dessa nova viagem ao exterior. Entretanto, parece que esse intento se frustrou, pois não há nenhum registro sobre isso em seu diário.

Swedenborg iniciou sua viagem em junho de 1743; seu diário, entretanto, não vai além de 20 de agosto e não contém nenhuma infor-

mação particularmente interessante. Nessa viagem, encontrou-se com muitas personalidades e, em Hamburgo, foi apresentado ao Príncipe Augustus e ao Príncipe Adolphus Frederic, recém-eleito herdeiro do trono sueco. O príncipe Adolphus leu, com muito gosto, o manuscrito do novo livro de Swedenborg e as críticas sobre seu penúltimo livro. Nos lugares onde esteve, Swedenborg visitou igrejas, fortificações, obras hidráulicas, edifícios públicos etc., como de hábito. O ponto alto dessa viagem, que provocou uma mudança inesperada em sua vida, será um dos tópicos focalizados no capítulo seguinte.

As duas primeiras partes de sua obra *Regnum Animale* — cuja elaboração englobava dezessete partes distintas — foi publicada na Haia, em 1744. A terceira parte foi publicada em Londres, em 1745; um volumoso acervo de informações coligidas e editadas não chegou a ser publicado. Examinaremos mais detalhadamente, nos próximos capítulos, esse acervo, bem como as duas obras acima mencionadas.

Cap. 4 - Em busca da alma

Os primeiros estudos de anatomia de Swedenborg foram feitos no começo de sua vida. Em 1719, submeteu à Academia Real de Medicina uma dissertação, em sueco, subordinada ao título *A anatomia de nossa natureza mais sutil; demonstração de que nossas forças locomotoras e vitais consistem em vibrações*. A respeito da elaboração desse seu trabalho (cujo manuscrito está parcialmente preservado na biblioteca diocesana de Linköping), comenta em carta a Benzelius: “Estudei profundamente toda a anatomia dos nervos e membranas”. E, a seguir, disse ter “provado a harmonia existente entre estes e a interessante geometria das vibrações”. Retomou seus estudos sobre a anatomia do corpo humano repetidas vezes e no período de 1734 a 1743 recolheu formidável acervo de informações para seus tratados filosóficos.

O objetivo de Swedenborg, como já frisamos, era o de encontrar, se possível, o local onde reside a força que regula a economia do reino animal, isto é, o reino presidido pela alma (*anima*), o corpo humano, esse organismo maravilhoso que obedece a todos os impulsos e comandos do espírito que nele reside. Swedenborg se propunha a descobrir a natureza e a residência dessa essência viva.

Swedenborg passou a vida inteira em busca da alma, até enveredar para o mundo espiritual, que lhe permitiu elucidar o mistério que a ciência e a filosofia não puderam desvendar.

O assunto, aparentemente, é o objeto de sua obra *Principia* e ainda mais particularmente de sua obra *Prodromus de Infinito*. “É difícil saber se Swedenborg estava consciente dos caminhos por onde sua obra iria enveredar; mas sabemos que passou de um estudo a outro, numa seqüência lógica, sem a preocupação de estabelecer meta, até anunciar seu intento de investigar a alma” (Comentários introdutórios do editor à obra *Æconomia Regni Animalis*, páginas XV e XVI). Neste texto de sua obra *Principia*, Swedenborg parece admitir que não podia

basear sua busca da alma nos métodos que rotineiramente usara para investigar as forças ocultas da natureza:

Com respeito à alma e suas várias faculdades, não me parece possível que possam ser explicadas ou compreendidas através de alguma das leis de movimento conhecidas; nosso estado de ignorância é tal, que não sabemos se os movimentos pelos quais a alma opera sobre os órgãos do corpo podem se resumir a uma simples lei, seja ela semelhante ou diferente das leis da mecânica (Parte I, Capítulo I).

Convencido de que as leis da física e da química não lhe revelariam o mistério da vida, Swedenborg orienta sua busca para o reino animal e procura descobrir a essência vital através do estudo da anatomia e de doutrinas filosóficas que formulara para si mesmo. Sobre isso, escreve:

Estou firmemente convencido de que a essência e a natureza da alma, seu influxo no corpo, e a ação recíproca do corpo, nunca poderão ser demonstradas sem essas doutrinas [ele se referia à sua doutrina da ordem e à sua ciência dos universais] combinadas com um sólido conhecimento de anatomia, patologia e psicologia; tampouco sem as leis da física e, especialmente das auras do mundo; e, a não ser que nossos esforços se norteiem nessa direção e tomem em consideração esses fenômenos, estaremos condenados a reconstruir nossos sistemas, a cada novo ciclo, terminando por torná-los impraticáveis e impossíveis de reconstruir.

Esta foi a única razão que me levou a investigar, exaustiva e profundamente, a anatomia de todas as partes do corpo. Nesse estudo, talvez eu tenha ido além dos limites da pesquisa científica, razão porque somente alguns de meus leitores me compreenderão. Mas, até agora, estou decidido a continuar, custe o que custar, essa investigação em busca da natureza da alma humana (Æconomia Regni Animalis, Parte II, nº 213/214).

Esses estudos de Swedenborg em busca da alma ensejaram a publicação de suas obras *Æconomia Regni Animalis*, sob o ponto de vista anatômico, físico e filosófico, bem como a elaboração de grande parte de sua obra *Regnum Animale*, sob o ponto de vista anatômico, físico e filosófico, sendo esta última uma revisão e ampliação da primeira. Como já frisamos, Swedenborg publicou somente três partes de sua

obra *Regnum Animale*, tendo deixado manuscritas outras partes que estariam ou não no prelo. Entretanto, alguns excertos desses manuscritos foram traduzidos e publicados postumamente: *De Generatione*; *De Cerebrum*; e *De Rationale Psychologica*. Sua obra *Æconomia Regni Animalis* foi traduzida para o inglês pelo Reverendo Augustus Clissold, Mestre em Humanidades, com a colaboração do Dr. James John Garth Wilkinson. As primeiras três partes de sua obra *Regnum Animale*, foram traduzidas pelo Dr. Wilkinson. Cada uma das obras foi publicada em dois volumes, sucessivamente, entre os anos de 1843 e 1846, quase cem anos depois da edição original. Dr. Wilkinson também foi o autor das introduções às duas obras, que causaram grande admiração a Emerson. Este descreveu Wilkinson como “um crítico filosófico com o discernimento e a imaginação de um Lorde Bacon” e declarou que “esses seus admiráveis discursos se sobrepunham a toda a filosofia contemporânea da Inglaterra”. O leitor que desejar saber algo sobre a filosofia de Swedenborg, sem, porém, querer se aprofundar na leitura de suas obras, deve, pelo menos, ler os comentários introdutórios do Dr. Wilkinson”.

Na obra *Æconomia Regni Animalis*, seu primeiro trabalho, Swedenborg trata da composição do sangue e sua circulação; do coração, das artérias e das veias; da circulação fetal; e do cérebro, particularmente no que diz respeito à substância córtica e seu movimento. A obra também contém um capítulo inteiro sobre psicologia racional e outro inteiramente dedicado à alma humana. Todavia, a maior parte da obra trata do sangue e sua circulação. “O sangue é vida”, aprendemos nas Escrituras; por ser ele “a fonte comum e o princípio geral” do reino animal, Swedenborg o considera de suma importância.

Da natureza, constituição, determinação, continuidade e quantidade do sangue dependem o destino e a condição da vida animal (Parte I, nº 2).

O sangue é, como tal, o extrato de todas as coisas existentes no mundo e o armazém e seminário de tudo o que existe no corpo (ibid., nº 3).

Pois se o homem é o objeto de todas as coisas, que lhe proporcionam os meios de vida, então todas essas coisas têm por finalidade o sangue, que é o provedor e patriarca de todas as partes do corpo;

pois nada existe no corpo, sem que primeiro tenha existido no sangue (ibid., nº 4).

Mas foi principalmente por acreditar que o princípio essencial vital estava contido no sangue, que Swedenborg dedicou tanto tempo ao estudo da natureza e das funções do sangue. Descreve esse princípio vital “como um fluido muito espiritual que está diretamente conectado à alma“. O sangue é “um composto de substâncias de diversas naturezas e, mais especificamente, do fluido no qual a alma reside e para o qual a alma é vital”. Esse fluido espiritual, pensava, devia ser a própria alma.

Se esse fluido é tido como o mais puro dos órgãos do corpo e o mais adequado para receber a vida, então vive não de si próprio, mas emana d’Ele, que é onisciente, Deus do universo, sem o qual nada na natureza poderia existir, muito menos a sabedoria. Esse fluido, sob este aspecto, deve ser denominado o espírito e a alma do seu corpo (Parte II, nº 245.)

É a força ou substância universal, ou a alma de seu corpo, mas o sangue vermelho é a substância comum ou a alma corporal (ibid. nº 205).

Essa pode ser considerada uma visão materialista e, com efeito, há indícios de que, nessa época, Swedenborg pensava que a alma devia ser, necessariamente, orgânica, como uma forma sublimada da matéria. A essa altura, Swedenborg não tinha ainda nenhuma idéia da substância espiritual.

Se, diz, privarmos a alma de todos os predicados das coisas materiais, como extensão, imagem, espaço, magnitude, e movimento, estaremos privando a mente de tudo a que ela pode, como uma âncora, atrelar suas idéias; em consequência todos ficariam em dúvida sobre se, finalmente, a alma seria diferente da ens rationis (Parte II, nº 216.)

Em outro trecho, escreve: *Não importa se chamamos o fluido acima referido de espírito ou alma, ou se damos essa denominação apenas às faculdades de ela representar o universo para si mesmo e de ter a intuição dos fins; pois é impossível conceber um sem o outro (Parte II, nº 303).*

O fluido espiritual ou espírito animal, tal como aprendemos, tem sua origem no cérebro e é enviado a todas as partes do corpo pelos impulsos do cérebro. Swedenborg concluiu que o cérebro tem um movimento regular igual ao do coração.

O movimento do cérebro é denominado animação; e a ação do fluido espiritual depende dele (Parte I, nº 279).

Toda vez que o cérebro se anima, seus fluidos são bombeados para as fibras e os nervos; tal como o coração, a cada sístole e diástole, bombeia o sangue através de seus vasos (ibid. nº 483).

Imaginar a circulação do fluido sem uma força motriz e uma expansão ou constrição reais como a causa propulsora, seria o mesmo que conceber a circulação do sangue vermelho através das artérias e veias sem o coração (Parte II, nº 169).

A circulação desse fluido merece ser chamada de círculo vital (ibid., nº 168).

O único objetivo da obra *Æconomia Regni Animalis* foi descobrir a natureza da alma e seu funcionamento no corpo:

De acordo com nossa proposição, a relação entre o corpo e a alma pode ser compreendida através de investigação anatômica racional combinada com experiência psicológica (ibid., nº 309).

As conclusões de Swedenborg sobre essa matéria estão contidas num magnífico trecho quase no final da obra. Seria muito prolixo transcrevê-las na íntegra, mas os excertos transcritos abaixo parecem resumir seu pensamento:

Como já assinalamos, no que toca à substância, a alma é um fluido, um fluido absoluto, produzido pela aura do universo; contido nas fibras; a matéria pela qual, da qual e para a qual o corpo existe; o órgão super-eminente... Pensamos também que as operações naturais coletivamente consideram esse fluido como seu sujeito (súdito); e que tais operações, em sendo naturais, não podem ser separadas desse fluido, a não ser em pensamento, de sorte que nada aqui ocorre, mas parece poder ser compreendido sob a denominação de matéria.

“Mas”, pergunta Swedenborg, “o que vem a ser matéria?” e passa a ponderar sobre essa pergunta com seu habitual zelo e profundidade:

Se a matéria é definida como extensão dotada de inércia, então a alma não é material; pois a inércia, a fonte da gravidade, entra na esfera superior meramente por composição e pela adição de uma série de coisas que, através de mutações no estado de entidades ativas, se tornaram inertes e gravitantes. Por exemplo, todos os elementos da Terra, como os sais, os minerais etc... Quando, de acordo com as regras da doutrina da ordem, eu tiver mostrado o que é a matéria, o que é forma, o que é extensão e o que é um fluido, então admitiremos que toda a controvérsia reside no significado dos termos ou na maneira que denominamos tudo aquilo que ignoramos... Mas digei-me se as idéias do animus (o grau inferior da mente) são ou não materiais? Talvez sejam, tal qual imagens, e mesmo, os próprios olhos são materiais... Todavia, idéias materiais não só concordam, mas se comunicam com idéias imateriais; seriam, então, idéias, antes de elas fazerem parte da vida da alma? Além disso, não seriam elas modificações? Se forem modificações ou coisa análoga, então não entendo de que modo podemos distinguir uma modificação material de uma modificação imaterial, a não ser por meio de um sistema de graduação no qual o imaterial seja superior, mais universal, mais perfeito e mais imperceptível. Mas, no que diz respeito à essência mais nobre ou vida da alma, não pode haver grau mais elevado ou perfeito, pois é a única essência; porém, a alma é um organismo formado pelo fluido espiritual, ao qual podemos atribuir maior ou menor exaltação. Essa essência e vida não é criada, portanto, não é correto considerá-la material; pela mesma razão não podemos considerar a alma como material no que tange à sua recepção desta vida; nem a mente, o animus, a visão, a audição, tampouco o próprio corpo enquanto vivo. Pois todos esses vivem a vida de suas almas e a alma vive a vida do espírito de Deus, que não é matéria, mas essência, cuja essência é vida, cuja vida é sabedoria e cuja sabedoria consiste em observar e seguir os fins a serem promovidos pelos desígnios da matéria e as formas da natureza. Portanto, tanto a materialidade quanto a imaterialidade são predcados da alma (Parte II, nº 311).

O capítulo sobre a alma humana, de onde extraímos esses excertos, é um estudo notável, de alto nível e profundo em suas especulações. O Dr. Spurgin, ex-presidente da Sociedade Real de Medicina, declarou que o mesmo era “um estudo ímpar no âmbito da filosofia humana” e S. T. Coleridge tece a ele os maiores elogios. Entretanto, Swedenborg não ficou satisfeito com suas conclusões. Quanto mais profundamente investigasse, mais a alma parecia evadir-se dele. As suas atividades estavam manifestadas em todos os movimentos do corpo humano; da ação mais profunda e sutil à ação mais exógena e visível. Mesmo assim, a alma conseguiu escapar-lhe.

Cheguei a pensar, diz, como o resto da humanidade, que se podia chegar ao conhecimento da alma através de uma rele filosofia ou pela anatomia do corpo humano. Porém, no curso de minhas investigações, verifiquei o quanto estava distante do meu objetivo; pois quando parecia que eu tinha desvendado o mistério, descobria que escapava de mim, embora nunca o tenha perdido de vista... Portanto, nunca cheguei a descansar dessa busca da alma. Mas, de súbito, acordei, como de um sono profundo, e descobri que nada está mais afastado da nossa compreensão e está, ao mesmo tempo, tão próximo de nós. Nada está mais presente em nós do que o que é universal, anterior e superior, pois isso está ligado a tudo e a todos, seja posterior, seja inferior. O que é mais onipresente do que a Divindade — nela vivemos, somos e transitamos — e, no entanto, o que é mais remoto que ela à nossa compreensão? (Æconomia Regni Animalis, Parte II, nº 208).

Todavia, Swedenborg não estava desanimado. Embora insatisfeito, iria intensificar ainda mais sua busca. Continuou a estudar e escrever, preparando-se para a elaboração de uma obra ainda mais importante, *Regnum Animale*, cujo projeto inicial compreendia dezessete partes, todas versando sobre a anatomia do corpo humano e contendo muitas teorias filosóficas. Swedenborg publicou duas partes, em Haia, em 1744, como já dissemos, e uma terceira parte, no ano seguinte, em Londres. Essa obra nunca foi concluída, por motivos que eventualmente poderão ser mencionados.

No prólogo a essa sua grande obra, Swedenborg escreve: *Não faz muito tempo, publiquei o livro Æconomia Regni Animalis... e*

antes de me aprofundar no tema, fiz um ligeiro passeio até à alma e acabei escrevendo um ensaio sobre esse assunto. Porém, ao considerar o assunto mais detidamente, verifiquei que tinha-me precipitado em minhas conclusões, tendo somente estudado o sangue e seus órgãos peculiares. Isso se deveu ao meu ardente desejo de conhecimento.

A obra *Regnum Animale* foi, portanto, escrita para remediar os defeitos e retificar as deficiências da *Æconomia Regni Animalis*.

O que levou Swedenborg a escrever essas obras? Ele era tudo menos um mero especulador, como já vimos. Dava um sentido prático e objetivo a todos os seus projetos. Então, o que pretendia obter com esses seus altos estudos filosóficos? Seguro de sua fé em Deus e nas coisas espirituais, Swedenborg estava espantado com o materialismo de sua época. Havia muitos então, como agora, que tentavam se convencer de que Deus era uma abstração e a alma uma invenção teológica. Acreditava que a existência de um Ser Divino era uma “verdade necessária” em toda formulação filosófica; porém, com respeito à alma, esperava demonstrar sua existência através de um estudo analítico de “seu reino”, o corpo.

Àqueles que consideravam esse assunto meros mistérios espirituais, declarando que “todas as coisas que transcendem nosso estado presente são questão de fé e não do intelecto”, Swedenborg respondeu:

Concordo com eles; e tampouco vou tentar persuadir aqueles que entendem serem essas verdades questão de fé, a procurarem entendê-las usando o intelecto; deixem que eles se abstenham de ler minhas obras... Pois minhas obras são escritas para aqueles que nunca acreditaram em nada que não podiam perceber com seu intelecto; conseqüentemente, aqueles que ousadamente invalidam e negam a existência de todas as coisas sutis, coisas mais sublimes que eles mesmos, como, por exemplo, a própria alma, e tudo que se relaciona a ela — sua vida, a imortalidade, o céu etc... É para essas pessoas que tenho ânsia de falar; e, como já disse anteriormente, é para eles que escrevo e a eles dedico minha obra. Pois quando eu tiver demonstrado essas verdades, através do método analítico, espero que essas sombras ou nuvens materiais que obscurecem o sagrado templo da mente, se dispersem e que, finalmente, com a graça de Deus, que é

o Sol da Sabedoria, uma estrada de acesso à fé se abra a todos (Prólogo, nº 22).

O plano da obra *Regnum Animale* era descrever, detalhadamente, todos os órgãos do corpo, detendo-se em seus usos; e, com base nas informações coligidas, estabelecer princípios através dos quais a mente possa ter acesso ao segredo da vida e da alma consciente. Swedenborg foi buscar os conhecimentos de que necessitava nos livros dos grandes anatomistas da época, alguns dos quais tinham sido seus professores. Os inúmeros excertos de obras desses eminentes cientistas encontrados na obra de Swedenborg são, por si sós, de grande interesse, dada a dificuldade de acesso a esses escritos. Swedenborg usou muitas citações da obra *Bíblia da Natureza*, de John Swammerdam, no que se relaciona com a anatomia dos insetos.

O objetivo de Swedenborg continuava sendo o de localizar a alma e de descrever seu funcionamento; pois, até agora, diz, “seu modo de ser e sua natureza permanecem, virtualmente, desconhecidos”, e continua:

Sei que os filósofos mais eminentes vão me dizer que é fútil e vão explorar as profundezas do corpo humano, procurando chegar à alma. Mas esses argumentos podem ser contestados por uns tantos outros. Pois a alma é o modelo, a idéia, a primeira forma, a substância, a força, e o princípio de seu corpo orgânico e de todas as suas forças e poderes, ou, o que dá no mesmo, o corpo orgânico é a imagem e tipo de sua alma, formado e plasmado dentro dos princípios e da natureza eficiente da alma, se não exatamente, pelo menos, suficiente para a vida. Portanto, somos instruídos pelo corpo em tudo o que diz respeito à alma; e pela alma em tudo o que diz respeito ao corpo; e por ambos no que diz respeito ao todo (Parte I, nº 20).

Os esforços de Swedenborg ensejaram muitas descobertas e uma melhor compreensão do problema. Concluiu que o centro de atividade da alma é o cérebro; este recebe impressões de coisas exteriores, criando concepções, que, organizadas de forma racional, se tornam idéias intelectuais.

Há no cérebro um sensorio eminente, bem como íntimas profundezas de onde os raios sensuais do corpo ascendem e de onde eles não podem passar. É aí que a alma reside, fincada nas vestes nobres

da organização, sentada, aguardando as idéias emergentes e as recebendo como hóspedes. Esse lugar elevado e nobre é o sensorium mais interior e a fronteira em que a ascensão da vida do corpo cessa e a fronteira de onde a vida da alma, como essência espiritual, começa (Parte II, nº 458).

Evidência desse progresso de Swedenborg pode ser encontrada na obra *Regnum Animale* — óbvio reconhecimento do valor da analogia na busca da verdade espiritual. O autor não só percebe que o corpo é o instrumento perfeito e análogo da alma, como tem sugestão da grande doutrina das correspondências, que vai ter papel fundamental na sua obra. Nela se lê:

Tal como o sangue está continuamente realizando seu ciclo vital, numa constante revolução de vida e morte; tal como morre na velhice e se regenera ou renasce; e tal como as veias solícitamente recolhem todo o material de sua parte corporal, e os vasos linfáticos sua parte espiritual; e, sucessivamente os trazem de volta, reflete-o com um novo quilo e o restaura ao estado de sangue puro e jovem; e tal como os rins constantemente expelem dele as impurezas e devolvem as partes puras ao sangue; da mesma forma, o Homem, que vive simultaneamente em corpo e espírito enquanto vive no sangue, precisa se submeter a esse mesmo tratamento geral e, em prol de sua regeneração, deve proceder, diariamente, da mesma forma. Tal representação simbólica e perpétua da vida espiritual na vida corporal é como a representação típica e perpétua da alma no corpo (Parte I, nº 293).

Em nota, acrescenta:

Em nossa Doutrina de Representações e Correspondências trataremos dessas representações típicas e simbólicas e das coisas espantosas que ocorrem, não só no corpo vivo, mas por toda a natureza, e que correspondem tão integralmente a coisas supremas e espirituais, que se seria capaz de jurar que o mundo físico é meramente simbólico do mundo espiritual, de tal modo que, se fôssemos expressar alguma verdade natural em termos vocais físicos definitivos e converter esses termos somente nos seus termos espirituais correspondentes, poderíamos, desse modo, descobrir uma verdade espiritual, em lugar da verdade física. Embora nenhum mortal fosse capaz de

predizer que alguma coisa dessa natureza pudesse ocorrer por simples transposição literal. Tal como um preceito, se examinado separadamente do outro, parece não ter nenhuma relação com o fato”.

Não podemos deixar de ressaltar o método filosófico de Swedenborg, como demonstram essas obras, método genuinamente seu. Em sua introdução à obra *Æconomia Regni Animalis*, o Dr. Wilkinson chama Swedenborg de “Síntese de Aristóteles e Bacon”. “O método ascendente de Bacon e o método descendente de Aristóteles”, diz, “são, de fato, ambos concretizados em Swedenborg, e sendo conectados um ao outro em ambos os extremos, formam uma espiral legítima e ampla, revolvendo dos sentidos para a mente, e da mente para os sentidos” (P. XV). Em sua obra *Resenha crítica e histórica da filosofia especulativa da Europa no século XIX* (vol. I), página 320, J. D. Morell assinala que o método de Swedenborg é “evidentemente uma combinação dos métodos indutivo e sintético. Partindo da observação, sua mente capta certos axiomas filosóficos e, a partir desses axiomas, raciocina, em escala descendente, sobre a natureza e o uso de objetos específicos. Talvez tenha sido a única vez no mundo (com exceção da frustrada tentativa de Comte) em que alguém tentou ascender a idéias puramente filosóficas, a partir de fatos positivos e concretos”.

“A mente de Swedenborg”, como já foi amplamente ressaltado, “era essencialmente construtiva”, quando mergulhava na procura de fatos, cristalizava-se quase instantaneamente. Por sua própria natureza, Swedenborg era um arquiteto, não um pedreiro. Seus comentários sobre os fatos apresentados pelos anatomistas demonstram categoricamente o espírito criativo que transforma o inorgânico em orgânico”.

Num ensaio apresentado à Academia Real de Ciências da Suécia, em 14 de dezembro de 1740, Swedenborg explicou e defendeu seu método filosófico. Disse:

Há duas maneiras de definir aquelas coisas da natureza que se descortinam diante de nós ou estão escondidas dos nossos olhos, a saber: a priori, também denominado o método sintético, e a posteriori, ou o método analítico. Ambos são necessários na reflexão e descoberta das coisas, pois qualquer descoberta requer luz (a priori) e experiência (a posteriori). Então, enquanto os sábios antigos seguiam a luz (a posteriori) tão remota e profundamente quanto podiam, os

sábios mais modernos foram induzidos a não aceitar nada como verdadeiro sem que houvesse sido comprovado por experiência. Assim, alguns sábios contemporâneos parecem abandonar o pensamento e se dedicarem a experimentos que apelam aos sentidos; entretanto eles o fazem na esperança de que, algum dia, a experiência estará ligada à teoria; pois a experiência sem uma visão da natureza das coisas é como o conhecimento sem aprendizagem, um alicerce sem edifício. As observações dos sentidos externos fornecem exclusivamente informações sobre coisas que a compreensão deve investigar e sobre as quais deve formar juízo. Essa é também a qualidade peculiar de um ser racional cuja superioridade sobre os animais consiste em ser capaz de compreender aquelas informações obtidas através da experiência.

Swedenborg era muito bem versado nas filosofias antiga e moderna, e cita, em suas obras, muitos desses autores. Foi capaz de ver os valores e deficiências de ambos os sistemas e procurou combinar os dois métodos na formulação de seu próprio método que o levasse a conclusões corretas. Logo constatou que os antigos eram muito dados a hipóteses e conjecturas; já os modernos eram escravos dos fatos e do sensorial. O editor da tradução inglesa da obra *Æconomia Regni Animalis*, em seus comentários de introdução à obra, a propósito de Bacon e Aristóteles, escreve: “Swedenborg adota os méritos e evita as imperfeições desses autores e, ele próprio, propõe uma ciência constituída de princípios, que, como se fossem espontâneos, são físicos no universo físico e filosóficos na mente do homem e pelos quais podemos passar e repassar, de um para outro, de modo a contemplar o fim da criação em relação aos meios e vice-versa” (P. XV).

Swedenborg havia entendido isso muito antes, como vemos neste trecho de sua obra *Principia*:

Conhecimento desprovido de razão, como um monte de idéias na memória sem o discernimento para separá-las e distingui-las, e sem o talento para deduzir o objeto desconhecido que se procura a partir de alguns dados conhecidos, através de uma análise racional ou geométrica, em suma, ter os meios sem ter a faculdade de chegar ao fim, não faz um filósofo (Parte I, nº 3).

Aquele que é possuído pelo conhecimento científico e é meramente perito em experimentos, só deu o primeiro passo no caminho

da sabedoria; pois essas pessoas sabem somente o que é posterior e ignoram o que vem antes; portanto sua sabedoria não vai além dos órgãos dos sentidos e não está vinculada à razão; quando, em verdade, a verdadeira sabedoria abrange ambas (ibid., nº I).

Por outro lado, a Síntese, que inicia sua cadeia de raciocínio a partir de causas e princípios, e vai e volta, de um para outro, até chegar aos efeitos das causas, assim como o fenômeno resultante dos princípios... não passa de uma análise precoce, vaga e pobre. Aqueles que se iniciam através dessa espécie de exercício acadêmico, isto é, que partem meramente do raciocínio sem respaldo da experiência, nunca, a meu ver, alcançarão o *Æconomia Regni Animalis*, Parte I, Prólogo, ns. 7 e 8).

Nem a ciência nem a razão, em conjunto ou isoladamente, vão nos conduzir às verdadeiras idéias filosóficas. Há uma faculdade ainda superior que tem sido muito esquecida pelos filósofos, mas que Swedenborg soube reabilitar: a faculdade da intuição. A mente pode ver a verdade, assim como pode aprendê-la através da observação e do raciocínio.

A mente racional, ou seja, o intelecto, distingue inequivocamente a verdade das coisas e as formas consoantes à ordem da natureza — imediatamente à natureza do universo e àquela do próprio intelecto; pois elas agradam, pacificam e despertam afeições há muito escondidas; portanto, sempre que a verdade desponta, a mente exulta e se regozija (ibid. Parte I, Prólogo nº 2).

E: Uma verdade não é revelada sem que uma infinidade de outras verdades sejam igualmente descobertas (ibid., nº 4).

À ciência e à razão devemos acrescentar um amor inato à verdade, um desejo ardente de explorá-la, o prazer de encontrá-la e um pendor e faculdade naturais para meditar profunda e nitidamente e de conectar raciocínios com perspicácia; também devemos resgatar a mente dos sentidos, dos desejos do corpo, as tentações do mundo — todas essas coisas que agem como forças disruptivas — e mantê-la em sua alta esfera, até que ela tenha definido suas razões e levado seus pensamentos a uma conclusão. Na mesma proporção que, através desses meios ascendemos à verdade, a verdade desce sobre nós. Acima de tudo, aprende a ver a alma como pura, e a respeitar os

propósitos universais como sendo a felicidade da raça humana e, portanto a glória de Deus; a verdade é, então, injetada em nossas mentes oriunda de seu céu; a fonte de onde tudo emana (ibid., nº 12).

Portanto, se desejarmos convidar verdades reais, sejam naturais, morais ou espirituais (pois todas se combinam através da correspondência e da representação) à esfera de nossas mentes racionais, é necessário que extingamos os fogos impuros do corpo e, destarte, nossas próprias luzes ilusórias, submetendo e permitindo que nossas mentes, livres das influências do corpo, sejam iluminadas pelos raios do poder espiritual; então, pela primeira vez, as verdades fluirão; pois todas emanam daquele poder, que é sua fonte peculiar (ibid., Parte II, Epílogo, nº 463).

Quando... somos transportados aos princípios das coisas, podemos, então, pela primeira vez, começar propriamente, ou, por outra, retornar, dos princípios, e formulá-los com a suficiente autoridade, através de uma definição clara e inteligível: pois agora a mente olha ao redor do mundo como se fosse o reflexo de um espelho e contempla todas as coisas de um modo universal. Escadas são construídas e degraus são interpostos, portanto podemos descer e ascender da mesma maneira (ibid., Parte I, Prólogo, nº 13).

Há uma verdade mais alta que vem até nós através da intuição e da percepção; e uma verdade inferior que chega à mente através dos sentidos.

Essas verdades... estão tão separadas, que não podem ser reunidas sem um médium unificador; nossa mente racional é esse médium unificador, onde encontros místicos acontecem e acordos sagrados são ratificados. E como as coisas mundanas fluem da esfera inferior, através dos portões dos sentidos, e as coisas celestiais fluem da esfera mais alta, através do portal da alma, nossa mente racional é o verdadeiro centro do universo. Somos matéria orgânica, através da qual as coisas inferiores ascendem e as coisas mais altas descem; e as mentes humanas são as salas de recepção de todas elas (ibid., Parte II, Epílogo, nº 465).

Eis um postulado que fará com que todos os outros métodos filosóficos pareçam imperfeitos e ineficientes; e que, certamente, vai harmonizar ciência e religião. “É, portanto, fútil afirmar que a filosofia

não está ligada à teologia; pois o contrário é demonstrado por Swedenborg, de maneira tão clara quanto Newton demonstrou as leis que regem a matéria. Pois Swedenborg partiu de fatos representativos da natureza integral e investigou-os, estudou a ordem e mecanismo da estrutura e o uso interativo das funções; desses estudos advieram verdades relacionadas com a moral ou existência social do homem” (*Æconomia Regni Animalis*, (comentários Introdutórios do Editor), pág. lxxvi). Ele (Swedenborg) manejou as massas sólidas do saber e as fez obedecer a novos movimentos e a orbitar em órbitas sistemáticas. A paisagem árida da ciência recebeu uma climatização e o verde e a vida brotaram nela” (ibid., pág. lxxxix). Os materialistas “disseram que a ciência era fria e inflexível; que nada tinha a ver com a filosofia ou a teologia; que ela observava seqüências e elaborava fórmulas exatas ou tinha um método mas não uma alma; que só aceitava explicações e idéias materialistas. Swedenborg lidou com esses mesmos fatos, mas o resultado foi bem diferente. Ele achou a natureza calorosa, com o mesmo espírito da humanidade e que suas leis mais severas são plásticas sempre que seu uso requer; que, portanto, a lógica não-liberal não pode compreendê-la. Também postulou que a natureza nada mais é do que a teologia e a filosofia incorporadas à mecânica; ou, numa definição mais reverente, ela é o mecanismo e os meios que levam à verdade e ao bem” (ibid., pág. lxxvii).

Parece, portanto, que, embora Swedenborg reconhecesse a importância de uma base fatural sólida para qualquer sistema filosófico verdadeiro, não se baseou apenas na ciência ou permitiu que esta o escravizasse; mas, ao contrário, elevou-se acima do plano material e, graças a uma visão mais ampla, pôde perceber o significado interior e as inúmeras aplicações de seus fatos. “O labirinto da natureza é intrincável e não oferece escape, a não ser que possamos conhecer suas intercessões primaciais... Lorde Bacon assinala que ‘como não se pode ter uma idéia perfeita de um país se o examinamos apenas sob um prisma, não podemos descobrir as verdades mais profundas de uma ciência, se não a examinarmos de um ponto mais elevado’. De onde se pode concluir que a evolução da mais elevada ciência é requisito *a priori* para dar vida e validade a todo o resto do conhecimento” (ibid., pág. xxxvii). Essa era a meta de Swedenborg. Cabe ao leitor julgar até onde conseguiu chegar.

Sabe-se que as obras filosóficas e científicas de Swedenborg tiveram boa venda e que as colocou à disposição daqueles que “possuíssem compreensão e se interessassem por tais assuntos”; mas parece que não tiveram uma recepção calorosa por parte de seus contemporâneos; parece que foram esquecidas logo após sua publicação. Há evidência de que alguns de seus contemporâneos assimilaram e trabalharam em cima de suas idéias, mas não vamos encontrar nenhuma referência ou reconhecimento de suas contribuições à ciência e à filosofia até nossa época. Não pareceu preocupar-se com a impopularidade de suas obras; assim, não houve de sua parte mágoa ou ressentimento. Não foi, todavia, indiferente à opinião de seus contemporâneos; mas poucos autores desprezaram como ele o elogio dos homens.

De que me vale, pergunta, tentar persuadir alguém a abraçar minhas idéias? Deixem que sejam persuadidos por sua própria razão. Meu trabalho não visa a honrarias ou riquezas; sempre desprezei a ambas, porque intranqüilizam a mente, e estou contente com meu quinhão; mas visa à busca da verdade, que é, por si só, imortal (Æconomia Regni Animalis, Parte II, nº 218).

Se não almejava o reconhecimento de sua geração, tinha a firme convicção de que eventualmente seria melhor compreendido. Assim, foi buscar em Sêneca o seguinte moto para sua obra *Æconomia Regni Animalis*: “Ele não nasceu para servir apenas aos de sua época; há muitas gerações por vir; muitas gerações de homens nascerão; é para eles que você deve dirigir sua atenção, embora de seus contemporâneos você só receba o silêncio; no futuro virão aqueles que te julgarão sem ofensas e favoritismos”.

Ao mesmo tempo em que escrevia sua obra *Æconomia Regni Animalis*, Swedenborg estava ocupado com outro trabalho de natureza diversa mas igualmente notável, intitulado *De Cultu et Amore Dei*, cujas duas primeiras partes publicou em 1745, após inserir um inusitado número de notas de rodapé. Uma terceira parte dessa obra nunca foi publicada e não chegou ao prelo.

É difícil entender o significado e o intento da obra de Swedenborg; mas a beleza e a sabedoria nela contidas são incontestáveis. O próprio Swedenborg, comentando sua obra, disse que “ela foi escrita sob a liderança do entendimento e segundo os princípios da razão”. E,

ao ser indagado sobre como gostaria que seus livros fossem vistos, disse que “eles realmente se alicerçavam na verdade, embora admitisse que uma boa dose de personalismo tenha se inserido neles”; disse, por exemplo, que fez uso jocoso do latim em represália àqueles que tentaram ridicularizar seu uso de um latim simples em obras posteriores. Por essa razão não achava que o livro estava à altura de suas outras obras. Esse livro não pode ser classificado entre seus trabalhos científicos ou teológicos; é, certamente, um trabalho destoante do todo de sua obra.

Um resumo desse livro não dá a idéia exata de seu conteúdo; todavia, a leitura de alguns excertos selecionados nos dão uma idéia de seus dotes literários e sua profunda sabedoria. A maioria dos leitores ficará impressionada com a mistura da beleza poética com a profunda penetração que a obra exhibe.

O livro conta a história da criação, partindo da descrição do nascimento dos planetas, do Sol; nossa própria Terra, no momento em que ela se desprende do anel nebuloso que envolve o Sol, foi gradualmente preparada para o advento da vida, cujos germes existiam na forma de *pequenos ovos amontoados em sua superfície, ou as pequenas sementes de seus futuros reinos — mineral, vegetal e animal. Essas sementes ou começos, ainda estavam monolíticas em seus rudimentos, umas conjugadas às outras, particularmente o reino vegetal ao reino mineral que seria a matriz; e no reino vegetal, que deveria servir de estufa ou alimentador, o reino animal; pois cada um deveria surgir individualmente de suas cascas. Portanto, o presente continha o passado e o que estava por vir estava escondido em cada um, pois uma coisa envolve a outra em uma seqüência contínua, através da qual esta Terra, mercê desse contínuo prenúncio, estava perpetuamente em uma espécie de nascimento (vide parágrafo nº 15).*

A Terra, foi-nos ensinado, se afasta gradualmente do Sol, com suas rotações diuturnas e anuais aumentando seu tempo de orbitação, à medida que se afasta mais e mais de sua órbita primacial. Na época do aparecimento da vida, o ano não durava mais do que hoje conhecemos como mês e o dia tinha duas horas de duração. O efeito dessa acelerada rotação foi a equalização do clima, com as estações misturando-se umas às outras, para formar uma primavera perpétua. Esses dias de

alcões estão descritos na seguinte passagem que ilustra o estilo poético do livro:

A atmosfera próxima, ou ar, respirava a temperatura mais agradável, em consequência de receber luz tão copiosa e calor alternado e, ao mesmo tempo, sendo aquecida por orvalhos exalados do seio da terra; pois, até então, não havia vento furioso, não havia Boreas para agitar o ar com seu sopro tempestuoso; não existia, tampouco, sequer uma nuvem para empanar o esplendor do Sol e das estrelas; mas a face de tudo era serena e, somente os zéfiros, com seus delicados leques, aclamavam os murmúrios dos ventos” (parágrafo nº 17).

As formas mais primitivas de vida vegetal foram as ervas e flores rasteiras que forravam de beleza a superfície da Terra; depois vieram arbustos e plantas; e, finalmente, as árvores. Do mundo vegetal se originaram as formas primárias da vida animal, com os insetos em primeiro lugar; dos arbustos foram produzidos ovos que eram alimentados entre seus galhos e, eventualmente, chocados em passarinhos; enquanto os quadrúpedes “eram, dessa mesma maneira, produzidos por florestas vivíparas”, sendo que os chifres de alguns indicam sua origem arbórea. Por último veio o homem, o produto da Árvore da Vida, que guardava em seu âmago *um minúsculo ovo, o mais precioso de todos, no qual, como numa jóia, a natureza se escondeu com seus mais altos poderes e reservas, para se tornar o sêmen do mais consumado dos corpos (parágrafo nº 32).*

Escrita no período de transição da vida de Swedenborg, a obra *De Cultu et Amore Dei* reúne muitas das idéias expostas em seus trabalhos anteriores e lança as bases de sua marcha rumo às excelsas verdades que iria expor.

A geometria ainda é a ciência que mais o fascina e, numa nota sugestiva disso, volta à sua “doutrina das formas”, classificando as formas geométricas numa escala ascendente, da “forma angular — a forma própria para substâncias terrenas”, passando pelas formas circular, esférica, espiral e vertical, à forma celestial, a geometria dos céus. Da doutrina das formas, ascende à doutrina da ordem e dos graus e à doutrina das correspondências, esboçadas na sua obra *Regnum Animale*, onde lemos:

Tal é a correspondência estabelecida que, através das verdades natural e moral, e por meio unicamente das transposições das expressões que significam coisas naturais, somos conduzidos às coisas espirituais, e vice-versa, e, portanto, da mesma maneira, de um Paraíso ao outro. Como ilustração, tomemos esses dois exemplos: a luz revela a qualidade de seu objeto, mas a qualidade do objeto varia em função do estado da luz; portanto, concluímos que o objeto não é sempre o que aparenta ser... Mas, se ao invés de luz, considerarmos a inteligência, cuja qualidade do objeto é a verdade de uma coisa; sabendo-se que à inteligência é permitido ser luz espiritual, podemos concluir que: a inteligência desvenda a verdade de uma coisa, mas essa verdade aparece de acordo com o estado da inteligência; portanto, o que supostamente é verdade, nem sempre é verdade (nota ao parágrafo nº 55).

Novamente: Com efeito, não existe nada na natureza que não se assemelhe à sua origem, ou alma; e, como essa origem é celestial (pois tudo, como já foi dito, se origina dos desígnios do céu), portanto, as coisas naturais e as coisas celestiais precisam, necessariamente, harmonizar-se, de acordo com a primeira ordem induzida ou a ordem mais perfeita; e de uma maneira que permita que uma veja a outra; pois se desdobrarmos as coisas naturais e, em seus lugares, inserirmos coisas espirituais ou celestiais, resultarão verdades congruentes (nota de rodapé, parágrafo nº 64).

Aqueles que conhecem a notável obra de Swedenborg, intitulada *Sabedoria Angélica*, escrita dezoito anos depois, certamente identificarão no trabalho em pauta (*De Cultu et Amore Dei*) os germes das idéias nela expostas. Uma comparação minuciosa não seria adequada, mas procuraremos destacar algumas dessas premissas.

A idéia de que toda vida é espiritual, que o espírito é substância e que, como a origem de todas as coisas, o próprio Deus é a única, verdadeira e real substância, parece estar claramente formulada num adendo ao parágrafo nº 47, transcrito a seguir:

A alma é uma substância tão real, que todas as substâncias do corpo, que têm vida ativa, emanam dela e são chamadas substâncias, porém, substâncias compostas; pois todo composto é apenas um agregado de suas substâncias simples; nada é verdadeiramente uma

substância, senão o Supremo, a Quem denominamos uma substância simples.

Outro importante princípio — o de que toda substância tem uma forma — está postulado num adendo ao parágrafo nº 49. Muitos desses notáveis princípios filosóficos estão formulados em notas complementares que são parte valiosa do livro. Como Swedenborg tinha o hábito de escrever essas notas, estima-se que a maioria das notas constantes desse volume foram inseridas em data posterior ao primeiro manuscrito, possivelmente após a sua introdução no plano espiritual, que será descrita no capítulo seguinte.

Quando falamos de formas ou substâncias, estamos falando da mesma coisa, pois nenhuma substância que emana de Deus deixa de ter forma definida, de onde derivam suas faculdades de agir e suas qualidades.

O princípio de que a criação é uma emanção de Deus, como substância essencial, e não a criação de alguma coisa do nada, está claramente postulado em ambos os trabalhos. No primeiro trabalho se lê: *É impossível que alguma coisa exista do nada; nada pode ser produzido do nada* (parágrafo nº 61).

Uma das proposições principais do livro *Sabedoria Angélica* é a de que “o amor ou vontade é a própria vida do homem”. Na obra *De Cultu et Amore Dei*, lemos: *Sem amor não há vida; e a qualidade da vida é ditada pelo amor* (parágrafo 67).

Os princípios da conexão essencial entre bondade e verdade e a influência da vontade sobre a percepção e a crença, estão claramente expostas em ambos os livros. No livro *De Cultu et Amore Dei*, se lê:

Todas as verdades se concentram na bondade; conseqüentemente se expandem em circunferências de bondade, como se fossem oriundas de um centro (nota ao parágrafo nº 53).

Novamente: *Nossos amores ... detêm as rédeas, excitam e governam nossas mentes; somos atraídos por eles e, então, seguimos* (parágrafo nº 59).

Ambas as obras também ensinam que toda vida e sabedoria são derivadas do amor, e que o caminho para a verdadeira filosofia é manter a mente aberta a influências de dentro e de cima.

Há somente duas vias de acesso à mente: superior e inferior; o caminho superior é através da alma e seu templo; esse caminho é sagrado; ... está aberto somente para o Senhor da luz e para o Seu amor; mas o caminho inferior é o único através do qual ele (o príncipe deste mundo) pode arrastar-se e exercer suas influências (parágrafo nº 71).

Nossas mentes são capazes de se voltar para dois rumos, como se tivessem dobradiças; para dentro ou para fora; para cima ou para baixo; pois há sempre duas vias ou pontos de recepção de dois hóspedes (parágrafo nº 56).

Aqueles “cuja sabedoria se fundamenta apenas na luz ilusória da natureza” não podem ver a verdade espiritual porque persistem em olhar para baixo e para fora ao invés de olharem para cima e para dentro.

Eles sofrem por não se deixarem convencer por nada que não lhes seja revelado pelos sensores externos; e o que é ainda mais fantástico: eles não crêem nos mais óbvios agentes e efeitos, a não ser que também os vejam numa substância; por conseguinte, quando olham a verdade sob o ângulo dessa conexão e ordem, a corrente se parte em pedaços, no primeiro elo; e seus olhos ficam fixos em meros objetos terrenos ou em matérias nascidas da forma final (parágrafo nº 95).

Voltando novamente à parte narrativa desse livro, Adão é instruído sobre a natureza da verdadeira sabedoria por inteligências celestiais. O líder dos sábios celestiais lhe ensina que as coisas supremas, ou coisas de ordenação superior, fluem para coisas inferiores e estas para coisas finais; porém, o vice-versa não acontece; por conseguinte, as coisas inferiores recebem seus poderes e perfeições; daí fluem todas as suas habilidades e qualidades. Quando essa ordem é estabelecida, não há nada complicado e obscuro que não possa ser explicado e destrinchado, pois é a própria luz que vê e a própria força viva que atua. Mas o contrário aconteceria se essa ordem fosse invertida, ou seja, se fosse dada à natureza a liberdade de adentrar, sem sair, os mais excelsos e sagrados recessos de vida” (parágrafo nº 66).

A obra *De Cultu et Amore Dei* está repleta de profundos pensamentos e reflexões, mas podemos destacar somente um ou dois de natureza aforística:

Nós realmente vivemos e andamos aqui como em pequenos universos e carregamos o céu e o mundo, conseqüentemente o reino de Deus, em nós mesmos (parágrafo nº 70).

O amor, quando é ardente, não deseja nada com mais veemência ou nada busca mais intensamente do que uma conexão de sua natureza; que pode ser de outrem e não de si próprio e tomando como seu tudo que é refletido em si próprio (parágrafo nº 80).

O que é vida? Não é compreender o que é verdadeiro e cultivar o que é bom? (parágrafo nº 74).

A vida ordenou a natureza para estar em harmonia com ela e exercer o poder em conformidade (parágrafo nº 66).

Portanto, eu oro para que não mergulhem nossas opiniões radicais em sofismas vazios, ou, antes, em meras sombras... indagando se nossas mentes e almas são materiais ou se são estendidas para ocupar espaços e se sua atividade deve ser medida por tempo ou pela velocidade do tempo ou coisa parecida; pois a matéria é apenas uma expressão cujos atributos e predicados precisam ser definidos absolutamente para todos os sentidos e compreensões, antes de poder ser demonstrada de acordo com a percepção pela qual aquelas formas e atividades devem ser compreendidas” (Nota ao parágrafo nº 53).

Esses excertos dão ao leitor uma idéia do alto sentido filosófico desse livro. Sob o ponto de vista teológico, parece ser mais ou menos ortodoxo; a doutrina da Trindade parece ser aceita e até a da substituição, que mais tarde foi repudiada por seu próprio autor. Swedenborg, até então, não tinha a menor idéia de sua missão teológica; seu objetivo neste e em outros tratados filosóficos foi estabelecer a origem Divina da criação e a realidade das coisas espirituais. Entretanto, estava cioso da necessidade de profundas reformas na Igreja, como sugere a alegórica descrição da situação eclesiástica inserida no final da 1ª parte.

A obra *De Cultu et Amore Dei* marca a transição de Swedenborg — da especulação filosófica para a percepção espiritual. Como ressaltou o editor da tradução inglesa da obra *Æconomia Regni*

Animalis em sua introdução àquela obra: “Aqui termina seu repertório de especulações fisiológicas e filosóficas. Doravante, entende a alma não através das lentes escuras da ciência, das brumas da filosofia, das cortinas da natureza, mas de um modo mais sutil e doméstico, através da visão e experiência espirituais, perfeitamente apreendidas por uma mente preparada ou espiritual” (Pp. XVI, XVII).

Cap. 5 - Entre dois mundos

As obras *Æconomia Regni Animalis* (3ª. parte) e *De Cultu et Amore Dei* (1ª. e 2ª. partes) foram publicadas em 1745. Em 1749 foi publicado o primeiro volume da obra *Arcanos Celestes*. O contraste entre esse último livro e toda a sua obra anterior não poderia ser mais flagrante. O estilo literário foi substituído por uma prosa simples; a especulação filosófica deu lugar a afirmativas categóricas em matérias espirituais, embora sem indícios de personalismo, enquanto a ortodoxia teológica é substituída pelo distinto sistema de doutrina a que o nome do autor está, usualmente, associado. Os mesmos assuntos — a Criação e a história dos primórdios da raça humana — são tratados nas obras *Arcanos Celestes* e *De Cultu et Amore Dei*, mas a abordagem é totalmente distinta. Na primeira obra, a história da criação é aceita como história literária, embora livremente interpretada segundo as idéias especulativas do autor; no novo livro, é vista como uma alegoria Divina, cuja única interpretação plausível é comprovadamente espiritual. Seria esse o cerne dessa formidável mudança? A resposta é dada por Swedenborg no parágrafo final da introdução à obra *Arcanos Celestes*. Depois de afirmar que a Sagrada Escritura contém um sentido espiritual, acrescenta:

“...não há o menor vocábulo que não represente, signifique e envolva [algo espiritual]. Mas nenhum mortal jamais pode saber que a coisa é assim, a não ser pelo Senhor. Por isso é permitido manifestar de antemão que, pela Divina Misericórdia do Senhor, foi-me concedido estar, agora desde alguns anos, continuamente e sem interrupção, em associação com espíritos e anjos, ouvi-los falar e falar igualmente com eles. Daí foi dado ouvir e ver coisas surpreendentes que há na outra vida, que nunca vieram ao conhecimento ou à idéia de homem algum. Lá fui instruído sobre espíritos de diversos gêneros; sobre o estado das almas depois da morte, sobre o inferno, ou o estado lamentável dos infiéis; sobre o céu, ou o estado felicíssimo dos fiéis; e,

principalmente, sobre a doutrina da Fé que é reconhecida no céu universal. Pela Divina Misericórdia do Senhor, muitas coisas sobre estes assuntos serão ditas na seqüência. (Arcanos Celestes, 4,5)

Para muitas pessoas, essa extraordinária afirmação é tida como um indício de aberração mental; porém, a maioria daqueles que estudaram a fundo as obras posteriores do autor não hesita em aceitá-la integralmente. Não vêem outra maneira de explicar o alto grau de percepção espiritual que essas obras contêm. Não é nossa intenção discutir aqui a validade dessa premissa, mas o leitor está convidado a participar da mais fantástica revelação psicológica jamais vista pelo homem: o registro, segundo o próprio Swedenborg, da gradual abertura de sua visão espiritual.

Aceitando-se a possibilidade de introdução no mundo dos espíritos, não poderíamos imaginar que isso tivesse ocorrido de súbito, sem preparação e sinais premonitórios. Se aceitarmos a versão do próprio Swedenborg, essas preparações e sinais de premonição não faltaram. Com efeito, no fim de sua vida, em sua última obra publicada, intitulada *Verdadeira Religião Cristã*, escrita em 1770 / 1771, declarou que tinha sido preparado desde a sua infância para a missão que Deus iria lhe incumbir; embora somente em 1743 começasse a ter indicações da grande mudança que iria ocorrer em sua vida.

É evidente que, ao pedir licença ao Conselho de Mineração para viajar ao exterior onde iria lançar sua obra *Æconomia Regni Animalis*, no princípio daquele mesmo ano, Swedenborg não tinha nenhuma idéia da revolução que iria ocorrer em sua vida.

Numa conversa com Carl Robsahm, muitos anos mais tarde, comentou: “De minha parte nunca suspeitei que iria atingir o estado espiritual em que estou agora; mas o Senhor me escolheu para essa tarefa de revelar o significado espiritual das Sagradas Escrituras, conforme Ele havia prometido nos Profetas e no livro do *Apocalipse*. Até então, tinha-me dedicado a explorar a natureza, a química e as ciências da mineração e da anatomia”.

Em carta escrita ao Reverendo Thomas Hartley, quase no fim de sua vida, Swedenborg indica que sua visão espiritual começou a ser aberta em 1743. Mas somente em abril de 1745, segundo seu próprio

depoimento, estabeleceu comunicação com anjos e espíritos, falando com eles como de homem para homem.

Não há dúvida de que o processo de introdução no mundo espiritual foi paulatino; em *Adversaria*, nº 183, Swedenborg escreve: “Inicialmente tive sonhos que se estenderam por vários anos, antes de eu saber seu significado real”; e no seu *Diário Espiritual* nº 2951, ele nos fala sobre sonhos notáveis, visões e luzes extraordinárias, vozes e, finalmente, a conversa direta com um “certo espírito”, enquanto em sua obra *O Céu e o Inferno*, nº 130, lemos a seguinte referência à luz espiritual nos Céus:

Fui interiormente elevado nessa luz, por graus; e à proporção que eu era elevado, meu entendimento era iluminado a tal ponto que eu percebia coisas que não tinha percebido antes e, finalmente, coisas que não poderiam mesmo ser compreendidas pelo pensamento segundo a luz natural.

Swedenborg manteve um diário pessoal de todas essas experiências, durante algum tempo. A existência desse diário só foi conhecida em 1858, quando seu manuscrito foi adquirido pela Biblioteca Real de Estocolmo. O diário estava em mãos do Professor Scheringson, de Vasteras, que morreu em 1849, aos noventa anos, e permaneceu durante dez anos escondido entre seus papéis. O Bibliotecário Real, G. E. Klemming, publicou o diário em 1859, com o título *Sonhos de Swedenborg — 1774*; a publicação do diário provocou grande controvérsia entre os discípulos do vidente. Alguns duvidaram de sua autenticidade; outros questionaram a sabedoria e a justiça de se dar a público um diário tão pessoal; mas a autenticidade do documento está amplamente comprovada e seu valor como um estudo psicológico ímpar serve de justificativa para a revelação dessas confissões íntimas, embora alguns registros tenham sido alvo de severas críticas.

Vamos, portanto, respeitosamente examinar esse diário solene, ciosos de que “estamos penetrando os segredos interiores da vida de um homem, com a profundidade e abrangência jamais observadas com relação a nenhum outro homem”.

Embora o diário abranja o curto período de 24 de março a 27 de outubro de 1744, englobando, ainda, um breve registro de sonhos anteriores, dá-nos um retrato integral de uma alma desnuda. Nenhum padre

jamais escutou confissão mais sincera ou deu perdão a um penitente mais humilde. Já vimos quão honesta e reta foi sua vida perante o mundo; no entanto, esse mesmo homem se prostra perante seu Senhor como o mais vil e imprestável dos mortais. Embora não tivesse sido culpado de nenhum pecado flagrante, sabia que os desejos pecaminosos ainda persistiam dentro dele, como persistem em todos nós, prontos para sucumbir às tentações; e que pensamentos desviados levam à luxúria, orgulho e autoconfiança. Os demônios mais perigosos não são aqueles que se exteriorizam; as doenças insidiosas e fatais geralmente atacam um organismo aparentemente saudável. Somente através de intensas tentações pode-se extirpar os demônios; Swedenborg, certamente, experimentou todas essas tentações.

Aparentemente, a maioria das experiências citadas no diário ocorreu durante a noite, daí seu método de datá-las. Durante o dia se portava como qualquer homem comum. “Todo o tempo”, diz, “frequentava a sociedade como sempre o fiz e ninguém notava nada de diferente em mim”.

Descobri [Swedenborg escreve na noite do dia 7 para o dia 8 de abril] que eu era menos merecedor do que os outros e o maior dos pecadores; por esse motivo, nosso Senhor permitiu que meu pensamento penetrasse em certas coisas mais profundamente do que os outros; descobri, também, que a fonte desses pecados está nos pensamentos que trago dentro de mim; assim, descobri que meus pecados têm uma origem muito mais profunda que a dos outros; e, portanto, descobri minha inutilidade e que meus pecados eram maiores do que os dos outros homens.

O orgulho intelectual parece ter sido uma de suas faltas mais flagrantes; nessa mesma data, escreve: “Vi uma livraria e, imediatamente me veio a idéia de que minha obra teria maior repercussão do que a de outros; entretanto, logo me dei conta de meu erro. Porque um serve ao outro, e o Senhor tem muitos modos de preparar um homem, de sorte que todo e qualquer livro deve ter seus próprios méritos, como meio próximo ou remoto, de acordo com a condição racional de cada homem. Contudo, a arrogância se faz sempre presente em nós. Que Deus a controle, pois Ele tem esse poder em Suas mãos!”

Em outra ocasião, Swedenborg estava assistindo a uma conferência no Colégio Real de Medicina de Londres, quando, “levado pelo impulso”, diz, “cometi a leviandade de pensar que meu nome deveria estar entre os dos eminentes anatomistas citados; porém, fiquei satisfeito ao verificar que isso não aconteceu”.

Da noite do dia 8 para o dia 9 de abril, lemos: *Eu roguei a misericórdia de Cristo para tanto orgulho e arrogância de que tanto me lisonjeava*”.

No registro da noite do dia 13 para o dia 14 de abril, confessa: *Estou sempre inclinado a me gabar por meu trabalho*. Alguns meses depois (na noite de 6 para 7 de outubro) escreve:

Depois, refleti sobre esses pensamentos e recebi a instrução de que o amor por qualquer objeto, como, por exemplo, pelo trabalho com que atualmente me ocupo, sempre que esse objeto for amado por si só e não como um veículo do único amor, o amor a Deus e a Jesus Cristo, é um amor espúrio.

Em várias ocasiões, admite que esteve inclinado a resistir à vontade de Deus e seguir seu próprio curso. Na noite de 10 para 11 de abril, Swedenborg escreve:

Havia algo em mim que rejeitava a idéia de me sujeitar à vontade de Deus, como era meu dever; assim, eu O deixei agir para comigo de acordo com Seu bel-prazer.

Swedenborg sentiu que sua vida iria passar por uma grande mudança e que uma missão nova e mais alta estava diante dele. Todavia, relutava em deixar seus estudos filosóficos, que lhe davam tanto prazer e que já lhe tinham proporcionado certa notoriedade. Mesmo assim, achou que esse sacrifício tinha que ser feito, caso aceitasse a missão que lhe estava sendo oferecida.

A vaidade intelectual não era a única forma de tentação a que Swedenborg estava sujeito. As profundezas de sua alma estavam tão assediadas por esses pensamentos, que se sentia “em contínuo estado pecaminoso”. No registro da noite de 11 para 12 de abril, escreve:

Notei, em minhas reflexões, que todos os meus pensamentos, mesmo os que consideramos puros, continham uma boa dose de pecado e impurezas... o mesmo acontecia com todos os desejos que fluí-

am do corpo para a mente; esses emanavam de raízes muito profundas. Embora um pensamento possa parecer puro, é fato que uma pessoa pode pensar de determinada maneira levada por timidez, hipocrisia e muitas outras causas, como podemos determinar através da exploração de seus pensamentos; sob esse aspecto, o homem é incapaz de se livrar do pecado, pois não há um só pensamento que não esteja ligado com a sujeira e a impureza. Com efeito, já observei que nossa vontade integral, na qual nascemos e que é governada pelo corpo e introduz pensamentos, é antagônica ao espírito; portanto, estamos mortos para o bem e sempre propensos a praticar o mal.

Mesmo suas virtudes eram fonte de tentação.

Durante minhas constantes reflexões, ocorreu-me que alguém poderia considerar-me um santo e, por isso, me ter em ótima reputação; supuz também que, como geralmente acontece às pessoas humildes, essa pessoa passasse, não só a me venerar como a me adorar como se eu fosse um homem sagrado ou santo; nesse caso, cheguei à conclusão que na minha devoção eu estava disposto a infligir a essa pessoa o mais cruel sofrimento, para não deixar que ela caísse no pecado. Vi, também, que precisava rogar ao Senhor, com as preces mais fervorosas, para que não me fosse imputada qualquer culpa por pecado tão deplorável (noite de 7 para 8 de abril).

Swedenborg experimentou o conflito da carne contra o espírito, sob forte tentação; e acreditava que suas tentações vinham de uma fonte exterior. Às vezes, chegava a pensar estar possuído por espíritos malignos que tentavam levá-lo a cometer atos pecaminosos, o que repelia; contudo, nunca perdeu a fé e a coragem, e orava muito para se livrar desses espíritos. Também percebeu que suas preces eram atendidas e ascendia das profundezas da depressão para os píncaros da vitória consciente. Após um período de “intensa tentação”, quando mal podia controlar os impulsos pecaminosos que lhe vinham à mente, escreveu:

No entanto, posso afirmar que nunca tive tanta coragem quanto hoje e que não estou nem um pouco desanimado ou magoado como antes, embora as tentações tenham sido intensas. A razão disso é a inabalável fé e autoconfiança que o Senhor me deu; Ele me ajuda

em nome de Jesus Cristo e segundo Sua própria promessa, para que eu experimente o efeito dessa fé (noite de 19 para 20 de abril).

Sentindo-se sob a proteção das mãos de Deus, Swedenborg submeteu-se, tranqüilamente, a todas essas provações e disciplinou-se com a severidade de um santo medieval.

Passei o dia 9 de abril orando, cantando hinos de louvor, lendo a Palavra de Deus e jejuando; exceto pela manhã, quando estive ocupado com outros misteres.

Embora Swedenborg tivesse freqüentemente períodos de tristeza e depressão, também tinha seus períodos de exaltação.

Usufruo tanto da graça do Senhor, quando resolvo permanecer com meus pensamentos em estado de pureza, que sinto uma alegria interior. Não me foi permitido revelar a grande quantidade de graças com que fui aquinhado; pois percebi que isso levaria as pessoas a pensarem favorável ou desfavoravelmente sobre mim, de acordo com sua simpatia por mim; por outro lado, não seria produtivo servir-me da glorificação da graça de Deus para cultivar meu amor próprio.

A melhor analogia que poderia fazer de mim é a de um camponês elevado à posição de príncipe ou rei para que possa fazer o que bem entender, e, no entanto, descobre que há alguma coisa nele que desejou dizer-lhe que ele não sabia nada. Essa analogia nos mostra que é a mão d'Ele [Deus] o que motiva essa grande alegria (noite de 7 para 8 de abril).

Dia após dia, Swedenborg suplica pela graça da humildade ou dá graças por ter alcançado esse estado de humildade. Descrevendo uma de suas tentações, diz:

Aprendi que a única coisa a fazer neste estado — e não conheço outro — é agradecer humildemente a Deus por Sua graça e rogar por ela; e reconhecer nossa própria inutilidade e a infinita graça de Deus.

E acrescenta: *Freqüentemente me esvaio em lágrimas, não de tristeza, mas de alegria interior pela graça concedida por Deus a este vil pecador; pois descobri que o que é necessário é prostrar-nos com toda a humildade ante a graça do Senhor, reconhecendo nossa pró-*

pria iniquidade e agradecendo a Deus, com humildade, por Sua imensa graça (noite de 7 para 8 de abril).

Cumprir a vontade de Deus tornou-se o desejo de seu coração. Escreve: *Meu motto é o cumprimento da vontade de Deus. Pertença a Ele, não a mim. Portanto, eu me doei ao Senhor para que Ele dispo-nha de mim como melhor entender.*

E acrescenta: *Oro a Deus para que eu não me pertença, mas que Deus se compraza em me possuir.*

Descrevendo uma visão em que viu uma profusão de ouro, diz: *Isso denota que o Senhor, dono de todas as coisas, me concede todas as coisas espirituais e terrenas de que necessito, sempre que, tal qual uma criança, me entrego aos Seus cuidados.*

Em toda a sua obra Swedenborg se define “apenas como um instrumento”. Sua consciência da liderança Divina ficou mais forte com o passar do tempo. Na noite de 12 a 13 de outubro, escreveu: *Descobri que estou em tal estado que não sei nada sobre a religião.* E, no dia anterior, escreveu: *Não tenho nenhum conhecimento de religião; perdi-o por completo.*

Foi necessário que se despojasse de toda a vontade própria e das idéias preconcebidas, antes de se tornar um instrumento adequado para o trabalho que lhe seria incumbido. Esses sonhos e visões eram, freqüentemente, seguidos de violentos tremores, prostração, transes, suores e, pelo menos numa ocasião, vertigem. Durante esses episódios, Swedenborg imergia em um sono sobrenatural, por períodos de dez a treze horas. Seu sistema nervoso estava, indubitavelmente, extenuado com toda essa pressão, já que durante o dia continuava se dedicando ao trabalho literário; e a Natureza exercia sua demanda. Podemos compreender porque freqüentemente passava por seus amigos na rua e sequer percebia seus cumprimentos.

O leitor há de dizer que tais coisas são comuns a todos os entusiastas. Concordo, porém Swedenborg era justamente o inverso do entusiasta e há aspectos de seu caso que diferem totalmente dessas experiências corriqueiras. Longe de ser uma vítima da excitação religiosa, Swedenborg estava constantemente observando e estudando suas próprias experiências com olhos de cientista. Sabia perfeitamente que as

peessoas eram levadas pela emoção a imaginar toda sorte de coisas e estava sempre precavido contra essas extravagâncias. Na noite de 6 para 7 de outubro, escreve: *Os seres humanos podem ser facilmente desencaminhados por outros tipos de espíritos (por exemplo, espíritos malignos) que se apresentam aos homens segundo a qualidade do amor de cada um.*

Sobre uma de suas visões, escreve: *Nosso Senhor sabe melhor o que tudo isso significa.* E continuando: *Deus não permite que eu me equivoque sobre isso; acredito que não me equivocarei.*

Após uma noite de sonhos horríveis e tremores do corpo, escreve: *Comecei a questionar se tudo isso não passava de mera fantasia.*

Parece evidente, portanto, que não estava sendo levado por sua imaginação.

O caso de Swedenborg é realmente único. Podemos admitir que um ignorante, um fanático ou um débil mental confundam alucinações com a realidade; mas não um homem normal, um matemático e adepto da lógica, devoto das ciências naturais. Tampouco pode-se atribuir o ocorrido com Swedenborg a uma súbita “conversão”. E não há nenhum indício de enfraquecimento das faculdades mentais ou doença mental, pois na época em que esses fenômenos ocorriam, Swedenborg estava trabalhando na publicação e editoração de seus trabalhos filosóficos que foram reconhecidos pelos mais notáveis intelectuais de nosso tempo, como sendo o produto de admirável capacidade mental; note-se, ainda, que continuou a escrever e publicar seus trabalhos durante quase trinta anos, com uma integridade e consistência que levaram os estudiosos que os examinaram a concluir que extrapolavam os limites da sabedoria de um mortal. A explicação mais plausível parece ser a do próprio Swedenborg.

Há algo de comovente e belo na saga desse filósofo de meia-idade que renuncia a suas ambições e, em obediência ao chamado de Deus, abandona toda a sabedoria do mundo, que era seu próprio alimento. Esse amigo de reis e príncipes e ele próprio um príncipe intelectual, vivendo, agora, como um estranho em terra estranha, sozinho na escuridão da noite, despejando sua alma em orações a Deus e cantando hinos singelos, parecidos com os que aprendera no colo de sua

mãe. Um de seus hinos favoritos dizia: “Jesus é o meu melhor amigo”. É, realmente, uma admirável transformação.

Agora falemos um pouco de seus conhecimentos teológicos à época dessas revelações. Swedenborg foi educado na doutrina evangélica da Igreja Luterana e não parece ter questionado seus princípios até atingir a meia-idade, exceto no que se refere à fé, sobre a qual seu pai também tinha opinião divergente da de seus irmãos religiosos. Este diário mostra que Swedenborg se mantinha fiel a essa sua formação teológica. A doutrina da Trindade aparece repetidamente em sua obra; os ofícios de Pai, Filho e Espírito Santo são aceitos de maneira estritamente ortodoxa. Ora a Deus em nome de Jesus, e invoca o sangue e méritos do Salvador; implora para que não se confunda entendimento com matéria de fé, asseverando que “a fé está separada do nosso entendimento e reside acima dele”. Depois de seu esclarecimento integral, Swedenborg teve a visão de um magnífico templo no céu, em cujo portal havia a seguinte inscrição: “Agora é permitido entrar intelectualmente nos arcanos da fé” [*Verdadeira Religião Cristã* 508]; e Swedenborg estava sempre insistindo em que a fé é impossível onde a razão é ignorada.

Os indícios de sua transformação se faziam aparentes, principalmente no tocante à natureza e unidade de Deus e da suprema Divindade de Jesus Cristo. Em um dos primeiros registros de seu diário, lê-se: *Somente a Cristo, em quem reside a totalidade de Deus, devemos dirigir nossas preces. Ele é onipotente e o único Mediador*. E uma oração citada acima foi novamente posta em sua boca: “*Oh! Jesus Cristo, Todo poderoso*”.

A essa época ainda não tinha idéia da missão para a qual seria convocado, embora algumas passagens indiquem que tinha algumas premonições dela. Na noite de 21 para 22 de abril, escreve: *Como eu parecia tão distante de Deus e não podia pensar nEle de maneira suficientemente clara, cheguei a me perguntar se não seria melhor retornar à casa. No entanto, criei coragem e percebi que eu tinha vindo à Holanda para fazer aquilo que é o melhor de tudo e que eu tinha recebido o talento para propagar a glória de Deus; que o Espírito está comigo desde minha infância com esse propósito; portanto, eu seria indigno da vida se me afastasse do caminho traçado. Então,*

comecei a rir das seduções de riqueza, luxo e honrarias que tanto perseguira.

Esse admirável diário termina com o registro da noite de 26 para 27 de outubro; mas temos testemunhos de experiências posteriores em outros documentos. O mais importante desses é o depoimento de Carl Robsahm, sobre o relato do próprio Swedenborg a respeito da aparição do Senhor a ele, em abril de 1745. Não vemos necessidade de nos alongarmos em detalhes constantes de biografias anteriores; mas a parte final do depoimento é importante, pois marca o início da transformação da vida de Swedenborg. Essa experiência certamente irá determinar o caráter de seus anos vindouros.

Um homem lhe apareceu numa hospedaria logo após o jantar; ficou visivelmente alarmado com a súbita aparição. Segundo Robsahm, o relato de Swedenborg pode ser resumido assim:

Fui para casa e durante a noite o mesmo homem revelou-Se a mim novamente; desta vez não tive medo. Ele então me disse que era o Senhor Deus, o Criador do mundo, o Redentor; e que tinha me escolhido para explicar aos homens o sentido espiritual da Escritura, e que Ele próprio iria explicar-me o que eu deveria escrever sobre esse assunto. Naquela mesma noite me foram revelados, para que eu ficasse plenamente convencido de sua realidade, o mundo dos espíritos, o céu e o inferno, e reconheci em cada um desses lugares todas as situações da vida. A partir daquele dia eu abandonei todos os estudos de ciências mundanas e me dediquei às coisas do espírito, sobre as quais o Senhor me ordenou escrever. Daí por diante o Senhor abriu, diariamente, os olhos do meu espírito, de modo a que eu pudesse ver, em pleno dia, o outro mundo e, num estado de perfeita vigília, conversar com anjos e espíritos.

Um depoimento realmente notável, feito de modo claro e simples, sem qualquer traço de misticismo ou fanatismo. Para saber se Swedenborg foi realmente favorecido, basta consultarmos seus trabalhos, que são a única resposta satisfatória a essa pergunta.

Cap. 6 - Vidente e teólogo

Dentre as principais fontes de informações sobre o período transicional da vida de Swedenborg destacam-se suas obras *Adversaria*, um caderno de seus estudos bíblicos, escrito entre 1745 e 1747, e seu *Diário Espiritual*, onde estão registradas suas experiências diuturnas no convívio com os habitantes do mundo espiritual. Nenhum desses escritos foi publicado pelo próprio Swedenborg; portanto, não podemos julgá-los da mesma forma que julgamos aqueles que ele mesmo publicou. Esses escritos destinavam-se ao seu uso pessoal; porém, se os lermos com critério, e à luz de seus ensinamentos, eles se revelam muito interessantes e muito úteis para o entendimento de sua obra. Esses diários ainda revelam uma boa dose de incertezas teológicas, embora haja neles evidência de um crescente conhecimento e uma confiança absoluta em sua missão Divina.

A obra *Adversaria*, diz o Dr. R. L. Tafel, “é o segundo passo de Swedenborg em suas investigações a respeito da Palavra Divina. Na busca de seu sentido meramente literal, Swedenborg não passou do terceiro capítulo do Gênesis. Com efeito, voltou ao primeiro capítulo do Gênesis procurando descobrir em seu conteúdo, não a criação do mundo natural, mas a criação e o estabelecimento do Reino de Deus.

Agora já reconhecia a existência de um sentido interior na Palavra de Deus, como atesta este trecho de sua obra *Adversaria*:

Há no mosaico da criação um duplo significado das palavras, um sentido espiritual e um sentido natural, compreensível a todos os homens através da árvore da vida e da árvore do conhecimento no interior do jardim; pois a vida e o conhecimento são espirituais e, contudo, são atribuídos a uma árvore sob o pretexto de que tudo o que emana das partes fundamentais da natureza, que supostamente é derivativo do céu, empresta um cunho celestial ao que é terreno ou algo de espiritual ao que é natural; e isso decorre do fato de que tudo o que está representado na mente Divina só pode ser realmente exe-

cutado nas partes fundamentais da natureza e lá serem formadas, segundo a idéia do céu. Isso, portanto, resulta numa correspondência entre todas as coisas, a qual, com a permissão Divina, iremos acompanhar em sua própria ordenação.

A obra *Adversaria* ilustra bem o formidável dinamismo de Swedenborg. Escrita num período de dois anos e publicada, em nove volumes, pelo Dr. Immanuel Tafel, Professor de Filosofia e Bibliotecário da Universidade de Tubingen, entre 1842 e 1854, é considerada um *tour-de-force* sem paralelo na história da literatura.

Nessa mesma época Swedenborg estava ocupado com sua copiosa catalogação bíblica, compreendendo duas mil páginas, um índice referencial de concordância de passagens, um dicionário de correspondências e outras notas. Tudo isso serviu de preparativo para seus futuros trabalhos.

O *Diário Espiritual* contém registros de um grande número de coisas ouvidas e vistas por Swedenborg no mundo espiritual, juntamente com muitas explicações doutrinárias das mesmas ou por elas suscitadas. O diário compreende o período de fevereiro de 1747 a 29 de abril de 1765; mas os registros não estão cronologicamente ordenados e alguns estão sem data. A primeira parte, compreendendo o período até 9 de outubro de 1747, está faltando, e a natureza de seu conteúdo só é conhecida pelo índice da obra.

O caráter do *Diário Espiritual* é muito diferente do *Diário dos Sonhos* a que já nos referimos. Ao invés de sonhos estranhos e visões incompreensíveis ou vagamente inteligíveis, temos um relato sóbrio de coisas vistas e ouvidas que, embora extraordinárias em alguns casos, não causam perplexidade ao espectador e ouvinte. É como o diário de uma viagem a um país desconhecido.

Para a maioria dos leitores não-iniciados o *Diário Espiritual* parecerá estranho e não convincente. Mas é óbvio que qualquer relato de experiências dessa natureza será, necessariamente, incrível para a maioria das pessoas e mais ou menos estranho para todos. Para compreendê-lo, faz-se necessário familiarizar-se com a filosofia espiritual do autor. É lamentável que muitas pessoas tenham tomado conhecimento superficial de Swedenborg pelos seus diários pessoais, cujo conteúdo eles não tinham condição de entender, por ignorarem seus ensinamentos

sistemáticos. Daí essas pessoas o terem julgado excêntrico e visionário, e afirmarem que há muito pouco a aprender com ele. Porém, se examinados a partir dos subsídios doutrinários adequados, esses registros são muito interessantes e merecedores da nossa melhor atenção. O leitor que estiver disposto a receber esse embasamento, deixando de lado quaisquer preconceitos, terá diante de si a realidade da vida espiritual, apresentada de forma enfática e racional, muito distinta das fantasias de Dante e Milton. O leitor poderá formar um juízo racional sobre o assunto, se tiver presente que o que está lendo são registros pessoais de experiências extraordinárias. Mas, para julgar o homem Swedenborg, é necessário conhecer mais a respeito de sua vida e obra.

Swedenborg permaneceu no cargo de Assessor do Conselho Real de Mineração até meados de 1747, quando se aposentou com uma pensão equivalente à metade de seu salário. A documentação referente à sua aposentadoria, que está preservada, é de grande importância para atestar sua sanidade e capacidade mental à época em que ocorriam as extraordinárias experiências que acabamos de relatar.

Na época de Swedenborg, o Conselho de Mineração consistia de um presidente, que pertencia à alta nobreza, dois conselheiros e uns seis assessores.

Na primavera de 1747, portanto mais de dois anos depois de sua intromissão integral no mundo do além, um dos conselheiros se aposentou e Swedenborg foi unanimemente indicado por seus pares para substituí-lo. Ao invés de aceitar a designação, Swedenborg dirigiu memorial ao Rei, datado de 2 de junho de 1747, nos seguintes termos:

“Mui poderoso e gracioso Rei,

“O Conselho de Mineração de Vossa Majestade submeteu à sua alta consideração minha nomeação para o cargo vacante de Conselheiro de Mineração. Como me considero obrigado a levar a cabo o trabalho a que atualmente estou dedicado, venho humildemente solicitar que Vossa Majestade nomeie outra pessoa para aquele cargo e, generosamente, me dispense das minhas funções.

“É meu desejo que Vossa Majestade me dispense dessas funções sem me promover a nenhum cargo hierarquicamente superior (...) Finalmente, venho pedir a Vossa Majestade que me conceda me-

tade de meus salários a título de proventos de aposentadoria e me dê autorização para viajar ao exterior, onde darei continuidade ao trabalho de que ora me ocupo. Renovo à Vossa Majestade, mui generoso Soberano, meus protestos de lealdade e humildade (Ass.) Emanuel Swedenborg”.

O decreto real dispensando Swedenborg do cargo que exerceu com grande distinção, e concedendo-lhe pensão equivalente à metade de seu salário, foi publicado a 12 de junho e encaminhado ao Conselho de Mineração no dia 15.

Todos os membros do Conselho manifestaram seu pesar pela perda de tão eminente colega e solicitaram que o Sr. Swedenborg permanecesse no cargo até que todos os casos em tramitação durante sua gestão no Conselho fossem decididos. Swedenborg prontamente acedeu a esse pedido” (Ata do Conselho, em 15 de junho de 1747).

A última participação de Swedenborg no Conselho de Mineração se deu a 17 de junho de 1747. Na ata da sessão consta a seguinte menção:

O Assessor Swedenborg, que tenciona viajar para o exterior o mais breve possível, obteve aposentadoria de seu cargo neste Conselho. Neste ensejo, deseja expressar a seus colegas do Conselho seus mais penhorados agradecimentos por seu generoso apoio e consideração durante o período em que esteve no exercício do cargo.

O Conselho Real agradeceu ao ilustre Assessor pela eficiência e fidelidade com que se desincumbiu de suas funções de Assessor deste Conselho e lhe desejou uma viagem profícua e um feliz retorno. O Sr. Swedenborg retirou-se em seguida.

A associação de Swedenborg com o Conselho de Mineração termina justamente nessa data. Suas razões para aposentar-se ainda em pleno vigor da vida não se deveram somente ao fato de precisar dedicar todo o seu tempo ao seu novo trabalho, mas também porque sua mente não podia estar voltada para coisas terrenas, pois as influências espirituais que agora o guiavam se retraíam à medida que se voltasse para atividades mundanas. Em seu *Diário Espiritual*, no registro do dia 4 de março de 1748, Swedenborg escreve:

Considerando que já permaneço há quase três anos ou trinta e seis meses naquele estado em que, estando minha mente desligada das coisas corporais, posso estar nas sociedades espirituais e dos espíritos celestiais e, ao mesmo tempo, permanecer como qualquer outro homem na sociedade hominal, sem qualquer distinção; quando, entretanto, meu pensamento se volta para as coisas mundanas, como, por exemplo, preocupações de ordem financeira, me sinto numa dimensão corporal que impede os espíritos de conversarem comigo, pois, como eles mesmos me disseram, eles se ausentam de mim. Um caso semelhante ocorreu anteriormente; portanto, estou certo de que os espíritos não se podem comunicar com um homem devotado a mistérios mundanos e corporais, pois as coisas do corpo rebaixam as idéias da mente e as imergem em coisas corporais.

Ninguém mais do que Swedenborg enfatizou a necessidade de uma vida terrena ativa como condição para uma vida religiosa saudável e como preventivo de desilusões às vezes provocadas por espíritos malignos; mas seu caso era paranormal, como ele próprio frisou. Swedenborg não se retirou do mundo para uma vida de contemplação solitária ou para buscar sua própria salvação, e sim por entender que a missão para a qual fora convocado exigiria a totalidade de seu tempo e de suas energias.

Embora não haja nenhum registro da data de sua partida, sabe-se que isso ocorreu pouco depois de sua aposentadoria. Como mostra um registro de um de seus diários de viagem, estava na Holanda em novembro de 1747 e lá permaneceu até outubro de 1748. Registros posteriores indicam que esteve hospedado em Londres a partir de 23 de novembro de 1748, pagando aluguel de seis xelins por semana, pelo período de seis meses; uma quantia modesta para um eminente filósofo, amigo de nobres e reis.

Swedenborg viajou a Londres para tratar da publicação do primeiro volume de sua obra *Arcanos Celestes*, uma explanação do sentido espiritual do Gênesis e do Êxodo. A obra foi publicada, apócrifamente, por John Lewis, de Paternoster Row e, certamente, foi um fracasso de vendagem. Um registro sem data do *Diário Espiritual* (nº 4422), provavelmente de setembro ou outubro de 1749, informa que somente dois livros foram vendidos num período de dois meses; isso já

era de esperar numa época de muito ceticismo e apatia. O livro, publicado em latim, somente atraía a atenção das pessoas mais cultas, que, certamente, não iam dar atenção às elucubrações de um estrangeiro anônimo. Todavia, as poucas pessoas que leram o livro devem ter ficado atônitas com seu conteúdo; certamente, nunca tinham lido nada igual!

Um prefácio sucinto sustenta o conteúdo espiritual das Escrituras Sagradas e mostra que, sem um conhecimento de seu significado interno, “elas seriam como corpos sem alma.”

Pelo sentido da letra, só, quando a mente a ele se adere, não se pode ver em parte alguma que esse sentido contém tais coisas; como esta primeira parte de Gênesis: pelo sentido da letra não se pode em parte alguma conhecer outra coisa senão que aí se trata da criação do mundo e do jardim do Éden que é chamado Paraíso, e, depois, de Adão como o primeiro homem criado. Quem pensa outra coisa? Mas que estas coisas contêm arcanos que ainda não foram revelados em parte alguma, pode-se ver muito bem pelo que se segue. Que, por exemplo, o primeiro capítulo de Gênesis trata, no sentido interno, da nova criação do homem ou de sua regeneração em geral, e da Igreja Antiquíssima em particular. E, na verdade, é assim: não há o menor vocábulo que não represente, signifique e envolva [algo espiritual].

Como teremos oportunidade de analisar o conteúdo dos *Arcanos Celestes* em outro trecho, não vemos necessidade de alongarmos nossos comentários sobre eles. Desejamos, contudo, salientar a acentuada diferença entre a natureza de suas proposições e aquelas contidas nas obras *Diário Espiritual*, *Adversaria* etc. Aqui não há hesitação, incerteza ou dúvida, mas uma calma revelação da verdade positiva. Notamos uma mudança em alguns dos termos empregados que agora estão cristalizados nas formas em que aparecerão na longa série de suas obras posteriores. Assim, a denominação do Divino Salvador que aparece na obra *De Cultu et Amore Dei* foi o “Filho Unigênito” ou “Filho de Deus”; na primeira parte de sua obra *Diário Espiritual*, bem como na maior parte da obra *Adversaria*, ele fala do “Deus-Messias”, enquanto na obra *Arcanos Celestes* e em todos os escritos posteriores usa o termo “Senhor”. No início de sua explanação do sentido interno do *Gênesis*, Swedenborg escreve:

No trabalho seguinte o termo “Senhor” é usado exclusivamente na aceção de Jesus Cristo, o Salvador do mundo, chamado de “o Senhor”; sem outras denominações. Ele é reconhecido e adorado como Senhor por todo o céu, porque detém todo o poder no céu e na terra (nº 14).

Essa doutrina da exclusiva Divindade de Jesus Cristo é o ponto-chave de toda a teologia de Swedenborg.

No livro *A Vida e a Missão de Emanuel Swedenborg*, à página 272, o Sr. Benjamin Worcester assinala que “o estilo da obra *Arcanos Celestes* difere do da primeira edição da obra *Adversaria*. Agora já não se trata de um explorador apenas descobrindo ou em vias de descobrir ou apenas ouvindo coisas inteiramente novas para ele. Trata-se de um mestre, cheio de conhecimentos que se tornaram familiares a ele e que estão à sua disposição, e dos quais escolhe o que é mais adequado e inteligível para seus leitores. Agora já não tem dúvidas sobre a correção e a validade de seus escritos. E torna-se evidente que está escrevendo sob uma autoridade claramente reconhecida. Mesmo assim, o estudante zeloso ainda vai achar alguns pequenos pontos, uns poucos maravilhosos pontos nos quais as experiências do autor ao longo dos vinte anos seguintes determinaram maior clareza e pequenas modificações.”

O segundo volume da obra *Arcanos Celestes* foi publicado em 1750, em latim e inglês, e foi amplamente anunciada pelo editor. “Este trabalho”, dizia o anúncio, “pretende ser uma ampla explanação da Bíblia, jamais tentada em qualquer outro idioma. O autor é um estrangeiro culto que escreveu e publicou o primeiro volume dessa mesma obra no ano passado, todo em latim; esse livro é encontrado na minha loja de Paternoster Row, como já mencionado. E sobre o autor podemos dizer que descobriu um novo caminho através deste abismo profundo que nenhum homem jamais conheceu; deixou todos os estudiosos e comentaristas estupefatos; não interfere ou se mistura com nenhum deles; seus pensamentos são exclusivamente seus; e a sublime e engenhosa explicação que deu a todas as passagens das Escrituras não foram copiadas de nenhum outro homem; portanto, até sob esse ponto de vista, ele merece a admiração do mundo culto.”

Sabe-se que a obra foi editada em estilo pomposo e vendida a preço muito módico. Era desejo do autor que tal acontecesse, pois não ambicionava a lucro ou encorajamento para continuar seu louvável trabalho.

Embora as vendas tenham sido uma decepção, a publicação da obra continuou a ser feita, anualmente, volume por volume, até sua conclusão em 1756, perfazendo oito volumes, todos em latim, exceto, como já foi dito, o segundo volume, publicado com uma tradução inglesa.

Entrementes, Swedenborg ganhava mais experiência e planejava novos trabalhos. Passava a maior parte do tempo em Estocolmo e remetia os manuscritos para o Sr. Lewis, em Londres. Tinha participação significativa no Parlamento de sua pátria e vivia entre amigos que sequer sabiam de suas experiências extraordinárias ou que era ele o autor daqueles estranhos tomos em latim.

Em 1758, Swedenborg retornou a Londres, onde publicou quatro pequenos trabalhos: as *Terras no Universo*; *O Juízo Final*; *A Nova Jerusalém e Sua Doutrina Celeste*, um tratado intitulado *O Cavalo Branco do Apocalipse* e um outro trabalho, talvez a mais densa de suas obras, intitulado *O Céu e o Inferno*. Todos esses livros tiveram grande repercussão e despertaram muita curiosidade. Entre 1757 e 1759, Swedenborg começou a escrever uma volumosa explanação do Apocalipse, parecida com a obra *Arcanos Celestes*, mas não chegou a concluir o Capítulo XIX. Esse livro nunca chegou a ser concluído e, mais tarde, foi substituído por um livro menor, intitulado *Apocalipse Revelado*. Uma versão daquela primeira obra inacabada foi publicada, postumamente, na sua versão inglesa, sob o título *Apocalipse Explicado*, perfazendo seis volumes, que despertou o entusiasmo dos estudiosos de Swedenborg por seu conteúdo predominantemente exegético.

Na primavera de 1762, este admirável senhor de 74 anos partiu em nova expedição, desta feita a Amsterdam, para onde iria transferir a publicação de suas obras, provavelmente, como sugere o Dr. Tafel, em virtude da rejeição de seus ensinamentos pelo clero e pelos intelectuais ingleses. Com efeito, ele não publicou nenhuma outra obra de vulto na Inglaterra, com exceção de um panfleto intitulado *A Interação da Alma e o Corpo*, publicado em 1769.

Em Amsterdam foram publicadas as seguintes obras: *Doutrina do Senhor*; *Doutrina da Escritura Santa*; *Doutrina de Vida*; *Doutrina da Fé*; *Continuação sobre o Juízo Final*; *Sabedoria Angélica*, todos em 1763. No ano seguinte foi publicada a *Divina Providência*; em 1766 a obra *Apocalipse Revelado*; em 1768 a obra *Amor Conjugal*, o primeiro de seus escritos revelatórios que levaram o nome de Swedenborg; em 1769 foi publicada a obra *Exposição Sumária das Doutrinas da Nova Igreja* e, finalmente, em 1771, a obra *Verdadeira Religião Cristã*. Todos esses tratados, a exemplo de todos os seus tratados teológicos, foram escritos em latim.

Duas outras obras de natureza totalmente distinta, que demonstram seu contínuo interesse por coisas terrenas, podem ser incluídas no rol das obras publicadas durante esse período: um trabalho sobre o entalhe do mármore, escrito em sueco e publicado nos anais da Academia Real de Ciências da Suécia, em abril, maio e junho de 1763, e *Novo Método para Determinar a Longitude dos Lugares na Terra e no Mar*, publicado em 1776, em Amsterdam.

Todas essas edições impuseram a Swedenborg inúmeras viagens entre a Suécia, a Holanda e a Inglaterra, que transcorreram sem qualquer problema ao longo do período que vai de seus setenta e quatro a oitenta e quatro anos. Somente sua inabalável convicção da Divindade de sua missão poderia tê-lo induzido a, naquela altura da vida, enfrentar os perigos e percalços de viagens marítimas e terrestres e a suportar as agruras de uma vida no exílio. Quando iniciou sua última expedição, Swedenborg estava com 83 anos e plenamente confiante de levar sua missão a bom termo sob a proteção de Deus. Swedenborg ainda chegou a ver sua obra *Verdadeira Religião Cristã* publicada e escreveu um apêndice a ela, bem como mais dois ou três trabalhos.

Por alguma razão, possivelmente a convite de seus seguidores na Inglaterra, que agora se espalhavam por todo o país, Swedenborg se estabeleceu em Londres, em julho de 1771 e lá permaneceu até o fim de sua vida.

Quando se tornou conhecido que Swedenborg era o autor de obra tão notável, e que havia declarado que tinha mantido relacionamento aberto com anjos e espíritos, ele se tornou alvo do interesse e curiosidade geral. Sem que ninguém esperasse, esse homem sábio e piedoso

começou a ter relacionamento com os espíritos. Não fez segredo disso e, freqüentemente, à mesa, rodeado de pessoas ilustres, em meio a conversas científicas e racionais, subitamente dizia: “Não faz muito tempo, conversei com o apóstolo Paulo, com Lutero” [ou qualquer outra pessoa morta]. Pode-se facilmente imaginar o constrangimento que essas declarações causavam em seus interlocutores, que imediatamente arregalavam os olhos e duvidavam de sua sanidade. Entretanto, inúmeras vezes ele comprovou irrefutavelmente essas conversas. A veracidade desse relacionamento foi impugnada e o ilustre autor foi indiciado como impostor; mas refuto veementemente essa acusação. Swedenborg não era um impostor, mas um homem cristão e piedoso. Essas provas de que de fato tinha mantido contato com espíritos eram de cunho eminentemente pessoal. Quando inquirido a respeito, falava francamente de suas experiências, mas nunca as impunha aos outros. O Reverendo Nicholas Collin, Reitor da Igreja Sueca de Filadélfia, declarou que em Estocolmo “nunca alguém duvidou de que Swedenborg mantinha algum relacionamento sobrenatural com o mundo espiritual, e muitos tiveram evidência disso”. Swedenborg freqüentemente invocava a natureza Divina de sua missão, sem medo de que essa alegação viesse a lhe causar constrangimentos. Certa vez o Conde Höpken perguntou a Swedenborg por que tinha decidido publicar seus “Memoráveis”, que o sujeitaram a tantos constrangimentos, e se não teria sido melhor não os ter revelado ao mundo. Swedenborg respondeu que os tinha publicado por determinação do Senhor e que aqueles que o ridicularizavam estavam sendo injustos com ele, pois “como poderia um homem da minha idade expor-se ao ridículo por fantasias e falsidades?”

Ele sustentou a autenticidade de suas revelações até diante do próprio rei. Num memorial datado de 10 de maio de 1770, protestando contra o banimento de seus livros pelo Consistório de Gotemburgo, Swedenborg escreveu: “O nosso Salvador apareceu diante de mim, e me ordenou fazer o que já fiz e ainda farei; e me permitiu manter um relacionamento com anjos e espíritos, como já tive oportunidade de declarar a toda a cristandade, na Inglaterra, na Holanda, na Alemanha, na Dinamarca, na França e na Espanha, bem como no nosso próprio país, perante Suas Majestades Reais e, especialmente quando tive a graça de sentar-me à mesa na companhia de toda a família real, cinco

senadores e outras autoridades, quando a conversa versou somente sobre a natureza de minha missão”.

Ao Conde Tessin, Swedenborg disse que “Deus lhe tinha feito essas revelações para que pudesse resgatar o mundo das trevas e do pecado, que, ultimamente, se expandiram de tal modo que chegavam a negar a própria existência de Deus”.

Mas Swedenborg não achava que tais asseverações seriam suficientes para convencer o mundo da veracidade de suas doutrinas e visões. Nesse mesmo memorial ao rei da Suécia, apela para o bom senso de seus críticos e afirma francamente que em seus escritos podem ser encontradas coisas nunca antes descobertas, exceto por visão real e um relacionamento com aqueles que habitam o mundo espiritual. “E essa graça de viver essas experiências não foi concedida somente para meu benefício, mas para a sublime causa de garantir o eterno bem-estar de todos os cristãos”.

Não se pode duvidar da seriedade dessa alegação de Swedenborg. Disse o Conde Höpken: “Ele me respondeu que estava muito velho para brincar com coisas espirituais e muito preocupado com sua felicidade eterna para iludir-se com idéias bobas; reafirmou-me suas esperanças de salvação e que suas revelações não eram, absolutamente, fruto de sua imaginação, mas eram, em verdade, o que tinha visto e ouvido”.

Cap. 7 - Ensinaamentos teológicos

Para avaliar a reforma teológica instituída por Swedenborg, precisamos examinar a doutrina teológica prevalecente em sua época. “Em meados do século dezoito”, diz Leslie Stephen, “a decadência das velhas escolas teológicas era quase total”; o credo da ortodoxia estava virtualmente morto, tendo se provado “incapaz de satisfazer às várias classes da população, e a percepção dessa ineficácia foi a consequência e não a causa dessa gradual dissolução”. Swedenborg estava convencido da fragilidade moral dessa teologia e de seus defeitos lógicos; decidiu, então, (agindo, como ele próprio disse, por injunção Divina), reabilitá-la em ambos os aspectos. Dois de seus aforismos religiosos mais conhecidos são suficientes para ilustrar sua posição no que concerne a esse estado de coisas: “*Toda religião tem relação com a vida e a vida da religião é fazer o bem.*” (*Doutrina de Vida nº 1*). “*Agora é permitido entrar intelectualmente nos arcanos da fé*” (*Verdadeira Religião Cristã, nº 508*).

Ele propôs uma teologia racional como fundamento e força-motriz de uma vida boa e útil. Explica:

O motivo de tanta falta de religiosidade, em nossos dias, é primeiramente devido ao fato de não se saber que o Senhor (isto é, Jesus Cristo) é o Único Deus em pessoa e em essência, em quem existe uma Trindade; quando sabemos que a essência da religião se baseia no conhecimento de Deus e na Sua Adoração e Culto. Secundariamente porque não se sabe que a fé não é mais nada que a verdade; e porque não se sabe se o que chamamos fé é ou não verdade. Em terceiro lugar porque não se sabe o que é caridade e, conseqüentemente, não se sabe distinguir o bem do mal. E finalmente porque não se sabe o significado da vida eterna (Prefácio da obra *Cânones da Nova Igreja*).

Swedenborg afirmava que fora Divinamente convocado para propagar o verdadeiro conhecimento de que tanto careciam; e sua obra

encerra uma nova teologia que, mesmo aqueles que rejeitam seus ensinamentos, reconhecem ser prática e racional. Se acreditarmos que Swedenborg conseguiu tudo isso por esforço estritamente pessoal, não podemos deixar de admirar sua notável percepção e sua coragem de aceitar tal missão; mas preferimos vê-los sob outro prisma e aceitar as próprias declarações de Swedenborg de que era apenas um instrumento na grande obra que executou.

Os ensinamentos teológicos de Swedenborg se inserem em todos os seus Escritos, mas os seguintes livros são particularmente dedicados à propagação sistemática dos mesmos: *Verdadeira Religião Cristã*; *A Nova Jerusalém e sua Doutrina Celeste*; as quatro doutrinas principais: *do Senhor*, *da Escritura Santa*, *da Vida e da Fé*, *Divina Providência* e *Exposição Sumária das Doutrinas da Nova Igreja*. Será impossível examinarmos aqui todas essas obras. Optamos por apresentar um resumo das mesmas, alongando-nos em comentários mais detalhados quando julgarmos apropriado.

A pedra fundamental de todo o sistema de Swedenborg é a doutrina da suprema Divindade de Jesus Cristo. Embora o apóstolo Paulo tenha asseverado que “nEle reside corporalmente toda a plenitude da Divindade”, toda a essência do Deus corporal e os antigos cristãos tenham aceitado implicitamente esse preceito, a doutrina não foi bem entendida e, conseqüentemente, perdeu-se o fio da meada há mil e quinhentos anos. Swedenborg afirma que ao invés de Jesus Cristo ser apenas a segunda pessoa de uma Trindade Divina de Pessoas, a Trindade inteira se centraliza numa única Pessoa Divina — Ele próprio. O Pai é o princípio mais endógeno do Divino, que nenhum homem jamais viu ou pode conhecer, — o infatigável, inefável Amor de Deus; o Filho é a manifestação do Divino, a Sabedoria Divina revelada a nós na Palavra, que veio ter ao homem em formas distintas, especialmente como “a Palavra em forma de Carne”; o Espírito Santo é a energia efluente da Divindade, procedendo do Pai, através do Filho, ou seja, do Amor Divino através da Sabedoria Divina e operando no homem para inspirar, para consolar e para santificar. Todos esses componentes se personificaram na pessoa do Divino Salvador, como Ele próprio nos ensinou quando disse que o Pai que estava nEle era o executor de todos os seus trabalhos benignos; e quando Ele soprou sobre Seus discípulos e disse:

“Recebei o Espírito Santo” (João 20:22). E novamente Se referindo ao Consolador prometido, disse: “Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós” (João 14:18).

Os ensinamentos de qualquer igreja sobre a natureza e o caráter de Deus representam, necessariamente, o princípio central de seu sistema teológico. A idéia que fazemos de Deus dependerá da nossa percepção de Suas relações com Suas criaturas e os deveres dessas para com Ele.

A separação da Divina Trindade em três pessoas distintas, todas denominadas Deus e Senhor, resultou numa espécie de frenesi que infectou todo o sistema da teologia, bem como a Igreja Cristã, assim nomeada por seu Divino fundador. As mentes dos homens são levadas por esse frenesi a um estado de delírio que os impede de saber se há um só Deus ou se há três Deuses. Eles confessam um Deus com seus lábios, enquanto mantém a idéia de três Deuses em seus pensamentos; isso faz com que seus lábios e suas mentes, ou suas palavras e suas idéias conflitem uns com os outros; em decorrência disso, eles acabam não acreditando na existência de Deus. Essa é a verdadeira origem do naturalismo que ora impera no mundo. Pois a experiência mostra que enquanto os lábios confessam um Deus e a mente admite a idéia de três, esse conflito dos lábios com a mente tende a se auto-destruir. Portanto, se restar algum conhecimento de Deus, será apenas uma palavra ou nome, destituído de qualquer percepção verdadeira de Sua essência (Verdadeira Religião Cristã, nº 4).

O restabelecimento da verdadeira doutrina da Trindade Una exigirá o restabelecimento da doutrina da Expição; pois se não há três pessoas nessa Trindade, será impossível que uma delas se ofereça em sacrifício à justiça de outra. A doutrina da expiação professada por Swedenborg é aquela a que Paulo alude em sua epístola aos Coríntios: “Deus estava em Cristo, conciliando o mundo nEle próprio”. Deus está sempre pronto a ser generoso e não precisa Se reconciliar com Suas criaturas; essas, sim, precisam reconciliar-se com Ele para serem dignas de estar em Sua companhia; e foi para efetuar essa reconciliação — para trazer a ovelha desgarrada de volta ao rebanho — que Deus veio ao mundo como Cristo. Ele tomou sobre Si a natureza humana para que pudesse estar sujeito às mesmas tentações a que estamos su-

jeitos e, assim, vencê-las e subjugar os inimigos espirituais que mantêm os homens cativos. Tornou-Se o paladino da humanidade perdida e propiciou a recuperação quando parecia que as forças do mal iriam prevalecer. Nesse conceito de expiação, não há substituição do inocente pelo culpado; entretanto, todos os méritos cabem ao Salvador.

Swedenborg rejeitava todos os esquemas de salvação que não envolvesse a reforma do caráter; contudo, é enfático em seu ponto de vista de que o homem não tem poderes para promover sua própria salvação, embora tenha plena liberdade de escolher o bem e rejeitar o mal. As boas ações devem ser obra do “próprio homem”; contudo, com o entendimento de que elas emanam do Senhor, Que opera com e por (vide *Verdadeira Religião Cristã*, nº 3).

Swedenborg insiste no preceito de que a perfeita liberdade é essencial em todos os assuntos espirituais. O homem, diz Swedenborg, está sujeito aos influxos de bons e maus espíritos, mas o Senhor mantém essas influências em perfeito equilíbrio que somente o próprio homem pode perturbar.

Os homens permanecem neste equilíbrio enquanto vivem neste mundo; e por meio dele se mantêm livres para pensar, desejar, falar e fazer, no que pode ser reformado (Divina Providência, nº 23).

Nenhuma aquisição espiritual pode ser permanente sem que tenha sido recebida livremente; portanto a salvação se torna impossível sem a cooperação voluntária do homem; do contrário, *o homem não teria nenhum recurso para conjuntar-se com o Senhor (Verdadeira Religião Cristã, nº 485).*

A aceitação da doutrina da liberdade espiritual absoluta do homem descarta muitos conceitos equivocados sobre o ato da salvação. Esperança de recompensa ou medo do castigo, embora possam nos levar a pensar em coisas mais excelsas, não podem produzir a verdadeira transformação espiritual; tampouco pode a salvação advir de milagres, visões e comunicação com os mortos, pois isso nos levaria a acreditar em coisas que vão contra a nossa própria vontade e razão. Frequentemente sabemos de pessoas trazidas a uma consciência de seu estado de pecado buscarem a salvação em seu leito de moribundo; muitos irão se surpreender quando souberem que ninguém pode ser “reformado em estado de doença corporal” (*Divina Providência, nº*

138), pois, nesse momento, a mente está abstraída do mundo e destituída da racionalidade ostentada durante o período de vida ativa.

Toda essa questão pode ser resumida na frase: *“Ninguém pode ser reformado em estados em que não goze de perfeita racionalidade e liberdade.”* (Divina Providência, nº 138), um princípio que tem amplas implicações. Se isso é verdade, aqueles que submetem sua razão a sacerdotes e dogmas em nome da paz, e o fazem, como pensam, para salvar suas almas, estão redondamente enganados. A paz que eles obtêm é uma paz espúria, e sua esperança de salvação através desses meios é totalmente ilusória. Igualmente iludidos estão aqueles que procuram na reclusão dos claustros ou na cela de eremita benefícios para sua alma. Eles estão apenas paralisando seu crescimento espiritual e arriscando a felicidade que tanto almejam.

A vida que conduz ao céu não é a vida afastada do mundo, mas no mundo; e... uma vida de piedade sem a vida de caridade (isto é, boa-vontade para com os outros), que só pode ser exercida no mundo, não leva ao céu; mas o que leva ao céu é uma vida de caridade, que consiste em agir sincera e justamente em toda a função, em todo negócio e em toda obra, segundo o interno, daí por uma origem celeste, origem que está nesta vida quando o homem age sincera e justamente porque é segundo as Leis Divinas. Esta vida não é difícil, mas a vida de piedade separada da vida de caridade é difícil e ainda mais afasta do céu tanto quanto se crê que ela conduz ao céu (O Céu e o Inferno, nº 535).

Esta passagem resume a doutrina de Swedenborg sobre a vida e a salvação. Se a salvação é a conquista da sanidade espiritual, é evidente que prêmios e castigos eternos não podem ser atribuídos arbitrariamente. Antes de podermos entrar no céu, o céu terá de ser recebido por nós; e ninguém irá para o inferno sem que antes tenha recebido o inferno em sua alma.

Os estados dos interiores fazem o céu, e ... o céu está por dentro e não por fora de cada um” (O Céu e o Inferno, nº 33).

Não se pode dizer de modo algum que o céu está fora de alguém, mas se deve dizer que o céu está dentro dele. Isso mostra como se engana aquele que crê que vir ao céu é apenas ser elevado entre os anjos, seja qual for a qualidade de sua vida interior e que, assim, o

céu seja dado a cada um por uma incondicional misericórdia; quando a verdade é que, se o céu não estiver dentro de nós, nada do céu que está em volta pode fluir e ser recebido (O Céu e o Inferno, nº 54).

As descrições de Swedenborg sobre a outra vida são tão importantes e esclarecedoras que merecem ser comentadas num capítulo especial. Todavia, gostaríamos ainda de mencionar um último ponto: sua afirmação de que a vida futura é contínua com esta; que há apenas um curto intervalo de semi-inconsciência entre a morte do corpo e o começo da existência espiritual. Isso descarta a idéia de que os mortos das gerações passadas estão sendo guardados para serem julgados futuramente no Juízo Final.

E o que vem a ser esse Juízo Final a que alude o Novo Testamento? Foi-nos ensinado que, cumprindo Sua promessa, Cristo ressurgiria, novamente, das nuvens do firmamento material e convocaria toda a humanidade, vivos e mortos, à Sua presença para julgá-los. Depois desse juízo, os santos iriam juntar-se ao seu Senhor nas nuvens e o mundo iria ser destruído pelo fogo. Então seriam criados uma nova terra e um novo céu, nos quais Cristo deverá reinar para sempre. Swedenborg nos mostra que essa é uma interpretação equivocada dos Evangelhos, em virtude da tradução literal de uma linguagem figurada; e faz a surpreendente declaração de que o Juízo Final já aconteceu, “sem observação”, como rezam as profecias. Esse colossal acontecimento se realizou no ano de 1757 e foi uma ocorrência espiritual. No mundo dos espíritos, ou estado intermediário, havia, naquela época, milhares de espíritos que ainda não haviam entrado em sua morada eterna. A maioria deles era diabólica ou hipócrita, e sua influência sobre os habitantes desse “mundo inferior” era tamanha, que, se não tivessem sido controlados a tempo, teriam destruído toda a vida espiritual entre os homens. Para evitar essa catástrofe, esses espíritos foram submetidos a um Juízo geral que restaurou o império da ordem no mundo intermediário. Swedenborg afirma que lhe foi permitido assistir a esse julgamento e que as profecias dos Evangelhos e das Revelações se cumpriram perante seus olhos. Os poderes malignos foram subjogados; e isso possibilitou o influxo de novas forças espirituais entre os homens. O formidável progresso do mundo, nos anos subsequentes, é o resultado direto desse julgamento. Aqueles que se negam a acreditar

nessa teoria, que apresentem uma razão mais convincente para as inúmeras mudanças ocorridas nos últimos duzentos anos.

Na sua obra intitulada *O Juízo Final*, Swedenborg demonstra, através de uma argumentação lógica e provas documentais das Escrituras, que o Juízo Final e o fim do Mundo não podiam ter acontecido ao pé da letra, como se ainda se espera. Seria impossível reunir toda a humanidade, desde os primórdios dos tempos, perante Cristo, “para que todos O vissem”; portanto, o único lugar onde um Juízo Final poderia ter lugar seria o mundo dos espíritos, onde aqueles que já se foram deste mundo aguardam o momento de entrarem em sua última morada. O “fim do mundo” freqüentemente mencionado na versão autorizada do Novo Testamento, é uma tradução equivocada do termo grego e deve ser entendido como “a consumação de uma era”, o que empresta um novo significado às citações em epígrafe. A consumação de uma era, diz Swedenborg, é o fim de uma Igreja ou dispensação, que surge quando sua corrupção chega a tal ponto que “já não existe fé, porque não há mais caridade”. Essa era a condição da igreja cristã em meados no século XVIII e, assim, se deu sua consumação.

Que provas temos da realização desse Juízo Final? Swedenborg afirma que foi testemunha ocular de tudo.

É impossível, diz Swedenborg, para qualquer homem saber quando o Juízo Final ocorreu, pois todos esperam que ocorra na terra e seja seguido de grandes mudanças visíveis nas coisas do céu e da terra e no seio da humanidade. Não se permita, portanto, que o homem da Igreja, por ignorância, viva sob essa crença e que aqueles que esperam o Juízo Final continuem a aguardá-lo para sempre, pois a crença naquelas coisas oriundas da interpretação literal da Palavra deve perecer; e para que aqueles que assim crêem retifiquem sua crença, me foi dada a graça de ver com meus próprios olhos que o Juízo Final já se consumou; que os demônios estão condenados ao inferno e os bons conduzidos ao céu e, portanto, que a ordem das coisas está restabelecida e, conseqüentemente, o equilíbrio espiritual, entre o bem e o mal, ou o céu e o inferno, está restabelecido (O Juízo Final, nº 45).

Se o Juízo Final foi um acontecimento espiritual, é desnecessário dizer que a Segunda Vinda do Cristo deve ser também entendida como

ocorrida no plano espiritual. A Igreja aguarda a aparição física de seu Divino Fundador há quase dois mil anos, estando a fé e a esperança prestes a se exaurirem; mas essa espera é vã, pois decorre da interpretação errônea das profecias. Assim como os judeus aguardam um Messias conquistador, e não O reconheceram na pessoa simples e gentil de Jesus, os cristãos depositaram sua fé na aparição de um Juiz visível e verão suas expectativas frustradas. Ambos cometeram o erro de interpretar as profecias literalmente. O Cristo, efetivamente, vem; mas não como o homem espera que venha. Seu Primeiro Advento foi a revelação do Divino manifesto no Humano — “a Palavra que se fez Carne”. O Segundo Advento é na forma de espírito, uma revelação aos homens da glória interior da Palavra Divina. As “nuvens celestiais”, de onde emana a manifestação, são aparências de verdades que obscurecem o brilho cristalino da Sabedoria de Deus. O sentido literal das Escrituras está repleto dessas aparências de verdades, devido às limitações das condições mentais e morais daqueles que as transmitiram. Portanto, para o demônio, Deus se mostra zangado e vingativo; as mentes simples pensam em Deus e Cristo como pessoas distintas e assim por diante. Há também outras aparências oriundas do estilo metafórico das Escrituras, em que as coisas espirituais estão personificadas em imagens naturais.

O Segundo Advento de Cristo é, portanto, algo interior e espiritual — uma vinda “não observada”, como Ele mesmo predisse. É a revelação do significado interior do Primeiro Advento e de todas as Revelações Divinas. Swedenborg se declara o instrumento desse Segundo Advento. Através dele foi revelado o sentido espiritual da Palavra Divina, abrillantando e iluminando sua letra e dissipando seus mistérios e obscuridades. Examinaremos detalhadamente essa doutrina do sentido espiritual das Escrituras num dos capítulos seguintes.

Veremos que Swedenborg não era meramente um crítico da teologia contemporânea. Embora tenha exposto as corrupções que macularam e mutilaram o evangelho puro de Cristo, ele foi capaz de revelar-nos sua verdade espiritual, como é conhecida no céu, um sistema que é consistente, racional, prático e, em muitos sentidos, novo. Para ele a teologia é verdadeiramente uma ciência, baseada no conhecimento re-

velado e nos fatos da experiência humana, confirmados pela razão e ministrados para atender as necessidades práticas da vida.

A religião que Swedenborg professa é eminentemente saudável e humana. Ela não exige que o homem se afaste de sua vida terrena e se prive dos prazeres que ela proporciona; esses prazeres, todavia, não devem ser buscados por motivos egoístas, mas para servirem de auxílio e estímulo ao trabalho útil. A verdadeira religião afeta o homem como um todo, corpo e alma, coração e intelecto, pensamentos, motivos, palavras e ações. Na maioria dos sistemas religiosos o intelecto está subordinado à fé em dogmas misteriosos; Swedenborg, porém, anunciou a emancipação do intelecto em matérias espirituais e nos ensinou que a razão é companheira inseparável da fé; assim, ele elevou nossos conceitos de fé e, ao mesmo tempo, ampliou nossa concepção de caridade e boas ações. Caridade, ele nos ensina, não é um mero sentimento; nem estão seus ofícios limitados à assistência aos pobres e carentes, mas em *“fazer o bem ao próximo cada dia e continuamente, não somente ao próximo no singular, mas também ao próximo no plural; e isso não pode ser feito senão pelo bem e o justo no cargo, no trabalho e na obra que se tem a exercer e com aqueles com quem se tem qualquer comércio, pois se faz isso cada dia”* (Verdadeira Religião Cristã, nº 423).

Essas boas ações, entretanto, não devem ser feitas com intenção de mérito ou recompensa; os verdadeiros caridosos *“não põem também o mérito nas obras porque não pensam no que fazem senão como em uma dívida, de que convém ao cidadão se quitar”* (Verdadeira Religião Cristã, nº 423).

Segundo Swedenborg, na verdadeira religião cristã não há lugar para prêmios e castigos como incentivo à virtude. A intenção de mérito e recompensa retira das nossas ações todo o bem, por mais benéficas que elas possam ser; o homem generoso deseja apenas ser um canal da beneficência Divina e humildemente admite que todo o impulso, todo o poder e toda a vontade de fazer o bem emana do Senhor, a quem cabem todos os méritos. Ele nem espera ser premiado no céu por suas boas ações, mas vê na vida superior a oportunidade de cumprir a vontade Divina e tornar-se útil. Esses são os ensinamentos práticos das doutri-

nas reveladas por Swedenborg. Eles nos proporcionam uma idéia valiosa da verdadeira religião.

Cap. 8 - Filosofia espiritual

Ao analisarmos o sistema swedenborguiano de filosofia espiritual estamos, novamente, diante do dilema de aceitar seus poderes paranormais ou acreditar que todas as suas idéias emanam de sua consciência interior. Para muitos, a segunda hipótese é mais difícil de aceitar; portanto, deixemos que cada um tire suas próprias conclusões. Não se pode questionar a profundidade e originalidade dos ensinamentos de Swedenborg sobre assuntos tais como: a natureza e o caráter de Deus; a origem do mal; a criação e preservação do universo; a relação do espírito com a matéria; a formação da mente humana; a vida e a morte. Suas doutrinas filosóficas constituem a maior parte de suas obras teológicas, mas se fazem ainda mais prevalentes nas obras *Sabedoria Angélica sobre o Divino Amor e a Divina Sabedoria*, *Divina Providência*, *Arcanos Celestes*, *Verdadeira Religião Cristã* e *Interação da Alma e o Corpo*. O manuscrito inacabado de sua obra *Apocalipse Explicado* também contém um vasto conteúdo de matéria filosófica.

O princípio fundamental da filosofia de Swedenborg é a realidade substantiva das coisas espirituais. Julgando pelas aparências, dizemos que o mundo material é real e substancial; mas isso é uma falácia dos sentidos.

A falácia é uma inversão da ordem; é o julgamento dos olhos e não da razão; é a conclusão baseada na aparência de um objeto e não de sua essência (Apocalipse Explicado, nº 1215).

O pensamento oriundo dos olhos impede o entendimento, mas o pensamento baseado no entendimento abre os olhos (Sabedoria Angélica, nº 46).

Vivendo neste mundo de coisas extraordinárias, não podemos deixar de ser enganados por aparências exteriores; é difícil acreditar que as coisas que vemos e manuseamos são menos reais que aquelas que não vemos; contudo, podemos ser levados a uma convicção racional dessa verdade.

A aparência é o primeiro elemento em que a mente humana baseia seu entendimento; e essa aparência não sai da mente sem uma investigação da causa; e se a causa é muito profunda, a mente só pode localizá-la se mantiver o entendimento exposto por longo tempo à luz espiritual; mas ela não pode expô-lo a essa luz por longo período, em virtude de a luz natural puxá-lo continuamente para baixo (Sabedoria Angélica, nº 40).

As grandes realidades espirituais são o Amor e a Sabedoria.

A idéia que o homem geralmente tem do Amor e da Sabedoria é de alguma coisa voando e flutuando no ar ou no éter rarefeito; ou como uma exalação de alguma coisa desse gênero; e quase ninguém pensa que eles sejam realmente e verdadeiramente Substância e Forma. Entretanto, a verdade é que o Amor e a Sabedoria são a substância real e verdadeira que constitui a própria matéria (Sabedoria Angélica, nº 40).

Mas o Amor e a Sabedoria do homem não são derivadas dele mesmo; são um reflexo dos atributos essenciais da própria Divindade.

O Amor Divino e a Sabedoria Divina são, eles próprios, Substância e Forma; portanto representam a “realidade máxima” e “a realidade una e única”. Aquele que pode ter em sua mente e conceber o próprio Ser e Existir, certamente compreenderá e perceberá que eles são “a realidade máxima” e a “realidade una e única”. A “realidade máxima” se fundamenta naquilo que por si só “é”; a “realidade una e única” se fundamenta naquilo de onde todas as outras coisas derivam. Porque essas realidades são Substância e Forma, deduz-se que elas são a Substância e a Forma una e única. E aceitando-se que essa Forma e Substância é o Amor e a Sabedoria Divinos, conclui-se que elas são a única e uma forma de Amor e Sabedoria; conseqüentemente, devemos entendê-las como a própria e única Essência, bem como a própria e única Vida; pois Amor e Sabedoria é Vida (Sabedoria Angélica, nº 44 e 45).

Para explicar a aparente incorreção gramatical da sentença acima, devemos assinalar que, de acordo com Swedenborg, “o Amor Divino e a Sabedoria Divina emanam do Senhor como um” (Divina Providência, nº 4), tal como o calor e a luz do Sol são unidades inseparáveis.

Portanto, sendo Deus a “Substância única e una”, o ser e a natureza de todas as coisas derivam dEle. A idéia de que o Todo Poderoso criou todas as coisas do nada é infantil e não tem nenhum fundamento filosófico.

Todo aquele que pensa racionalmente pode ver que o universo não foi criado do nada, pois sabe perfeitamente que é impossível fazer alguma coisa do nada; pois nada é nada e fazer-se alguma coisa do nada é contraditório; e o que é contraditório contraria a luz da verdade que emana da Sabedoria Divina. Todo aquele que pensa racionalmente pode também ver que todas as coisas foram criadas da substância que é a própria substância, pois é a própria Essência da qual todas as coisas que são, podem existir; e porque somente Deus é a própria Substância e, portanto, a própria Essência, é evidente que todas as coisas que existem não podem ter outra fonte (Sabedoria Angélica, n.283).

Swedenborg toma o cuidado de salientar que não há nada de panteísta nesse seu ensinamento, embora muitos o tenham acusado de panteísta. Nesse mesmo parágrafo, Swedenborg aduz:

Muitos já viram isso, porque a razão os fez ver; mas não ousam prestar testemunho disso, temendo serem levados a acreditar que o universo criado é Deus, pois tem origem em Deus, ou que a natureza emana de si própria e, portanto, que a parte mais interior da natureza é o que conhecemos por Deus. Nas páginas seguintes vamos ver que, embora Deus tenha criado o universo e todas as coisas nEle contidas a partir de Si próprio, não há nada no universo que seja Deus.

Num outro trecho, Swedenborg diz: *Aquilo que é criado em Deus por Deus não é contínuo a Ele; pois Deus é a própria Essência. Se nas coisas criadas não houvesse essência, essas seriam a continuação de Deus e aquilo que é continuação de Deus é Deus. Por força de sua origem, todas as coisas criadas são por sua própria natureza um recipiente de Deus, não por continuidade mas por contigüidade. Sua conjuntividade advém da contigüidade e não da continuidade. ...foi criada em Deus por Deus; e porque foi assim criada, é análoga a Ele, e, portanto, é como a imagem de Deus refletida no espelho” (Sabedoria Angélica, nº 55 e 56).*

Deus, em Sua essência mais profunda, é incompreensível e inacessível aos anjos e aos homens. Para aqueles, Ele Se manifesta como um Sol espiritual que é a origem e o centro da vida no mundo espiritual, tal como o Sol do sistema solar é a origem e o centro da vida no plano físico. Isso pode levar-nos a concluir que Deus é impessoal; mas ainda que Se manifeste desse modo aos anjos, eles estão conscientes de uma comunhão pessoal e íntima. A aparência do Sol celestial se coaduna com a lei que diz que todos os estados interiores e as idéias dos seres espirituais estão reproduzidos em objetos externos correspondentes. Portanto, se o Senhor é a fonte e o centro de sua vida espiritual, o Amor Divino e a Sabedoria Divina aparecem exteriorizados num magnífico clarão celestial. E deste Sol espiritual, “o primeiro procedente do Amor Divino e da Sabedoria Divina”, emanam atmosferas que são o veículo de vida para os seres espirituais e, por influxo e correspondência também para o mundo inferior. Essas atmosferas vão diminuindo de intensidade à medida que se afastam de sua origem e dão origem a vários graus de vida, essencialmente distintos uns dos outros. Há três graus discretos de vida espiritual, a que correspondem os três reinos da natureza.

A Criação advém do Sol espiritual que opera no plano físico através do Sol natural; isto é, de forças espirituais atuando através de forças naturais. Podemos dizer que o Sol espiritual é a alma do sol natural que não tem vida própria; como toda matéria, é morto e inerte. A vida e a força são espirituais; a matéria é apenas o veículo que lhes permite aparecer no plano físico.

Concluimos, então, que *a Criação não pode ser atribuída ao sol do mundo natural, mas integralmente ao Sol do mundo espiritual; pois o sol do mundo natural é inteiramente morto, enquanto o Sol do mundo espiritual é vivo; pois é o primeiro procedente do Amor Divino e da Sabedoria Divina; e o que é morto não dá origem a nada, mas é agente passivo da ação. Portanto, atribuir-se a esse ente morto alguma parcela da Criação, seria o mesmo que se atribuir à ferramenta do artesão o produto final de seu trabalho (Sabedoria Angélica, n° 157).*

A realidade do sol natural não advém dele mesmo, mas da força viva procedente do Sol do mundo espiritual (Sabedoria Angélica, nº 157).

Não existe nada na natureza que não seja proveniente de uma fonte espiritual. Pois tudo aquilo que não tem em si uma essência, não existe, não é uma entidade, porque não tem essência ou o ser como fundamento de sua existência. Portanto, está com a natureza; e a essência da qual emana é espiritual, pois tem em si a Divina Essência e o Poder Divino de atuar, criar e formar (Apocalipse Explicado, nº 1206).

Natureza e vida são coisas distintas; a natureza tem sua origem no sol deste mundo, enquanto a vida provém do Sol celestial (Apocalipse Explicado, nº 1207).

Não há um fio de cabelo ou fio de lã de carneiro, uma pena de pássaro, uma escama de peixe que não sejam derivados da alma; a fonte é espiritual e as vestes naturais (Apocalipse Explicado, nº 1199).

A coisa viva predispõe a coisa morta a reconciliar-se consigo mesma, e a modela e usa para suas finalidades (Sabedoria Angélica, nº 166).

Para Swedenborg, a criação não era um mero ato iniciatório, mas uma operação contínua. As faculdades reprodutivas dos animais e plantas não provêm de qualquer vida que esteja na natureza, mas são, simplesmente, os meios de novas e sucessivas criações.

Não importa que essas continuações sejam obtidas por meio das sementes, pois emanam da mesma força criadora (Apocalipse Explicado, nº 1209).

As sementes são fecundadas pelas mais sutis substâncias, que só podem ter origem espiritual (Sabedoria Angélica, nº 310).

Sabendo-se, portanto, que todas as coisas derivam do mundo espiritual, e que todo objeto material contém uma força espiritual ou alma, que o produz e sustenta, concluímos que o espiritual e o natural são causa e efeito, e que há um relacionamento íntimo e constante entre os dois. Esta é a base da doutrina das correspondências, como Swedenborg a chamou. O mundo natural é a imagem ou espelho do mundo

espiritual, sendo todos os objetos, fatos, fenômenos, representações de idéias imateriais, seus correspondentes espirituais. Trataremos dessa doutrina num capítulo especial, pois ela é muito importante e representa a pedra fundamental da exegese bíblica de toda a obra swedenborguiana.

A vida espiritual não é monótona e de natureza uniforme; apresenta as mesmas variações da vida no plano físico. Se a vida física deriva da vida espiritual, concluímos que deve haver um ordenação ou correspondência nas manifestações em ambos os planos. A vida Divina, na sua passagem através do mundo espiritual, é recebida de acordo com o estado e a capacidade do receptor e, portanto, apresenta infinitas variações. Num sentido lato, há três categorias de mentes que, de acordo com sua espécie, acolhem e manifestam as influências Divinas; essas três categorias correspondem aos três reinos da natureza e, na outra vida, formam três céus distintos, que Swedenborg chamou de: celeste, espiritual e natural, cada qual com um inferno em correspondente oposição. Dentro desses graus, há tantas variações quanto os animais, plantas e minerais existentes nos três reinos da natureza.

A doutrina dos graus tem um caráter muito abrangente e distingue Swedenborg de todos os pensadores e filósofos modernos. Esses graus, diz Swedenborg, são de duas espécies: discretos e contínuos. Os graus discretos são ordenações Divinas de vida ou capacidade, como os três reinos da natureza; estão relacionados entre si por correspondência. Os graus contínuos são variações dessa mesma ordenação de vida — natural ou espiritual; e podem ser ilustrados pela classificação de animais, plantas e minerais, em gênero e espécie. Nos vários reinos da natureza as diversas formas estão interligadas numa cadeia contínua; mas, num sentido geral, esses três reinos estão relacionados entre si apenas por analogia. A correspondência que existe entre as coisas naturais e espirituais vai nos ajudar a entender os graus que caracterizam o desenvolvimento mental e moral do homem. A mente humana não é o instrumento simples que nós idealizamos; apresenta uma peculiar divisão trina tanto no aspecto moral quanto no intelectual. As verdades podem ser aprendidas de várias maneiras: pelo conhecimento de fatos ou doutrinas; pelo processo do raciocínio; ou através da percepção. E esses três diferentes modos de aprendizagem são característicos dos três

graus da mente: o científico, ou a faculdade da memória; o racional ou cogitativo; e o intelectual ou faculdade perceptiva. A esses três graus mentais correspondem categorias de qualidades morais. Há boas ações que são praticadas por um senso de dever, dentro de um espírito de mera obediência; outras são praticadas por princípio ou convicção do que é direito; e ainda outras que são causadas por sentimento de amor, bondade ou generosidade.

Esse é um resumo bastante sucinto da doutrina dos graus. Quando tivermos nos aprofundado mais em seu estudo, veremos que ela está cheia de sugestões filosóficas.

Retomando a discussão sobre a Criação, Swedenborg não endossa a idéia de que novas formas de vida decorrem apenas de meras variações acidentais, mudanças ambientais ou seleção natural, ou da combinação de todos esses fatores. Novas formas pressupõem novas características e, portanto, novas causas espirituais. O desenvolvimento é precipuamente espiritual; as influências e fatores externos são, na melhor das hipóteses, causas secundárias.

A coisa morta atuar sobre a coisa viva ou a força morta atuar sobre a força viva ou, analogamente, o natural atuar sobre o espiritual é inteiramente contrário à ordem, e, portanto, admitir que isso possa acontecer é contrário à luz da razão. A coisa morta ou a coisa natural pode, certamente, ser pervertida ou modificada por acidentes externos, mas, ainda assim, não pode atuar sobre a vida; mas a vida atua sobre ela, de acordo com a mudança de forma que tiver sido induzida (Sabedoria Angélica, nº 166).

O princípio espiritual atua sobre o natural e, portanto, produz seus efeitos, tal como a causa principal atual segundo sua causa instrumental (Apocalipse Explicado, nº 1197).

Por conseguinte, a evolução gradual do superior para o inferior, separada do influxo espiritual, é impossível.

Swedenborg tem observações muito interessantes sobre o instinto e a razão, bem como sobre a diferença entre os animais e o homem. O instinto não é simplesmente um hábito transmitido geneticamente, como sustentam os materialistas; sua origem é espiritual.

O princípio espiritual prevalece em todos esses casos (Apocalipse Explicado, nº 1198).

A vida dos animais, assim como a dos homens, emana do mundo espiritual, de onde derivam também seus instintos.

A distinção entre o homem e os animais inferiores está concisamente explicada por Swedenborg na obra *Interação da Alma e o Corpo*, onde se lê: *Um homem é um homem porque seu entendimento pode suplantar os desejos de sua vontade e, portanto, enxergá-los, identificá-los e governá-los; o animal é animal porque age segundo seus desejos (nº 15).*

Num sentido mais amplo, a diferença entre homens e animais e a razão pela qual somente os homens são imortais está explicada na seguinte passagem, cuja clareza e lógica não podem ser comparadas a nenhuma das observações de outros autores sobre o assunto:

O homem é, ao mesmo tempo, espiritual e natural, enquanto a besta é apenas natural. O homem possui vontade e entendimento e sua vontade é o receptáculo do calor celestial, que é amor; seu entendimento é o receptáculo da luz celestial, que é sabedoria; mas a besta não possui vontade e entendimento; em vez de vontade tem afeição, em vez de entendimento, tem conhecimento (isto é, conhecimento pertinente à sua vida). No homem, a vontade e o entendimento podem atuar conjuntamente ou separadamente segundo a vontade do homem que pode discernir sobre o que é e o que não é de sua vontade; ao passo que na besta, afeição e conhecimento não podem ser separados, pois a besta sabe o que concerne à sua afeição, e é afetada por tudo que concerne ao seu conhecimento; e como essas duas faculdades, denominadas conhecimento e afeição, não podem ser separadas, a besta não pode destruir a ordem de sua vida e, portanto, nasce sob o domínio da ciência de sua afeição. No homem, entretanto, dá-se o inverso: suas duas faculdades vitais — entendimento e vontade — podem ser separadas, como afirmamos anteriormente; assim, o homem pode destruir sua ordem vital, pensando contrariamente à sua vontade e desejando contrariamente ao seu entendimento. Conclui-se, então, que o homem nasce sob as trevas da ignorância e é conduzido à sua ordem vital por meio de conhecimentos adquiridos através do entendimento. A ordem para a qual o homem foi criado é a de amar a

Deus sobre todas as coisas e a seu próximo como a si mesmo e o estado a que o homem chegou depois de destruir essa ordem é o de amar a si próprio sobre todas as coisas e ao mundo como a si próprio. Como o homem possui uma mente espiritual, que está acima de sua mente natural, e essa mente espiritual é capaz de intuir sobre coisas que dizem respeito ao Céu e à Igreja, como, também, sobre as que dizem respeito ao Estado, sua moral e leis civis; e todas essas coisas se relacionam com verdades e bens espirituais, morais, civis, além das coisas naturais do conhecimento, e com seus opostos, que são os falsos e males; portanto, o homem não só pode pensar analiticamente e, por conseguinte, tirar conclusões, como, também, pode receber o influxo celestial do Senhor e tornar-se inteligente e sábio. E disso nenhuma besta é capaz, pois tudo o que ela conhece provém não do entendimento, mas do conhecimento pertencente à sua afeição, que é sua alma.

Considerando-se que o homem possui uma mente espiritual e uma mente natural e que essa mente espiritual está acima da mente natural; e, crescendo, ainda, que essa mente espiritual é capaz de intuir e amar verdades e bens em todos os graus, conjuntamente ou separadamente da mente natural, concluímos que o interior do homem possuidor dessas mentes pode ser elevado ao Senhor, pelo Senhor, e conjuntar-se a Ele; por isso todo homem vive eternamente. O mesmo não acontece com a besta, pois ela não possui a mente espiritual; por isso seu interior, dotado somente de conhecimento e afeição, não pode ser elevado ao Senhor e se conjuntar a Ele; por esta razão a besta não tem vida após a morte. A besta é, de fato, conduzida por um certo influxo espiritual que adentra sua alma, mas como seu interior não pode ser elevado, sua trajetória é necessariamente descendente e considera essas coisas como pertencentes ao domínio da afeição, que se relaciona apenas com as coisas da nutrição, habitação e propagação e, pelo conhecimento afetivo, os identifica por meio da visão, do odor e do paladar.

Considerando-se que o homem, por meio de sua mente espiritual, tem a faculdade de pensar racionalmente, tem-se que também tem a faculdade da fala, pois a faculdade de falar pertence ao pensamento a partir do entendimento, que pode ver verdades na luz espiri-

tual; já a besta, que não pensa com base no entendimento, mas apenas no conhecimento afetivo, tem apenas a capacidade de emitir sons e de variar o som de sua afeição de acordo com seus apetites (Apocalipse Explicado, nº 1202).

Swedenborg nos oferece explicações adequadas e racionais da Onipotência Divina e a livre vontade do homem, da origem do mal e outros assuntos que vêm despertando a curiosidade dos filósofos espirituais através dos tempos. Ele nos mostra que não há nenhum conflito entre as idéias de Onipotência e livre arbítrio. Embora seja Todo-Poderoso, Deus não exerce sua Onipotência arbitrariamente, mas conforme uma lei; e a Lei Divina estabelece que o homem deve ser livre no que diz respeito às coisas do espírito. O homem se mantém equilibrado entre as forças do bem e do mal e deve escolher entre elas. Por outro lado, a capacidade e vontade de fazer o bem advêm somente do Senhor, embora o homem possa achar que elas emanam dele. Tudo que resta ao homem, portanto, é preparar sua mente e seu coração para receberem as influências Divinas. A origem do mal está na livre vontade do homem, que faculta a ele perverter as bênçãos Divinas; todo mal é uma perversão do que era originariamente “muito bom”. Todos esses assuntos foram mencionados no capítulo anterior e são discutidos, detalhadamente, na obra *Verdadeira Religião Cristã*. É impossível alongarmos aqui na sua discussão, bem como abordarmos outros tópicos igualmente interessantes.

A filosofia espiritual de Swedenborg é tão diferente de seus gêneros que o leitor noviço tem a sensação de estar numa terra estranha, da qual poderá partir sem ter mais que uma vaga idéia de sua beleza e mesmo tornar-se céptico em relação à sua existência. Deixemos que capte a linguagem e a visão dessa nova paisagem e, certamente, sentir-se-á recompensado. Deixando a metáfora de lado, podemos expressar nossa convicção de que a formulação lógica e a luminosa exposição de assuntos transcendentais, que o leitor encontrará à medida em que for se aprofundando em seus estudos, leva-lo-á a concordar com Swedenborg quando este diz que “*agora é permitido entrar com o entendimento nos mistérios da fé*” (*Verdadeira Religião Cristã*, nº 508).

Os princípios explicados por Swedenborg têm as mais profundas implicações e se aplicam aos grandes temas que desafiam a mente humana desde tempos imemoriais. Uma nova luz se propaga sobre todos esses problemas e surge uma nova ordem no âmbito da pesquisa filosófica.

Cap. 9 - Trabalhos expositivos

Os principais trabalhos expositivos da obra de Swedenborg são: *Arcanos Celestes*, seu primeiro tratado teológico publicado, e *Apocalipse Revelado*. Essas duas obras versam sobre os livros do *Gênesis* e do *Êxodo* e o livro do *Apocalipse* e, incidentemente, aludem a virtualmente todos os assuntos das Escrituras. São obras volumosas; a obra *Arcanos Celestes*, em sua última edição inglesa, engloba doze volumes e o livro *Apocalipse Revelado*, dois. Além desses dois trabalhos e o pequeno tratado expositivo intitulado *O Cavalo Branco*, Swedenborg deixou sem publicar, fragmentadas, algumas notas avulsas, bem como as obras intituladas *Exposição Sumária dos Profetas e dos Salmos* e *Apocalipse Explicado*. Essas duas últimas obras foram publicadas muitos anos depois de sua morte. O livro *Apocalipse Explicado* quase ficou perdido para sempre, em virtude de um incêndio que quase consumiu seu manuscrito. Aliás, esse manuscrito teve uma existência muito acidentada, desde que saiu da custódia da Academia Real de Ciências da Suécia em 1783, até retornar à guarda daquela instituição, em 1842.

Há registros de que esses e outros manuscritos de Swedenborg foram emprestados pelo Secretário da Academia ao Sr. C. F. Nordenskold, que tencionava publicar na Inglaterra as partes que julgasse apropriadas. Os manuscritos chegaram às mãos do Dr. Henry Peckitt, um médico aposentado e farmacêutico, que, entusiasmado com as novas doutrinas, resolveu custear a publicação do livro *Apocalipse Explicado*. Quando o primeiro volume já estava em poder da gráfica e o Dr. Peckitt preparava a impressão do segundo volume, sua casa foi atingida por um desastroso incêndio, que destruiu todo o acervo de sua valiosa biblioteca e o manuscrito foi dado como perdido. Contudo, o manuscrito foi atirado à rua por um bombeiro e resgatado por um vizinho. Recuperando a posse do manuscrito, o Dr. Peckitt compareceu ao plenário da reunião da “Sociedade Teosófica” (era assim que uns poucos

discípulos de Swedenborg se intitulavam na época) e, em prantos, jogou o manuscrito sobre a mesa e proclamou: “Eis a propriedade mais valiosa que eu guardava em minha casa, preservada e salva! Por ela me conformo com toda a minha inestimável perda.”

Após a morte do Dr. Peckitt, o manuscrito ficou em poder de dois de seus amigos, que, ao que parece, nunca chegaram a entender o valor do legado e logo depois o venderam à Sra. Peckitt. O manuscrito ficou sob custódia da família Peckitt até 1828, quando foi entregue à Sociedade Swedenborg pelo Sr. Henry Peckitt Junior. Quando se revelou que o manuscrito pertencia, de direito, à Academia Real de Ciências da Suécia, este e outros manuscritos dados como extraviados, foram devolvidos pela Sociedade Swedenborg à Academia Real. Essa cortesia ensejou o início de um longo e profícuo intercâmbio entre essas duas instituições.

Após esta digressão, passemos a uma análise do conteúdo desse manuscrito e dos outros trabalhos acima mencionados. Primeiramente, parece-nos oportuno falar sobre os ensinamentos de Swedenborg a respeito da Bíblia. Swedenborg considera a Bíblia uma revelação Divina, mas afirma que os primeiros capítulos do livro do *Gênesis* têm caráter puramente alegórico e não descrevem a criação do universo e a história do primeiro casal humano, como se acredita. A Bíblia é verdadeiramente a “Palavra de Deus”, embora, em seu formato externo, possa parecer um livro feito por humanos. Contudo, dentro de toda aquela saga histórica de homens e nações, evangelhos, profecias e odes poéticas, está inserido um sentido espiritual interior, ou melhor, uma série de significados espirituais, uns envoltos nos outros, como as pétalas de uma flor.

Em seu sentido último, a Palavra é natural; em seu sentido interior ela é espiritual; e no seu íntimo ela é celestial; e é Divina em todos os sentidos (Doutrina da Escritura Santa, nº 6).

É, de fato, a Verdade Divina tomando forma, em sua descida, desde Deus, através dos céus, até a terra.

A Palavra em sua primeira origem é puramente Divina. Enquanto a Palavra atravessava os céus do Reino Celeste do Senhor, ela era o Divino Celeste e, enquanto atravessava os céus do Reino Espiritual do Senhor, ela era o Divino Espiritual; e quando chegou

ao homem ela se tornou o Divino Natural. Daí vem que o sentido natural da Palavra contém em si o sentido espiritual e este contém o sentido celeste, e ambos um sentido puramente Divino que não está aberto a nenhum homem e nem mesmo a anjo algum (Apocalipse Explicado, nº 959).

O sentido espiritual pode ser compreendido pelo homem, até um certo ponto, mas o sentido celestial mal pode ser revelado, pois não pertence tanto ao domínio do entendimento quanto ao domínio da vontade (Doutrina da Escritura Santa, nº 19). Está adaptado para a percepção dos anjos celestiais, por quem a lei Divina é recebida “em suas partes interiores” e inscrita em “seus corações”.

Ao atribuir um significado celestial às Escrituras, Swedenborg não está contradizendo o valor de seu sentido literal; ao contrário, empresta ao sentido literal um grau mais elevado do que aquele que lhe é atribuído pelos fundamentalistas; pois Swedenborg ensina que os livros da Bíblia não são meras narrativas humanas, mas a verdadeira personificação da sabedoria de Deus, adaptada à compreensão dos anjos mais excelsos e das mentes mais simples. Todas as coisas necessárias à salvação, diz Swedenborg, estão contidas no sentido literal; e esse sentido literal deve dar origem e confirmar a doutrina da Igreja. De fato, no sentido literal, “a Palavra está em sua plenitude, em seu grau mais sagrado e com sua força máxima”. Qual a necessidade, então, de suplementá-la com o sentido espiritual? Porque o sentido natural é escrito de acordo com as aparências e é, freqüentemente, ambíguo e obscuro; e porque o significado espiritual amplifica e enfatiza a verdade da Palavra, ao mesmo tempo que explica seus mistérios e suas aparentes contradições.

Em nenhum trecho da Bíblia o conhecimento do sentido espiritual se faz mais premente do que nos capítulos iniciais do livro do *Gênesis*. Esses capítulos são contestados pelos céticos sob alegação de que contêm falácias científicas e histórias imaginárias que dão a idéia de que Deus é um Ser injusto, recalcado e arbitrário. Todavia, no sentido espiritual todas essas dificuldades e críticas se dissipam. Como salientou o Bispo Coleso: “É preciso que se admita livremente que as histórias dos primeiros capítulos do livro do *Gênesis*, qualquer que sejam seus ensinamentos sobre a Verdade Divina e Eterna e quaisquer que

sejam suas repercussões nas mentes dos devotos, são, na sua forma e estrutura atuais, descrições míticas, conquanto sua narrativa constitua uma imaginativa vestimenta de idéias; não devem, pois, ser entendidas como lições sobre fatos históricos irrefutáveis ocorridos no primórdio dos tempos; e qualquer comparação que possamos vir a fazer entre as narrativas da Bíblia e as descobertas da ciência seria fútil e inoportuna.” (*O Pentateuco etc., Parte IV, pág. 85*).

Não há melhor exemplo da exegese swedenborguiana do que essa sua explicação dos primeiros capítulos do livro do *Gênesis*. Ela realmente nos resgata das trevas. Ao invés de considerar o primeiro capítulo do livro do *Gênesis* como a narrativa do início de todas as coisas criadas, Swedenborg nos transporta, imediatamente, a regiões espirituais e interpreta o texto como a descrição da recriação ou regeneração do homem. A condição de “não-regenerado”, quando o homem está imerso nas coisas dos sentidos e do “ego” e alheio à sua parte mais nobre, é simbolizada pelo vazio escuro e informe sobre o qual o Espírito de Deus desceu para lhe dar ordem e vida. Os fins e propósitos da criação espiritual, assim como da criação física, é a formação do homem à imagem e semelhança de Deus. O homem espiritual é a alma humana com todas as suas faculdades plenamente desenvolvidas e devidamente subordinadas às leis Divinas. Para atingir esse estado, a alma precisa passar por vários estágios de desenvolvimento, processo que é representado pelos seis dias da criação.

Os tempos e estados da regeneração do homem, em geral e em particular, estão divididos em seis e são denominados os dias de sua criação; pois o homem é elevado, gradativamente, da condição em que está destituído de todas as qualidades que o caracterizam, até o sexto dia, quando se torna uma imagem de Deus (Arcanos Celestes, nº 62).

Em suma, são os seguintes os estágios da regeneração do homem: o primeiro é o estado de escuridão e vacuidade, pois o homem nasce num estado de total ignorância a respeito de tudo que pertence à sua vida espiritual. A criação da luz e a separação entre a luz e a escuridão representam os primeiros raios do conhecimento espiritual e o reconhecimento da diferença entre a vida mundana e a vida celestial; esse é o estado a que alude Bunyan [*O Peregrino*] quando Cristão toma

consciência de seu estado pecaminoso e da necessidade de reformular sua vida.

O segundo estágio é aquele em que são distinguidas as coisas do Senhor e as coisas dos homens; portanto, as coisas que pertencem ao homem exterior são separadas daquelas pertencentes ao homem interior (Arcanos Celestes, nº 8).

Na Bíblia, o termo “terra” se refere ao homem exterior ou ao grau natural de vida, e o termo “céu” ao homem interior ou ao grau espiritual de vida.

O terceiro estágio é o da penitência [arrependimento e desistência das más obras], no qual o homem que está sendo regenerado começa a falar piedosa e devotadamente, e pratica bens, como as obras de caridade, mas que, entretanto, são inanimados, pois pensa fazê-las por si. Essas boas obras são chamadas de “erva tenra”, “erva de semente” e, posteriormente, e árvore frutífera (Arcanos Celestes, nº 9).

A reunião de todas as águas representa a armazenagem de conhecimentos espirituais. A água, em suas várias formas, é um símbolo apropriado da verdade. O mar, ou oceano, as grandes reservas de água da terra, são a memória, que é o receptáculo universal de toda espécie de conhecimento: um depósito do qual as faculdades intelectuais constantemente fazem retiradas para estimular o crescimento de idéias, as quais, com os usos práticos delas resultantes, são a contrapartida espiritual de várias formas de vida vegetal.

No quarto estado a vida é regida pelos grandes princípios de amor e fé,. Representados pelo sol e pela lua. As estrelas são conhecimentos particulares de verdade espiritual que servem para guiar a vida quando os luminares maiores se escurecem. Neste estágio da regeneração, as idéias indefinidas dos primeiros estados deram lugar a concepções claras e distintas de verdade e dever.

A correspondência dos corpos celestes com os princípios diretores de uma vida mais elevada é quase evidente por si mesma. O sol é constantemente citado na Bíblia como um tipo representativo do Senhor, especialmente do Divino amor, e, pelos poetas, é referido como uma influência poderosa. A lua, recebendo sua luz do sol e iluminando

a terra quando o sol se põe, é uma representação adequada da fé, que vigia e alumia as noites da alma. As estrelas, muito embora tenham sua própria luz, por suas posições aparentemente fixas, servem de guia ao marinheiro e ao viajante. Também temos estrelas-guias para nos dirigir em nossa jornada para os céus.

O quinto dia da criação foi marcado pela produção de peixes e pássaros, enquanto a criação da categoria acima desta, dos mamíferos, foi no sexto dia.

“Depois que os grandes luminares foram acesos e postos no homem interno, e daí o externo recebeu luz, então o homem começa pela primeira vez a viver. Antes, mal se pode dizer que vivesse, pois o bem que ele fez, pensou que o fizera por si mesmo; e o vero que falou, que de si mesmo o dissera. E, como o homem é morto em si e nele nada há senão o mal e o falso, por isso, tudo o que ele produz por si mesmo não é vivo, ao ponto de não poder por si mesmo fazer o bem que em si é o bem. ... Mas agora, quando é vivificado pelo amor e pela fé e crê que é o Senhor Quem opera nele todo bem que faz e todo vero que diz, então é comparado primeiro aos “répteis das águas” e às “aves que voam sobre a terra”, e depois às bestas, que são, todas, coisas animadas e chamadas “almas viventes”. (Arcanos Celestes, 39).

Os peixes e os pássaros representam um grau relativamente baixo de vida espiritual, no qual a fé é o elemento predominante; os animais de categoria mais elevada tipificam a vida em que o amor é mais ativo. O homem, a coroa de toda a criação, representa a alma regenerada, perfeita em seus graus, como reflexo da imagem e semelhança do Criador e exercendo domínio sobre seus próprios poderes e suas capacidades (os animais inferiores) por meio da força e da autoridade recebidas de Deus.

Esta é uma exposição muito resumida do sentido espiritual do primeiro capítulo do *Gênesis*, como é explicado por Swedenborg. Mas podemos também obter uma visão mais ampliada deste assunto.

Os dias da criação não somente falam da regeneração da alma individual, mas têm um sentido interior histórico que descreve a formação do princípio humano na raça. Swedenborg afirma, e a ciência confirma sua asserção, que a raça humana, em seus tempos primitivos,

pouco se distinguia dos animais inferiores; o princípio espiritual que agora diferencia os homens dos animais foi implantado e gradualmente, através de sucessivas gerações; e este desenvolvimento de uma consciência superior na raça é também esboçada nos relatos da criação do mundo, nos dois primeiros capítulos do *Gênesis*.

Terminada a obra de criação, como se sabe, Deus descansou do Seu labor, no sétimo dia. Diz-se que Deus descansa quando a vida do homem entra em harmonia com a vida Divina, e não existe mais oposição ou conflito. Embora seja dever de cada indivíduo lutar pela sua salvação, a verdade é que todo esforço em prol de uma vida de justiça é obra do Senhor somente. Quando essa obra é completa, e o homem não resiste mais à vontade Divina, chega-se no estado do Sabbath, quando Deus e o homem entram no seu repouso.

O estado do Sabbath da raça humana é representado pelo Jardim do Éden. Uma vez acabada a criação, e tudo tendo sido declarado “muito bom”, como lemos, o “Senhor plantou um jardim para o oriente do Éden; e ali pôs o homem a quem formou”. Tem havido muita especulação quanto ao local provável desse jardim, mas toda essa especulação é fútil. Esse é um “jardim da alma” e não algum paraíso material. Na variedade de belos símbolos, representa-se a condição feliz da humanidade quando se seguia a ordem Divina prescrita para suas vidas, o que era deleitável à Divina vontade. Era uma condição infantil de absoluta dependência de Deus, mas que não devia durar, como mostra o resto da história.

Aprendemos que todas as coisas no Éden eram boas: as árvores era “agradáveis à vista e boas para comida”, e os animais eram mansos e inofensivos. No entanto, uma árvore e um animal pareciam ser particularmente maus: a árvore do conhecimento do bem e do mal, na qual eles foram proibidos de sequer tocar, e a astuta serpente, que foi a causa da transgressão dessa ordem. O que estas coisas representam?

A tentação de Eva e, por meio dela, de Adão, não foi obra de um réptil ardiloso provido temporariamente da capacidade de falar, mas foi a natureza de todas as tentações humanas. *“Ninguém, sendo tentado, diga: De Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta. Mas cada um é tentado, quando*

atraído e engodado pela sua própria concupiscência”. (Tiago 1:13,14). A serpente é o símbolo dessa concupiscência, da natureza mais baixa, sensual, que se deleita do pó da terra e que, se for ouvida (e essa serpente é hábil em falar com muita sedução), conduz inevitavelmente à queda da virtude.

A árvore do conhecimento do bem e do mal, como se disse, não era uma árvore terrena, mas representa os conhecimentos meramente mundanos e as impressões recebidas por meio dos sentidos. Essa espécie de alimento é perigosa à vida superior do homem, quando vem a ser considerada como se estando “no meio do jardim”.

É permitido, por toda percepção vinda do Senhor, conhecer o que é o vero e o bem, mas não por si mesmo e pelo mundo, ou inquirir-se dos mistérios da fé pelas coisas dos sentidos e dos conhecimentos, pelo que morre o celeste do homem (Arcanos Celestes, 126).

Tudo sendo simbólico nessa história, segue-se que Adão e Eva não são considerados como dois indivíduos: são representativos de toda uma raça, ou da natureza humana numa forma abstrata. Adão é o lado intelectual e Eva o emocional. Podemos agora entender a razão pela qual a mulher foi tentada primeiro e, por meio dela, o homem: é o desejo que desvia uma pessoa perverte o juízo, fazendo-o em conformidade com suas intenções. O desejo que o homem tinha por independência o levou a confiar em sua própria inteligência, mais do que na orientação Divina, a qual está representada pela árvore de vidas. Após a queda, vedou-se ao homem o acesso à árvore de vidas; não que as bênçãos excelsas lhe tenham sido arbitrariamente retiradas, mas que as próprias ações do homem fizeram-no incapaz de recebê-las.

Entre outras interpretações errôneas que têm surgido, quando se faz uma interpretação literal dessas parábolas históricas, há a idéia de que a necessidade de se trabalhar pelo pão de cada dia é uma maldição lançada sobre o homem, por causa de desobediência de Adão. O trabalho, a fonte da satisfação mais verdadeira, a bênção maior da vida no porvir, uma maldição lançada por Deus! Ninguém, a não ser o ocioso por natureza, pode ter formulado semelhante idéia. A condição da

vida no jardim do Éden não era uma vida de ócio, porquanto o homem foi posto no jardim para cultivá-lo e guardá-lo. Por que motivo, então, a maldição? Em primeiro lugar, devemos partir da premissa de que Deus nunca amaldiçoa ninguém. A maldição solene proferida é nada mais que uma afirmação verdadeira da condição a que o homem ficaria reduzido por causa de seu ato de rebelião. O humo maldito para ele é o coração humano, que não era mais um solo honesto e bom, que produz frutos abundantemente; em vez disso, está cheio de cardos e espinhos, e infrutífero. Assim, daquele tempo em diante, qualquer progresso na vida espiritual tinha de ser feito com muito esforço e luta.

A história de Caim e Abel, semelhantemente, apresenta muitas dificuldades se for considerada como uma ocorrência real. Não podemos deixar de sentir que o tratamento dispensado a Caim, antes de seu ato fratricida, não foi inteiramente justo: ele ofereceu ao Senhor o que tinha, sendo porém rejeitado e seu irmão preferido. No sentido espiritual, essa desigualdade de tratamento da parte de Deus desaparece, porque vemos Caim como representação da fé meramente intelectual, separada da caridade. Os frutos da terra, como temos visto, são as coisas do entendimento. Abel, por outro lado, representa o amor ou a caridade, e sua oferta é o culto que nasce das boas afeições do coração, “as primícias do rebanho”. Onde prevalecer a fé sozinha e o formalismo, o amor é aniquilado.

A história do dilúvio também tem dado ocasião aos racionalistas para muita crítica destrutiva da Bíblia. Mas quando ela é interpretada segundo o sentido espiritual, todas as objeções são lançadas por terra. Não se tratou de um dilúvio físico, mas um dilúvio de males e falsidades monstruosos que assolou a Igreja nos tempos antigos. Noé e sua família representam aqueles que não tinham sucumbido às prevalentes heresias e imoralidades; eram os remanescentes que sempre existem nos tempos de decadência espiritual e com os quais acontece um renascimento da religião. Estes foram sustentados, em meio à desmoralização geral, por estarem na verdadeira doutrina e no bem na vida. Noé, como ficamos sabendo, era um homem íntegro. Os princípios ou doutrinários de retidão formam a arca espiritual, que nos acolhe quando um dilúvio de iniquidade ameaça nos assaltar.

O literalismo vêm também no relato da torre de Babel um outro exemplo de julgamento Divino e a origem da diversidade de línguas. Todavia, sabemos agora que as muitas línguas, pelas quais as pessoas transmitem umas às outras os seus pensamentos, não tiveram origem desta maneira, mas pela evolução gradativa das primitivas formas da fala. A história de Babel, para ser corretamente entendida, precisa ser vista de outro prisma que não o sentido literal. Realmente, é uma parábola Divina que nos fala dos esforços de pessoas más e de caráter rebelde, para anular a ordem Divina e subir aos céus de outra maneira. A torre de Babel é uma cidadela de doutrinas falsas, composta dos tijolos que o homem elabora de salvação por esforços próprios, e o inflamável betume de paixões, no lugar de pedras sólidas da Divina Verdade e do barro que os une, como o amor.

Até o tempo de Abraão, o relato bíblico é, assim, constituído de estórias alegóricas, parábolas. Dali em diante, a história é real, com base em fatos históricos provados e prováveis. Mesmo assim, os eventos dessa época em diante foram selecionados e registrados de uma maneira adequada a comportar um sentido espiritual. A história dos patriarcas, da jornada dos israelitas em sua saída do Egito, os milagres de sua libertação, sua peregrinação pelo deserto e o assentamento definitivo na terra prometida, são fatos que trazem um significado de profundas lições espirituais para todos os povos, de todos os tempos. Não apenas isso, mas em seu sentido mais íntimo esses relatos se referem à grande obra que o Salvador realizou, de redimir a humanidade ao glorificar a Sua natureza humana, durante sua vida na terra. Aqui, não podemos dar mais do um sumário muito geral de todas esses significados.

A explicação que Swedenborg dá ao livro do *Apocalipse* é coerente com sua explicação do *Gênesis* e do *Êxodo* nos *Arcanos Celestes*, considerando que se baseiam na mesma “ciência das correspondências”. Ocorrem os mesmos tipos, tanto no *Gênesis* quanto no *Apocalipse* e, na realidade, em todas as Escrituras Santas, e têm os mesmos sentidos. À luz do sentido espiritual, a massa aparentemente heterogênea de símbolos torna-se um relato conexo de eventos espirituais.

Muitos têm explicado este livro profético que se chama *Apocalipse*. Mas ninguém entendeu o sentido interno ou espiritual da Palavra, e por isso aplicaram as várias particularidades contidas nesse livro

aos sucessivos estados da igreja, com os quais eles se tornaram cientes através da história; além disso, aplicaram muitos particulares às condições civis. Daí resulta que essas exposições são em sua maioria conjecturas... Todas as coisas que são escrita no Apocalipse são expressas num estilo similar àquele em que foram escritas as partes proféticas do Antigo Testamento, e, em geral, em que toda a Palavra foi escrita. E a Palavra é natural na letra, mas em seu sentido interno é espiritual, e sendo assim, encerra um significado que não aparece absolutamente na letra” (*Apocalipse Explicado*, 1).

O que, então, nos revela o sentido espiritual do *Apocalipse*?

O livro inicia descrevendo uma majestosa visão do Salvador glorificado, como foi visto pelo ancião apóstolo. Da forma como é descrito, não podemos presumir que seja uma exata descrição do Ser Divino, mas uma representação da perfeição com que Ele é visto no mundo espiritual. A cabeça de brancura brilhante, os pés como latão reluzente, as vestimentas, o cinto de ouro, a espada saindo de Sua boca e as sete estrelas na Sua mão direita são qualidades Divinas ou alguma forma de Divina atividade.

As sete Igrejas não são organizações cristãs específicas, embora a mensagem do apóstolo possa ter sido dirigida a tais organizações naquele tempo. São, antes, sete classes de pessoas que recebem o Evangelho. Suas várias falhas são as várias formas de heresias e males que têm causado a corrupção da Igreja, pois o *Apocalipse* é um livro de julgamento sobre a primeira dispensação cristã. Uma grande parte desse livro é dedicada a uma previsão profética desse julgamento.

Os teólogos protestantes têm sempre estado de acordo que Babilônia, no apocalipse, representa a Igreja Católica pervertida. Swedenborg dá a isto um significado espiritual; o julgamento proferido sobre Babilônia não é exclusivamente sobre uma parcela da Igreja corrompida, mas sobre todos aqueles que pervertem as verdades da religião com o propósito de obter domínio sobre os outros. Existem muitos desse caráter fora da comunhão Católica, mas a sujeição dos leigos ao clero e a prerrogativa de autoridade Divina assumida pelo sacerdócio são tão evidentes na Igreja Católica que dificilmente ela é superada.

As heresias protestantes são igualmente condenadas no livro do *Apocalipse*. O grande dragão vermelho representa a doutrina imoral

de salvação pela fé somente, a qual, por destruir toda iluminação espiritual, é representada pelo monstro que derruba as estrelas com sua cauda. Esse dragão postou-se diante da mulher que estava para dar à luz um filho, a fim de devorá-lo assim que nascesse. As mulheres correspondem em geral à afeição, e a mulher aqui representa aqueles que, na igreja decadente, ainda possuem amor pelo que é bom e verdadeiro; é entre esses que a Nova Igreja deve surgir. O dragão espiritual se opõe veementemente à doutrina pura dessa igreja nova, doutrina essa que é simbolizada ali pelo filho macho.

O triunfo dos bons e fiéis, e o estabelecimento de uma nova dispensação, são expostos na maravilhosa visão de uma cidade santa, a Nova Jerusalém, descendo de Deus por meio dos céus. As cidades, na Bíblia, sempre representam sistemas de doutrinas, verdadeiras ou falsas. Assim como a grande cidade da Babilônia é o tipo do sistema corrompido da Igreja Católica Romana, assim também a Nova Jerusalém descreve em símbolos vívidos a beleza e a coerência doutrinal de uma verdadeira religião cristã. Os fundamentos de pedras preciosas são os grandes e fundamentais princípios da religião, cheios de luz e de beleza; o muro grande e alto, as verdades que protegem contra assaltos de males; os portões de pérola, as verdades introdutórias, como os dois grandes mandamentos, que conduzem a alma ao estado celestial representado pelas ruas de ouro da cidade santa; o rio de águas da vida fluindo do trono e banhando as ruas da cidade, o influxo contínuo de verdades vivas que procedem do Senhor; e assim por diante, com todos os outros objetos descritos; cada um tem sua significação inerente.

Colocadas desta maneira, essas interpretações podem parecer ao leitor um tanto arbitrárias. Mas o estudo da obra de Swedenborg irá demonstrar que elas estão baseadas num princípio que é universal e que, por criação, reside em todas as coisas. Seria fácil mostrar, por exemplo que a “pedra”, em todas as Escrituras, está representando a verdade, especialmente os fatos sólidos do conhecimento. Reconhecendo-se esta correspondência, podemos ver por quê os filhos de Israel receberam a ordem de construir altar de pedras brutas, isto é, a praticarem o culto a partir de verdades não sofisticadas; por quê a torre de Babel foi construída de tijolos em vez de pedra; por quê Davi derrotou Golias com uma pedrinha tirada do riacho. Podemos entender também

o sentido da pedra que destruiu a imagem compósita que Nabucodonosor viu em seu sonho; da “pedra angular; da rocha sobre a qual o homem sábio construiu sua casa; e da outra rocha, a declaração de Pedro a respeito da Divindade de Jesus Cristo, sobre a qual a verdadeira igreja cristã é fundada.

Não temos espaço para nos prolongarmos além do que aqui está resumido, mas o que foi exposto servirá para dar uma idéia geral da exegese de Swedenborg. O leitor provavelmente admitirá que, ao menos, seu método é peculiar e o resultado é interessante. Mas se compreender o grande princípio da correspondência sobre o qual se baseia a interpretação espiritual das Escrituras, verá, sem dúvida alguma, que a exegese é também verdadeira e o resultado não pode ser outro. De fato, Swedenborg não nos deu um sistema diferente, mas revelou-nos os fatos de uma lei inalterável, sob a qual *“porque as Suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o Seu eterno poder, como a Sua divindade, se entendem, e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas”*. (Romanos 1:20).

Cap. 10 - A Ciência das Correspondências

A doutrina das correspondências, a que nos referimos no capítulo anterior, é baseada na premissa de que toda coisa exógena e visível tem uma causa endógena e espiritual. A fala e a linguagem escrita são, por exemplo, a materialização do pensamento. Sem a fala e a escrita, o pensamento não existiria. Eis porque os animais inferiores não têm linguagem e se expressam através de um número limitado de sons. Há uma correspondência exata entre pensamento e expressão, seja qual for a forma que essa última tomar: fala, escrita, arte ou música.

Quando nos falta o conhecimento dessa correspondência, a forma exógena perde seu significado, como, por exemplo, uma língua estrangeira não tem nenhuma serventia a quem desconhece seus símbolos e sua morfologia, porque o sentido do pensamento está separado de suas expressões exógenas correspondentes. Por muitos anos, os hieróglifos egípcios e as inscrições cuneiformes eram símbolos sem qualquer significação, até que a descoberta da chave de sua decifração restabeleceu a correspondência entre idéia endógena e expressão exógena; e, ainda hoje, os antigos, embora mortos, falam conosco através de formas peculiares de escrita.

Os símbolos escritos e a expressão verbal são, até certo ponto, arbitrários; seria, de fato, possível criar uma linguagem utilizando somente símbolos absolutamente arbitrários, embora nenhuma língua histórica tenha-se originado dessa maneira. Nessa linguagem artificial haveria uma correspondência puramente convencional, enquanto nas línguas naturais as formas empregadas são derivadas das idéias que se desejou expressar e, portanto, são verdadeiramente simbólicas. Porém, há uma forma de linguagem na qual a correspondência é perfeita e facilmente compreensível a todos: a linguagem da emoção. Não precisamos conhecer o idioma francês para saber quando um francês está zangado, satisfeito ou correndo perigo; embora não entendamos uma palavra do que diz, podemos “ler” sua expressão facial e, portanto,

identificar o que está pensando. Numa pessoa sincera, a fisionomia é a expressão perfeita da mente e, mesmo um hipócrita não pode evitar que seu caráter, de certa forma, se reflita em sua fisionomia. E não apenas na fisionomia, mas por todo o corpo, com seus movimentos e gestos, expressando a natureza do homem, pois as formas do espírito formam o corpo à sua própria semelhança; isso não se dá completamente neste estado existencial, mas é perfeito e integral no mundo espiritual, onde a correspondência entre o exterior e o interior é completa.

Assim como as formas corporais expressam o caráter do espírito do homem, os trabalhos de suas mãos revelam sua natureza interior. Nenhuma história é tão verdadeira quanta a que é escrita com base na arte de um povo. A arquitetura é a personificação da vida nacional e mesmo o *design* de objetos e utensílios corriqueiros revelam o caráter e os ideais de uma comunidade. Em suma, todo o ato de um homem é a projeção e a expressão de sua alma, com a qual guardam perfeita correspondência. Se nossos atos e ofícios revelam nosso caráter interior, a bondade e a sabedoria de Deus se projetam em todos os Seus atos; e não somente no sentido geral, relacionado com as necessidades e prazeres de Suas criaturas, mas de uma maneira muito mais sutil, em que todo objeto se torna a personificação e imagem de alguma espécie de Divindade. É amplamente sabido e aceito que os objetos da natureza são, de certa forma, projeções das coisas espirituais. Nas notas do Capítulo IV de sua obra intitulada *A Ciência das Correspondências Elucidada*, o Reverendo Edward Madeley nos oferece uma série de citações de pensadores antigos e contemporâneos que parecem corroborar esse pensamento de Swedenborg. Todo o universo é, de fato, “o invólucro temporal do Eterno”, inteiramente simbólico. “Todas as coisas visíveis são simbólicas”, pois são criadas em perfeita correspondência com idéias Divinas. A ciência das correspondências é a ciência que nos permite compreender a realidade interior.

Portanto, não há apenas uma correspondência entre a criação externa e o mundo espiritual, como, também, uma relação íntima entre a natureza e o espírito do homem. Os antigos descreviam o homem como um microcosmo ou um universo miniaturizado. Foi Swedenborg quem nos revelou o significado total dessa analogia. Assim como a natureza exterior é a personificação das idéias Divinas e o homem foi

criado “à imagem e semelhança de Deus”, há uma correspondência de todas as coisas existentes no homem com as coisas do universo físico. Há, destarte, um céu e um inferno mentais; assim como há um sol, uma lua e estrelas espirituais; existem montanhas, colinas, vales e planícies da alma; há árvores e flores espirituais; ervas delicadas, espinhos, cardos e plantas venenosas; há, ainda, bestas, pássaros, répteis e insetos espirituais; em suma, tudo o que vemos ao nosso redor tem seu correspondente nas nossas naturezas espirituais.

Sem nos aprofundarmos em muitos detalhes, vejamos como funciona essa doutrina swedenborguiana das correspondências. Os céus e a terra — o que está acima de nós e abaixo de nossos pés — mostram claramente a dualidade da natureza do homem: sua parte espiritual e sua parte terrena. No seu céu espiritual estão as luzes que iluminam sua alma e lhe possibilitam alcançar, sem tropeços, as luzes superiores do amor e da fé, e as luzes menores do conhecimento e da ordem. A luz e as trevas são correspondentes da verdade e do erro, como é dado a todos perceber. A terra é o homem em sua natureza mais baixa, o homem no estado natural, estéril e improdutivo quando isolado das influências superiores que estão continuamente atuando sobre ele, mas produtivo e belo quando essas influências atuam integralmente. O sol do amor e a luz da verdade ensejam belos pensamentos, idéias e percepções que, materializadas nas boas ações, são a analogia da vida vegetal, com suas árvores, plantas, flores e frutos. Os animais que habitam essa terra mental são as diversas afeições e desejos da natureza humana, sejam maus ou bons. Possuímos dentro de nós, dormentes ou em atividade, todos os bons e maus animais existentes na terra: cordeiros inocentes; carneiros e gado mansos e inofensivos; cavalos fortes e ligeiros; pombas gentis e doces pássaros canoros; mas, também, criaturas ferozes e destrutivas, aves de rapina e répteis venenosos.

Os três graus da mente humana estão claramente representados nos três reinos da natureza. O reino mineral, com suas pedras, terras, minerais, fluidos e gases, representa tudo o que é inerte e morto na natureza humana — mero conhecimento, do lado intelectual, e instintos e inclinações, do lado moral. O reino vegetal, como já vimos, representa, com muita propriedade, os processos intelectuais, afirmação que é amplamente demonstrada em nossa linguagem diária: a toda hora

falamos em semear as sementes da verdade; a todo instante nos referimos à germinação das idéias, que se enraízam na mente e crescem em sistemas ordenados de verdade, como plantas e frutos mentais, e, posteriormente, frutificam no plano prático. O reino animal apresenta uma expressiva série de símbolos, que dizem respeito, mais especificamente, às qualidades morais.

As coisas do reino animal são correspondências de primeiro grau, porque vivem; as coisas do reino vegetal são correspondências do segundo grau, porque crescem somente; e as coisas do reino mineral são correspondências do terceiro grau, porque não vivem nem crescem. Além dessas, são correspondências tudo o mais que a operosidade do homem fabrica com essa matéria-prima, como todos os gêneros de alimentos, vestimentas, casas, edifícios públicos e muitas outras coisas (O Céu e o Inferno, nº 104).

Todas as coisas genéricas e particulares que existem no universo criado têm tal correspondência com todas as coisas genéricas e particulares do homem, que podemos dizer que o homem é uma espécie de universo. Há uma correspondência de suas emoções e, portanto, de seus pensamentos com todas as coisas do reino animal; de sua vontade e, portanto, de seu entendimento, com todas as coisas do reino vegetal; e de sua vida final com todas as coisas do reino mineral (Sabedoria Angélica, nº 52).

A correspondência da natureza exterior com a mente e vida humanas é apenas um pequeno exemplo dessa formidável lei que abrange os universos físico e espiritual; pois a vida Divina manifesta-se, em vários graus, no plano material de todos os mundos, e todas as formas de vida se relacionam entre si por correspondência. A criação ocorre, efetivamente, por sucessivas revelações do Divino, primeiro no mundo espiritual e, por influxo, deste no mundo da natureza. Alguém já disse que o conhecimento das correspondências é um dos “conhecimentos universais”, essencial para um verdadeiro entendimento da criação.

Portanto, a correspondência não se limita ao homem, e se estende ainda mais longe. Com efeito, há correspondência dos três céus entre si. Ao terceiro ou céu íntimo, corresponde o segundo ou céu médio; e ao segundo ou céu médio corresponde o primeiro ou último céu; e este corresponde no homem às formas corporais que se cha-

mam membros, órgãos e vísceras. Assim, é no corporal do homem que o céu termina em último lugar e ele subsiste sobre esse corporal como sua base (O Céu e o Inferno, nº 100).

O céu universal é formado para corresponder ao Senhor, ao Seu Divino Humano; e o homem é formado de modo a que todas as coisas nele, em geral e em particular, correspondam ao céu e, através do céu, ao Senhor (Arcanos Celestes, nº 3624).

Há uma correspondência das coisas sensuais com as coisas naturais; há uma correspondência das coisas naturais com as coisas espirituais; e há uma correspondência das coisas espirituais com as coisas celestes; e, finalmente, há uma correspondência das coisas celestes com o Divino do Senhor; portanto, há uma sucessão de correspondências que vão do Divino ao último natural (Arcanos Celestes, nº 5131).

Convém assinalar que o termo “natural” é aqui usado em referência ao grau natural da vida do homem; porém, o Divino também desce ao plano material, pois tudo é criado e, constantemente, sustentado pelo influxo da vida Divina.

O mundo natural, com tudo que o constitui, existe e subsiste pelo mundo espiritual, e um e outro pelo Divino (O Céu e o Inferno, nº 106).

Considerando-se que a vida Divina desce até o homem através dos céus celestial, espiritual e natural, conclui-se que a revelação da vontade e sabedoria de Deus chega até o homem dessa mesma maneira. A Palavra do Senhor, que foi revelada aos antigos, era a expressão máxima da Sabedoria Divina adaptada à condição inferior da humanidade. Portanto, sua forma é imperfeita e, aparentemente, cheia de incorreções; mas traz em seu seio um sentido mais profundo, ou melhor, uma série de significados compreendidos nas várias ordens angélicas. Os anjos celestes percebem a verdade mais interiormente que os anjos espirituais; os anjos espirituais têm uma percepção mais clara da verdade do que os anjos do último céu, enquanto estes desfrutam de uma luz espiritual bem maior do que a dos mortais. Esses vários graus de inteligência são diferentes uns dos outros, mas estão unidos pela correspondência. A revelação Divina se manifesta a todos eles e se consuma na Palavra escrita de Deus. Portanto, a chave para sua interpreta-

ção é a ciência das correspondências, pois as histórias, biografias e profecias da Bíblia estão apoiadas em linguagem que está intimamente relacionada com idéias espirituais.

A Palavra é escrita de tal forma que tudo que nela se encerra, mesmo as coisas mais diminutas, tem correspondência com as coisas celestiais; portanto, a Palavra tem força Divina, e une o céu à terra (Arcanos Celestes, nº 8615).

Uma das correspondências mais óbvias é a da luz com a verdade. Falamos corriqueiramente da “luz da verdade” e da “luz da razão”; de “lançar a luz sobre determinado assunto”; e seguidamente aludimos ao fato de a mente ser iluminada pelas idéias.

A primeira coisa criada foi a luz e a primeira manifestação do poder Divino, na nova criação ou regeneração do homem, foi deixar que a luz penetrasse o caos e as trevas da mente natural. A luz é o símbolo constante da verdade em todo o transcorrer da narrativa bíblica; a lâmpada continuamente acesa no santuário é o símbolo do culto verdadeiro que Jesus Cristo concitou Seus discípulos a proclamarem aos homens: Ele declarou que era a “luz do mundo” que brilhava nas trevas; devolveu ao cego, física e espiritualmente, a faculdade da visão; é, verdadeiramente, “nossa luz e nossa salvação” e está sempre trabalhando para nos tirar das trevas. Sua Palavra é lâmpada para os nossos pés, luz para o nosso caminho, que vai nos guiar, se seguirmos Sua orientação, “pelos caminhos da eternidade”. Com efeito, a Bíblia começa com a proclamação: “Faça-se a luz” e termina com a promessa de luz para os justos na Cidade Santa. Se aceitarmos esse significado espiritual da luz, veremos com clareza o lado obscuro da Palavra Divina. Por exemplo, quando lemos em algumas passagens bíblicas que o sol escurecerá, que a lua perderá seu brilho ou vai se transformar em sangue, e que as estrelas cairão do céu, não devemos pensar em catástrofes físicas, mas no amor tornando-se frio, na fé traindo a mente dos homens e no desaparecimento do conhecimento, durante o período de trevas da história da Igreja.

A correspondência da luz, como já afirmei, é evidente. Vamos, então, passar a outro exemplo que, à primeira vista, pode parecer arbitrário e inconvincente. Swedenborg nos diz que o cavalo representa o entendimento e o intelecto humanos. O intelecto, efetivamente, amplia

nossos poderes espirituais, da mesma forma que o cavalo aumenta nossa capacidade física. Ele nos proporciona uma visão mais ampla do mundo e nos permite progredir mais rapidamente em nossas tarefas; e na guerra espiritual, o cavalo guerreiro é um símbolo muito usado nas Escrituras; do mesmo modo que um guerreiro aniquila seus desafetos, o intelecto nos ajuda a derrotar nossos inimigos. Nossa força aumenta com o discernimento.

Na Bíblia há muitas passagens que fazem referência ao cavalo. Qual seria o significado da passagem em que a víbora morde o calcanhar do cavalo e faz com que o cavaleiro caia para trás? A espécie serpente, como já vimos, representa a natureza sensual mais baixa do homem, enquanto o cavalo simboliza um alto grau de inteligência. O homem cai deste estado superior quando permite que a sensualidade anule sua capacidade intelectual. Quantas vezes você já viu um homem altamente intelectualizado ser derrotado por se entregar aos prazeres sensuais? O calcanhar, aqui, representa a parte mais vulnerável, como no mito de Aquiles e na profecia da serpente e a semente da mulher (*Gênesis 3:15*). O que é o calcanhar espiritual, senão a parte que está mais vulnerável às tentações, a natureza animal ou mente carnal? É sobre esses pontos que as tentações sensuais atuam.

A passagem bíblica mais notável, no que diz respeito a cavalos e cavaleiros é a que conta a visão que João teve de quatro cavaleiros que apareceram na ocasião da abertura dos quatro selos. Swedenborg diz que esse episódio simboliza o gradual declínio na compreensão da Palavra de Deus, durante as várias épocas da história da Igreja. O cavalo branco, com seu cavaleiro coroado e armado, avançando, conquistando, representa o poder da verdade plena. O cavalo vermelho, cujo cavaleiro, brandindo uma grande espada, teve poderes para tirar a paz da terra, representa a destruição da verdadeira compreensão da verdade pela paixão e a ira. O cavalo negro é, evidentemente, a antítese do cavalo branco e representa a verdade pervertida e adulterada; já o cavalo pálido, que tinha por cavaleiro a Morte e que tinha o Inferno em sua trilha, simboliza, para nós, uma total falta de espiritualidade e a conseqüente extinção do verdadeiro conhecimento e da percepção de coisas superiores.

O leitor certamente se reportará à visão que Zacarias teve de quatro cavalos, que, evidentemente, tem significado semelhante ao da visão de João; e da descrição que este último fez de um outro cavaleiro, montado num cavalo branco, que era chamado de “Fiel e Verdadeiro”, “a Palavra de Deus”, “Reis dos reis” e “Senhor dos senhores” e que era seguido pelos soldados do céu, todos montados em cavalos brancos. Essa última visão confirma, com muita eloquência, a interpretação de Swedenborg, pois não pode haver demonstração mais clara do poder e da pureza da verdade essencial.

Há um outro aspecto da doutrina das correspondências que tem importante aplicação no terreno prático. Não somente há uma correspondência entre os mundos natural e espiritual e seus vários planos, como também entre a natureza exterior e a mente do homem; há, igualmente, uma correspondência entre o interior e o exterior do próprio homem e da vida emanada de Deus com a alma que a recebe.

O céu universal é formado de modo a se corresponder com o Divino Humano do Senhor; e o homem é formado para que todas as coisas em geral e em particular nele se correspondam com o céu e, através deste, com o Senhor (Arcanos Celestes, nº 3624).

O processo de regeneração é, de fato, a consumação de uma correspondência entre o que é interno e espiritual com o que é externo e natural.

A obra de regeneração consiste precipuamente em fazer com que o homem natural se corresponda com o espiritual racional; quando este obedece, há correspondência; e nessa mesma proporção, enquanto se corresponde, o homem é regenerado (Arcanos Celestes, nº 3286).

O natural é subjugado quando está reduzido à correspondência; e quando o natural está reduzido à correspondência, não opõe resistência mais (Arcanos Celestes, nº 5651).

Contudo, os homens, os espíritos e os anjos estão tão cheios de iniquidades que a correspondência absoluta nunca se faz eterna; mas o Senhor está sempre trabalhando para fazê-la mais perfeita (Diário Espiritual, nº 2158).

“Sem correspondência”, como já lemos anteriormente, “*não pode haver santidade*”, e, adiante lemos: “*Bem-aventurado, após a morte, é aquele que está em correspondência, isto é, aquele cujo homem exterior corresponde ao interior (Arcanos Celestes, nº 2994).*”

Como há apenas UM perfeitamente santo, foi-nos dito que: *NEle, somente, há uma correspondência de todas as coisas pertencentes ao corpo com a Divindade e essa correspondência é a perfeitíssima ou infinitamente perfeita. Portanto é o Homem Perfeito e o Único Homem (Arcanos Celestes, nº 1414).*

Assim como o Divino e o Humano estão unidos na pessoa de Jesus Cristo, nosso Senhor, é preciso que nossa humanidade se harmonize com o Espírito Divino que opera em nós, para que se cumpra a oração de Jesus: “*Pai Santo, guarda em Teu Nome aqueles que Me deste, para que sejam um, assim como Nós. Eu neles, e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos em unidade*” (João 17:11,23).

Cap. 11 - “Coisas ouvidas e vistas”

Que Swedenborg realmente tinha o privilégio de uma constante associação com anjos e espíritos, como afirma, parece estar evidente em sua obra. Seus trabalhos, certamente, propiciarão novos esclarecimentos sobre os assuntos espirituais e informação concreta sobre a outra vida. O leitor poderá formar uma opinião sobre o novo enfoque que Swedenborg deu aos assuntos filosóficos e teológicos a partir do estudo minucioso dos capítulos anteriores; neste capítulo trataremos principalmente de suas revelações sobre “a ordem do outro mundo”.

Quando comparamos a idéia generosa e inteligente que os pensadores contemporâneos fazem sobre a outra vida com as crendices grosseiras e repugnantes da teologia popular do século XVIII, concluímos que houve um substancial avanço no campo do conhecimento espiritual. E esse progresso deve ser creditado, quase integralmente, à influência de Swedenborg. Numa época em que o homem, quando acreditava numa vida futura, acreditava, igualmente, na ressurreição do corpo material, no caráter arbitrário das recompensas e castigos divinos e no espírito vingativo do Divino; que as alegrias celestiais consistiam de adorações perpétuas e da récita dos salmos; que os perdidos seriam torturados perpetuamente em fogo e enxofre; e que entre os perdidos estavam todos aqueles que nunca haviam ouvido falar de Cristo e milhões de crianças pagãs e proscritos, Swedenborg revelou-nos a natureza espiritual da ressurreição, a continuidade da vida no provir o atual estado de existência; a universalidade da benignidade Divina, que alcança até mesmo o mais profundo dos infernos; o caráter automático de recompensas e castigos futuros; que a vida espiritual é uma vida ativa e útil; que o fogo do inferno não é nada mais nada menos do que o ardor dos desejos malignos; que a salvação é assegurada tanto aos pagãos quanto aos cristãos praticantes, se eles corresponderem à luz que possuem; e que todas as crianças que morrem, batizadas ou pagãs, são

entregues imediatamente à custódia dos anjos mais sábios e são ensinadas e educadas para se tornarem anjos.

Em todas as épocas o homem desejou saber sobre o destino dos seus amigos mortos, em que estado e condições estariam, o que estariam fazendo; se ainda gostariam de manter algum tipo de contato com os amigos de quem a morte os separou; e se esses amigos poderiam esperar um reatamento dessas mesmas amizades quando eles próprios fossem transladados ao mundo superior. Contudo, até aqui, tudo isso continua envolto no mais completo mistério. Devemos, então, aceitar que tudo permaneça assim? Não existiriam evidências de que há necessidade de novas revelações para evitar a extinção da própria fé? De um lado, temos um crescente agnosticismo e de outro uma curiosidade desesperada daqueles que ainda teimam em explicar a outra vida através de velhas crendices.

Swedenborg declara que lhe foi permitido, pela Divina Providência, penetrar no véu desse imenso mistério e ser instruído, pela própria experiência, sobre a ordem do mundo espiritual, com o objetivo de preservar a fé do homem e para que ela se alicerçasse numa fundação sólida. Vamos, pois, ouvir seus ensinamentos, sem preconceitos. Encontramos amplas informações sobre esses tópicos em sua obra *O Céu e o Inferno*, mas outros detalhes podem ser encontrados nos capítulos intermediários da obra *Arcanos Celestes* (Parte 1), no livro *Amor Conjugual* e, incidentemente, em outros trabalhos. Na introdução à sua obra *O Céu e o Inferno*, Swedenborg escreve:

Os arcanos revelados nas páginas seguintes referem-se ao céu e ao inferno, e também à vida do homem depois da morte. O homem da igreja atual quase nada sabe sobre O Céu e o Inferno ou sobre a sua vida depois da morte; entretanto, elas são mencionadas e descritas na Palavra. E muitos os que nasceram no seio da igreja negam-nas, dizendo em seus corações: “Quem veio de lá e nos contou?” Assim, para que tal espírito de negação, que especialmente impera nos que sabem muitas coisas mundanas, não infecte e corrompa os simples de coração e de fé, foi-me concedido estar com os anjos e conversar com eles como um homem com outro homem, como também ver o que está nos céus e o que está nos infernos, e isto há treze anos; e foi-me dado descrever agora essas coisas que ouvi e vi, esperando

que a ignorância possa ser assim esclarecida e que a incredulidade possa ser dissipada” (nº 1).

O primeiro grande princípio da continuidade da existência está formulado nas primeiras obras publicadas por Swedenborg a respeito da natureza da outra vida. Na obra *Arcanos Celestes* (nº 70) lê-se:

E, para que eu soubesse que os homens vivem depois da morte, foi-me concedido falar e conversar, não por um dia somente ou por uma semana, mas durante meses e quase um ano com muitos que eu conhecera na vida de seu corpo, falando e conversando com eles como no mundo. Eles se admiravam muito de que, durante a vida do corpo, eles e outros em maior número estivessem em tal incredulidade, pensando que não viveriam depois da morte, quando a verdade é que, depois da morte do corpo, passam-se apenas alguns dias antes de se entrar na outra vida, porque a morte é continuação da vida.

A seguir há uma descrição do que acontece durante esses poucos dias, fundamentada não somente na informação de outros, mas também na sua própria experiência; com efeito, Swedenborg afirma que entrou num estado de insensibilidade corporal para que pudesse vivenciar as mesmas sensações experimentadas pelos moribundos.

Durante sua passagem de um mundo para o outro, os moribundos são assistidos por anjos. Anjos do céu superior ou celestial são os primeiros a instruir a alma em sua chegada ao mundo espiritual e a manter a mente voltada sempre para pensamentos piedosos e santos que são, usualmente, associados com o leito da morte. O paciente está, nesse exato momento, semiconsciente e mal percebe a presença de seus instrutores angélicos, que se mantêm em silêncio e comunicam seus pensamentos através de uma influência sutil.

A lei espiritual diz que pessoas de natureza diversa não podem permanecer associadas por muito tempo; donde se conclui que para aquelas que ainda não atingiram o grau celestial de desenvolvimento, a presença de anjos tão de uma esfera tão santa se torna insuportável depois de algum tempo; assim, essas se afastam e dão lugar aos anjos espirituais.

Os anjos espirituais permanecem com o homem enquanto sua presença for congenial a ele, instruindo-o nos conhecimentos Divinos e

introduzindo-o no magnífico cenário de sua nova etapa de existência. E desaparecem assim que sua presença se torna desagradável.

Quando a alma se separa assim dos anjos espirituais, ela é recebida pelos bons espíritos. E quando está em sociedade com eles, esses espíritos também lhe prestam todos os serviços. Se porém a sua vida no mundo foi tal que ela não possa permanecer em sociedade com os bons espíritos, ela também deseja separar-se desses. E isso se repete por muito tempo e por muitas vezes, até que ela se associe com os que convêm absolutamente à sua vida no mundo, entre os quais ela encontra sua própria vida, tal qual foi. E, então — coisa admirável! — passa-se com eles uma vida semelhante à que se teve no corpo. Mas quando se recai nesta vida, então daí sucede um novo começo de vida. Alguns, depois de um maior intervalo de tempo, outros depois de um menor, são levados para o inferno. Mas os que estiveram na fé do Senhor são, a partir desse novo começo de vida, conduzidos, por graus, para o céu (Arcanos Celestes, nº 316).

Portanto, logo no início do seu novo estado de existência, o homem se torna seu próprio juiz e escolhe seus próprios associados. Este é, sem dúvida, um pensamento altamente inspirador e que nos dá uma formidável idéia da benignidade Divina, pela qual todos nós, poderosos e humildes, santos e pecadores, temos a oportunidade de entrar na mais elevada esfera da sociedade celestial e, quando esta oferta é rejeitada, o homem é apresentado a cada uma das glórias do reino e convidado a escolher seu lugar e papel nas mesmas.

Quando o noviço atinge totalmente o estado de consciência espiritual e retorna ao seu modo adequado de vida, surpreende-se ao descobrir que o novo mundo é somente um pouco diferente do mundo de onde acabou de sair; tão pequena é essa diferença, que muitos não querem acreditar que morreram. Os espíritos noviços descobrem que possuem corpos tão reais quanto o que tiveram no mundo. Encontram companheiros semelhantes e vêem ao seu redor objetos não muito diferentes daqueles que estavam habituados a ver durante sua vida terrena. Enfim, eles têm uma existência real e substancial, ao invés de existência incorpórea como, provavelmente, supunham ser sua vida após a morte.

Swedenborg foi o primeiro a ensinar que os espíritos têm substância, forma organizada e sentidos perfeitos. Assim, escreveu:

Deve-se acautelar contra a opinião falsa de que os espíritos não têm um sensitivo muito mais apurado do que na vida do corpo. Sei que é contrário por milhares de experiências, e se não quiserem crê-lo, por causa de suas suposições a respeito do espírito, julguem por si mesmos quando chegarem à outra vida, onde a experiência mesma os fará crer. Os espíritos não somente têm visão, porque vivem na luz, e os bons espíritos, os espíritos angélicos e os anjos vivem em tanta luz que a luz do meio-dia no mundo mal pode lhe ser comparada; na seqüência se falará, pela Divina Misericórdia do Senhor, a respeito da luz em que eles vivem e vêem. Têm audição tão apurada que a audição dos que estão no corpo não pode ser equiparada. Eles têm falado comigo, já por alguns anos, quase continuamente; mas de sua linguagem se tratará também na seqüência, pela Divina Misericórdia do Senhor. Têm olfato, de que, também, pela Divina Misericórdia do Senhor, se tratará na seqüência. Têm um tato apuradíssimo, donde vêm as dores e sofrimentos no inferno, pois todas as sensações se referem ao tato, que são apenas diversidades e variedades do tato. Têm desejos e afeições aos quais não podem ser comparados os que tiveram na vida do corpo, sobre as quais se dirão muitas coisas na seqüência, pela Divina Misericórdia do Senhor. Pensam com muito mais clareza e distinção do que pensaram na vida do corpo; em uma idéia do pensamento encerram mais coisas do que em mil quando pensavam na vida do corpo; falam entre si de modo tão penetrante, sutil, sagaz e claro, que se o homem percebesse alguma coisa disso, ficaria espantado. Em suma, não perderam absolutamente nada que os impeça de serem como homens, porém com mais perfeição, a não ser ossos e carne e as imperfeições daí derivadas. (Arcanos Celestes, nº 322).

O homem não somente leva consigo todos as suas capacidades e faculdades, como também seus modos adquiridos de pensamento, suas crenças e seus preconceitos. Portanto, o homem chega à outra vida com concepções absurdas sobre a natureza da felicidade celeste de que deseja usufruir; e essas falsas concepções devem ser retificadas. A maneira mais eficaz de retificá-las consiste em deixar que o homem teste, na

prática, seus próprios ideais de felicidade. Na introdução de sua obra *Amor Conjugal* encontramos uma descrição muito interessante dessas experiências, que estão também mencionadas na obra *Verdadeira Religião Cristã* (nº 711 a 732). Nesses textos Swedenborg nos fala sobre espíritos que almejavam estabelecer um constante relacionamento social com os mais sábios e mais ilustres, sendo esse seu ideal de felicidade e que, portanto, foram colocados numa mansão onde podiam se encontrar com essas pessoas; porém, passados alguns dias, esses espíritos estavam cansados da conversa e imploravam para sair; todavia, só eram libertados quando se convenciam da falsidade de suas concepções e eram instruídos sobre a verdadeira natureza da felicidade celeste. Outros procuravam satisfação na companhia dos patriarcas e apóstolos e, após conquistarem esse prazer, ficavam, logo, enfiados. Outros, ainda — e esses constituíam um contingente apreciável — idealizavam o céu como um lugar de adoração perpétua, “onde as congregações nunca se desfaziam e o culto dos Sábados (Sabbaths) era interminável”. A esses era permitido entrar num templo e participar do culto. No primeiro momento eles experimentavam o êxtase; porém, após um longo período de devoção, seu fervor começava a desvanecer, fazendo com que alguns cochilassem, enquanto outros bocejavam e outros imploravam para serem libertados, todos desgastados pelo excesso de devoção. E àqueles que almejavam desfrutar das honrarias celestes, foi permitido alcançá-las; porém não encontraram nelas uma fonte de satisfação perene. A todos foi ensinado que

A alegria celeste é o prazer de fazer alguma coisa que seja útil a si mesmo e aos outros; e o prazer do uso tira do Amor a sua essência, e da sabedoria sua existência; o prazer do uso que tira sua existência do Amor pela Sabedoria é a alma e a vida de todas as alegrias do Céu (Amor Conjugal, nº 5).

Àqueles que desempenham o uso fielmente Ele dá o amor do uso e sua recompensa, que é a santidade interna; e essa é a felicidade eterna (Amor Conjugal, nº 7).

Mas a glorificação e o desfrute eterno de Deus não é o principal objetivo do homem? Certamente, porém a glorificação de Deus é muito mais que a simples récita dos salmos.

Consiste em produzir frutos de amor, isto é, fazer fiel e cuidadosamente o trabalho de sua função, pois isso pertence ao amor de Deus e ao amor do próximo, isto é, o liame e o bem da sociedade. Assim Deus é glorificado (Amor Conjugal, nº 9).

Não é preciso dizer que essas experiências não ocorrem no céu ou no inferno, mas no “estado intermediário”, onde as almas são preparadas para sua morada final. Na época em que Swedenborg escreveu sobre essas experiências, a doutrina de um “estado intermediário” já tinha sido totalmente eliminada da teologia protestante; portanto, ao descrevê-lo, Swedenborg se expôs a acusações de que estaria tentando restaurar a falácia do purgatório. Porém, na doutrina de Swedenborg, o “estado intermediário” não é o lugar onde aqueles que desprezaram os meios de salvação na terra têm uma segunda chance, mas, sim, o cenário do julgamento, onde o verdadeiro caráter do homem é revelado. O método desse julgamento não é o de um tribunal, onde o acusado é indiciado e comparece perante o juiz ou magistrado e se ouvem testemunhas de ambas as partes. Aqui, o homem é sua testemunha e seu juiz; o relatório de sua vida aparece diante dele e todos os seus estados e experiências são lembrados; o bem que tiver feito por amor ao bem é-lhe justamente imputado, ao passo que o bem que tiver feito procurando mérito ou elogio é descartado como escória. O mal que tiver cometido e do qual tenha se arrependido é lembrado para que seja rejeitado e eliminado, se o arrependimento foi verdadeiro; enquanto as faltas cometidas por amor ao mal, são, prazerosamente, lembradas e confirmadas como parte de sua natureza. As verdades que os homens aprenderam também são confirmadas, desde que tenham sido adquiridas por obediência; enquanto aqueles cujo conhecimento e exercício da verdade serviram, apenas, para disfarçar sua vida demoníaca, serão despojados da sabedoria que aparentavam ter. Aqueles que nunca foram iniciados na verdadeira doutrina ou que foram induzidos ao erro inconscientemente terão a oportunidade de adquirir a verdade de que carecem. Os pagãos e outras pessoas ignorantes mas dispostas para o bem são, cuidadosamente, instruídos no grau de verdade que puderem absorver e são, assim, preparados para adentrar a morada dos anjos.

Esse ensinamento de Swedenborg significa que “o Senhor não manda ninguém para o inferno” (*O Céu e o Inferno*, nº 545); entretan-

to, o perverso naturalmente é atraído para lá, pois somente lá encontra associações afins. Não só ninguém é mandado para o inferno, como ninguém permanece nele contra sua vontade. Aprendemos que os espíritos malignos às vezes têm permissão de entrar no céu, mas ficam imediatamente aflitos, incapazes de tolerar a atmosfera de pureza. Outro notável ensinamento de Swedenborg é o de que o homem não é punido por suas faltas incidentais, mas por perseverar no erro. Tampouco é punido por faltas cometidas com boas intenções; menos, ainda, por mal hereditário, exceto se o adotar como seu.

Não há nenhum sentido de vingança no castigo Divino; de fato, como já afirmamos, não existe “castigo Divino”; sua aparência de Divino se deve ao fato de os espíritos malignos contrariarem sua verdadeira ordem vital.

Existe um equilíbrio tal de cada um e de todos, na outra vida, que o mal pune a si próprio, de tal modo que no mal está a pena do mal. O mesmo acontece com a falsidade, que retorna para aquele que no falso está. Assim, cada um em si mesmo induz a pena e o sofrimento (...) O Senhor nunca lança pessoa alguma no inferno, mas a todos do inferno quer desviar; e muito menos Ele os lança em torturas; mas como o espírito mau para lá se precipita, o Senhor transforma toda a pena e sofrimento em bem e em algum uso (Arcanos Celestes, nº 696).

Portanto, mesmo no castigo há misericórdia.

A Misericórdia de JEHOVAH ou do Senhor envolve todas e cada uma das coisas feitas pelo Senhor em prol do gênero humano, que é tal que o Senhor Se compadece dele, e de cada um segundo o seu estado. Ele Se compadece tanto do estado daquele cuja punição permite, como Se compadece daquele a quem dá usufruir o bem. Ser punido faz parte da misericórdia porque todo mal da pena é mudado em bem. E faz parte da misericórdia dar a usufruir o bem, porque ninguém há que mereça o bem. (Arcanos Celestes, nº 587).

O Senhor também atenua o sofrimento daqueles que são punidos em decorrência de seus próprios atos.

Quando os perversos são punidos, há sempre anjos que regulam o grau do castigo e aliviam o sofrimento dos castigados (Arcanos Celestes, nº 967).

A idéia corriqueira de que o inferno é lugar de castigo contínuo e incessante é totalmente falsa; os espíritos malignos são punidos somente quando ultrapassam as fronteiras do território onde se encontram confinados, para preservar a ordem externa, e tentam causar dano aos outros.

Os perversos são castigados em função de seu espírito maligno; mas somente quando esse atinge seu clímax. Todo espírito maligno tem seu limite, que varia em cada indivíduo; esse limite não pode ser ultrapassado; e quando isso acontece, sobrevem o castigo (Arcanos Celestes, nº 1857).

Por isso, os demônios do inferno não podem praticar perversidades ainda mais hediondas; pois a lei da outra vida não permite que ninguém se torne pior do que foi na sua vida mundana (Arcanos Celestes, nº 6559).

Tanto o céu quanto o inferno são governados pelos mais rigorosos princípios da ordem Divina. O governo do céu é o resultado natural do espírito de ordem que reina em todos nós: no inferno há, necessariamente, coerção e prudência, embora haja liberdade, desde que dela não se abuse.

Na doutrina de Swedenborg, o céu está subdividido em três regiões, que correspondem aos três graus da mente humana: o celestial, o espiritual e o natural; e em cada um desses céus há estratos sociais organizados segundo as características específicas de seus habitantes. Essa mesma divisão tripartite também existe nos infernos, bem como outras subdivisões de sociedades infernais. Nas sociedades celestiais há subordinação hierárquica; nelas há governantes, líderes e instrutores; mas não há nenhuma semelhança com a ambição de posição e poder que caracteriza os governos terrenos. No céu, a grandeza consiste em ser preeminente no uso.

Tão estritamente estão as sociedades e os indivíduos subordinados ao bem-estar geral, e, tão harmoniosamente relacionados, que o céu inteiro comparece perante o Senhor como um único homem. Nesse

corpo político, todo anjo e toda sociedade têm uma função específica, correspondente a determinado órgão ou membro do corpo humano. Aqueles com inteligência especial pertencem à cabeça; aqueles em que o amor é o princípio predominante, formam o coração; os espíritos ativos são as mãos; os críticos representam os rins e assim por diante, em todos os detalhes. Até a pele, o cabelo e as unhas têm seus correlatos.

Essa doutrina do “Maximus Homo” ou “Máximo Homem”, como o próprio Swedenborg chamou, tem sido desdenhada por alguns, porque não foi bem compreendida. Para que possamos compreender qualquer verdade espiritual, precisamos tirar de nossa mente qualquer idéia de espaço e tempo, conforme ensina Swedenborg.

Não devemos ver esse Máximo Homem como uma massa formidável cujo cerne abriga milhares de outros seres humanos, mas como a representação da perfeição de todas as qualidades humanas. Visto que, nesse mundo, ninguém pode incorporar todas as possibilidades da raça e cada um tem seu lugar na economia geral, assim, nesse alto grau de existência, cada indivíduo complementa o grupo, e o Homem integral só é visto nesse todo. Vale, ainda, acrescentar que o inferno é, em sua totalidade, um monstro insidioso e desumano.

Como não há, no mundo espiritual, tempo e espaço, horas e dias, meses e anos, nele inexistem a progressão corporal que ocorre neste mundo. Há tempos e estações, porém de dimensão espiritual, que marcam as transformações no estado de cada indivíduo. Como já foi dito, há um Sol espiritual; contudo, é estático e aparece sempre diante da face dos anjos, a uma elevação média.

Embora não exista a progressão corporal, os anjos e espíritos não estão confinados num determinado lugar. A afeição traz a presença e, quando essa afeição é suficientemente forte, a passagem à presença de outrem é instantânea, sem a necessidade de laboriosas jornadas por paragens desconhecidas ou viagens veiculares por terra ou mar.

A vida no céu, como se vê, não é uma seqüência monótona de práticas religiosas, mas um cenário de intensa atividade. Como o serviço útil é a base da felicidade celestial, conclui-se que deva haver ocupações celestiais. Lá, todas as faculdades mentais encontrarão sua função e a ociosidade não é permitida, tampouco o é no inferno. Mesmo os

indolentes serão compelidos ao trabalho e só receberão alimento se prestarem algum tipo de serviço.

As ocupações dos anjos diferem dos ofícios terrenos, pois os seres espirituais não consideram o trabalho como meio de se ganhar o pão de cada dia ou conseguir abrigo ou vestes. Essas coisas lhes são providas gratuitamente, se estiverem dedicados aos seus usos. No entanto, eles encontram bastante motivação para ocupar-se.

No céu há governos, cargos, tribunais grandes e pequenos, ates e artesanato (Amor Conjugal, nº 207).

A maioria dos anjos está ocupada com a administração do governo e com o culto, pois as sociedades celestiais são estritamente ordenadas. A arte, a música e a literatura são ocupações congênitas de muitos, embora não envolva trabalho laborioso ou provoque fadiga em seus praticantes, como acontece com aqueles que se ocupam de ofícios mentais na dimensão terrena.

“Os escritos nos céus dimanam naturalmente dos pensamentos mesmos dos anjos, com tanta facilidade, que é como se o pensamento se projetasse por si mesmo; a mão não hesita na escolha de palavra alguma, porque as palavras, não só as que eles pronunciam como as que eles escrevem, correspondem às idéias do seu pensamento, e toda correspondência é natural e espontânea” (O Céu e o Inferno, nº 263)

A arquitetura celestial supera, em beleza e dignidade, as obras primas de qualquer construtor terreno.

“Os monumentos arquitetônicos do céu são tais, que poderíamos dizer que a arte lá está em sua arte. E isso não deve causar admiração, pois a arte mesma procede do céu “ (O Céu e o Inferno, nº 185).

A arquitetura celestial não é, todavia, obra dos anjos, mas, como todas as coisas ao seu redor, deriva suas formas de seus estados mentais. Que haja artes construtivas de várias espécies, que demandam um esforço consciente, é o que se deduz de cada um desses escritos.

Em determinado trecho lemos a respeito de um belo vaso que os espíritos confeccionaram em honra do Senhor; em outro, sobre *“peças bordadas e tecidas pelos próprios espíritos”*, que algumas virgens ofertaram a três espíritos novíços; e a respeito de *“escribas que faziam*

cópias dos escritos dos sábios da cidade”, que eram inspecionados por alguns, os quais “se admiravam de sua perfeição e elegância”. Esses visitantes foram também levados para ver os maravilhosos trabalhos feitos, de uma maneira espiritual, pelos artífices. (O Amor Conjugal, nº 207).

A ciência também tem seu lugar no céu, e o estudo de seus arredores dá prazer e grande satisfação às mentes angélicas. Nesse mundo espiritual existem plantas, árvores e flores em quantidades jamais vistas na dimensão terrena. Swedenborg nos fala de um homem que tinha sido um botânico e que despertou lá em meio a belas plantações e longos canteiros de flores.

Ele caminhou pelos canteiros e não apenas examinou cada flor, uma por uma, como também as trouxe para bem perto dos olhos, e declarou que no mundo terreno nunca vira tanta abundância de flores e plantas. E que cada uma tinha um esplendor quase incompreensível, pois emanavam da luz celestial (Arcanos Celestes, nº 4529).

Como iremos verificar, a educação constitui parte importante das atividades angélicas, pois todos os espíritos noviços precisam ser instruídos e iniciados em sua nova vida, especialmente aqueles que, como os pagãos, as crianças e os jovens, não tiveram acesso ao conhecimento verdadeiro em sua dimensão terrena.

“Há sociedades cujas funções são de cuidar das crianças; outras, cujas funções consistem em dar-lhes a instrução e a educação, quando elas crescem; outras que igualmente instruem e educam os meninos e as meninas que são de boa índole pela educação que receberam no mundo e que de lá vêm ao céu; outras ensinam as pessoas simples e boas do mundo cristão e as conduzem no caminho do céu; outras ensinam, igualmente, às diversas nações gentios; outras que defendem os espíritos noviços ou aqueles recém-chegados do mundo da infestação dos maus espíritos. Há também os anjos adjuntos aos espíritos que estão na terra inferior (a região inferior do mundo dos espíritos); e há ainda anjos adjuntos aos que estão nos infernos, para os moderarem, a fim de que eles não se atormentem mutuamente além dos limites prescritos. Há também anjos adjuntos aos que são ressuscitados dentre os mortos” (O Céu e o Inferno, nº 391).

Os anjos têm, ainda, importantes funções, como a do “*ministério espiritual*”, que assiste aqueles que serão os legatários da salvação (Hebreus, 1:14).

“Também os anjos de cada sociedade são enviados para os homens, a fim de guardá-los e desviá-los das afeições e dos pensamentos maus; para lhes inspirar, tanto quanto estes as recebem livremente, com afeições boas pelas quais eles dirigem as ações ou as obras dos homens, removendo, o quanto possível as intenções más” (O Céu e o Inferno, nº 391).

Os escritos de Swedenborg estão repletos dessas atraentes descrições de educação celestial. Ele nos revela, por exemplo, que as crianças são instruídas por meio de um sistema belo e eficaz de lições objetivas. Tudo nelas é representativo e as crianças são instruídas sobre o significado de tudo o que vêem.

Quando contemplam qualquer objeto, é como se cada um deles estivesse vivo (Arcanos Celestes, nº 2298).

As crianças são instruídas mais especialmente por emissários compatíveis com seu caráter e grau de inteligência; é impossível idealizar ou acreditar quão belos esses emissários são. E, ao mesmo tempo, quanta sabedoria guardam dentro de si (Arcanos Celestes, nº 2299).

Até seus jogos e divertimentos servem de instrumentos de instrução.

Certa vez vi crianças, com suas governantas virgens, brincando num jardim paradisíaco e quando as crianças adentraram o jardim, as flores dos canteiros pareceram exprimir sua alegria, aumentando seu esplendor; assim, me pareceu que essa era a natureza de seu prazer e que eles estavam sendo introduzidos, com prazer e entretenimento, nas coisas boas da inocência e da caridade, que estão sempre sendo enfatizadas pelo Senhor nesses momentos de entretenimento e prazer (Arcanos Celestes, nº 2296).

As crianças mais velhas eram instruídas de acordo com sua natureza e capacidade. Há museus, ginásios e faculdades, bibliotecas e lugares onde se realizavam seus jogos literários (*O Amor Conjugal*, nº 207).

Nos parágrafos 5660 a 5667 do *Diário Espiritual*, há uma interessante descrição de um local de instrução de meninas.

Elas são reunidas, em grupos de três, quatro ou cinco. Cada uma tem seu próprio quarto e sua própria cama. Num aposento contíguo há um pequeno vestiário, onde elas guardam suas roupas e seus pertences mais valiosos. Elas estão sempre ocupadas com sua tarefa primordial, os bordados. As peças que produzem são para o próprio uso ou para presentear as outras. Elas recebem sua roupa de uso diário gratuitamente, e a roupa mais fina é reservada para as festividades. Elas também cultivam seus próprios jardins e, enquanto solteiras, cultivam somente flores. Só plantam árvores frutíferas quando se tornam esposas. (...) As manchas que aparecem em suas vestes representam os maus pensamentos e más ações; essas manchas não podem ser lavadas. Quando reconhecem suas faltas e delas se arrependem, essas manchas desaparecem por si mesmas.

Da mesma forma, quando qualquer peça de vestuário desaparece de seus aposentos, elas sabem que cometeram alguma falta grave. E se esse fato lhes passar despercebido, uma esposa virá avisá-las. Se virem uma peça nova de vestuário em seus aposentos, sentirão grande alegria interior, pois sabem que praticaram uma boa ação. Quando as flores esmaecem em seus jardins, elas ficam de sobreaviso; mas se as flores se revigoram e vicejam, elas exultam, pois sabem que tiveram bons pensamentos. Elas também recebem moedas de prata e ouro e as guardam cuidadosamente, pois elas representam diligência e virtude. Elas têm a Palavra Escrita e o livro dos Salmos e os levam quando vão ouvir o pastor. E lá os lêem atentamente, e se deixam de fazê-lo, alguma peça de roupa ou seus jardins desaparecem.

Como podemos ver, o céu não é um lugar ou um estado de ócio.

O repouso eterno não é a ociosidade, pois da ociosidade resultam para a mente, e por conseguinte para o corpo, o langor, o entorpecimento, o estupor e o amolecimento; e isso tudo é morte e não vida, e menos ainda a vida eterna em que estão os Anjos do Céu (O Amor Conjugal, nº 207).

Uma questão que está permanentemente a provocar nossa curiosidade diz respeito ao relacionamento entre os sexos na outra vida. É

comum pensar-se que a existência espiritual é assexuada, pois Jesus declarou que no céu não haveria casamentos ou vida conjugal; e que todos seriam “anjos de Deus”. Contudo, Swedenborg nos informa, baseado em sua própria experiência, que o sexo subsiste, pois é, em sua essência, espiritual. Há uma alma macho e uma alma fêmea e o HOMEM é a conjugação das duas. Portanto, quando duas pessoas foram casadas neste mundo, essa união subsistirá na outra vida. E as pessoas que não chegaram a casar-se neste mundo, encontrarão seus consortes na outra vida, desde que verdadeiramente os desejem.

No caso de casais realmente unidos, a morte de um dos cônjuges não implica em separação, sequer temporária. Exceto no que diz respeito à presença consciente, pois o espírito do defunto ou da defunta coabita sem cessar com o espírito do sobrevivente, até a sua morte, quando, novamente se juntam e se reúnem e se amam mais ternamente que antes (O Amor Conjugal, nº 321).

Todos os casais se reencontram no outro mundo e coabitam por uns tempos; mas se suas naturezas são incompatíveis, eles se separam e deixam de se conhecer.

A natureza do amor é discutida pormenorizadamente na obra *O Amor Conjugal*, onde também são reveladas as razões pelas quais esse amor subsiste no céu. Não podemos analisar todas essas razões aqui; porém dedicaremos a esse assunto um capítulo especial.

Não é preciso dizer que no céu não há decadência. À medida que avançam na vida, homens e mulheres incrementam suas forças, em vez de se tornarem fracos e inválidos.

Os que estão no céu progridem continuamente para a primavera da vida; e quanto mais vivem milhares de anos, mais caminham para uma primavera agradável e feliz; e isto até a eternidade, com acréscimos conforme os progressos e os graus de amor, de caridade e de fé. As pessoas do sexo feminino que morrem velhas e decrepitas, e que viveram na fé do Senhor, na caridade para com o próximo e em um amor conjugal feliz com o seu marido, avançam cada vez mais, depois de uma série de anos, para a flor da mocidade e da adolescência e atingem uma beleza que excede toda idéia de beleza perceptível à vista. Em uma palavra, envelhecer, no céu, é remoçar (O Céu e o Inferno, nº 414).

Um outro ponto em que Swedenborg contraria a idéia prevalente é a que diz respeito à natureza dos anjos. É comum pensar-se que eles são superiores aos homens e que foram criados antes da raça humana. Alguns deles teriam se rebelado contra a autoridade Divina e foram expulsos do céu. Essa é a concepção popular de “demônios e anjos”. Essas concepções, segundo Swedenborg, estão totalmente equivocadas:

Em todo o céu não há um só anjo que haja sido criado no princípio, nem no inferno um diabo que haja sido criado anjo de luz e haja sido precipitado; mas, o fato é que todos, tanto no céu como no inferno, são do gênero humano (O Céu e o Inferno, nº 311).

O mesmo interesse que existe a respeito de outra vida, há com relação aos milhares de mundos que temos ao nosso redor e seus habitantes. Os escritores de ficção científica têm escrito um sem número de obras sobre os nossos vizinhos interplanetários. Porém, ninguém como Swedenborg se aprofundou tanto nas teorias sobre esses mundos. Em sua obra *Terras no Universo*, publicada em 1758, descreve os habitantes de alguns dos principais planetas, da lua e de estrelas muito distantes da Terra. Embora o livro seja muito interessante, o leitor ocasional não terá muito prazer em lê-lo, pois nele Swedenborg trata quase que exclusivamente da natureza espiritual de seus habitantes, sem se preocupar muito com os aspectos de sua vida mundana. Seu principal objetivo nessa obra parece ter sido o de demonstrar que os outros corpos celestes, tal como a Terra, existem em função do gênero humano e que o Senhor Deus Uno reina sobre todos eles. Swedenborg nos revela que essa informação lhe foi transmitida por espíritos oriundos desses vários mundos, através dos quais aprendeu sobre suas reais condições de vida.

Não é nossa intenção prolongarmo-nos muito na análise dessa sua obra, mas achamos interessante que o leitor tome conhecimento de algumas das revelações do livro.

Temos muitas informações sobre os habitantes de Mercúrio e Júpiter. Os habitantes de Mercúrio têm um profundo desejo de aprender e os espíritos desse planeta adoram divagar pelo outro mundo em busca de informações. Contudo, o que eles procuram não se relaciona com coisas exógenas, mas com os pensamentos e características de outros povos e sobre a essência dos assuntos que estão sendo discutidos.

Quando um espírito de outro mundo se dirige aos espíritos de Mercúrio, de maneira culta e retórica, estes só se preocupam em saber se podem obter dele novos conhecimentos, rejeitando as coisas fúteis ou as demonstrações de erudição e sapiência, pois essas expressões dissimulam o discurso e escondem as expressões que dão a forma material das coisas (nº 23).

Os habitantes de Mercúrio não só têm grande curiosidade de saber, como interesse em transmitir seus conhecimentos. Como, no entanto, eles se contentam em acumular conhecimentos, sem necessariamente utilizá-los para qualquer finalidade prática, eles carecem de discernimento e se iludem com sua suposta sabedoria.

Os habitantes de Júpiter são de ordem bem superior; aparentados dos homens da nossa “idade de ouro”, têm vida simples e dão valor aos conhecimentos práticos, em vez de erudição intelectual.

Não sabem nada ou sequer desejam saber a respeito das ciências terrenas (nº 62).

Mesmo que se ponha em dúvida a credibilidade dessas revelações de Swedenborg, é forçoso admitir que sua descrição dos habitantes de Júpiter constitui um belo modelo de vida humana. Seu mundo, conta Swedenborg, é densamente povoado, mas como o solo é muito fértil e as pessoas não ambicionam mais do que necessitam para sua subsistência, lá não existe escassez. A expectativa de vida é bem mais curta do que na Terra, média de trinta anos terrenos. Assim, a população não aumenta desordenadamente.

A vida no planeta Júpiter é patriarcal. As pessoas estão agrupadas em clãs e grupos familiares e a interação social está confinada a esse meio.

Ninguém ambiciona a coisa alheia; nem passa jamais pela imaginação de alguém cobiçar as coisas do próximo, e muito menos obtê-las por artifícios escusos ou pilhagem (nº 49).

Suas faces “são iguais às faces dos terrenos, de boa compleição e bonitas; todos irradiam sinceridade e modéstia” (nº 52). E são tão expressivos que a maior parte das comunicações se faz por meio de gestos e expressões faciais; a fala é um mero acessório. Nesse aspecto,

eles se assemelham aos povos primitivos do nosso mundo, como ilustra o excerto transcrito a seguir:

Nos primórdios dos tempos, prevalecia a sinceridade e o pensamento vinha estampado no rosto. Enquanto a sinceridade e a honradez presidiram a convivência entre os homens, essa comunicação não se alterou. Mas, quando a fala deixou de exprimir o pensamento da mente, quando o homem começou a amar a si mesmo mais que o seu semelhante, a comunicação verbal passou a predominar, pois a face tornou-se inexpressiva e dissimulada (nº 54).

Nem todos os habitantes de Júpiter têm esse caráter excelso. Alguns são possuídos de um orgulho insano e se arrogam honrarias divinas; adoram o sol e se dizem divindades mediadoras.

Os habitantes de Marte têm caráter ainda mais excelso do que os habitantes de Júpiter; são “os melhores espíritos oriundos desse sistema solar”. No aspecto geral, se assemelham aos habitantes de Júpiter.

A exiguidade de espaço não permite que nos estendamos muito na descrição dos habitantes de Saturno, Vênus, da Lua e de outros mundos ainda mais longínquos a que Swedenborg aludiu. Todavia, vale dizer que Swedenborg descreveu os habitantes da Lua como anões, com voz de trovão, devido ao fato de, ao contrário dos habitantes dos outros planetas, articularem as palavras pelo abdômen. Essa diferença fisiológica se deve ao fato de a Lua não estar envolta pelo mesmo tipo de atmosfera que envolve os outros mundos (nº 111).

Com efeito, a maioria dos cientistas acredita que a Lua não pode ser habitada devido a essa peculiaridade ambiental. Contudo, Swedenborg diz que, os espíritos e anjos sabem que há habitantes até na Lua, da mesma forma que há vida nas luas de Júpiter e de Saturno. Mesmo aqueles que nunca viram ou falaram com esses espíritos lunares, não têm dúvidas sobre a existência de seres humanos nessas superfícies lunares, pois elas são “terra” e onde quer que haja “terra”, há o homem; pois o homem é a razão da existência da “terra” e o Supremo Criador não criou nada sem uma finalidade específica (nº 112).

Contudo, vale assinalar que quando Swedenborg descreve a aparência e circunstância externas desses habitantes estelares, não o faz com base em observações pessoais, mas em informações recebidas de

espíritos procedentes desses mundos. Algumas dessas descrições quiçá devam ser consideradas simbólicas. Embora Swedenborg nos fale de suas visitas a outros corpos celestes, essas visitas foram espirituais e não físicas. Portanto, as “coisas ouvidas e vistas”, foram ouvidas e vistas através de seus sentidos espirituais.

Cap. 12 - O casamento na terra e no céu

Na época de Swedenborg, a teologia e a moral necessitavam de profundas reformas. É amplamente sabido que nesse tempo os princípios morais tanto da classe alta quanto da classe menos favorecida eram muito baixos. Mas, em nenhum aspecto essa deterioração de costumes era mais flagrante que na relação entre os sexos. Em todas as camadas da sociedade o casamento tornara-se impopular, e o deboche e a libertinagem eram praticados abertamente.

Swedenborg formulou ponto de vista excelso e inspirador. Ao invés de considerar o casamento uma associação simplesmente terrena, ensina que, em sua plenitude, o casamento é uma união espiritual que se perpetua nos céus. Essa opinião se choca frontalmente com a interpretação corriqueiramente dada à passagem:

“Na ressurreição não se casa nem se dá em casamento, mas se torna como anjo de Deus no céu” (Mateus 22:30).

Sempre acreditamos que os anjos, embora não sejam inteiramente assexuados, são, pelo menos, despidos de qualquer paixão humana. Swedenborg não só relata suas experiências fatuais no outro mundo, como nos oferece convincente testemunho de que as paixões terrenas efetivamente permanecem atuantes no outro mundo. Os poetas sempre exprimiram essa crença, mas Swedenborg demonstrou sua veracidade.

Os ensinamentos de Swedenborg, se vistos como dele próprio, parecem muito ousados. Não somente afirma que o estado conjugal permanece o mesmo na outra vida, como nos explica que o sexo é um privilégio físico e espiritual e que o amor conjugal é a mais doce, pura e sagrada de todas as afeições; que, de fato, representa a consumação de toda a felicidade humana, sendo o amor fundamental de todos os amores espirituais e celestiais e, portanto, de todos os amores naturais. Swedenborg nega a virtude do celibato e afirma que “o estado de casa-

do é melhor que o celibato”. E explica que o termo “casto” só pode ser usado para qualificar união conjugal perfeita.

O texto seguinte é um resumo desse seu argumento. Swedenborg observa

“que nos céus haja casamentos, é o que não pode entrar na fé dos que imaginam que o homem depois da morte é uma alma ou um espírito, e não concebem uma alma ou um espírito senão como um éter ou sopro leve; imaginam também que o homem não viverá como homem senão depois do Juízo Final; e, em geral, nada sabem do mundo espiritual, no qual estão os anjos e os espíritos, assim onde estão os Céus e os infernos. Como esse mundo é desconhecido e se ignora completamente que os anjos do Céu são homens em uma forma perfeita, e semelhantemente os Espíritos Infernais, mas em uma forma imperfeita, é por isso que não pôde ser revelada coisa alguma sobre o casamento no mundo espiritual, porque eles teriam perguntado: Como uma alma pode ser conjunta com uma alma, ou um sopro com um sopro, tal como um esposo é conjunto com a esposa sobre a terra? Sem falar de várias outras objeções que, no momento em que fossem feitas, tirariam e dissipariam a crença nos Casamentos na outra vida. Mas agora que várias coisas foram reveladas sobre esse Mundo e que também foi descrito tal que é, o que foi feito no tratado d'O Céu e o Inferno e no Apocalipse Explicado, a afirmação de que há, lá, casamentos pode ser confirmada, dentro da razão (Amor Conjugal, nº 27).

Swedenborg então passa a demonstrar que a morte tira do homem o “revestimento físico”, pois, de fato, o homem vive como homem após sua morte, com todas as suas faculdades e órgãos, portanto perfeitamente apto a funcionar no mundo espiritual.

Com a permanência de sua plena capacidade e identidade, conclui-se que o homem ascende ao mundo espiritual como homem e a mulher como mulher, cada um com suas naturezas contrastantes e complementares; pois o sexo não é um mero acidente ou dádiva temporal, tampouco apenas uma simples distinção física.

O masculino no macho é masculino em cada parte e mesmo na menor parte de seu corpo, e também em cada parcela de sua afeição. Semelhantemente o feminino na fêmea, e como um não pode ser mu-

dado no outro, segue-se que após a morte, o masculino é masculino e o feminino é feminino (Amor Conjugal, nº 33).

A parte mais essencial da natureza de uma pessoa é seu amor dominante. É ele que vai formar seu caráter e, efetivamente, constitui sua individualidade. Tudo o mais é acessório; e o conhecimento armazenado na memória é para uso exclusivo desse seu amor. Todos os seus atos são a expressão da afeição de seu coração. Portanto, sendo o amor o formador da natureza essencial do homem, este o leva consigo para o mundo espiritual.

Cada um tem seu amor, ou um amor distinto do amor do outro e esse amor permanece com ele após a morte (Amor Conjugal, nº 34 e 35).

E principalmente permanece o amor do sexo; pois o homem e a mulher foram criados de tal sorte que se tornam um só ser depois da morte; e sem essa conjunção eles são meras metades. Como essa predisposição a conjunção é latente em cada parte do macho e da fêmea e há em cada um a faculdade e o desejo pela conjunção em um, tem-se que o amor mútuo e recíproco do sexo permanece no homem depois da morte (Amor Conjugal, nº 37).

A essência e origem do verdadeiro casamento é a união do amor com a sabedoria; todas as coisas emanam e são sustentadas por essa união. Nos seres humanos esses elementos são díspares; o amor é predominante na mulher e a sabedoria no homem. Urge, portanto, que ambos se unam em um só ser para atingir a plenitude de suas capacidades. O casamento é, por conseguinte, a união do amor com a sabedoria num grau finito. Esse princípio deve existir não somente ente os sexos mas em todo o indivíduo. De fato, o verdadeiro casamento espiritual só se consoma quando ambos os cônjuges alcançam, individualmente, a conjunção espiritual do bem e da verdade. Esse é o casamento celestial em sua essência, em sua origem Divina; pois do casamento do Divino Bem com a Divina Verdade e de ambas no Senhor, emana todo amor conjugal, por conseguinte, todo o amor celestial e espiritual (Vide *Arcanos Celestes* nº 2618).

Uma esfera universal conjugal procede do Senhor e se espalha no universo desde seus primeiros até seus últimos, assim desde os anjos até os vermes (Amor Conjugal, nº 92).

Quando acreditamos que o amor conjugal é a conjunção do bem com a verdade, estamos aptos a entender outros ensinamentos de Swedenborg sobre o assunto. Ele nos ensina, como acabamos de ler, que o amor conjugal é a origem de todos os amores celestiais e espirituais, pois a união do bem com a verdade é a essência de todo amor. Amor sem sabedoria é paixão ou loucura; e sabedoria sem amor é fria e coercitiva. O amor espiritual está em todos os amores.

O amor casto do casamento é o amor fundamental de todos os amores celestiais e Divinos. Tanto quanto o homem está no amor casto do casamento, mais está em todo o amor puro, se não de fato, em intenção (Apocalipse Explicado, nº 981).

O amor conjugal é o fogo incandescente do amor do bem e da verdade e oriundo do prazer de praticar o bem, portanto do amor ao Senhor e ao próximo (Apocalipse Explicado, no 992).

Só pode desfrutar desse amor quem é iniciado nos princípios do bem e da verdade... Esse amor está repleto de felicidade e bênçãos celestiais e todos aqueles que o experimentam ascendem ao céu ou ao casamento celestial (Arcanos Celestes, nº 2729).

O amor conjugal é o amor central e fundamental da vida do homem e a fonte de seu máximo prazer.

Todos os prazeres, quaisquer que sejam, que são sentidos pelo homem, pertencem a seu amor. Como o amor conjugal é o amor fundamental de todos os amores e está presente nas partes mais insignificantes do homem, como foi mostrado acima, segue-se que os prazeres deste amor ultrapassam os prazeres de todos os outros amores, e que dá também prazer aos outros, pois dá expansão aos íntimos da mente e ao mesmo tempo aos íntimos do corpo, na medida em que o fluxo delicioso de sua fonte neles corre e os abre. Que neste amor tenham sido reunidos todos os prazeres, desde os primeiros até os últimos, é devido à excelência de seu Uso em comparação com o de todos os outros; seu Uso é a propagação do gênero humano e, por conseguinte, a do Céu Angélico; e como este Uso tem sido o fim dos fins da criação, segue-se que todas as beatitudes, todas as doçuras, todos os prazeres, todas as volúpias que podiam ser reunidas no homem pelo Senhor Criador, foram reunidas neste seu amor (Amor Conjugal, nº 68)

Os estados desse amor são a inocência, a paz, a tranquilidade, a amizade íntima, a plena confiança e o desejo da alma (animus) e do coração de fazer um ao outro toda sorte de bens; e os estados provenientes destes são a beatitude, a satisfação e o prazer; e do gozo eterno de todas estas coisas resulta a felicidade celeste. Todos esses estados procedem unicamente do Senhor, Divino Amor, por Sua Divina Sabedoria, ao mesmo tempo que a vida. E fluem, em consequência, naqueles que estão no amor verdadeiramente conjugal, porque só eles são recipientes (Amor Conjugal, nº 180).

Não devemos duvidar da eternidade de um amor como esse, pois ele se sustenta na vida essencial e crescerá sempre se aperfeiçoando e fortalecendo.

O verdadeiro amor conjugal junta cada vez mais os dois em um só homem; e como o amor verdadeiramente conjugal dura eternamente, segue-se que a esposa se torna cada vez mais esposa e o marido cada vez mais marido. A razão disso é que, no casamento de amor verdadeiramente conjugal, cada cônjuge se torna cada vez mais homem (hominal) interiormente; pois este amor abre os interiores de suas mentes e, à proporção que esses interiores são abertos, o esposo e a esposa se aperfeiçoam (Amor Conjugal, n. 200).

O amor conjugal não é somente a fonte dos mais sublimes prazeres humanos, mas é sagrado, puro e casto. Está acima de todos os outros amores e procede do Senhor, através dos anjos celestes e dos homens da igreja. Se houver no homem um desejo e um esforço nesse sentido, esse amor tornar-se-á perpetuamente casto e puro, dia após dia, pois o verdadeiro amor conjugal é a própria castidade (Amor Conjugal, nº 64/143, excertos). E a própria inocência (Amor Conjugal, nº 64/143 e Arcanos Celestes, nº 308l, excertos).

A castidade conjugal e a religião são uma só coisa (Apocalipse Explicado, nº 98l).

Mas é preciso que se saiba que não há Amor conjugal absolutamente casto ou puro entre os homens, nem entre os anjos. Há sempre alguma coisa de impuro e incasto que se acrescenta ou se liga a ele. Mas isso é da natureza da que dá origem ao não casto. Nem um amor dos homens ou entre os anjos é totalmente puro ou pode tornar-se integralmente puro; mas o desígnio e a intenção da vontade são

contemplados pelo Senhor, e, conseqüentemente, quanto mais o homem nisso persevera, mais é iniciado e se aproxima da pureza (Amor Conjugal, nº 146, excertos).

Nos casais cujas relações são verdadeiramente conjugais, (essa união) continua na outra vida; pois aqueles que experimentam o verdadeiro amor conjugal, têm sua conjunção reforçada na eternidade (Amor Conjugal nº 162, excertos).

Mas o número desses casamentos é, atualmente, muito pequeno. Há muitos casamentos felizes neste mundo, que se fundamentam em relações externas agradáveis; mas, a não ser que essas amenidades externas sejam complementadas por um amor ao bem, a união não irá além desta existência.

Os dois esposos geralmente, depois da morte, se encontram, se reconhecem, de novo se consorciam e durante algum tempo vivem juntos. Tudo isso acontece no primeiro estado, enquanto estão nos externos como no mundo (Amor Conjugal nº 47).

Quando, entretanto, entra no estado interno, no qual percebem as inclinações do amor, eles só permanecem juntos se houve realmente uma união espiritual entre os dois. Se seus sentimentos recíprocos são concordantes e amistosos, eles continuam sua vida conjugal; mas se são discordantes e antipáticos, o casamento se dissolve (Amor Conjugal, nº 47).

A separação, por morte, de cônjuges unidos na verdadeira união conjugal é mais aparente que real. Essas pessoas não são, efetivamente, separadas pela morte de uma delas, pois o espírito do cônjuge morto continua a viver conjuntamente com o espírito do cônjuge sobrevivente, até a morte deste, quando novamente se reencontram, se reúnem e se amam ainda mais intensamente (Amor Conjugal, nº 321, excertos.)

Há um amor verdadeiramente conjugal que hoje é tão raro, que não se sabe o que ele é e mal se sabe que existe (Amor Conjugal, nº 58)

Conclui-se, portanto, que poucos dos casamentos feitos neste mundo são uniões permanentes, e que novas escolhas obrigatoriamente acontecem na outra vida. Swedenborg chega mesmo a afirmar que os

casamentos interiormente conjuntivos *difícilmente podem ser introduzidos na terra, porque o Senhor não pode proceder aí, como nos céus, à escolha de semelhanças internas, pois elas foram limitadas de muitas maneiras; por exemplo, pela igualdade de estado e condição, dentro do país, da cidade e do bairro onde se mora, e aí geralmente são os externos que ligam os futuros esposos, e não, por conseguinte os internos, os quais não se mostram senão depois de algum tempo de casamento, e não são conhecidos senão quando se misturam com os externos (Amor Conjugal, nº 320).*

Quando os casamentos são infortuitos e a simpatia entre os cônjuges imperfeita, não é necessariamente por culpa de algum dos cônjuges; tampouco devemos pensar que tais casamentos não são benéficos aos esposos. As dificuldades inerentes ao casamento desajustado são, via-de-regra, um importante instrumento de aperfeiçoamento e fortalecimento do caráter dos cônjuges; contudo, tais casamentos não podem ser permanentes e os cônjuges desajustados encontrarão outros esposos, no mundo espiritual, se assim o desejarem e se forem capazes de experimentar os prazeres do casamento celeste. No mundo maligno essa capacidade e esse desejo não existem; por tanto, no inferno não há amor conjugal.

A Divina Providência do Senhor é singularíssima e universalíssima a respeito dos casamentos e nos casamentos, porque todos os prazeres do céu decorrem dos prazeres do amor conjugal, como águas doces jorrando do manancial de uma fonte; é por isso que é provido que nasçam pares conjugais; e estes são, sob os auspícios do Senhor, continuamente educados para o seu casamento, sem que o rapaz e a moça saibam. E depois do tempo exigido, ela, então, virgem núbil, e ele, mancebo apto ao casamento, se encontram em alguma parte como por acaso, e se examinam mutuamente, e, em seguida, como por uma espécie de instinto conhecem que são adequados, e por uma sorte de ditame interior, pensam consigo mesmos, o mancebo: “Esta é a minha”; a moça: “Este é o meu”; e depois que este pensamento residiu durante algum tempo na mente de um e de outro, eles se dirigem a palavra de propósito deliberado e se prometem um ao outro. Isso acontece como por instinto, por obra do acaso ou ditame do destino, mas o verdadeiro agente é a Divina Providência, porque

ela aparece assim quando não é conhecida; pois o Senhor abre as semelhanças internas, a fim de que se vejam (Amor Conjugal, nº 229).

Se não houvesse casamentos no céu, todos aqueles que morressem na infância, impúberes, ou um grande número de celibatários, estariam impedidos de desfrutar da mais alta forma de felicidade humana e a passar a vida eterna na imperfeição da solidão. Mas isso não acontece. Swedenborg nos diz que as crianças não permanecem crianças no outro mundo, mas são alimentadas e assistidas até atingirem idade adulta, quando se casam com suas almas afins, com as quais eles se tornam espiritualmente um. O mesmo acontece com aqueles que permaneceram celibatários na vida terrena; no devido tempo, eles encontram seus pares e se unem a eles.

Em sendo o amor conjugal o mais sublime de todos os amores e a fonte de todas as alegrias, é também a causa da perfeita beleza dos anjos femininos e da graciosidade máscula dos anjos masculinos. Num memorável, Swedenborg descreve assim a beleza de um casal dos céus mais altos:

O marido parecia de uma idade entre a adolescência e a juventude; e em seus olhos brilhava uma luz cintilante derivada da sabedoria do amor; por esta luz a sua face era intimamente como radiante e pela radiação que ela dava à pele em sua superfície externa era como cintilante, de sorte que toda sua face tinha uma beleza resplandecente (Amor Conjugal, nº 42).

Sobre a esposa, Swedenborg escreveu:

Sua face foi vista por mim, e não foi vista; foi vista como a beleza mesma e não foi vista porque essa beleza era inexprimível; pois havia em sua face o esplendor de uma luz inflamada, tal como é a luz dos Anjos do terceiro céu; e essa luz prejudicou minha visão. Fiquei simplesmente estupefato (Amor Conjugal, nº 42).

Os antigos acreditavam numa fonte da eterna juventude. No céu esse sonho se realiza, pois aqueles que deixam este mundo velhos, decrepitos, doentes do corpo ou deformados, rejuvenescem e recuperam para sempre o vigor pleno de sua masculinidade ou feminilidade.

Todos que adentram o céu retornam à juventude e recuperam todo o seu vigor e assim permanecem por toda a eternidade (Amor Conjugual, nº 44)

O amor conjugal, como “o amor fundamental de todos os amores” é a verdadeira fonte da eterna juventude.

Aqueles que viveram o amor casto do casamento estão acima de todos na ordem e forma celestiais e, por conseguinte, no auge da beleza e no esplendor de sua juventude, eternamente (O Céu e o Inferno, nº 489).

Cap. 13 - Sinais de vidência

Se Swedenborg tivesse vocação para o charlatanismo, certamente teria feito fama e fortuna com a mera exibição de seus extraordinários poderes. Ao invés, porém, de exhibir publicamente essas faculdades, raramente se referia a elas e se recusava a afirmar que sua missão estava ligada a esses poderes.

O prelado Oetinger escreveu assim sobre Swedenborg: “Que Swedenborg tem tido conhecimento de ocorrências, está amplamente corroborado por fatos bastante comprovados; recusa-se porém a usá-los com o intuito de dar credibilidade aos seus escritos”. Mesmo quando instado por pessoas interessadas em saber a respeito de parentes e amigos mortos, entre as quais estavam até membros da Casa Real, ele gentilmente refutava esses pedidos, salvo se houvesse um razão que os justificasse. O Reverendo Nicholas Collin implorou-lhe o grande favor de entrar em contato com um irmão dele, falecido há alguns meses. Collin conta que Swedenborg lhe respondeu assim: “Deus houve por bem e sábio separar o mundo dos espíritos do nosso. Portanto, qualquer contato com o outro mundo não se faz possível sem fortes justificativas. E em seguida indagou-me sobre meus motivos. Confessei-lhe que não tinha nenhum motivo especial, mas apenas procurava satisfazer minha afeição fraternal e a curiosidade de explorar um mundo sublime e interessante para a mente séria. Ele, então, retrucou que meus motivos eram insuficientes. Se o pedido envolvesse assunto espiritualmente importante, ele o submeteria aos anjos que regulam essa matéria”. O Reverendo Collin deve ter entendido mal a resposta de Swedenborg referir-se aos anjos, pois este ensina que todos os assuntos espirituais estão sob o controle exclusivo do Senhor e não de anjos ou espíritos.

Apesar dessa relutância de Swedenborg em exhibir as faculdades paranormais, há grande número de revelações feitas por várias pessoas de suas relações. Por mais fantásticas que possam ter sido essas revelações, Swedenborg nunca as considerou milagrosas, mas simplesmente a

comprovação de sua interação com o mundo espiritual. Em carta a Venator, Swedenborg escreveu: “Esses episódios não devem ser vistos como coisa milagrosa, pois são meros testemunhos de que eu foi introduzido pelo Senhor no mundo espiritual. Lá tive oportunidade de conviver e conversar com anjos e espíritos; e minha experiência serve para provar à Igreja, que insiste em ignorar o outro mundo, que o céu e o inferno realmente existem; e, depois da morte, o homem vive como homem, tal como na vida terrena e, assim, nenhuma dúvida pode ocorrer em sua mente sobre a sua imortalidade”. Ao sustentar a veracidade dessas ocorrências a Cuno, “ele não se delongou muito em explicações, enfatizando que há milhares dessas histórias; e que não lhe parecia importante tecer muitas considerações sobre esses fatos. Aduziu, ainda, que todas essas coisas não deviam empanar o verdadeiro objetivo de sua missão”.

Se nos alongássemos muito sobre essas extraordinárias ocorrências, estaríamos desrespeitando o desejo do nosso biografado. Entretanto, temos que considerar os fatos relatados a seguir como irrefutáveis provas de sua vidência.

Jung-Stilling afirma que “há três histórias que certamente comprovam que Swedenborg tinha efetivamente um inter-relacionamento com o outro mundo: a revelação à rainha Louisa Ulrica, da Suécia, de um segredo que ela e seu irmão, o príncipe Augustus Williams, da Prússia, já falecido, mantinham; a visão, a grande distância, do incêndio de Estocolmo; e a revelação à viúva de M. de Marteville, ex-embaixador da Holanda em Estocolmo, do local onde seu marido tinha guardado um documento de suma importância. Essas histórias foram contadas por várias testemunhas, com algumas variações, como de costume, sem, contudo, comprometer sua autenticidade. O episódio que envolve a rainha Louisa Ulrica é, obviamente, o que desperta maior curiosidade e, por esta razão, apresenta o maior número de versões. Sabe-se que, tanto na Suécia quanto no exterior, as versões variavam de acordo com o narrador. A seguir, temos a versão do conde Höpken.

“Certo dia Swedenborg estava numa recepção na corte e Sua Majestade a rainha Louisa Ulrica lhe perguntou sobre coisas do outro mundo e, finalmente, se tinha visto o irmão dela, o príncipe da Prússia, ou falado com ele. Swedenborg respondeu-lhe que não. Sua

Majestade, então, pediu-lhe que tentasse encontrá-lo e lhe transmitisse suas afetuosas saudações. Swedenborg acedeu prontamente ao pedido. Tenho minhas dúvidas sobre a seriedade do pedido da rainha. Daí a uns dias, Swedenborg compareceu a outra recepção na corte e, quando a rainha estava no Salão Branco, Swedenborg aproximou-se dela. A rainha não se lembrava mais do pedido feito há menos de uma semana. Swedenborg, então, saudou Sua Majestade como se fosse seu irmão, o príncipe Augustus Williams, da Prússia, e lhe pediu desculpas por não ter respondido à sua última carta; e disse a rainha que o faria através de Swedenborg, o que, efetivamente, o fez. A rainha ficou atônita e exclamou; ‘Ninguém, além de Deus, sabia desse segredo’. O segredo consistia em a rainha não desejar que viesse a público o fato de ela estar mantendo correspondência com a Prússia, então em guerra com a Suécia”.

Outra versão diz que a rainha quase desmaiou e que o Conde von Schwerin, ao vê-la tão aflita, censurou energeticamente Swedenborg por sua conduta, ao mesmo tempo que o inquiria a respeito de seus estranhos poderes. O incidente teve grande repercussão e todos queriam saber os seus pormenores. C. F. Nordenskold diz que “a esposa do jardineiro de Swedenborg contava que, muito tempo depois desse incidente, carruagens paravam em frente à casa de Swedenborg e as pessoas mais importantes da corte lhe inquiriam sobre o episódio. Swedenborg, entretanto, fiel aos seus princípios, nada lhes dizia”.

Sobre o mesmo episódio, Jung-Stilling escreveu: “Essa ocorrência tem sido posta em dúvida em diversos pronunciamentos públicos, mas um renomado cidadão sueco, que jamais fora sequer amigo ou admirador de Swedenborg, me garantiu sua veracidade. E me forneceu provas pormenorizadas do episódio, as quais, infelizmente, não posso dar a conhecimento público, pois histórias envolvendo o mundo dos espíritos devem merecer a máxima discricção. Todavia, em Estocolmo, o episódio era amplamente conhecido”.

A narrativa mais minuciosa do incêndio de Estocolmo está contida numa carta de Immanuel Kant para Charlotte von Knobloch, datada de Königsberg, aos 10 de outubro de 1759 [ou depois], transcrita a seguir:

“Esta ocorrência parece ser a prova cabal dos poderes paranormais de Swedenborg. Às 4 horas da tarde de um sábado de setembro, do ano de 1759, Swedenborg chegou a Gotemburgo, vindo da Inglaterra e foi convidado à casa do Sr. William Castel, junto com mais quinze pessoas. Por volta das 18 horas, Swedenborg deu uma saída e, momentos depois, retornou à sala, pálido e visivelmente alarmado. E, em voz alta, disse a todos que, naquele exato momento, um grande incêndio irrompera em Estocolmo, no bairro de Södermalm (Gotemburgo distava 300 milhas inglesas de Estocolmo) e que o fogo se alastrava com muita rapidez. Swedenborg estava agitado e entrava e saía da sala. Disse que a casa de um de seus amigos, cujo nome declinou, estava em cinzas e que sua própria casa estava ameaçada pelo fogo. Às 20 horas, voltou à sala e exclamou exultante: ‘Graças a Deus! O fogo foi extinto a 3 portas da minha casa’. O incidente causou forte impressão nas pessoas que o presenciaram e teve ampla repercussão na cidade. E chegou ao conhecimento do Governador naquela mesma noite. Na manhã do dia seguinte, domingo, o governador convocou Swedenborg ao palácio e quis saber todos os pormenores do sinistro. Swedenborg descreveu-lhe, minuciosamente, todo o incidente; como o incêndio tinha começado; quanto tempo tinha durado e como tinha sido extinto. Naquele mesmo dia o episódio se espalhou pela cidade e, com o endosso do governador, a notícia causou grande consternação. Todos lamentavam a sorte de amigos e parentes que poderiam ter sido atingidos pelo incêndio. Segunda-feira à noite chegou a Gotemburgo um mensageiro enviado pela Câmara de Comércio de Gotemburgo e que havia deixado a cidade durante o incêndio. As cartas trazidas por ele descreviam o sinistro tal qual Swedenborg o descrevera. Na manhã de terça-feira, chegou ao palácio do governador um mensageiro real trazendo o trágico relato do incêndio. Tudo coincidia, exatamente, com a descrição de Swedenborg; o fogo tinha sido, efetivamente, debelado às vinte horas do domingo”.

Dentre as muitas versões do caso de Madame Marteville, reproduzidas pelo Dr. R. L. Tafel em seu livro *Documents*, selecionamos novamente a que foi contada por Kant a Charlotte von Knobloch, baseada em informações que ele (Kant) recebera de um amigo a quem incumbira de investigar o episódio *in loco*.

A senhora Marteville, viúva do embaixador da Holanda em Estocolmo, tempos depois da morte de seu marido, foi procurada por Croon, um joalheiro, a respeito de uma dívida do extinto com ele. A viúva não podia acreditar que seu marido, um homem de hábitos conservadores, pudesse ter deixado alguma dívida por saldar. Mas, por mais que procurasse, não conseguiu encontrar o recibo correspondente. Como a quantia era bem alta, ela decidiu convidar Swedenborg à sua casa. Depois de pedir-lhe desculpas por importuná-lo, pediu-lhe que, se realmente possuísse poderes paranormais, como se dizia, talvez pudesse perguntar ao seu marido onde tinha guardado o tal recibo. Swedenborg acedeu, prontamente, ao pedido. Daí a três dias, Swedenborg voltou à casa da senhora Marteville e, em tom calmo e pausado, contou-lhe que havia conversado com seu marido e este lhe dissera que a dívida em causa tinha sido paga, uns sete meses antes de sua morte e o recibo estava guardado num compartimento de sua escrivaninha. A viúva retrucou que a escrivaninha tinha sido totalmente revistada e o recibo não fora encontrado entre os documentos. Swedenborg, então, lhe disse que, ao se abrir a gaveta esquerda da escrivaninha até o fim, um fundo falso revelaria um compartimento secreto onde estavam guardados seus papéis pessoais e o tal recibo. Após ouvir atentamente as instruções de Swedenborg, a viúva e alguns dos presentes rumaram para a sala onde estava a escrivaninha. Lá chegando, abriram-na, conforme as instruções de Swedenborg e lá estavam os documentos pessoais do extinto e o recibo em questão.

O interesse de Kant por esses casos surgiu através de sua amizade com a senhora von Knobloch, que pediu sua opinião a respeito da vidência de Swedenborg. Para atender o pedido da amiga, Kant procedeu a diversas investigações sobre as ocorrências vivenciadas por Swedenborg. Os resultados desse inquérito estão relatados na carta supramencionada. O original dessa carta está reproduzido no livro *Life of Kant*, de autoria de Borowsky, publicado em Königsberg, em 1804, e, em sua versão inglesa, aparece às páginas 625/636 do segundo volume do livro *Documents*, de autoria do Dr. R. L. Tafel.

Embora confirmasse cabalmente todas essas histórias, Kant se resguardava das insinuações de ingenuidade, dizendo:

Ninguém poderá acusar-me de ter tendência a devaneios ou crendices infundadas ou de excessiva credulidade. E, embora de longa data tivesse conhecimento de fatos ligados a aparições e visões do mundo dos espíritos, sempre achei que era mais lógico e racional negar-lhes autenticidade. Mantive essa postura até tomar conhecimento dos casos vivenciados por Swedenborg. Tomei conhecimento desses fatos, através do relato de um oficial dinamarquês, amigo meu, que costumava comparecer assiduamente às minhas conferências. Ele me contou sobre uma carta escrita pelo embaixador da Áustria em Estocolmo, Barão de Lutzow, ao seu colega, Dirtrichstein, embaixador da Áustria em Copenhague. Na carta, o Barão de Lutzow contava que presenciara, na companhia do embaixador da Holanda em Estocolmo, o episódio envolvendo sua Majestade, a rainha Ulrica da Suécia. Esse testemunho convenceu-me, de vez, a investigar pessoalmente todos os fatos vivenciados por Swedenborg. Afinal de contas, não me parecia possível que um embaixador transmitisse a um colega informações infundadas sobre a Rainha da Corte junto a qual estava acreditado e, ainda por cima, desse testemunho inequívoco de sua veracidade. E, então, despido de todos os preconceitos sobre aparições e visões do outro mundo, decidi informar-me sobre todos os detalhes desses casos.

Incontinente, escrevi ao meu amigo, oficial dinamarquês, e lhe inquirei, novamente, sobre o episódio da carta do Barão de Lutzow. Respondeu-me que se tinha avistado novamente com o Conde Dirtrichstein, que lhe confirmou que o caso da rainha Ulrica tinha acontecido exatamente como era do conhecimento público, aduzindo que o Professor Schlegel também declarara a ele que a veracidade do caso não poderia ser posta em dúvida.

Como todos esses testemunhos ainda não fossem suficientes para saciar sua curiosidade, Kant incumbiu um amigo, inglês, que estava de partida para Estocolmo, de fazer novas investigações sobre Swedenborg. Antes mesmo de conseguir se entrevistar com Swedenborg, poucos dias após sua chegada a Estocolmo, o amigo lhe escreveu a seguinte nota: “As pessoas mais respeitáveis de Estocolmo me asseguraram que o episódio envolvendo Swedenborg e a rainha Ulrica aconteceu exatamente como fora amplamente divulgado”. Após se tornar amigo

de Swedenborg, a quem visitava freqüentemente, o tom de suas cartas passou de uma certa incredulidade a um indisfarçável espanto diante dos fatos. “Swedenborg é um homem generoso, razoável e muito educado; é, também, homem muito culto. Ele me revelou que Deus lhe tinha dado o extraordinário poder de se comunicar com os espíritos, a qualquer tempo. Como prova disso, citou os casos mais conhecidos”. Depois de muitas investigações sobre Swedenborg, Kant se referiu aos episódios do incêndio em Estocolmo e ao caso do recibo de Madame Marteville, assim: “Quem poderia, em sã consciência, duvidar da veracidade desses fatos?” E, invocando o testemunho de seu amigo, que fora por ele incumbido de investigar todos esses episódios em Estocolmo e Gotemburgo e das inúmeras testemunhas ainda vivas, Kant concluiu que as três histórias acima pormenorizadas não podiam ter sua autenticidade refutada. Mas, além desses casos mais difundidos, há inúmeros outros episódios igualmente interessantes e dignos de serem incluídos nesta biografia. Um dos mais notáveis é o de John Wesley, que está reproduzido, integralmente em carta do Sr. John Isaac Hawkins, engenheiro e inventor dos mais conhecidos, ao Reverendo Samuel Noble, datada de 6 de fevereiro de 1826, transcrita parcialmente abaixo.

Em resposta à sua carta sobre o caso Wesley, posso afirmar-lhe que, em diversas ocasiões, por volta de 1787 ou 1788, ouvi o Reverendo Samuel Smith, um dos colaboradores do Reverendo Wesley, contar que estava trabalhando com o referido Reverendo na organização de sua cruzada anual, quando este recebeu uma carta que o deixou atônito. Refeito do susto, o Reverendo leu aos presentes a carta escrita mais ou menos nos seguintes termos:

*“Great Bath Street, Cold Bath Fields,
Fevereiro [?] de 1772.*

“Prezado Sr. ,

“Fui informado, no mundo dos espíritos, que o senhor desejava ardentemente conversar comigo. Terei prazer de receber sua visita. Sou, de Vossa Senhoria, humilde servidor.

(as.) Emanuel Swedenborg.

O Sr. Wesley confessou aos presentes que realmente estava desejoso de conhecer Swedenborg e conversar com ele, mas que nunca revelara esse desejo a ninguém. Respondendo a Swedenborg, o Reverendo Wesley disse-lhe que estava em véspera de iniciar uma viagem de seis meses e que voltaria a entrar em contato com ele assim que retornasse a Londres.

O Sr. Smith disse-me, então, que soube que Swedenborg respondeu à carta do Reverendo Wesley, dizendo-lhe que a visita seria impossível, pois então, ele, Swedenborg, já teria entrado no mundo dos espíritos, a 29 do mês seguinte, para nunca mais voltar.

O Dr. Tafel, em seu livro *Documents Concerning Swedenborg* apresenta testemunhos irrefutáveis sobre a veracidade desse caso.

O Reverendo Wesley não foi a única pessoa a quem Swedenborg anunciou sua própria morte. O casal com quem vivia, o Sr. e a Sra. Shearsmith, confirmaram que Swedenborg anunciou-lhes a data de sua morte muito antes de sua ocorrência. Outras histórias confirmam que Swedenborg também previu a morte de outras pessoas. Uma dessas histórias atribuída ao Dr. Scherer, professor de francês e inglês em Tübingen, na primeira metade do século passado, resume-se assim:

“Certa manhã, Swedenborg estava em Estocolmo, em companhia de várias pessoas, conversando sobre suas experiências no mundo dos espíritos, quando foi desafiado a dizer qual dos circunstantes morreria primeiro. Swedenborg não se negou a aceitar o desafio e, após um momento de profunda meditação, respondeu enfaticamente: ‘Olof Olofsohn morrerá amanhã de manhã às 4:45’. Na manhã seguinte um amigo de Olofsohn foi até sua casa para verificar se a previsão de Swedenborg se cumprira. A caminho da casa encontrou um dos empregados de Olof, que lhe contou que seu patrão acabara de falecer, após ser, subitamente, acometido de um ataque de apoplexia. E que o relógio da casa do extinto parara no exato minuto em que este exalou o último suspiro.

Em seu diário do ano de 1809, John-Stilling registra a estória reproduzida a seguir, atribuída a um de “seus melhores amigos”:

No ano de 1762, no mesmo dia da morte do Imperador Pedro III da Rússia, Swedenborg estava junto comigo numa reunião em

Amsterdã. De repente, sua fisionomia mudou transcendentemente, e tive a nítida impressão de que sua alma tinha deixado o seu corpo. Logo que recobrou o sentido, perguntei-lhe o que havia acontecido? Inicialmente não quis responder. Mas, diante da insistência dos circunstantes, Swedenborg disse: Senhores, o Imperador Pedro III da Rússia acaba de falecer na prisão. Tomem nota dos detalhes de sua morte que ora lhes revelo, para compará-los com o noticiário dos jornais. Poucas horas depois, os jornais noticiavam a morte do imperador, ocorrida exatamente na hora e dia anunciados por Swedenborg. Esta é a história que meu amigo me contou. Quem duvidar dela, certamente será capaz de duvidar da própria História, com seus fatos e datas. E viverá limitado a acreditar somente naquilo que seus olhos vêem e seus ouvidos ouvem.

A mesma testemunha conta outra história cuja autenticidade diz afiançar sem qualquer hesitação:

“Por volta do ano de 1770, em Elberfeld, havia um mercador com quem mantive relacionamento. Era uma pessoa incapaz de contar uma mentira. Esse meu amigo, que já deixou esta vida para a melhor, certa vez contou-me a seguinte história: Como parte de seu trabalho, viajava muito para Amsterdã, onde Swedenborg tinha fixado residência. Tendo ouvido e lido muito sobre Swedenborg, tentou, de todas as formas, aproximar-se dele. Um dia decidiu ir ao encontro de Swedenborg e encontrou um venerável senhor que o recebeu com muita gentileza. Logo entabularam a conversa adiante reproduzida:

“Mercador: Estando na cidade a negócios, não pude deixar de vir cumprimentá-lo, senhor. Seus escritos me impressionaram sobremaneira.

“Swedenborg: Permita que lhe pergunte de onde vem?

“Mercador: Venho de Elberfeld, Ducado de Berg. Seus escritos, senhor, contêm tanta beleza e substância que me tornei cativo deles. Mas, ousou dizer que os temas abordados são tão extraordinários que me permito pedir-lhe provas concretas de que o senhor está, realmente, em contato permanente com o mundo dos espíritos.

“Swedenborg: Não seria razoável tomar essa sua atitude como ofensa. Todavia, acredito que já dei provas incontestáveis dessa minha faculdade.

“Mercador: O senhor está se referindo aos casos da rainha, do incêndio de Estocolmo e do recibo perdido?

“Swedenborg: Exatamente! E são todos casos verídicos!

“Mercador: Porém há muitas dúvidas sobre a autenticidade desses casos. Posso pedir-lhe outras provas desses seus poderes?

“Swedenborg: Como não? Com muito prazer!

“Mercador: Tive um amigo que estudava teologia em Duisberg. Lá se tornou alcoólatra, mal que o levou à morte. Visitei esse meu amigo, pouco antes de adoecer. E conversamos sobre muitos assuntos importantes. Será que o senhor poderia perguntar a ele qual foram os temas da nossa conversa?

“Swedenborg: Vejamos. Como se chamava esse seu amigo? (O mercador declinou o nome do amigo).

“Swedenborg: Quanto tempo vai ficar aqui?

“Mercador: Uns oito a dez dias.

“Swedenborg: Venha me ver, dentro de uns dois ou três dias. Vou tentar achar esse seu amigo”.

O mercador foi tratar de seus negócios e, dentro do prazo combinado, foi ver Swedenborg. Este o recebeu com um sorriso e foi logo lhe dizendo:

“Conversei com seu amigo; e a conversa de vocês tratou da restituição de todas as coisas. E, então, relatou pormenorizadamente ao mercador sua conversa com o amigo dele. Meu amigo empalideceu diante de prova tão pungente. E quis saber como seu amigo estava. Estaria num estado de graça? Não, respondeu Swedenborg, ainda não está no Céu. Ainda está no Hades e vive muito aflito com a idéia da restituição de todas as coisas. Essa última resposta deixou meu amigo em choque; mas ainda teve forças para exclamar: Meu Deus! Mas ainda se preocupa com isso no outro mundo? Swedenborg, novamente, retrucou: Certamente. Ao morrer o homem leva consigo todas as suas opiniões e predileções; e é muito difícil afastá-lo desses

pensamentos. Urge, portanto, que os deixemos aqui. O mercador despediu-se de Swedenborg, totalmente convicto, e retornou a Elberfeld.

“E que diriam os intelectuais céticos sobre tudo isso? Certamente que Swedenborg com sua astúcia, empregou um espião secreto para arrancar a história de meu amigo. A isso respondo que Swedenborg era muito honesto e temente a Deus para agir tão desonestamente. E meu amigo era muito arguto para acreditar em conversa fiada. Essas evasivas podem ser classificadas na mesma categoria das que atribuem a transfiguração do Redentor a um efeito de luz!

“Que Swedenborg durante muito tempo manteve um inter-relacionamento permanente com os habitantes do mundo espiritual, é fato comprovado”.

Muitas outras pessoas atestaram a autenticidade das mensagens que Swedenborg lhes trouxe de amigos mortos. Uma dessas testemunhas é Christopher Springer. Em 1782, dez anos após a morte de Swedenborg, escreveu ao Abade Pernety a seguinte nota: “Tudo o que ele (Swedenborg) me disse sobre meus amigos e inimigos mortos e os segredos comuns que guardávamos, é realmente quase incrível. Chegou mesmo a me explicar de que maneira o pacto de paz entre a Suécia e o rei da Prússia se consumou. E elogiou minha intermediação na questão (Springer tinha sido comissionado pelo governo britânico para intermediar as negociações de paz) e me revelou segredos que somente os negociadores sabiam”.

O episódio do incêndio de Estocolmo é muito parecido com outro caso, citado pelo Dr. R. L. Taffel em seu livro *Documents* (vol. II, pág. 724), que reproduzimos a seguir:

“Madame A. A. De Frese, viúva do Capitão Carl Georg De Frese e neta do industrial Bolander, de Gotemburgo, que está envolvido no caso, relatou ao Dr. Tafel, durante sua estada em Estocolmo, por volta de 1868, a seguinte história.

“Durante uma recepção que se realizou em Gotemburgo, em homenagem a Swedenborg, por volta de 1770, estavam presentes o industrial Bolander, proprietário de uma grande indústria de tecelagem e outras figuras notáveis da sociedade local. Durante o jantar,

Swedenborg virou-se, subitamente, para o Sr. Bolander e lhe disse em voz grave: Senhor, seria prudente o senhor ir até sua fábrica! O Sr. Bolander surpreendeu-se com o tom enérgico da voz de Swedenborg, mas, prontamente, levantou-se da mesa e rumou para sua fábrica. Chegando lá, logo se deparou com uma peça de pano bem próxima de uma das caldeiras; o tecido já estava começando a pegar fogo. Se o Sr. Bolander tivesse chegado um instante mais tarde, já encontraria sua fábrica em cinzas. Sanado o problema, o Sr. Bolander voltou para a recepção e expressou sua gratidão a Swedenborg, contando-lhe o que acontecera. Swedenborg sorriu e lhe disse que havia visto o perigo e se desculpou pela maneira abrupta com que alertara o Sr. Bolander”.

Já aludimos aqui à sorte que Swedenborg tinha com as condições meteorológicas durante suas inúmeras viagens e ao prazer com que os supersticiosos comandantes de navios o recepcionavam a bordo de suas embarcações. Quando retornou da Inglaterra para Estocolmo, em setembro de 1766, viajou com o Capitão Dixon. Essa viagem está relatada na carta que o Sr. Springer enviou ao Abade Pernety, da qual extraímos o seguinte trecho:

“Quando o comandante do navio chamou Swedenborg, me despedi dele e lhe desejei boa viagem. Perguntei, então, ao capitão se as provisões de bordo eram suficientes? Respondeu-me que dispunha de tudo o de que precisava. Swedenborg, então, entrou na conversa, dizendo: “Meu amigo, não precisamos de tantas provisões. Com a ajuda de Deus, atracaremos no Porto de Estocolmo ainda nesta semana, às 2 horas”. Quando retornou da viagem, o Comandante Dixon me disse que tudo tinha acontecido exatamente como Swedenborg previra”.

Swedenborg menciona essa mesma viagem em carta que escreveu ao Dr. Beyer, a 25 de setembro de 1766, da qual extraímos o seguinte trecho: “Cheguei aqui em Estocolmo, a oito de setembro. A viagem de volta da Inglaterra durara exatamente oito dias, graças a um vento favorável que carregou o navio em grande estilo”. O capitão chegara mesmo a dizer que nunca experimentara condições de navegabilidade tão favoráveis e que o vento seguia a cada manobra do timão.

Que conclusão podemos tirar de todas essas histórias? Algumas poderiam ser explicadas como mera coincidência; outras podem ter sido enfeitadas ou exageradas pelos narradores. Mas são muito numerosas para serem explicadas de maneira tão superficial. Conclui-se, portanto, que, a não ser que toda essa evidência seja fraudulenta, Swedenborg tinha, realmente, poderes paranormais e estava, efetivamente, em íntimo contato com seres espirituais.

Isso, evidentemente, não significa que seus ensinamentos representem a única verdade. Mas, certamente, comprovam que ele tinha extraordinários poderes espirituais.

Em um de seus últimos escritos, que não chegou a ser publicado, Swedenborg escreveu:

A manifestação do Senhor e a introdução ao mundo espiritual se sobrepõem a todos os milagres. E, desde a criação do mundo, essas manifestações nunca foram tão fortes como agora me é dado experimentar. É sabido que os homens da Idade do Ouro conversavam com os anjos, mas eles não tinham o poder de sair do espectro da luz natural. A mim, porém, foi dada a faculdade de estar simultaneamente sob o espectro das luzes natural e espiritual. E dessa forma pude conhecer o maravilhoso mundo celestial; e estar em companhia dos anjos como se fosse um deles; e, finalmente, assimilar a verdade da luz, interpretá-la e ensiná-la. Em suma, ser guiado pelo Senhor (Invitation, nº 52).

Cap. 14 - Recepção dos ensinamentos

Em seu *Diário Espiritual*, no registro do dia 27 de agosto de 1748, portanto, bem antes da publicação de seu primeiro trabalho teológico, Swedenborg faz as seguintes observações sobre a provável recepção de sua doutrina:

Os espíritos malignos me fizeram crer que ninguém iria compreender essas coisas e todos as rejeitariam logo. Agora, ao caminhar pelas ruas e falar com os espíritos, pude perceber que há cinco modos de recepção. Primeiro, há aqueles que rejeitam tudo; pertencem a outras confissões e são inimigos da fé. Rejeitam porque os ensinamentos não podem penetrar suas mentes. Há outro tipo de receptor que considera todas essas coisas como sendo do domínio do conhecimento. Deleita-se com elas como curiosidade. Outra categoria as recebe intelectualmente, assimilando-as prontamente, porém continuam a viver da mesma maneira que antes. A quarta categoria aceita os ensinamentos integralmente e procura modificar seu modo de vida; recorre a esses dogmas, em certos estados, e, freqüentemente, faz uso deles. Finalmente, há uma quinta categoria que recebe esses dogmas com regozijo e se confirma neles.

Essas observações de Swedenborg se confirmaram integralmente. Seus escritos tiveram os mais diversos tipos de recepção. Alguns, como Dean Ekebom, de Gotemburgo, os condenaram sem sequer analisá-los, considerando-os “corruptos, heréticos, injuriosos e totalmente inaceitáveis”.

O bispo de Gotemburgo achava que os ensinamentos de Swedenborg se assemelhavam ao maometanismo e os descreveu como uma forma de câncer social. O bispo Filenius nos fala dessa “abominável infecção que não se fundamenta na razão e, muito menos, na Palavra de Deus, mas em sonhos e visões que não fazem o menor sentido”.

O Dr. Beyer comentou “o ódio que a simples menção da doutrina do Assessor Swedenborg despertava em seus pares”. Essa oposição

odiosa aos ensinamentos de Swedenborg vinha, principalmente, daqueles que sequer se tinham dado ao trabalho de estudá-las. “Aqueles que tinham lido seus escritos”, diz Carl Robsahm, “os julgaram como os julgam até hoje. E o que é mais notável: todos aqueles que leram seus escritos se tornaram seus adeptos, embora nem todos manifestassem abertamente seu sentimento”. “É extraordinário”, nota o Abade Pernety, “verificar que todos os que leram os escritos de Swedenborg com o intuito de denegri-lo, acabaram adotando seus ensinamentos”.

Para as mentes receptivas, a doutrina swedenborguiana é fonte de satisfação e deleite. C. F. Nordenskold, um de seus primeiros discípulos suecos, declarou que “o conhecimento da doutrina de Swedenborg foi sua maior ventura na vida”. O General Tuxen escreveu, assim, sobre Swedenborg: “Sou grato ao Senhor, o Deus do céu, por ter conhecido esse grande homem e estudado sua doutrina. Acho que essa foi a maior bênção que eu poderia receber durante minha vida; espero poder fazer desses ensinamentos minha salvação”. O Reverendo Thomas Hartley, um dos primeiros discípulos ingleses e tradutor de Swedenborg, escreveu-lhe essas linhas: “Permita-me expressar-lhe, do fundo do coração, que eu me considero abençoado por ter tido o ensejo de conhecer seus ensinamentos, por obra da Divina Providência. Pois deles extraí a seiva que alimenta e alegra minha vida, redime meus erros, livra-me dos temores, dirime minhas dúvidas e indagações que mantinham minha mente cativa. Às vezes, chego a pensar que estou entre os anjos”.

“É notável”, diz Robsahm, “como Swedenborg nunca quis fazer proselitismo ou impor sua doutrina a quem quer que seja”. Esse fato é corroborado pelo abade Pernety: “Ele não se deixava levar por esse egotismo peculiar aos sectários e doutrinadores; tampouco fazia proselitismo ou tentava comunicar suas idéias a qualquer um, comunicando-as, somente, àqueles capazes de entendê-las e que amavam, acima de tudo, a verdade”. Certa vez, Robsahm perguntou a Swedenborg como seus ensinamentos seriam recebidos pelos cristãos; Swedenborg respondeu: “Não posso dizer nada sobre essa questão, mas acho que, no devido tempo, eles os aceitarão. Do contrário, o Senhor não me teria revelado o que, até agora, era ignorado”. Swedenborg acreditava, piamente, na força da palavra escrita e enviava seus livros para os quatro

cantos do mundo, esperando que a intrínseca racionalidade de seus ensinamentos pudesse se tornar instrumento de persuasão. Ofereceu exemplares de seus livros às principais bibliotecas de seu país e do estrangeiro, como também a bispos da Suécia, da Holanda, da Inglaterra e da Alemanha e outras personalidades.

Sua expectativa era de que esses expoentes da cultura pudessem disseminar sua doutrina pelo mundo; isso, obviamente, não aconteceu. Muito pelo contrário; ao invés de o apoiarem nesse seu intento, os bispos e o clero em geral, com raras exceções, foram os maiores opositores de sua doutrina e seus maiores perseguidores. John Christian Cuno, que conheceu Swedenborg em Amsterdam, salienta que “os livros de Swedenborg permaneceram durante muito tempo ignorados pelos teólogos da época”. “Gostaria”, escreve ele, “de que os homens de bem, a quem Deus confiou a guarda das muralhas de Sião, tivessem tomado conhecimento de Swedenborg há mais tempo. Li seus escritos com toda a imparcialidade. E, em minha opinião, há dogmas ali estabelecidos que merecem um exame criterioso dos teólogos, enquanto outros há que devem ser de imediato refutados. Mas ninguém diz nada! Portam-se todos como cães abobalhados; não podem sequer latir”. Ao sugerir que Swedenborg fizesse uma declaração pública sobre a natureza de sua missão, Cuno lembrou-lhe que ele (Swedenborg) “tinha enviado exemplares de suas obras a todos os bispos da Inglaterra e, no entanto, nenhum deles se dignou a responder-lhe. Exemplares de seu último livro foram distribuídos aos clérigos de todas as denominações desta cidade de Amsterdam”, Cuno insiste, “e às principais universidades da Holanda. Quase um mês se passou e ainda não se ouviu uma voz se levantar para contestá-lo”. E o próprio Swedenborg disse a Christopher Springer, seu amigo pessoal, então residindo em Londres, que ele, Swedenborg, tinha enviado exemplares do livro aos bispos da Suécia. E salientou que a indiferença deles em relação ao livro foi tão unânime quanto a dos bispos ingleses. Mas não foi só indiferença que Swedenborg recebeu dos bispos de seu país; alguns se tornaram seus ferrenhos opositores. Depois de sua morte, dois deles, que eram seus herdeiros, propuseram que seus manuscritos fossem incinerados.

Swedenborg devia ter forte convicção da importância que seus ensinamentos tinham para o mundo, para continuar escrevendo, diante

de tanta indiferença e oposição. Que ele se decepcionou muito com a reação aos seus primeiros trabalhos, ele mesmo o confessou; porém, nunca deixou que isso o desencorajasse.

Apenas quatro exemplares de seu livro *Arcanos Celestes* foram vendidos, nos primeiros dois meses de lançamento. Anos mais tarde, quando seu nome se tornou mais conhecido, foi conquistando mais adeptos e alguns de seus livros tiveram boa vendagem. Numa carta, escrita de Amsterdam para o coletor público de Hesse-Darmstadt, em 1771, Swedenborg informa que não era mais possível encontrar exemplares de seu livro *Arcanos Celestes*, na Holanda e na Inglaterra. E se oferece para tentar obter o livro, através de um amigo, na Suécia. Seu livro *Amor Conjugal*, proibido em seu próprio país, estava sendo muito procurado em Paris e em muitas cidades da Alemanha, em 1769. Seu trabalho *Exposição Sumária das Doutrinas da Nova Igreja* estava disseminado por toda parte da comunidade cristã, exceto na Suécia. E seu trabalho intitulado *Interação da Alma e o Corpo*, foi muito bem recebido no exterior e por muitos intelectuais, em Estocolmo. O bibliotecário-chefe da Biblioteca Real de Estocolmo confirma que os escritos de Swedenborg “foram muito bem recebidos em toda parte. E o Reverendo Thomas Hartley, alguns anos depois da morte de Swedenborg, escreveu: “É uma grande satisfação verificar que o reduzido número de escritos swedenborguianos traduzidos para o inglês em pouco tempo superaram as expectativas de venda; e, a julgar pela repercussão que seus livros estão tendo em outros países, acreditamos que seu sublime ministério tornar-se-á cada vez mais difundido, como uma luz iluminando um mundo em trevas, estancando o avanço do agnosticismo, difundindo corretamente as Sagradas Escrituras e convertendo muitos para a seara do Senhor”.

Embora a obra de Swedenborg tenha tido muita divulgação, não consta que tenha feito muitas conversões durante sua vida. Certa vez, disse ao General Tuxen que não conhecia mais de cinquenta adeptos de sua doutrina. Uma pequena parte desses estava em seu próprio país, apesar de afirmar que “havia poucas pessoas na Suécia realmente interessadas em estudar teologia”. Os mais preeminentes de seus discípulos suecos foram o Conde Anders J. von Höpken, que tinha sido primeiro-ministro da Suécia, o Dr. Gabriel Beyer, catedrático de grego na Uni-

versidade de Gotemburgo, e o Dr. John Rosén, catedrático de eloquência e poesia na mesma instituição de ensino. Esses dois últimos foram muito perseguidos por suas adesões à doutrina de Swedenborg. Em consequência, por mais de um ano, acusações contra esses dois professores foram apresentadas ao Consistório de Gotemburgo; e, embora seus acusadores não tivessem logrado seu intento de demiti-los de suas cátedras ou mesmo forçá-los a se retratarem, os dois foram oficialmente repreendidos e tiveram suas funções restringidas. O relato completo desta verdadeira “caça aos hereges” consta do livro *Documents*, do Dr. R. L. Tafel (vol. II, pág. 282/386).

Beyer e Rosén conheceram Swedenborg e sua obra da seguinte maneira: “No ano de 1766, Swedenborg chegou a Gotemburgo, a caminho da Inglaterra. Logo depois de sua chegada, reservou um camarote no navio que o levaria à Inglaterra. Durante sua estada em Gotemburgo, encontrou-se, por acaso, com o Dr. Beyer, que não o conhecia pessoalmente, mas fazia muitas restrições aos seus escritos. O Dr. Beyer, todavia, surpreendeu-se ao ver Swedenborg explicar seus ensinamentos de maneira calma e objetiva. No dia seguinte, o Dr. Beyer convidou Swedenborg para jantar em companhia do Dr. Rosén. Depois do jantar, o Dr. Beyer manifestou o desejo de ouvir, do próprio Swedenborg, na presença do Dr. Rosén, uma explanação sobre seu sistema religioso. Swedenborg acedeu, prontamente, e fez um resumo de seus ensinamentos, com inspiração e objetividade lógica, deixando seus interlocutores visivelmente impressionados”. Após exaustivos estudos da doutrina swedenborguiana, os dois se convenceram de sua veracidade. O Dr. Beyer dedicou-se de corpo e alma à sua divulgação. Escreveu inúmeros tratados sobre o assunto. Elaborou um índice completo de todos os trabalhos de Swedenborg, publicado em Amsterdam, em 1779, cuja elaboração durou nada menos que treze anos.

Dentre outras personalidades suecas que tiveram participação ativa na disseminação da obra de Swedenborg, destacam-se os irmãos Nordenskold, filhos de um coronel finlandês; Reverendo John Tybeck, um pastor luterano que foi processado por heresia e destituído de seu ministério, aos 65 anos de idade, fato que estimulou, ainda mais, sua crença na nova doutrina; o major Gyllenhaal; C. L. Shonherr, Conselheiro da junta Comercial de Estocolmo; e, finalmente, Christopher

Springer e C. B. Wadström, residentes em Londres. O Reverendo Arvid Ferellus, pastor da Igreja Sueca de Londres, também foi adepto da doutrina de Swedenborg, embora nunca tenha manifestado essa sua convicção publicamente.

Um outro adepto foi Wadström, que se tornou muito conhecido no movimento anti-escravagista e foi um dos primeiros a denunciar a ilegalidade do tráfico negreiro. De volta da viagem que fez à África, em 1780, Wadström publicou o ensaio intitulado *Observations on the Slave Trade* (Observações sobre o tráfico negreiro), que causou grande impacto nos meios políticos de seu país. William Pitt, que era o primeiro-ministro, discutiu esse assunto com ele em várias ocasiões e convidou Wadström para explicar sua posição anti-escravagista perante o parlamento. Wadström cooperou, ativamente, com Wilberforce e outros abolicionistas na cruzada contra o tráfico negreiro e se tornou membro de honra da Associação Africana. Seu trabalho mais notável, intitulado *Essays on Colonisation* (Ensaio sobre a colonização), foi publicado em dois volumes com ilustrações, em 1794. Vi uma dessas ilustrações, retratando um motim a bordo de um navio negreiro, numa exposição de gravuras da mostra de Liverpool, de 1907. Wadström morreu na miséria, em Paris, a 5 de março de 1799, tendo gastado todo o seu dinheiro em obras filantrópicas. Maiores informações sobre sua vida podem ser encontradas no livro *Documents*, de autoria do Dr. R. L. Tafel.

Swedenborg angariou muitos seguidores fora das fronteiras de seu país. O general dinamarquês, Tuxen, a quem já nos referimos, foi um de seus mais fervorosos discípulos. F. C. Oetinger, prelado de Murrhard, foi o primeiro tradutor dos escritos de Swedenborg para o alemão e, por causa disso, sofreu muitas perseguições; o célebre Lavater foi mencionado como “um devotado estudioso da doutrina swedenborguiana” e as cartas que escreveu a Swedenborg dão testemunho desse interesse. O Pastor Oberlin fez o seguinte comentário sobre o livro *O Céu e o Inferno*: “Sei, por minha própria experiência, que todos os pontos abordados nesse livro são absolutamente verdadeiros”. O Marquês De Thomé traduziu vários trabalhos de Swedenborg para o francês e se empenhou pessoalmente em promover sua publicação. O abade Pernety também foi declarado adepto dos ensinamentos de Swedenborg,

mas, levado pelo preconceito, alterou, adulterou, modificou e falsificou os postulados do autor.

Foi na Inglaterra que a obra de Swedenborg teve, indiscutivelmente, maior aceitação. Um dos primeiros a reconhecer a profunda espiritualidade da doutrina swedenborguiana foi o Reverendo John Clowes, reitor da Igreja de São João (Saint John's Church), de Manchester, durante sessenta e dois anos. Thomas de Quincey, em seu livro *Autobiographical Sketches* (Retratos Autobiográficos) descreve o Reverendo Clowes assim: “Foi o homem mais santo que conheci! Sim, e repito: já lá se vão trinta e cinco anos e ainda não conheci ninguém que tivesse seu olhar paternal, sua pureza pueril, sua santidade apostólica ou sua perfeita alienação das coisas do mundo carnal”. Ele jamais será esquecido, sua lembrança continua viva em Manchester, disse o bispo Fraser. E uma nova edição de sua biografia foi publicada em 1898. O Reverendo Clowes traduziu todos os escritos teológicos de Swedenborg para o inglês, um feito realmente extraordinário; também defendeu, publicamente, a doutrina formulada por Swedenborg em todos esses livros. O interesse do Reverendo Clowes pela doutrina de Swedenborg se deu quase por acidente. Aos trinta anos de idade, já como reitor da Igreja de São João, um amigo o convenceu a ler o livro *Verdadeira Religião Cristã*, que acabava de ser publicado; porém, seu desinteresse pelo livro era tal, que o deixou, durante muitos meses, em cima de sua escrivaninha. Certo dia, de saída para visitar um amigo que morava no campo, abriu o livro e deparou com a frase: Divino Humano do Senhor Jesus Cristo. Simplesmente pensou que a frase fosse mero chavão, fechou o livro, e foi visitar o amigo. Na manhã seguinte, acordou com um vulto luminoso diante dele, que se confundia com a luz do sol. E na frente daquele vulto luminoso estava escrito: *Divinum Humanum*. De pronto, não se lembrou de jamais ter visto aquelas palavras. Pensou que se tratasse de uma ilusão de ótica, esfregou os olhos com os dedos, procurando livrar-se da visão. Mas, durante todo o dia, o vulto glorioso, permaneceu diante dele. À noite, cansado, caiu num sono profundo; na manhã seguinte acordou e, instantaneamente, em sua visão reapareceu, ainda mais radiosa, a frase: *Divinum Humanum*. Ele, então, se lembrou que tinha visto aquelas mesmas palavras no livro que estava em cima de sua escrivaninha. Pulou da cama, desculpou-se com seu amigo, e rumou imediatamente para sua casa. Lá chegando, entregou-

se à leitura do livro. Mas, seu prazer na leitura do livro, ele mesmo a descreve: “Não tenho palavras para expressar meu deleite ao ler o livro intitulado *Verdadeira Religião Cristã*. Parecia que um raio de luz abria minha mente para o entendimento dos mais sublimes mistérios da sabedoria, de uma forma e num grau de evidência como nunca tinha conhecido”. Encontrou um emérito colaborador, Reverendo Thomas Hartley, mestre em humanidades e reitor da Universidade de Winwick, Northamptonshire, um homem culto e santo, que tinha tido o raro privilégio de privar da amizade de Swedenborg.

Outro inglês que conheceu Swedenborg pessoalmente e se tornou adepto de sua doutrina foi William Cookworthy, ministro da “Sociedade de Amigos”, proeminente cidadão de Plymouth e descobridor da porcelana “cornish”. Vários livros de suas memórias foram publicados. “Conta-se que a primeira vez que abriu um livro de Swedenborg, arremessou o livro contra a parede, num gesto de reprovação”. Tempos depois, não se sabe por quê, foi induzido a retomar a leitura do livro; e, gradualmente aderiu aos postulados de Swedenborg sobre as verdades das Escrituras. E ficou tão convencido da utilidade e autenticidade da doutrina de Swedenborg, que chegou a traduzir, do latim, o livro *O Céu e o Inferno* e, às suas expensas, conseguiu que o mesmo fosse publicado, em quatro volumes, pelo famoso editor James Phillips, de Londres, com revisão do Reverendo Thomas Hartley.

O Dr. Messiter, eminente médico inglês, se tornou amigo íntimo de Swedenborg e do Reverendo Hartley. Em carta escrita a Swedenborg, o Reverendo Hartley lhe informa que ele e o Dr. Messiter tencionavam ofertar-lhe uma casa em Londres, onde ele, Swedenborg, poderia vir morar, caso a oposição de seus compatriotas a suas idéias se tornasse intolerável. Swedenborg agradeceu a oferta, mas declinou dela, por não concordar com os temores do amigo. O Dr. Benedict Chastanier, um médico francês, foi outro eminente discípulo de Swedenborg na Inglaterra e chegou, mesmo, a traduzir alguns de seus trabalhos para o francês. Henry Peckitt, médico e farmacêutico aposentado, a quem já aludimos, homem culto e de posses, patrocinou, sozinho, a edição do livro *Apocalipse Explicado*; o médico Peter Provo, traduziu alguns trabalhos de Swedenborg (a doutrina de Swedenborg teve grande repercussão entre os médicos); Henry Servanté publicou a pri-

meira revista inteiramente dedicada à divulgação da doutrina de Swedenborg; John Augustus Tulk, homem de muitos recursos, empregava-os na divulgação de novas doutrinas; e, finalmente, Robert Hindmarsh, tipógrafo oficial do príncipe de Gales, alocou grande parte de suas modestas economias, pregando, traduzindo, editando e difundindo a obra swedenborguiana.

De um modo geral, os primeiros receptores dos ensinamentos de Swedenborg se viram isolados e mal compreendidos. E por esse motivo, obviamente, procuraram angariar a simpatia de pessoas que tivessem afinidade com a doutrina e assim, desde o início, procuraram formar associações destinadas ao estudo e divulgação da doutrina swedenborguiana. Na Suécia, C. F. Nordenskold fundou a Sociedade Exegético-Filantópica que reunia entre seus membros muitas pessoas notáveis. Depois de sua morte, a obra de Swedenborg despertou grande interesse em seu país. No livro *Rise and Progress of the New Church in England, America and other parts* (A ascensão e o progresso da Nova Igreja na Inglaterra, na América e em outras terras), editado em 1861, o autor, Robert Hindmarsh, registra que “a sociedade fundada por Nordenskold, já congregava, em 1790, mais de duzentos membros, na sua grande maioria funcionários graduados do governo e pessoas de grande saber. Muitos desses membros eram clérigos, incluindo, ainda, dois príncipes, que assumiram o patrocínio da entidade. A associação se reunia uma vez por semana e mantinha membros correspondentes em vários países estrangeiros. Há registros de que, certa vez, nada menos que quarenta e seis preladados de um mesmo bispado, aderiram aos Escritos e, em consequência disso, sofreram impiedosa perseguição. Consta, ainda, que cerca de cem manuscritos da doutrina da Nova Igreja circula entre os estudantes das faculdades de filosofia”.

Essa devoção dos compatriotas de Swedenborg não durou muito. Surgiram dissensões na Sociedade Exegético-Filantópica, devido ao fato de alguns membros tentarem trazer para o seu âmbito opiniões, idéias e práticas pessoais. A sociedade se dissolveu e em seu lugar surgiu a Societas pro Fide et Charitate, que funcionou até 1835. Voltando à Inglaterra, vale notar que Robert Hindmarsh tomou conhecimento da obra de Swedenborg, por volta de 1782. “Desde então”, diz(vide pág.

11 do livro *Rise and Progress of the New Church*), “Comecei a procurar outros adeptos dos Escritos em Londres, para formar uma sociedade destinada a divulgar as verdades neles contidas. Estava convencido de que todas as pessoas de bom senso e razoável capacidade intelectual iriam aderir a essa doutrina, sem maiores hesitações, com o mesmo deleite e entusiasmo. No entanto, logo descobri que o preconceito de homens tidos e havidos como mentes liberais, faziam-nos rir de mim e julgar-me um menino ingênuo, um doidivão, encantado pelas idéias de um impostor. Depois de um ano de buscas, só encontrei três ou quatro pessoas, em Londres, com quem podia conversar e debater sobre os escritos de Swedenborg” (*ibid*, pág. 14).

Para aferir o interesse que esses estudos estariam despertando na comunidade, publicou-se um anúncio num dos principais jornais, convidando os simpatizantes da doutrina de Swedenborg a se congregarem no restaurante London Coffee-House, no elegante bairro de Ludgate Hill, na noite do dia 5 de dezembro de 1783. O mapa mostrando a exata localização do restaurante pode ser visto na sala de artes gráficas do Museu Britânico. O London Coffee-House era um lugar tradicional de entretenimento, inaugurado em 1731. Era o lugar escolhido para as convenções dos clubes maçônicos e outras associações comerciais e muito freqüentado por homens de negócios. O restaurante cerrou as portas em 1867. Somente cinco pessoas atenderam à convocação do anúncio publicado por iniciativa do Sr. Hindmarsh e desses, pelos menos quatro tiveram importante participação na tradução, publicação e circulação das obras de Swedenborg. Quando a reunião começou, lá estavam John Augustus Tulk, Peter Provo, William Spence, William Bonington e Robert Hindmarsh. Mas como foi impossível obter da gerência do restaurante uma sala reservada, os participantes transferiram a reunião para a Queen's Arms Tavern, uma taverna situada nas proximidades da catedral de São Paulo. A mudança do local da reunião, impediu a presença do sexto participante, Henry Peckitt, que chegaria atrasado ao London Coffee-House.

O entusiasmo desses primeiros seguidores de Swedenborg era notável. Eles doaram seu tempo, talento e recursos, altruisticamente, à causa que traziam no coração. E não hesitavam em exprimir sua satisfação e seu reconhecimento por esse privilégio.

O resultado dessa reunião foi o acordo em se estabelecer encontros semanais, a princípio no Inner Temple e subseqüentemente no Middle Temple, em New Court, para o estudo das doutrinas de Swedenborg. Essas reuniões deram origem a Theosophical Society (Sociedade Teosófica), instituição dedicada à divulgação das doutrinas celestiais da Nova Jerusalém, através da tradução, impressão e publicação dos escritos teológicos de Emanuel Swedenborg. Em seu livro acima citado, Robert Hindmarsh relaciona os nomes de trinta membros e simpatizantes da entidade, entre os quais havia muitas pessoas célebres. Nada menos que seis desses membros eram artistas (escultores, gravadores) como John Flaxman, P. J. Louthembourg e William Sharp, o gravador. O grupo incluía ainda um eminente músico, F. H. Barthelmon, três médicos: Spence, Peckitt e Chastanier, a quem já nos referimos, o tenente-general Rainsford, que anos mais tarde se tornou governador de Gibraltar e outros oficiais do exército, mercadores e profissionais liberais. As reuniões da “Sociedade Teosófica” contavam com a presença de um grande número de membros do clero.

Em Lancarshire, o estudo da obra de Swedenborg despertou grande interesse, graças aos esforços do Reverendo John Clowes, que formava círculos swedenborguianos de leitura em todas as cidades e lugares por onde passava no desempenho de suas funções clericais. Até hoje, Lancarshire permanece como o grande reduto dos seguidores de Swedenborg.

Foi o Reverendo Clowes quem organizou a primeira entidade que se dedicou à divulgação da doutrina de Swedenborg, uma sociedade formada entre pessoas de suas relações. Em 1810, foi fundada, em Londres, a Society for Printing and Publishing the Writings of Emanuel Swedenborg (Sociedade para a Publicação e difusão dos Escritos de Emanuel Swedenborg), que se tornou conhecida com o nome de Swedenborg Society. A instituição é ecumênica e alguns de seus membros sequer pertencem a organizações da Nova Igreja. Um dos seus colaboradores mais dedicados foi o Reverendo Augustus Clissold, mestre em humanidades, que, entre outras benemerências, pagou, de seu próprio bolso, o aluguel da sede da entidade, em 1 Bloomsbury Street, onde a Swedenborg Society funcionou até 1925, ano em que se mudou para sua sede atual, em 20 Hart Street, Londres, W. C. 1. Todas as publica-

ções da Sociedade Swedenborg são vendidas ao preço do custo e um grande número de livros é distribuído aos membros do clero e às bibliotecas públicas. Desta maneira, muitos milhares de volumes foram impressos. O trabalho da Swedenborg Society tem se concentrado particularmente na publicação e distribuição das obras teológicas de Swedenborg, sem, contudo, deixar de lado seus escritos filosóficos e científicos.

Entre suas publicações mais recentes está uma Bibliografia completa da obra de Swedenborg, que, certamente, dará ao leitor testemunho inequívoco de sua intensa atividade literária e do trabalho desenvolvido pelas instituições swedenborguianas espalhadas por todo o mundo, na publicação e divulgação de sua doutrina, durante um século e meio de atividade ininterrupta. Essa Biografia está reunida num único volume, de 760 páginas, com 3.500 itens. Outra importante fonte de referência da obra swedenborguiana é o livro *The Swedenborg Concordance*, de autoria do Reverendo John Faulkner Potts, bacharel em humanidades, em seis volumes e 5.500 páginas.

Não julgamos necessário acrescentar muita coisa a respeito da organização denominada “A Nova Igreja” ou “Igreja da Nova Jerusalém”. A disseminação de uma nova doutrina necessariamente leva à criação de associações. Assim, a Nova Igreja surgiu do trabalho extremado dos adeptos da doutrina de Swedenborg que encerrava um novo sistema teológico. Essas pessoas tinham dificuldade em professar sua fé ao lado de fiéis de outras confissões, cujos dogmas lhes pareciam algo insuficientes. Vale notar que essa igreja nova não é uma seita, no sentido de secessão ou dissidência de outra religião ou confissão; é realmente uma congregação de homens e mulheres de todos os matizes religiosos que encontraram uma nova fé.

Os primeiros discípulos de Swedenborg discordavam sobre a necessidade de formarem uma organização especial de natureza e finalidades eclesiásticas. De fato, ainda hoje, há muitos seguidores de Swedenborg que permanecem filiados às suas confissões. O Reverendo John Clowes, que foi um dos mais destacados propagadores da doutrina de Swedenborg, era totalmente contrário a qualquer movimento de secessão da igreja tradicional. Quando soube que havia em Londres um movimento que defendia a adoção de rito e liturgia próprios da Nova

Igreja, rumou para lá, e, junto com um grupo de amigos, organizou demonstrações para combater essa idéia. “Ele achava que, mais dia, menos dia, a própria Igreja da Inglaterra seria obrigada a rever sua liturgia, a fim de torná-la compatível com os dogmas da nova revelação” (*Rise and Progress of the New Church*, pág. 54). O tempo provou que suas previsões otimistas estavam totalmente equivocadas. E a criação da Igreja da Nova Jerusalém tornou-se plenamente justificável. A primeira congregação da Nova Igreja instituiu-se a 7 de maio de 1787.

Em termos de números de adeptos, a Nova Jerusalém é, ainda hoje, bem modesta. No Reino Unido seus membros registrados estão na casa dos milhares. Nos Estados Unidos o contingente é bem maior, havendo, ainda, membros espalhados pelas colônias britânicas e outros países da Europa¹. Outros núcleos menores surgiram em países não-europeus, após a Segunda Guerra Mundial. Embora conte com um reduzido número de membros registrados, a congregação da Nova Igreja é sustentada pela fé extremada de seus membros. E sua doutrina tem exercido decisiva influência sobre o pensamento religioso contemporâneo.

Eles antevêm na desintegração das velhas religiões ortodoxas, que vem se acentuando, a cada década, a oportunidade para aceitação de uma nova luz.

1 N. do E.: No Brasil, foi fundada em 5 de junho de 1898 a “Associação Geral da Nova Jerusalém”, que deu origem, em 1921, à atual Sociedade Religiosa “A Nova Jerusalém”, situada no Rio de Janeiro à rua das Graças, 45, bairro de Fátima. Atualmente, há organizações da Nova Igreja nos seguintes países: África do Sul, Austrália, Brasil, Canadá, Coreia do Sul, Dinamarca, Estados Unidos, França, Gana, Inglaterra, Japão, Noruega, Nova Zelândia e Suécia.

Cap. 15 - A ciência de Swedenborg

Neste capítulo procuraremos demonstrar as razões por que Swedenborg mereceu a fama de inventor e descobridor. É amplamente conhecido que Swedenborg foi precursor de muitos inventos modernos, como mostram os testemunhos que apresentamos a seguir. O Dr. Thomas French, da Universidade de Cincinnati, Estados Unidos da América, afirma que em seu livro *Principia*, publicado em 1734, Swedenborg enuncia os fundamentos das seguintes teorias da ciência moderna: a teoria atômica; a origem solar da Terra e dos planetas; a teoria ondulatória da luz; a hipótese nebular (cuja validade foi enfaticamente atestada pelo Professor Holden, ex-membro do Observatório Naval dos Estados Unidos da América, em artigo publicado na revista *The North American Review*, de outubro de 1880); a propriedade motora do calor; a relação entre magnetismo e eletricidade; a eletricidade sob forma de motricidade etérea e as forças moleculares como ação de um meio etéreo.

J. D. Morrell escreveu o seguinte comentário a respeito dos estudos científicos de Swedenborg: “Os resultados desses estudos subsistem ainda em nossos dias, cobrindo todo o escopo das principais teorias nos campos da história natural e das ciências, constituindo o elemento germinal de muitas das descobertas e invenções no mundo moderno”.

Professor Anders Retzius, em conferência pronunciada no plenário da Academia Real de Ciências da Suécia, no ano de 1845, teceu as seguintes considerações sobre o significado da obra swedenborguiana: “Swedenborg ganhou notoriedade como matemático, físico, químico, mineralogista e geólogo. Além de possuir extraordinário conhecimento científico, Swedenborg quis auscultar as profundezas da alma e explorar os meandros do pensamento humano. Seu livro *Regnum Animale* é hoje tido como um livro extraordinário; nele estão enunciados os postulados do pensamento contemporâneo com lucidez, persuasão e lógica comparáveis ao ideário aristoteliano. Penso que precisaremos de mais

uma ou duas décadas, para poder aferir corretamente a importância da obra de Swedenborg”.

O Barão Berzelius, em trabalho apresentado em sessão da “Sociedade Escandinava de Ciências”, em 1842, disse:

“Emanuel Swedenborg, homem de muitos ofícios, foi o primeiro a publicar um trabalho científico sobre o problema do aumento do nível do mar no litoral sueco. Em 1719, Swedenborg publicou o tratado intitulado *A grande profundidade da água e a força das ondas no mundo primitivo; a evidência sueca*. Nesse trabalho, que dedicou à rainha da Suécia, congratula-se com sua majestade por reinar sobre uma terra que está em permanente expansão, por obra do mar. Dentre as provas por ele apresentadas para consubstanciar essa sua teoria, cita os penhascos do litoral sueco, cuja direção — norte/sul — tinha sido por ele corretamente observada. E, mais especificamente, o fato de as rochas ali serem arredondadas e ligeiramente desgastadas, mesmo as que pesavam de cinco a dez *skepund*”. Swedenborg tinha estado em Snacklagren, na região de Kappelback, perto de Uddevalla e em outros sítios de formação morfogeológica semelhante, na costa oeste da Suécia. Nesse seu trabalho, menciona a descoberta de um esqueleto de baleia, encontrado em West Gothland, dez milhas suecas para dentro do continente, e que tinha sido entregue ao Professor Roberg, curador do museu de anatomia da Universidade de Uppsala. Esse episódio ocorreu à época em que Swedenborg estudava naquela instituição.

Swedenborg alude, também, à descoberta dos destroços de um navio, resgatado em escavações feitas em terra, bem como de potes gigantescos nos quais constatou sinais de desgaste provocado pela força da maré. Citando outros autores que estudaram o assunto, Berzelius salienta que “nenhum deles fez, efetivamente, pesquisas geológicas *in loco*; diz ele, todos estudaram o fenômeno do ponto-de-vista histórico-geográfico”.

A primeira parte do livro *Miscellaneous Observations*, de autoria de Swedenborg, é dedicada, quase que exclusivamente, à geologia; e o terceiro volume de sua obra *Opera Philosophica et Mineralia* está cheia de ilustrações de fósseis.

Um famoso escritor científico do início do século, o Reverendo H. N. Hutchinson, escreveu: “Emanuel Swedenborg, que, em seus pri-

mórdios, foi Assessor da Escola de Mineração da Suécia, foi, provavelmente, o primeiro a descrever os sítios e fenômenos geológicos de seu país. E chegou mesmo a afirmar que esses sítios e depósitos geológicos foram formados por um grande maremoto. Essa, também, segundo Swedenborg, teria sido a causa de outros fenômenos geológicos, como os penhascos de areia e cascalho, conhecidos como Asar, na Suécia, e Kamos, na Escócia”.

O mais recente testemunho sobre o pioneirismo de Swedenborg, no campo da geologia moderna, é dado pelo professor A. G. Nathorst, catedrático de paleontologia e geologia, que, na introdução do primeiro volume dos escritos científicos de Swedenborg, publicados pela Academia Real de Ciências da Suécia, escreveu: “A contribuição de Swedenborg no campo da geologia é de tal importância, que, por si só, justificaria a inscrição de seu nome como um dos mais notáveis cientistas de sua época”. Seus estudos geológicos demonstram incrível acuidade intelectual, aliada a notável poder de observação capaz de chegar a grandes descobertas, a partir de detalhes e coisas aparentemente insignificantes. A quantidade de dados científicos coletados por Swedenborg, por toda a Europa, é, simplesmente, espantosa. Especialmente, quando se sabe que fez tudo isso em plena juventude”. Concluindo suas impressões sobre Swedenborg, o Professor Nathorst aduz: “O que Anders Retzius escreveu a respeito do livro *Regnum Animale* pode ser estendido a todo o trabalho científico de Swedenborg. Foi um espírito poderoso, do qual nosso país deve orgulhar-se; tanto mais que esse espírito estava aliado a uma personalidade nobre e extremamente modesta”.

A praticabilidade dos estudos e teorias de Swedenborg, nos campos da metalurgia e da geologia, é confirmada pelo professor Schleiden: “Se fôssemos enumerar todas as contribuições de Swedenborg à ciência da metalurgia e da mineração, em seu próprio país, não chegaríamos ao fim da lista; é impossível avaliar o escopo de sua importância para a indústria e as artes suecas”

Como já mencionamos, o tratado de Swedenborg sobre o ferro, incluído em seu livro *Opera Philosophica et Mineralia* foi traduzido para o francês por M. Bouchu e publicado na prestigiosa resenha *Description des Arts e Métiers* (Resenha das Artes e Ofícios), editada pela

Academia Real de Ciências da França como “o melhor trabalho do gênero”.

Em conjunção com seus estudos de metalurgia, Swedenborg fez profundas investigações sobre a natureza do fogo e a construção de caldeiras e fogões. O fogão por ele descrito em seu livro *New Observations and Discoveries respecting Iron and Fire* (Novas Observações e Descobertas sobre o Ferro e o Fogo), publicado em 1721, é, virtualmente, o protótipo de um modelo de fogão mais tarde patenteado em Washington.

Swedenborg é autor de inúmeras teorias sobre a origem e estrutura da matéria. Embora essas teorias possam parecer simples especulações, sua essência pode ser detectada nas mais modernas descobertas sobre a matéria. M. Dumas atribui a Swedenborg a paternidade da cristalografia. Diz ele: “É, portanto, a ele que se deve a idéia da construção de cubos, tetraedros, pirâmides e das diferentes formas cristalinhas, a partir da esfera, método ainda hoje utilizado por eminentes cientistas, como Wollason e outros”. O professor F. C. Calvert assevera que “Swedenborg foi o primeiro cientista a descobrir que os átomos tinham forma esférica e com eles se podiam formar cubos, octaedros etc.”

Embora estivesse voltado para a formulação de teorias, Swedenborg sempre se preocupou em dar a essas teorias um sentido de praticabilidade. No seu jornal *Dædalus*, a que já nos referimos, há um *sketch* de um tímpano artificial, projetado de acordo com todas as leis que regem a reflexão das ondas sonoras nos corpos sólidos. O *sketch* traz uma descrição pormenorizada das teorias nas quais Swedenborg baseou esse seu invento. No mesmo número, há um projeto de uma bomba-de-ar que se fundamenta na premissa de que a pressão pneumática só é capaz de sustentar uma coluna d'água a uma altura máxima de aproximadamente trinta pés. Nem o avião, ou máquina-voadora, como ele mesmo a denominou, escapou à curiosidade científica de Swedenborg. Entre os documentos encontrados depois de sua morte, estava o desenho de um desses engenhos, com a descrição detalhada de todo o seu funcionamento operacional¹.

¹ N. do E. = Em 1988, o Sr. Henry Söderberg, executivo aposentado da SAS (Scandinavian Airways System), publicou um livro (*Swedenborg's 1714 Airplane*, Swedenborg foundation NY), sobre o

Foi de Swedenborg, também, o primeiro projeto de um tanque para teste de protótipos de embarcações. Esse projeto foi utilizado depois pela marinha sueca e, numa versão mais elaborada, pela marinha dos Estados Unidos.

Em sua monografia sobre bombas-de-ar a mercúrio, o professor S. P. Thompson, diretor da Escola Técnica de Finsbury, atribui a Swedenborg a invenção da primeira bomba desse tipo. E transcreve a descrição que Swedenborg fez de seu invento, em latim, salientando que, se fosse equipada com as válvulas originais, esse modelo de bomba seria perfeitamente utilizável em nossos dias.

Conquanto em seu livro *Principia* Swedenborg trate especificamente das propriedades físicas da matéria, na introdução a essa obra faz várias alusões a um tópico que é hoje conhecido como evolução. Costuma-se atribuir a Herbert Spencer o conceito de que os movimentos etéreos são responsáveis pelo sentido da visão. Porém, foi Swedenborg que enunciou essa teoria em termos bem mais inteligíveis. Disse ele: “O éter parece ter formado nos olhos um mecanismo próprio para receber as vibrações” (*Principia*, Parte I, Capítulo 1). Ainda mais notável é sua teoria sobre a audição: “O ar ondulado entra pelos ouvidos e produz um eco, dando a impressão de haver formado seu próprio mecanismo” (*Principia*, Parte I, Capítulo I).

Em outro trecho dessa sua obra, Swedenborg diz que “o homem foi construído de acordo com o movimento dos elementos”, proposição que resume a teoria de Spencer. O fato de Swedenborg ter, posteriormente, modificado essa sua proposição, não lhe tira a primazia de sua autoria.

As teorias de Swedenborg sobre a origem e as propriedades do éter tornam-se ainda mais significativas à medida que surgem novas descobertas no campo da ciência. Swedenborg definiu o éter como um composto de partículas elásticas, móveis, capazes de penetrar outros corpos. Atribui ao éter a origem da luz, do calor e da eletricidade. Em seu livro *Principia* (parte III, cap. V, v. 21) Swedenborg escreve:

projeto de Swedenborg. O interesse do Sr. Sörderberg pela invenção de seu conterrâneo foi despertado pelo fato de a Academia Britânica de Aeronáutica ter considerado a invenção de Swedenborg como o primeiro projeto racional de um avião, visto que incorporava elementos básicos como uma superfície de sustentação baseada em diferença de pressão, módulo propulsor, trem de pouso etc.

“A doutrina do éter e os fenômenos etéreos podem ser definidos assim: movimento difundido, a partir de um centro, através de um meio contíguo ou um volume de partículas de éter produz luz; pois em consequência desse movimento, o éter é refletido em todos os corpos com que se encontra, dando ao olho a idéia do objeto refletido. Esse movimento centralizado das partículas de éter não só causa uma rígida expansão de todas as partículas como também produz calor; e, se essa luz se propagar do centro para as circunferências, produzirá luz e calor. Há corpúsculos que se assemelham a uma espécie de efúvia e que são tão diminutos que podem transportar somente determinado volume de éter, mas não transportam ar.

“Quando acionados, esses corpúsculos projetam a luz a uma certa distância. Se essa ação não for espontânea, mas causada pela vibração das partes de qualquer corpo sólido no qual eles residem, dá-se a excitação simultânea de luz e calor, que perdura enquanto houver vibração”.

Swedenborg dedicou grande parte de suas pesquisas científicas ao estudo do magnetismo, sendo o precursor de muitas descobertas modernas. O professor Patterson, da Universidade da Pensilvânia, em carta escrita ao Dr. Adlee, agradecendo-lhe pela remessa de um livro de Swedenborg, escreveu: “Muitos dos experimentos e observações sobre magnetismo citados nesse livro são hoje, injustamente, atribuídos a outros autores”.

Cinquenta anos depois da publicação do livro *Opera Philosophica et Mineralia*, ao ler num relatório apresentado ao desafortunado rei Luis XV que ainda não havia nenhuma teoria sobre o magnetismo, o Marquês De Thomé asseverou, que a supracitada obra de Swedenborg (*Opera Philosophica et Mineralia*) era sobejamente conhecida em toda a Europa e amplamente consultada pelos cientistas em suas pesquisas diuturnas. Acrescentou, ainda, que o autor sueco era o verdadeiro pai da teoria do magnetismo e que M. Camus admitiu, publicamente, se utilizar dessa teoria para realizar com o magneto coisas e truques que maravilhavam a todos. E Worcester, à pág. 98 do seu livro *The Life and Mission of Emanuel Swedenborg*, afirma textualmente: “Podemos atestar que muitos engenheiros eletricitas encontraram na teoria swe-

denborguiana sobre o magnetismo a explicação para fenômenos físicos que, até então, eram virtualmente inexplicáveis”.

Foi, todavia, no campo da astronomia que Swedenborg se notabilizou. Hoje, poucos ousam questionar a autenticidade de sua teoria nebular da formação dos sistemas planetários. Foi também Swedenborg quem primeiro formulou a idéia de um sistema interplanetário harmônico ao qual pertence nossa própria galáxia.

Swedenborg é o autor da teoria do movimento translatório das estrelas na Via Láctea e da doutrina do movimento cíclico dos planetas.

Sobre a questão da primazia de Swedenborg como autor da “teoria nebular”, geralmente atribuída a Laplace e Kant, o professor E. S. Holden, em trabalho publicado na *North American Review*, em 1880, escreveu: “Os estudiosos dos escritos filosóficos de Emanuel Swedenborg sempre souberam que ele é autor de uma elaborada teoria da origem dos sistemas solar e estelar, que foi o protótipo de todas as teorias modernas sobre o assunto. A verdade é que, no livro *Principia*, publicado em 1734, Swedenborg apresenta um completo sistema de cosmogonia que atribui a origem dos planetas e seus satélites a uma massa nebulosa, com ilustrações detalhadas de todo esse processo cosmogênico”.

Vale, ainda salientar que Bohn, o editor do livro *Principia*, tinha em seu poder um exemplar desse livro com o autógrafo de Buffon, e indisfarçáveis sinais de uso. Quando examinamos os pontos essenciais dos três sistemas propostos, fica patente que a teoria de Swedenborg (formulada cinquenta anos antes da de Buffon) influenciou, decisivamente, a teoria deste, da mesma forma que a teoria buffoniana se refletiu na teoria da construção dos céus, de Herschel, e inspirou Laplace na formulação de sua hipótese nebular.

Vale, ainda, assinalar que, tanto Kant quanto Buffon, mantiveram estreito relacionamento com a obra de Swedenborg. Kant chegou mesmo a comentar a semelhança de suas teorias com as de Swedenborg. E Laplace reconhece publicamente que Buffon sugeriu sua teoria da formação dos planetas e suas luas a partir de seus sóis.

Em artigo publicado em 1879, subordinado ao título *Swedenborg and the Nebular Hypothesis* (Swedenborg e a hipótese nebu-

lar), o Dr. Magnus Nyrén, Astrônomo do Observatório de Pulkowa, Rússia, atribui a Swedenborg a primazia da autoria da teoria nebular, e frisa: “Não se pode questionar que o verdadeiro germe da hipótese nebular — que afirma que o sistema solar se originou de uma única massa caótica que, a princípio, tomou a forma de uma esfera, para, depois, em contínuas rotações ir-se subdividindo em partes, dando origens aos planetas — foi, indubitavelmente, inseminado por Swedenborg”. O trabalho escrito por Kant a respeito dessa mesma matéria, intitulado *Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels* só foi publicado em 1755, portanto, vinte e um anos depois da publicação da obra *Principia*. E a hipótese nebular de Laplace somente foi publicada passados sessenta e dois anos. Convém, ainda, notar que a hipótese de Swedenborg — de que os planetas teriam se originado dos fragmentos esféricos dessa massa caótica, como, aliás, o próprio Laplace admitiu — é, provavelmente, a mais correta, se cotejada com a teoria kantiana de que os planetas teriam se originado de uma aglomeração de corpos esféricos originários de uma única massa de vapor” (*Vierteljahrsschrift der Astronomischen Gesellschaft*, pág. 81).

A principal diferença entre as teorias formuladas por Laplace e por Swedenborg a respeito da origem do sistema solar reside em que Swedenborg afirmava que os planetas haviam-se projetado do corpo do Sol, ou, melhor, do anel nebuloso que o envolvia e tinham retrocedido, gradualmente, até suas órbitas atuais, enquanto Laplace sustentava que a atmosfera solar se estendia muito além da órbita do planeta mais distante e que os planetas derivaram da transformação gradual dessa atmosfera solar em anéis nebulosos, à medida que essa grande massa progenitora se contraía. A teoria de Swedenborg também postulava que uma “área central vortical” primeiro deu origem e movimento ao Sol e, depois, aos seus progênitos — os planetas. Laplace, ao contrário, fundamentou sua teoria na lei da gravidade. Beswick afirma que a teoria de Swedenborg explica melhor o fenômeno da formação do sistema solar do que a teoria de Laplace, e sugere que a teoria swedenborguiana estava destinada a prevalecer sobre todas as outras.

Swedenborg opinava que, se os planetas tinham sido formados nas sucessivas camadas da atmosfera solar, a velocidade da rotação

deveria diminuir à medida que eles se aproximassem do sol; e concluía que os planetas tinham sido expelidos da órbita central.

A teoria swedenborguiana sobre a origem do sistema solar pode ser resumida assim: “O Sol era uma grande massa de matéria num estado de incandescência, impulsionado por uma força vortical inerente. Dele exalaram vapores que formaram um anel nebuloso no plano do equador. Devido à condensação, esse anel foi ficando cada vez mais sólido e, num determinado momento, despedaçou-se e espalhou no espaço as massas que, posteriormente, formaram os planetas e satélites do nosso sistema solar. Esse anel nebuloso, girando na velocidade da rotação do corpo central, deu à massa caótica que dele se desprendia movimento orbital próprio. E esse movimento tendia a aumentar à medida que essa massa sólida se aproximava do sol; do contrário, esses corpos a este retornariam. Mas, gradualmente, foram encontrando suas órbitas atuais e atingiram suas velocidades orbitais”.

“Houve um tempo”, diz Swedenborg, “em que o movimento de rotação do eixo da terra durava apenas duas horas e sua jornada anual se completava no prazo de um mês do nosso tempo. Essa foi a era da primavera perpétua, em que as mudanças climáticas bruscas mantinham o clima permanentemente temperado. E, gradualmente, à medida que os dias e os anos se estendiam, a alternância calor/frio foi-se acentuando; e os nossos dias e anos se tornaram tais quais são hoje”.

Swedenborg postulou que “o eixo comum da esfera ou céus siderais é a Via Láctea, onde está agrupada a maior quantidade de estrelas” (*Principia*, parte III, cap. I, nº 8). Sobre esse postulado swedenborguiano, o Dr. Nyrén escreveu: “Mesmo que não tivesse nenhum outro propósito, o fato de o postulado de Swedenborg afirmar, categoricamente, que a Via Láctea é a “secção equatorial (zodiaco) do nosso firmamento visível, já seria suficiente para conferir ao seu autor a primazia das teorias sobre a origem do sistema galáctico-estelar”.

Com respeito à posição do nosso sistema solar no espaço, Swedenborg postulou: “Nosso sistema ou vortex solar não se encontra no eixo da esfera, mas está próximo ao eixo que apresenta maior curvatura ou declive” (*Principia*, parte III, cap. I, nº 7). Sir J. Herschel comentou assim essa teoria de Swedenborg: “Nosso sistema está posicionado excentricamente, de modo a ficar mais próximo das partes adja-

centes à cruz do que daquelas diametralmente opostas a essas”. Essa teoria, segundo Beswick, “corrobora a exatidão do postulado swedenborguiano”. E acrescenta: “Por volta de 1789, Herschel apontou seu gigantesco telescópio para as profundezas galácticas e, sem ter conhecimento da teoria de Swedenborg sobre a posição do sol, conjecturou exatamente como Swedenborg o fizera. E essa sua busca interestelar foi compensada pela descoberta de provas incontestáveis da precisão de suas conjecturas. Certamente, não poderia haver prova mais contundente da exatidão do postulado swedenborguiano”.

Nosso espaço é muito exíguo para enumerarmos nesta biografia todos os estudos de Swedenborg no campo da anatomia. Podemos, entretanto, afirmar que sua contribuição nesse ramo foi profícua e permanente. E o valor dessas suas contribuições está na sua interpretação de estudos e teorias propostas por outros cientistas, embora, como atesta o Conde Höpken, Swedenborg mesmo seja o autor de várias teorias e descobertas, que se encontram registradas na *Acta Literaria*. Muitas dessas teorias e descobertas de Swedenborg têm sido corroboradas por pesquisadores e anatomistas modernos. Em conferência pronunciada no plenário do Congresso Nacional de Anatomistas, realizado em Heidelberg, em maio de 1903, o professor Gustav Retzius, presidente do conclave, chamou a atenção dos presentes para os importantes feitos de Swedenborg no campo da anatomia. No plenário estavam os mais eminentes anatomistas da Europa, que não sabiam, por exemplo, que Swedenborg foi o descobridor da localização das funções cerebrais. E o Dr. Retzius provocou grande espanto, ao revelar que as teorias propostas por Swedenborg, em seu livro *The Brain* (O Cérebro), estavam um século adiante das especulações dos seus contemporâneos.

Em seu discurso, o Dr. Retzius disse, ainda, que o Dr. Mas Neuburger, eminente anatomista de Viena, foi quem primeiro despertou atenção para as inúmeras contribuições de Swedenborg no campo da anatomia. Em conferência proferida perante uma assembléia de naturalistas e físicos alemães, subordinada ao tema “*Swedenborg's references to the physiology of the brain*”, o Dr. Neuburger dissertou sobre as principais descobertas de Swedenborg no ramo da anatomia. E, a certa altura, enfatizou: “Swedenborg saltou um século na frente de seus contemporâneos, ao demonstrar que a substância cortical do cérebro é

a sede exclusiva da atividade física de grande intensidade, constituindo-se no ‘ponto de ataque da alma’“. Ao final de sua conferência sobre Swedenborg, o Dr. Neuburger afirmou, textualmente: “Ao curso de sua vida de homem da ciência, a atuação de Swedenborg em vários ramos da atividade científica foi, verdadeiramente, espetacular”. O interesse do Dr. Neuburger pelos estudos de anatomia de Swedenborg levou-o a expressar formalmente à Academia Real de Ciência da Suécia, sua indignação pela não publicação dos manuscritos de Swedenborg sobre a anatomia do cérebro.

Esse protesto do Dr. Neuburger fez com que a Academia nomeasse uma comissão especial para estudar o assunto. Presidida pelo Dr. Retzius, a comissão, após investigar os escritos e tratados fisiológicos de Swedenborg, recomendou que a Academia procedesse à publicação da obra científica e filosófica de Swedenborg. O Dr. Retzius custeou do próprio bolso a publicação dos três primeiros volumes. O primeiro tomo trata das contribuições de Swedenborg nos campos da geologia e paleontologia, contendo, ainda, sua volumosa correspondência sobre assuntos científicos. Os dois volumes seguintes contêm estudos e tratados de química, física, mecânica e cosmologia. Finalmente, sua terra natal fazia justiça ao grande gênio.

O Dr. J. J. Garth Wilkinson fez a seguinte observação sobre os estudos de Swedenborg nos campos da fisiologia e da anatomia. “As doutrinas de Swedenborg no campo da fisiologia são tão inovadoras e abrangentes que, à primeira vista, podem parecer meras conjecturas de uma mente confusa. Foi essa a primeira impressão que tive ao tomar conhecimento delas. Hoje, entretanto, depois de estudá-las detidamente vou percebendo sua verdadeira importância para o avanço da pesquisa científica. Elas são o resultado de uma rígida indução física. E é particularmente gratificante observar que pesquisadores médicos vêm, através dos anos, tentando elucidar as questões propostas por Swedenborg. Uma dessas teorias trata da influência dos movimentos respiratórios e sua propagação para as vísceras e para o corpo inteiro. O princípio que diz que o corpo respira pelos pulmões e que a perenidade de todas as funções da vida corporal depende da universalidade desse princípio fisiológico é um dos postulados mais importantes da doutrina científica swedenborguiana. Há séculos, essa questão desafiou a argúcia de emi-

nentes fisiologistas. Glisson atribuía essa função vital ao fígado; Blumenbach ao baço; Schlichting, ao sangue do cérebro; Bell, ao pescoço; Fortat, à circulação da espinha dorsal; outros a atribuíam ao coração. E a essa lista poderíamos acrescentar uma infinidade de outros nomes ilustres. Outro princípio formulado por Swedenborg foi o da permeabilidade das membranas e da circulação dos fluidos através delas. O enunciado dessa teoria foi divulgado sob o título “Endosmose” e “Exosmose”, dois fenômenos descobertos em nossos dias. Swedenborg foi, também, o precursor da famosa teoria do Dr. Prout sobre o sistema linfático. Embora Swedenborg tenha sido, essencialmente, um teórico, vale notar que suas teorias são bem mais elaboradas do que a de outros autores, pois estão diretamente subordinadas ao cérebro, de onde extraem sua essência vital”.

Jacob Berzelius, o pai da química moderna, em carta ao Dr. Wilkinson, faz o seguinte comentário a respeito da obra *Regnum Animale*: “Li alguns trechos do livro *Regnum Animale* e me interessei muito por seu conteúdo. E surpreendi-me ao verificar que Swedenborg anteviu muitas das teorias científicas contemporâneas. Espero que os anatomistas e fisiologistas de hoje tirem o máximo proveito dessa obra, tanto do ponto de vista científico, como o de fazer justiça à genialidade de Swedenborg”. Em outra carta, o Dr. Berzelius comenta: “Estou admirado com os conhecimentos demonstrados por Swedenborg num assunto tão estranho a um metalurgista militante. E, sobretudo, com a sua capacidade de se adiantar a todos os seus contemporâneos”. E essa precocidade de Swedenborg não se restringiu à teoria científica. Suas investigações no campo da fisiologia, por exemplo, serviram de fundamento para suas incursões nos domínios da psicologia. Coventry Patmore se referiu, assim, ao trabalho desenvolvido por Swedenborg: “Conheço somente um psicólogo e fisiologista cujos conhecimentos permanecerão durante, pelo menos, mil anos. Seu nome: Swedenborg”.

O grande esboço de *Regnum Animale* nunca foi terminado, como já dissemos. Parte do material que seria incorporado a essa obra eram manuscritos volumosos de *O Cérebro*, já citados, dos quais dois volumes foram traduzidos para o inglês e publicados em 1882 e 1887. É uma obra enciclopédica e seu valor tem sido agora reconhecido em vários lugares. Seu editor, Dr. R. L. Tafel, afirma que ela contém

muitas descobertas e sugestões importantes, muitas das quais têm sido atribuídas a pesquisadores mais recentes. Dr. Rabagliati, revendo esses dois volumes sobre o cérebro, descreve-os como “um dos mais notáveis livros que jamais vimos”.

O estudante moderno fica sem condições de formar uma avaliação justa da posição científica de Swedenborg pelo fato de que as obras filosóficas que foram traduzidas e publicadas são encontradas em poucas bibliotecas, e a maioria delas é de edições esgotadas. A Swedenborg Society, contudo, está sempre ativa e pretende não só manter a impressão das edições anteriores, mas reparar a deficiência ao editar todas as obras científicas e filosóficas que se acham ainda em manuscrito.

Cap. 16 - Swedenborg, o político

Outra prova indiscutível da genialidade eclética e lucidez intelectual do Swedenborg nos é propiciada pelos registros de sua intensa atividade política. Desde sua posse como membro da Casa dos Nobres, em 1719, até o ano de 1761, Swedenborg sempre esteve atento a todos os assuntos da vida política de seu país, e sua presença marcava todas as sessões da Dieta Sueca. Um de seus pares fez a seguinte observação a respeito dessa sua obstinada participação política: “Até o fim de sua vida pública, Swedenborg sempre demonstrou um interesse espontâneo nos negócios administrativos, financeiros e políticos de seu país, seja como membro da Dieta ou como mero cidadão. E esse seu interesse está traduzido em seus inúmeros trabalhos sobre a conjuntura sócio-política de seu país e sua destacada participação nas sessões da Casa dos Nobres. Como membro do legislativo, Swedenborg permaneceu apartidário, apoiando tudo aquilo que lhe parecia ser de interesse para o povo e o país, sem pender para a esquerda ou para a direita. Como todo liberal, foi amante da liberdade e um ferrenho opositor do despotismo e do anarquismo.

“Filhos de eminente e venerado bispo, ele e seus irmãos foram feitos nobres pela rainha Ulrica Eleonora, em 1719. Sua entrada para a Casa dos Nobres coincide, portanto, com a implantação dos postulados liberais na Suécia. Durante sua infância e juventude, Swedenborg havia testemunhado os desmandos da monarquia absolutista em seu país e tinha sentido, de perto, a miséria e os infortúnios causados por uma guerra de dezoito anos que mergulhou o país numa sucessão de batalhas que dizimaram milhares de seus compatriotas e exauriram as finanças do país.

“Portanto, era natural que Swedenborg fosse fervoroso defensor de uma Constituição que impusesse um limite aos poderes da monarquia absolutista. A promulgação dessa Constituição evitou a dissolução do país e fez que, pouco a pouco, a insatisfação reinante se transfor-

masse em satisfação e esperança para a maioria do povo sueco” (*Nya Kyrlian och dess inflytande pa theologiens Studium i Sverige*, parte ii, pág. 48).

Outro eminente escritor sueco, contemporâneo de Swedenborg, escreveu: “Ele estava sempre conversando sobre assuntos científicos e políticos e, mesmo depois que se retirou do parlamento, acompanhava com interesse os trabalhos da Dieta. Suas opiniões e arrazoados eram sempre muito incisivos, concisos e lúcidos”. Swedenborg tinha particular interesse pelas questões financeiras e apresentou muitos projetos sobre moeda, câmbio e outros assuntos de política econômico-financeira, no período de 1723 a 1761. O Conde von Höpken salienta que “Swedenborg foi autor de importantes projetos de política econômico-financeira na legislatura de 1761”.

Nenhuma biografia de Swedenborg estaria completa sem o registro de sua intensa carreira política. Iremos, portanto, examinar aqui alguns de seus principais projetos políticos.

Infelizmente, não dispomos de nenhum de seus discursos, embora ele tenha sido descrito como um dos mais “prolixos e intransigentes oradores do parlamento”. Essa descrição, porém, não corresponde à verdade. A intransigência positivamente não era uma característica de Swedenborg, embora, ocasionalmente, defendesse seus pontos de vista com muita veemência. Ademais, um ligeiro defeito na fala trazia-lhe alguma dificuldade durante seus pronunciamentos públicos.

O memorando mais antigo, datado de 5 de fevereiro de 1723, trata das finanças do país. Nesse documento, Swedenborg deplora a decadência do comércio sueco e o déficit da balança comercial que, segundo ele, estavam empobrecendo a Suécia. Swedenborg atribuía essa decadência às perdas territoriais decorrentes da guerra, às vultuosas despesas de guerra e a dilapidação da frota sueca “durante os anos de guerra”. Dentre as propostas formuladas por ele, estava o desenvolvimento dos recursos naturais do país, especialmente no setor da indústria do cobre e do ferro, e o incremento da indústria manufatureira nacional, a fim de reduzir, substancialmente, a importação de produtos essenciais. Outros projetos tinham por objetivo estimular a produção no setor metalúrgico, embora essa sua posição não tivesse muita ressonância entre os seus pares do Conselho de Mineração. De fato, os registros

mostram que a maioria desses projetos terminou engavetada. Num importante memorando, datado de 10 de setembro de 1726, Swedenborg advogava a implantação de grandes projetos siderúrgicos no país, para beneficiamento do ferro extraído das minas. Nesse memorando, incluiu desenhos da maquinaria necessária para o projeto, os quais ainda se encontram nos arquivos do Conselho de Mineração. No memorando em questão, Swedenborg chama a atenção do Conselho de Mineração para o fato de milhares e milhares de toneladas de ferro gusa sueco serem embarcados, anualmente, para a Holanda, com altíssimos custos de frete e taxas alfandegárias. Esse ferro, depois de beneficiado, era vendido em Sauerland, Liège e outros mercados na Europa, com lucros extraordinários. Swedenborg argumentava que o estabelecimento de novas siderúrgicas iria estimular os pequenos industriais suecos a aumentar sua produção, criando, destarte, um excesso de bens manufaturados que se tornaria item importante na pauta de exportação do país. Para reforçar seu argumento, Swedenborg afirmava que “o ferro exportado de Liège não era de boa qualidade e que o ferro produzido na Suécia — com a implantação dessas novas usinas — iria pouco a pouco provocar a queda no preço desse ferro de qualidade inferior”.

Em 1734, o parlamento sueco vivia momentos de grande comoção, com a cisão no “partido do chapéu”, por causa da controvérsia que envolvia possível aliança franco-sueca contra a Rússia, aliança essa que, segundo seus defensores, poderia resultar na reconquista das províncias bálticas. Swedenborg se opôs veemente a esse plano, mediante um memorando em que resumiu, magistralmente, os prós e contras da aliança e da participação da Suécia na guerra franco-russa. Salientou que as precárias condições sócio-econômicas do país e o reduzido número de conscritos nas forças armadas inviabilizavam a participação da Suécia numa guerra. E finalizou dizendo que seria mais importante para a Suécia o incremento de seus recursos naturais do que uma eventual reconquista de território no mar Báltico. Todavia, Swedenborg afirmava que essa hegemonia russa jamais se perpetuaria.

Swedenborg não se opunha a uma guerra de defesa, mas à “arregimentação de recursos e vidas humanas para uma conflagração que visava apenas a demonstrar bravura ou heroísmo diante de um suposto inimigo”, o que não lhe parecia lógico. Principalmente no caso da Sué-

cia, que não tinha o que temer das nações vizinhas. Portanto, Swedenborg achava que a Suécia deveria permanecer neutra, posição que, para sua satisfação, viu aprovada pela Dieta.

Swedenborg voltou a se ocupar com a situação financeira do país, em 1755, condenando, em conexão com isso, a intemperança de seus compatriotas, que estava agravando o empobrecimento do país. A intemperança era o pior dos inimigos internos, e impedia que a Suécia se tornasse um grande país agrícola e manufatureiro. Estava tão convencido disso que chegou a escrever num prólogo de um de seus tratados: “O abuso do álcool será a razão da queda do povo sueco”.

Dentre as soluções que propôs para remediar essa situação, Swedenborg apresentou projeto determinando que a venda de bebidas alcoólicas fosse feita “em estabelecimentos semelhantes às padarias, dispondo de uma janela por onde, quem quisesse, poderia comprar bebida sem permissão de entrar no local ou de permanecer no balcão”. Em outra proposição, aprovada pela Dieta, Swedenborg propunha a limitação da destilação de uísque e do aumento de preço para se obter licença para funcionamento de destilarias, através de um programa de leilões públicos que geraria recursos para programas agrícolas e de assistência social. Diante da impossibilidade de proibir o consumo de bebidas alcoólicas, Swedenborg achava, pragmaticamente, que a imposição de pesados impostos sobre esses produtos carregaria para os cofres públicos receita considerável.

Swedenborg apontava a facilidade de se fazer hipotecas e cauções imobiliárias, com o conseqüente endividamento de todas as classes sociais junto aos bancos, como outra causa do empobrecimento do país. Para aliviar essa situação, Swedenborg propôs que os empréstimos com garantia de hipoteca imobiliária ficassem sujeitos a um rígido controle fiscal e os pagamentos dos débitos fossem feitos em espécie.

Cinco anos mais tarde, Swedenborg voltou a abordar esse mesmo tópico, num memorando onde demonstrava sólidos conhecimentos dos princípios de administração financeira. Nesse memorando, afirmava que a sobrevalorização da moeda sueca em relação ao marco (em vinte anos saltara de trinta e seis para sessenta e seis marcos) estava arruinando o país, e sugeriu várias medidas. Swedenborg mostrou que a principal causa dessa anomalia cambial fora a substituição da moeda

metálica pela “moeda de papel” (notas emitidas pelos bancos por conta das hipotecas imobiliárias acima mencionadas), cujo montante superava em muito os depósitos bancários em dinheiro. E afirmou que essa alta taxa cambial estava fazendo que o valor intrínseco da cunhagem em cobre fosse superior ao valor nominativo da moeda. Portanto, com o câmbio acima de sessenta marcos, o valor do metal ficava acima do valor em papel, fazendo com que a moeda fosse derretida ou levada para o estrangeiro.

Swedenborg defendia, ardorosamente, a implementação de um câmbio honesto como a solução para o problema, e dizia que “só a moeda de metal poderia normalizar a situação cambial”. Anuía, ainda, que “a moeda era tão vital para o país quanto o sangue para o corpo humano, do que depende sua vida, sua saúde, sua força e sua defesa”. E propôs a suspensão de todos os empréstimos sob caução ou hipoteca imobiliárias, bem como de todos os empréstimos bancários ao setor privado, com exceção daqueles de interesse do Estado e garantidos por ouro ou prata, como era costume. A medida proposta por Swedenborg estabelecia, também, que as hipotecas imobiliárias fossem, gradualmente, resgatadas, através da quitação anual de uma parte do saldo devedor, acrescida dos juros correspondentes, determinando a suspensão das operações com “certificados de hipotecas imobiliárias”; e obrigava os bancos a aumentarem seus ativos em moeda com lastro de metal; ao mesmo tempo, sugeria a suspensão imediata de todas as exportações do cobre, em moeda ou “cru”; a redução nos quadros de pessoal da rede bancária e, finalmente, o monopólio estatal da destilação de uísque.

Esse memorando de Swedenborg demonstra sua perfeita percepção do problema e se torna ainda mais notável quando sabemos que foi elaborado num período em que seu autor estava plenamente engajado em seus estudos espirituais (1747/1760) e durante o qual suas experiências sobrenaturais se tornavam mais freqüentes e ainda não inteiramente públicas. Portanto, se fosse interesse de Swedenborg, teria permanecido atuando na política e desfrutando de excelente reputação nesse mister.

Swedenborg reforçou as posições defendidas no memorando supracitado com a apresentação de uma moção ao parlamento em favor

da restauração de uma moeda com lastro de metal, outros pronunciamentos sobre política cambial e um memorando ao rei, abordando questões relacionadas com a exportação do cobre. No primeiro desses documentos, Swedenborg urgiu a Dieta a tomar severas medidas, no sentido de assegurar a devolução dos “certificados de hipotecas imobiliárias” aos bancos e sua imediata substituição por moeda de valor intrínseco; do contrário, afirmava Swedenborg, os preços de todos os gêneros continuarão a subir, descontroladamente, levando o país à bancarrota e à falência da “moeda papel”. E essa virtual falência do sistema monetário estava evidente se considerássemos que dois dalers-papel equivaliam a três dalers-metal no mercado externo e a dois dalers-metal no meio circulante interno. E concluiu seu arrazoado com essas sábias palavras: “O lastro cambial está na moeda-metal e nela também está o valor intrínseco de todas as mercadorias. Nenhum país pode subsistir com sua moeda lastreada por papel”.

Swedenborg foi convidado a assumir um lugar na Comissão de Política Cambial, e seria um membro valioso, mas declinou do convite, porque não concordava com seus estatutos. Suas sugestões, todavia, foram muito bem acolhidas pelos membros dessa comissão. Com efeito, em janeiro de 1762, a comissão determinou que os bens móveis não mais poderiam ser caucionados como garantia de empréstimos. E, na legislatura seguinte, o parlamento promulgou uma lei determinando que os bancos mantivessem seus depósitos em papel moeda ao par com suas reservas de ouro.

A precária situação sócio-econômica da Suécia era motivo de preocupação para seus estadistas mais notáveis. O Conselheiro do Comércio, Anders Nordenkrantz, publicou um copioso estudo sobre a “caótica situação econômico-financeira da Suécia”, no qual denunciava juizes, senadores e servidores públicos e propunha mudanças radicais no sistema de governo. Para atenuar o impacto desse grito de alarme, Swedenborg apresentou no plenário da Dieta, um memorando-resposta a todas as alegações contidas no documento supracitado. Nesse memorando, elaborado com a marca insofismável de um grande estadista, Swedenborg defende o sistema de governo sueco que, segundo ele, era, juntamente com os sistemas alemão e holandês, o melhor da Europa. E asseverava que, dentro desse sistema, os homens e as nações são livres

e soberanos para decidir seu próprio destino. Admitia, entretanto, que o sistema vigente tinha muitas imperfeições, pois, como todo regime criado e gerido pelo homem, o regime de governo sueco estava sujeito à fraqueza humana, às distorções da lei e ao favorecimento em função de amizade, parentesco, ambição de poder e propinas. E reconhecia que essas vicissitudes dificilmente seriam totalmente exorcizadas de qualquer sistema de governo.

Uma das propostas formuladas por Nordenkrantz estabelecia que todos os cargos e funções públicas, independentemente de seus graus hierárquicos, com exceção dos cargos eclesiásticos e militares, deveriam ter seus titulares mudados, a cada dois ou três anos. Swedenborg fez sérias objeções a essa proposição, alegando que, caso fosse adotada, os titulares desses cargos procurariam garantir seu sustento para o resto da vida, através da aceitação de propinas e presentes ilícitos. Ademais, dizia Swedenborg, essa limitação legal poderia ser utilizada por alguns militantes fanáticos contra as mais respeitáveis instituições do país e semear a intranquilidade entre os ocupantes de cargos de alta hierarquia político-administrativa do país.

Em sua proposição, Nordenkrantz denunciava a corrupção dos políticos. Em resposta a essa alegação, Swedenborg afirmava que os atos de corrupção são inerentes a qualquer sistema livre de governo. E sustentava que tais práticas eram meras turbulências se cotejadas com os desmandos das monarquias absolutistas. E salientava que, “nas monarquias absolutistas ou arbitrárias, os favoritos, e os favoritos dos favoritos, bem como o próprio monarca absoluto, são corrompidos por pessoas que os estudam e apelam às suas paixões. ... Um monarca absolutista ou arbitrário é capaz de cometer mais desmandos no período de um ano do que os membros do parlamento reunidos poderiam fazê-lo ao termo de um século. Nas várias casas da Dieta, a influência é moderada e contrabalançada no geral e no particular, ao passo que numa monarquia absolutista não existe tal compensação”.

Nordenkrantz magoou-se com as críticas de Swedenborg ao seu livro e a desavença ensejou uma exaltada troca de correspondência. Exaltada, frise-se, de parte do conselheiro comercial, pois Swedenborg se manteve sempre cortês e ponderado como de costume. O episódio provocou um rompimento entre Swedenborg e Nordenkrantz, só des-

feito graças à intervenção do presidente da Câmara de Comércio, Niklas von Oelreich, que, em carta escrita a Swedenborg, datada de 31 de dezembro de 1761, escreve: “o Sr. Nordenkrantz, conselheiro comercial, convida a mim e ao Sr. Assessor para o culto que se realizará às dez horas e para depois almoçarmos em sua companhia. Por volta da hora marcada, o conselheiro mandará sua carruagem buscar seus convidados. Anseio por vê-los reconciliados”.

O último documento político de Swedenborg que chegou às nossas mãos foi um discurso que proferiu na Dieta, entre maio e julho de 1761, em defesa da reintegração de três senadores que tinham tido seus mandatos cassados, em virtude de sua participação na guerra contra Frederico, o Grande. O discurso, intitulado “Manifesto sobre a integridade do país e a preservação da liberdade”, alerta a opinião pública contra a ameaça da implantação de uma nova forma de monarquia absolutista na Suécia, proposta por um dos partidos e veementemente combatida pelos três senadores. Ao contrário de seu pai, Swedenborg não acreditava na autoridade Divina dos monarcas. “Ninguém”, afirmava ele, “tem o direito de se arrogar poderes para gerir a vida e os bens dos indivíduos. Pois somente Deus tem esse poder e os homens não passam de meros mordomos Seus neste mundo”. Teve novamente a satisfação de ver seus apelos atendidos, visto que dois dos três senadores foram reconduzidos às suas posições.

Esse episódio encerra o registro da intensa carreira política de Swedenborg. Todos os documentos a que nos referimos, independentemente de sua relevância, revelam discernimento, bom senso e um fervoroso desejo de servir à pátria. Vale notar, ainda, que esses documentos constituem prova irrefutável da perfeita sanidade mental de Swedenborg, numa época em que muitos insinuavam estar ele sujeito a alucinações.

Cap. 17 - Visitas a Londres e suas moradias ali

Muitas vezes somos possuídos por um curioso impulso que nos leva a pesquisar as moradias e vestígios de pessoas famosas. Para aqueles que acreditam nas revelações de Swedenborg, os locais onde morou durante suas freqüentes estadas em Londres têm um interesse todo especial, embora esses lugares permaneçam virtualmente inexplorados. Portanto, sobre esse interessante aspecto da vida de Swedenborg, sabe-se que viveu seis anos em Londres, embora não haja registros precisos de suas idas e vindas à capital inglesa. Nos seus tempos de estudante, Swedenborg passou dois anos em Londres e Oxford, e durante os sessenta anos subseqüentes visitou Londres assiduamente. Sua última visita a Londres ocorreu no ano de 1771. Lá, iria permanecer até a sua morte, a 29 de março de 1772.

Não temos nenhuma informação a respeito do local onde Swedenborg morou durante sua primeira estada em Londres. Todavia, o próprio Swedenborg disse, como já tivemos oportunidade de notar, que se mudava com muita freqüência, procurando aprender com seus anfitriões; daí a sua preferência pelas casas de artífices. É realmente uma pena serem tão escassos os registros sobre suas impressões dessa primeira visita. Londres, nessa época, devia ser uma cidade muito interessante, ressurgida das cinzas do grande incêndio. Porém, nas poucas cartas que escreveu nesse período, o jovem Swedenborg fala muito pouco sobre o lugar onde ficou. Em uma de suas primeiras cartas, escreve: “Vi tudo o que merecia ser visto nesta cidade”. E destaca as visitas que fez à Catedral de São Paulo e à Abadia de Westminster. Entretanto, suas últimas visitas a Londres estão sobejamente documentadas, e sabe-se, por exemplo, que nesse período morou em Minories, Fetter Lane, Wellclose Square e no bairro de Cold Bath Square, em Clerkenwell.

Antes de tentarmos reconstituir seus passos, precisamos idealizar como era a Londres que Swedenborg conheceu. A área mais populosa

da cidade ficava ao longo do Tâmesa e não se estendia muito para o Sul ou para o Norte. “De qualquer parte da cidade, é possível chegar ao campo em quinze minutos. Queen's Square e Bloomsbury tinham seu lado norte propositalmente abertos para ensejar aos visitantes uma vista panorâmica de Highgate e Hampstead Hills” (*London in the Eighteenth Century*, Sir Walter Besant). Lugares onde hoje se vêem ruas estreitas fervilhando de gente, na época de Swedenborg eram imensos campos abertos. Os famosos bairros de Bow, Bromley, Stepney e Mile End não passavam de um amontoado de chalés de beira de estrada e Bethnal Green era apenas um vilarejo. Numa vista da época, Islington é vista e descrita como aprazível lugarejo, cercado de campos verdejantes por todos os lados. Clerkenwell era um subúrbio, com duas ruas principais - Coppice Row e Field Lane -, um campo e um açude.

A população de Londres no início do século XVIII era estimada em 750.000 habitantes e alcançou a marca de um milhão antes do final do século. Toda a área de West End, que se estende de Strand ao Hyde Park foi construída durante esse período. A moda de as famílias do interior passarem temporada em Londres provocou aumento significativo na construção de casas. Porém nas áreas além de Hyde Park existiam somente pequenas vilas e mansões familiares.

Embora a Londres do século XVIII fosse uma cidade mais rural do que qualquer outra cidade de nossos dias, não era absolutamente, um lugar muito agradável. As ruas eram muito mal traçadas, mal conservadas e perigosas para pedestres durante a noite, devido à iluminação precária e à falta de policiamento. Lorde Tyrconnell denunciou a sujeira de Londres num discurso proferido no plenário da Casa dos Lordes, em 1741; e a obra *Essay on Improvement* de Gwynn, publicada alguns anos depois, denuncia quatorze irregularidades que reclamavam providências urgentes das autoridades. Uma delas era a “profanação nas vias públicas”.

Nos subúrbios havia muita sujeira e desordem. As estradas eram péssimas e o lixo se acumulava em terrenos baldios ao longo das principais ruas e vias públicas. Havia também insalubridade nas pequenas chácaras e fazendas situadas nos arredores de Londres e a fumaça das olarias poluía o ar da cidade com vapores de enxofre.

As palavras a seguir são de um poema da época, descrevendo os bairros pobres de Londres. O texto pinta um quadro realmente deprimente:

“Onde quer que eu olhe, a fumaça fétida dos tijolos enegrece a paisagem, e as pobres criaturas agonizam, enauseadas pelo enxofre ... Enquanto nos bairros nobres, os ricos dormem placidamente”.

Essa foi a Londres que Swedenborg conheceu e onde passou alguns anos de sua vida. Faremos, agora, um exame mais minucioso de suas moradias durante as freqüentes estadas em Londres.

Fetter Lane parece ter sido o seu primeiro local de residência na cidade. Foi lá que morou em 1744, e o testemunho sobre esse período da vida de Swedenborg é do Reverendo Aaron Mathesius, pastor da Igreja Sueca de Londres, de 1772 a 1784: “Por volta de 1743², um irmão moraviano de nome Senniff, recém-chegado a Londres, procedente da Holanda, aonde tinha ido visitar seus filhos, travou conhecimento e amizade com o Barão Emanuel de Swedenborg, que desejava ser recomendado a alguma família em Londres, onde tencionava viver sua aposentadoria”. Nos registros dos dias 5 e 6 de maio de 1744, Swedenborg fala de um “sapateiro muito piedoso que viajou comigo e com quem me hospedei”. O Dr. Tafel acha que o tal sapateiro era o Sr. Senniff. E foi o Sr. Senniff quem apresentou Swedenborg ao Sr. Brockmer, que, prontamente, assentiu em hospedá-lo.

A Fetter Lane, onde Brockmer morava, era uma rua bastante movimentada de Londres, ligando Flee Street e Holborn, próximo a Chancery Lane. Está associada a muita gente famosa: Barebone “Louva Deus”, que deu nome ao parlamento puritano de 1653, era comerciante de couro em Fetter Lane; ali morava Hobbes, o filósofo, e os poetas Dryden, Otway e Flatman; e foi também na Fetter Lane que Charles Lamb aprendeu as primeiras letras. Portanto, na sua primeira visita a Londres, Swedenborg foi vizinho de eminentes personalidades. Além disso, Fetter Lane era uma rua muito agradável, rodeada de jardins que ainda hoje podem ser vistos em algumas casas de Nevill's Court, entre Fetter Lane e Great New Street.

² A data é incorreta. Swedenborg chegou a Londres somente em 1744.

Mathesius conta que “enquanto residiu na Fetter Lane, Swedenborg ia todos os domingos à capela dos Moravianos. E embora vivesse muito recluso, freqüentemente conversava com o Sr. Brockmer e tinha muito prazer em ouvir o Evangelho em Londres. Durante vários meses, Swedenborg freqüentou o culto e aprovava o que ouvia. Após esse tempo, veio ao Sr. Brockmer e falou-lhe de sua satisfação em verificar que o Evangelho estava sendo propagado aos pobres, mas lamentou o comportamento dos ricos e intelectuais que, segundo ele, iriam todos para o inferno”.

O relato do pastor Mathesius de que Swedenborg freqüentava a Igreja Moraviana nessa ocasião é confirmado pelo diário de Swedenborg do ano de 1744. Com efeito, nos registros dos dias 19 e 20 de maio se lê:

“Levado por várias circunstâncias, fui à igreja dos Irmãos Moravianos, que se consideram os verdadeiros luteranos e dizem sentir o influxo do Espírito Santo, como falam uns aos outros. Afirmam, ainda, que respeitam somente a graça de Deus e o sangue e o mérito de Cristo e entregam-se a uma existência simples. Voltarei a tratar desse assunto mais tarde; por enquanto, não tive a permissão de me juntar à irmandade”. Em outro trecho, Swedenborg escreve: “Estou com eles, todavia não sou aceito por eles”.

Nessa época, Swedenborg ainda estava totalmente indefinido no que concerne à religião. Parecia sentir-se atraído pelos moravianos sem, contudo, estar satisfeito na comunhão com eles. Tempos mais tarde, Swedenborg fez severas críticas à irmandade moraviana, condenando-a por negar, secretamente, a Divindade de Jesus Cristo, por sua doutrina baseada na fé só e pelo menosprezo ao Velho Testamento. Também denunciou o exclusivismo deles, a falta de caridade e outros atributos não cristãos.

A atual Capela Moraviana, situada nos fundos do número 32 da Fetter Lane, não tem mais nada daquela que Swedenborg freqüentou. O prédio atual data de 1748 e foi construído sobre as fundações da antiga capela. As instalações interiores são, provavelmente, as mesmas da estrutura original.

Swedenborg não ficou muito tempo em Fetter Lane. Sabemos que se mudou de lá porque seus anfitriões costumavam bisbilhotar seus

escritos. É possível que seu anfitrião, sendo um moraviano, estivesse querendo saber as opiniões de seu hóspede, visto que poderia vir a associar-se à irmandade. Outra passagem afirma que o moraviano “e sua mulher estavam continuamente interrompendo seus estudos e queriam que se conformasse com sua maneira de viver”.

Segundo relato de Shearsmith (vide livro acima) ao Sr. Provo, Swedenborg mudou-se da casa dos Brockmer para a casa de uma tal Sra. Carr, que morava no número 4 da Great Warner Street, no bairro de Cold Bath Fields, ao lado da Red Lion Inn. A casa ainda está no mesmo lugar e apenas o endereço foi alterado para 26 Warner Street.

A terceira visita de Swedenborg a Londres ocorreu no final do ano de 1748 e deve ter sido bastante longa. De fato, os registros mostram que o contrato de aluguel, datado de 23 de novembro, foi por um período inicial de seis meses. Assim, o objetivo primordial da viagem foi publicar o primeiro volume da sua obra *Arcanos Celestes*. Como já mencionamos, o livro foi publicado por John Lewis, estabelecido no número 1 da Paternoster Row; o tipógrafo foi John Hart, estabelecido na Fleet Street, no bairro de Poppin's Court e amigo pessoal de Swedenborg. Não temos qualquer informação sobre onde Swedenborg foi morar durante essa terceira visita a Londres e tampouco sobre seu local de residência durante outra visita que fez à cidade, na primavera de 1766. Sabemos, contudo, através de Eric Bergstrom, proprietário da pousada King's Arms Tavern, no Wellclose Square, que Swedenborg morou lá durante dez semanas. É provável que tenha se hospedado em outras ocasiões nessa mesma vizinhança, pois Wellclose Square ficava no bairro sueco de Londres. Em seu livro *Environs of London*, publicado em 1795, o Reverendo David Lysons, referindo-se à Igreja de Londres, escreve: “Os suecos e dinamarqueses constituem a maioria dos paroquianos”. Bergstrom diz que Swedenborg o procurava frequentemente.

Embora situado na região central da cidade, próximo à zona portuária, Wellclose Square era, na época de Swedenborg, um bairro moderno e de características rurais. Situava-se às margens da famosa Ratcliffe Highway todo entrecortado de jardins e prados, como mostram os mapas da época. Não é preciso dizer que o velho largo está, hoje, totalmente, renovado. Atualmente, Wellclose Square está situado

numa das áreas mais populosas de Londres. Porém muitas das casas do tempo de Swedenborg permanecem intactas. Numa viela, nos fundos dessas casas, há uma casa de madeira com um imponente portal. No centro do largo está a Saint Paul's Church for Seamen (Igreja de São Paulo dos Marinheiros) que, no tempo de Swedenborg, era a sede da igreja da colônia dinamarquesa. O prédio foi construído em 1696, por Caius Gabriel Cibber, pai do famoso Colley Cibber, sob os auspícios de Christian V, da Dinamarca. Na Biblioteca Guindhall há duas gravuras que retratam o exterior e o interior da igreja, demolida em 1845.

O bairro de Wellclose Square está tão ligado à vida de Swedenborg quanto o bairro de Cold Bath Fields. Swedenborg não só morou durante muitos anos em Wellclose Square, como freqüentou por algum tempo a Igreja Sueca de Londres, situada no Prince's Square, a poucos metros do Largo Wellclose, e ali seu corpo está sepultado.

Os registros da paróquia fazem referência ao nome de Swedenborg inúmeras vezes e chegam, mesmo, a mencionar que ele costumava jantar com o pastor, depois dos serviços religiosos. No seu diário, há uma referência sobre suas visitas a essa igreja. No registro dos dias 19 e 20 de maio de 1744 lê-se: “No dia 20 vou à Ceia do Senhor na Igreja Sueca”.

A Igreja Sueca foi construída em 1728 e permaneceu imune ao tempo até sua demolição, há poucos anos. A parte externa da igreja nada tinha de extraordinário; o interior, porém, apresentava linhas interessantes, realçadas por um imponente altar e um púlpito ricamente esculpido. Na parede sul da nave central havia uma placa alusiva a Swedenborg, mandada gravar por um de seus admiradores, no ano de 1857. Na sacristia, localizada nos fundos da igreja, havia uma galeria de retratos de ex-pastores e paroquianos famosos, dentre os quais destacava-se o Barão Von Nolcken, Embaixador da Suécia na Corte de Saint James, no período de 1763 a 1774, conhecido de Swedenborg. Outro retratado nessa galeria era Arvid Ferelius, Pastor no período de 1761 a 1772, a quem Swedenborg conhecia intimamente e por quem foi assistido nos últimos momentos de sua vida.

Quando retornou a Londres, em 1769, Swedenborg foi morar, novamente, no bairro de Cold Bath Fields. Primeiramente, dirigiu-se à casa onde residira havia vinte anos, talvez a casa da Sra. Carr, na Gre-

at Warner Street. Como os antigos moradores se tinham mudado, Swedenborg foi morar com Ricard Shearsmith, fabricante de perucas, que residia na Great Bath Street número 26. Antes de ir morar em casa do Sr. Shearsmith, Swedenborg recusou-se a ir residir em outra casa da vizinhança, alegando que não sentia harmonia na casa recomendada. A pessoa que fez a recomendação reconheceu ser verdadeira a impressão de Swedenborg e indicou-lhe a casa do Sr. Shearsmith. Swedenborg residiu ali durante sete meses e retornou à mesma casa, em 1771, permanecendo ali, até a sua morte.

Durante sua primeira visita a Londres, Swedenborg recebia muitos visitantes. Já na segunda visita, o número de visitantes foi bem mais reduzido. Swedenborg pagava a modesta soma de cinco xelins por semana pelos aposentos na casa do Sr. Shearsmith. As instalações eram amplas e razoavelmente mobiliadas, e haviam sido alugadas anteriormente a um sacerdote.

O bairro de Cold Bath Fields transfigurou-se totalmente nesses quase duzentos e tantos anos, embora algumas casas daquela época ainda existam ali e devem ter sido familiares a Swedenborg. Naqueles dias, o bairro de Cold Bath Fields era uma estação de águas freqüentada pela classe alta. Mapas daquela época não mostram nada além de campos após Cold Bath Fields. A descoberta das nascentes térmicas por Walter Baynes, em 1697, foi a causa do desenvolvimento do lugar. Ele construiu ali um balneário e se mudou para lá, a fim de gerir o negócio das termas. A principal sala de banho ficava no centro de um grande jardim, com casas de verão, que pareciam pequenas torres, nos cantos do jardim. Um anúncio veiculado em 1752 afirmava que a reputação das termas de Cold Bath Field era tão notável que fazia sua clientela pagar o dobro do preço cobrado por outros estabelecimentos londrinos. A Great Bath Street, onde Swedenborg residiu, foi aberta em 1725.

Havia inúmeras outras atrações no bairro de Cold Bath Fields, além das termas. O monte Pleasant, que hoje não possui maiores atrativos, na época de Swedenborg fazia jus ao nome; era uma colina com um rio, o Fleet, correndo bem no seu sopé. Na vizinhança havia muitos hotéis, com jardins e salas de jogos. O Lord Cobham era um dos hotéis mais famosos na época. Era rodeado por um imenso bosque com árvo-

res frutíferas e seus passeios pavimentados e muito bem iluminados. Cold Bath Fields era, definitivamente, um lugar aprazível e cheio de vitalidade. Tornou-se um bairro onde se vêem italianos com realejos, vendedores de sorvetes, amoladores de facas, mascates e assim por diante.

Uma visita ao lugar dificilmente dará ao leitor um aspecto do lugar como foi conhecido por Swedenborg. Algumas casas ainda permanecem ilesas ao tempo, mas a imponente castanheira que ficava na esquina da Cold Bath Square foi derrubada. A casa de Sir John Oldcastle, na esquina da Farrington Road, em frente a Cobham Road, também desapareceu. No local foi construída a penitenciária de Clerkenwell, que, por sua vez, deu lugar à atual sede do Departamento de Correios e Telégrafos. O lado da Farrington Road sofreu poucas modificações, embora esteja bastante dilapidado. Os imponentes portais, os rodapés e as paredes e tetos de carvalho, estão magnificamente conservados. Todavia, a topografia do lugar foi totalmente alterada, com a construção da Rosebery Avenue. O Cold Bath Fields ficou reduzido à metade da sua área original e os jardins onde Swedenborg costumava passear deram lugar a edifícios residenciais onde moram artistas e artesãos. Na época de Swedenborg, Cold Bath Square tinha 210 pés de comprimento por 90 de largura. Era rodeada de casas e, à época da construção da nova avenida Rosebery Avenue, a casa de banhos ainda existia. O acesso era feito por uma passagem subterrânea que foi, tempos mais tarde, fechada.

Cap. 18 - Traços pessoais

Depois de acompanhar e conhecer toda a trajetória da vida de Swedenborg, bem como suas principais obras, vamos, agora, procurar conhecer melhor Swedenborg — o homem. Os retratos, infelizmente, não ajudam muito, pois nenhum deles é de grande mérito artístico. Sua melhor gravura talvez seja a que aparece na capa do livro *Opera Philosophica et Mineralia*, pintada quando tinha 45 anos de idade. O semblante é agradável mesmo, sereno, inteligente e muito seguro de si, mas de algum modo satisfeito consigo próprio. Cuno disse que essa pintura, gravada por Bernigroth, “é a imagem perfeita de Swedenborg, particularmente os olhos, que permaneceram vivos, mesmo na velhice”.

Os olhos eram, indiscutivelmente, seu traço fisionômico mais marcante. “Quando ele me olhava, com aqueles sorridentes olhos azuis, como sempre fazia, era como se a verdade brotasse deles”. Seu olhar tinha um forte magnetismo, como descreve a mesma testemunha: “Notei várias vezes como indivíduos sarcásticos, que tinham vindo às reuniões aonde eu o tinha levado, e cujo propósito era caçoar do velho Senhor, esquecerem-se da galhofa e de toda a sua zombaria, e pararem, estáticos, para ouvir as coisas singulares que falava sobre o mundo espiritual, como uma criança de coração aberto, sem reservas e com plena confiança. Era como se seus olhos tivessem o poder de impor silêncio nos ouvintes”.

Quando se despediu de Cuno, pela derradeira vez, em 1769, a conversa girou sobre a possibilidade de os dois amigos nunca mais se encontrarem. E Swedenborg falou com entusiasmo sobre a grande mudança que, sabia, estava para lhe acontecer. “E enquanto falava”, disse Cuno, “tinha o olhar tão alegre e inocente, como eu nunca tinha visto antes. E não o interrompi”. Outros testemunhos falam de sua aparência seráfica e da serenidade de seu semblante. O Reverendo Thomas Hartley, em carta ao Reverendo John Clowes, comenta: “Seu semblante tranqüilo e complacente transmite imensa paz interior”. E, quando estava em contato com o mundo espiritual seu semblante resplandecia

radioso, magnetizando os circunstantes. Porém, sua fisionomia era, ordinariamente, plácida e complacente.

A maioria de seus contemporâneos descreve Swedenborg como de estatura alta, embora, talvez, fosse de altura mediana. Alguns, entretanto, o descrevem como sendo de baixa estatura. O Sr. Theodore Compton, aos noventa e um anos de idade, escreveu a seguinte nota sobre Swedenborg: “Um velho diretor de escola primária, a quem conheci quando criança, certa vez me contou que costumava ver Swedenborg em Clerkewell — “um homenzinho, amigo das crianças, distribuindo balas de gengibre às que encontrava pela rua”.

Sobre sua velhice, o Sr. Shearsmith, seu senhorio, escreveu: “Antigamente, deve ter sido um homem corpulento, mas a vida sedentária e intensa dedicação aos estudos deu-lhe uma compleição franzina e pálida nos últimos anos de vida”. O Reverendo Nicholas Collin, reitor da Igreja Sueca de Filadélfia, que visitou Swedenborg em 1766, descreve assim sua aparência física: “Sendo muito idoso quando o vi, era magro e de tez pálida, mas conservava ainda algo de agradável em feição e de dignidade em seu porte ereto”. Carl C. Gjorwell, bibliotecário da Biblioteca Real de Estocolmo, que esteve com Swedenborg em 1764, descreve assim sua compleição física: “Apesar de ser um homem idoso e de cabelos grisalhos, seus passos são firmes e ágeis, gosta de conversar e fala com jovialidade. Sua tez pálida e compleição magra mas é sorridente e cheio de alegria”.

Essa agilidade de Swedenborg, em plena idade provecta, impressionava a todos que com ele conviviam. Cuno escreveu: “A respeito da aparência externa do Sr. Swedenborg, ele é, levando em conta sua idade, de saúde admiravelmente perfeita. É de estatura mediana e, embora seja vinte anos mais velho que eu, não teria coragem de desafiá-lo para uma corrida, pois é tão ligeiro nas pernas como um jovem”. E ligeiro era também nas decisões. Na primeira vez em que foi convidado para jantar em Knauw, Cuno, que lhe levou o convite pessoalmente, disse: “O velho cavalheiro aceitou e já estava preparado para ir”.

“E, na última vez em que o vi, em casa do Sr. Odon, disse-me que em sua boca estava surgindo uma nova dentição. E quem já ouviu falar da nova dentição num homem de oitenta e cinco anos de idade?”

Durante sua última viagem ao exterior, em 1770, o navio de Swedenborg ficou retido em Elsinore, devido aos ventos contrários. Lá residia um de seus primeiros discípulos, o general Christian Tuxen. Este foi a bordo do navio oferecer a Swedenborg a hospitalidade de sua casa e o encontrou meio indisposto. Porém, assim que o general acabou de fazer o convite, Swedenborg imediatamente aceitou, “levantou-se, meteu-se no traje costumeiro e aprontou-se com a agilidade de um jovem de vinte anos”.

Seu traje usual para visitas era um terno de veludo preto, de corte tradicional, polainas, espada e uma bengala dourada. Um de seus biógrafos suecos diz que, “seguindo o costume da época, usava uma peruca não muito longa. Sua indumentária incluía, ainda, um sobretudo de veludo azul-acinzentado, e meias longas e sapatos de fivela de ouro”. Outro testemunho diz: “Seu traje de inverno incluía um belo sobretudo de pele de renas e, no verão, um terno formal; ambos pareciam bastante surrados, como cabe a um filósofo. Suas roupas eram modestas. Às vezes saía com um pé de sapato trocado ou uma camisa que não combinava com o resto da indumentária. Certa ocasião, Swedenborg compareceu a um jantar na casa do meu pai, usando em um dos sapatos fivela de prata e no outro uma fivela cravejada adornada com pedras preciosas, fato que provocou grande divertimento às meninas presentes, que aproveitaram a ocasião para caçoar do idoso cavalheiro”.

Eric Bergström, compatriota e amigo de Swedenborg, proprietário da King's Arms Tavern, em Londres, diz que Swedenborg “costumava sair, logo depois do café da manhã, muito bem vestido, trajando uma roupa de veludo”. O Sr. Shearsmith, senhorio de Swedenborg em Londres, certa vez, comentou com o Sr. Provo: “Suas roupas eram bem simples... Porém, às vezes, quando saía, usava um terno de veludo preto forrado de tecido branco, uma espada prateada e polainas brancas”.

Na sociedade, Swedenborg era homem fino, de gestos educados e muito agradável. Sentia-se à vontade na companhia de nobres e plebeus, sendo freqüentemente convidado para jantar com a realeza de seu país e vivendo amigavelmente com seu humilde senhorio da Inglaterra. Cuno observou que “o Sr. Swedenborg transita com desenvoltura em

toda parte, e sabe como lidar tão bem com os superiores quanto com os inferiores”. “Ele não era apenas um homem erudito” diz Robsham, “mas era também um polido cavalheiro, pois um homem de tamanha erudição, que, por seus livros, suas viagens e seu conhecimento de línguas, adquiriu distinção tanto em casa quanto no exterior, não podia deixar de possuir maneiras adequadas e tudo o mais que, naqueles tempos tidos como sérios, faziam que um homem fosse honorável e aceito numa sociedade. E seu espírito jovial e simpático permaneceu inalterado até na velhice, embora, em certas ocasiões, sua fisionomia adquirisse traços incomuns, somente notados em homens de grande gênio”.

Sandels conta que “Swedenborg era companhia jovial e agradável e, como recreação de seus labores extenuantes, gostava de conversar com pessoas inteligentes, pelas quais era sempre bem recebido e respeitado. Também sabia atender e conduzir adequadamente o tipo de curiosidade que freqüentemente quer obstruir a consideração de coisas mais sérias”.

Um depoimento muito importante sobre o modo de ser de Swedenborg é do Reverendo Arvid Ferelius, pastor da Igreja Sueca de Londres, no período de 1761 a 1772, que conheceu Swedenborg intimamente e foi quem o assistiu no leito de morte. Em carta escrita ao professor Trätgård, de Greifswalde, datada de 17 de março de 1780, diz: “Alguns podem pensar que o assessor Swedenborg era um homem excêntrico e sofisticado. Mas é exatamente o contrário. Swedenborg era muito comunicativo e simpático, versado em qualquer assunto que surgisse, acomodando-se às idéias do interlocutor. Nunca falava de seus próprios pontos de vista, a menos que fosse perguntado. Porém, se notava que alguém lhe fazia uma pergunta impertinente, com o fim de zombar dele, imediatamente dava-lhe tal resposta que o outro ficava mudo...”.

Devido a um defeito na fala, Swedenborg não era um orador brilhante. Entretanto, “sempre que falava, todos se cavalam”. “Normalmente, pronunciava as palavras com clareza, mas chegava a gaguejar um pouco quando tentava falar mais rápido. Não gostava de entrar em disputa sobre matérias religiosas e, se era obrigado e se defender, ele o fazia com delicadeza e em poucas palavras”. “Quando contraditado, mantinha-se em silêncio”. “Era uma pessoa gentil e sen-

sível”, testemunha o Rev. Thomas Hartley, “e tinha algo de amável e cativante em suas maneiras que agradava a todos que falassem com ele”.

Swedenborg tinha particular predileção pela companhia feminina, como demonstram alguns episódios de sua vida. Por ocasião de sua visita ao General Tuxen, a que já nos referimos, este se desculpou com Swedenborg por não terem outras companhias senão a esposa adoentada e suas filhas. Swedenborg respondeu-lhe: ‘E já não é uma companhia muito boa? Sempre fui parcial com a companhia das senhoras’. Aos oitenta e dois anos, Swedenborg as tratou com muita atenção e deferência. Ao notar que havia um cravo na sala, perguntou à dona da casa e suas filhas se gostavam de música. Uma das filhas prontificou-se a tocar e Swedenborg ouviu com satisfação, marcando o compasso com o pé. Ao final, exclamou: “Bravo! Você toca muito bem! Não canta também?” Mãe e filha cantaram algumas árias francesas e italianas, com Swedenborg também marcando o compasso. Terminado o canto, Swedenborg cumprimentou Madame Tuxen pela execução e sua bela voz, que ela preservava a despeito de uma prolongada enfermidade”.

Cuno conta que, certa vez, Swedenborg conversava, ladeado por algumas senhoras. “Suas maneiras eram extremamente refinadas e galantes. Quando anunciaram que o jantar estava servido, ofereci o braço à anfitriã e imediatamente nosso jovem de oitenta e um pôs suas luvas e deu o braço à Mademoiselle Hoog, parecendo estar muito à vontade. Nosso idoso cavalheiro se sentou entre Madame Konauw e a mais velha das senhoritas Hoog, sendo ambas muito hábeis na conversação... Parecia desfrutar muito o prazer de ser tão atenciosamente servido pelas senhoras”.

Embora nunca tenha se casado, Swedenborg não era indiferente ao sexo oposto, como afirma seu amigo Sandels, “pois apreciava a companhia de uma mulher inteligente e fina como uma das fontes mais puras de deleite. Todavia, seus profundos estudos exigiam que houvesse em sua casa perfeito silêncio de dia e de noite. Por isso, preferiu permanecer só”.

Embora não tivesse crianças ao seu redor em casa, era muito amigo delas. Sendo, ele mesmo, de temperamento jovial e comunicati-

vo, agradava-lhe a companhia dos inocentes e dos jovens. Uma senhora, em cuja casa Swedenborg se hospedava quando viajava a Amsterdam, disse a Cuno: “Meus filhos vão sentir muita falta dele, pois nunca chegava sem doces para eles. Os malandrinhos brincavam tanto com o velho senhor que preferiam a companhia dele à dos próprios pais”. Como já foi dito, costumava levar balas nos bolsos, para distribuir à criançada que encontrava durante suas caminhadas.

O Sr. Hart, da Poppin’s Court, na Fleet Street, foi o tipógrafo de Swedenborg durante muitos anos e o recebia freqüentemente em sua casa. “Dava atenção à filhinha de Mr. Hart, que tinha uns três anos quando Swedenborg morreu. “O céu habita conosco quando somos crianças”, escreveu Wordsworth; e Swedenborg expressara o mesmo pensamento vários anos antes. Sem dúvida alguma, os contatos de Swedenborg com os anjos lhe davam um espírito de criança. O Sr. Shearsmith referiu-se, assim, a essa particularidade de Swedenborg: “Ele parecia levar uma vida de criança; dava pouco valor ao dinheiro e pagava, sem regatear, o preço que as pessoas pediam pelas coisas que comprava”.

Outra interessante história é contada por Anders Fryxel, um historiador sueco: “Minha avó, Sara Greta Askbom, casada com Anders Ekman, Conselheiro comercial e prefeito distrital, nasceu e se criou no bairro de Björngårdsgatan, onde seu pai vivera, não muito longe da casa de Swedenborg, com quem ele tinha relacionamento. Quando tinha apenas quinze ou dezesseis anos de idade, ela freqüentemente pedia ao “tio” Swedenborg que lhe mostrasse um espírito ou um anjo. Depois de muita insistência, Swedenborg afinal acedeu e a levou para um dos aposentos de hóspedes da casa. Lá, colocou-a diante de uma cortina que estava abaixada, e lhe disse: ‘Agora verás um anjo’. Então levantou a cortina e a jovem viu sua própria imagem refletida num espelho”.

Também temos muitos relatos sobre os hábitos pessoais de Swedenborg. Alimentava-se e bebia com moderação, e raramente comia carne, e nunca tomava mais de dois ou três cálices de vinho e, assim mesmo, em reuniões sociais. O Sr. Shearsmith observa: “Sua dieta excluía quase que inteiramente a carne; pela manhã só tomava leite e café, fazendo o mesmo à tarde com acompanhamento de bolos, e não

jantava. Gostava de muito açúcar no café e no leite, bem como bolos açucarados, dizendo que o açúcar o nutria. Sua moderação com a bebida era tanta que nunca bebia cerveja ou vinho, ou outra bebida alcóolica, enquanto estava em minha casa. Levantava-se, geralmente, às cinco ou seis horas da manhã e ficava estudando ou escrevendo até às oito, quando tomava meio litro de leite; em seguida, se não saísse, continuava escrevendo ou lendo até às 3 ou 4 da tarde, quando bebia outro meio litro de leite ou tomava grande quantidade de café; freqüentemente, ia se deitar às 6 ou 7 da noite, sem nunca jantar”. “Quando não tinha convite para comer fora”, diz Robsahm, “seu almoço consistia somente de biscoitos embebidos no leite”.

É certo que Swedenborg mantinha essa mesma dieta durante suas viagens, porque Cuno diz: “Biscoitos e chocolate quente eram o seu almoço normal, que compartilhava generosamente com seu senhorio e sua família”. Se tinha muita fome, costumava ir jantar num dos restaurantes da vizinhança. Em 1770, disse ao General Tuxen que sua alimentação básica, nos últimos doze anos, se consistia de café e biscoitos, devido ao estômago fraco que o afligia naquela idade. Tomava café, fortemente açucarado, a qualquer hora do dia ou da noite. Era também viciado no rapé e esse hábito, segundo Hindmarsh, “parece ter sido providencial para a preservação de seus manuscritos, porque, quando da impressão de sua obra póstuma *Apocalypse Explicado*, encontrei em toda parte, entre as folhas, quantidade de rapé suficiente para evitar que o papel tivesse sido perfurado ou destruído por traças ou cupins, tão prejudiciais a livros velhos” (*Rise and Progress of the New Church*, nota, p. 20).

Quando se hospedava em hotéis ou em casa de amigos, Swedenborg naturalmente modificava sua rotina. Seu sentido de consideração fazia, sem dúvida alguma, que conformasse seus hábitos, tanto quanto possível, com o modo de vida que lhe ofereciam, a fim de não causar transtorno aos anfitriões. Mas, em sua própria casa, diz Robsahm, “ele trabalha sem prestar muita atenção às horas ou mesmo se era dia ou noite”. E dizia: “Quando tenho sono, durmo”. Muitas vezes, dormia por mais de treze horas e, quando em transe, permanecia adormecido durante vários dias, sem comer. Pouco antes de sua morte, Swedenborg passou várias semanas em transe, sem qualquer alimenta-

ção, e recuperou-se sozinho. Nessas ocasiões, ele queria ficar sozinho e dizia aos amigos e senhorios para não se preocuparem, pois estaria bem.

O abade Pernety diz que Swedenborg “era um ser infatigável que trabalhava dia e noite”. E Cuno escreveu, assim, sobre o nosso biografo: “Ele trabalha com disposição impressionante e sobre-humana na elaboração de seu novo livro. Dezesseis laudas, em tipo menor do que o usado em seus últimos livros, já foram consumidas. É, realmente, fantástico, se considerarmos que cada lauda impressa corresponde a quatro manuscritas. Mantém uma média de duas laudas impressas por semana... E ele mesmo faz as revisões e correções”. Cuno fez esse depoimento, a 26 de janeiro de 1771, quando Swedenborg estava às vésperas de completar seu octogésimo terceiro ano de vida! O conselheiro Sandels comentou, a este respeito, o seguinte: “Não posso deixar de admirar essa sua obstinação pelo trabalho”. E, quando lembramos que, além dos quase trinta volumes e muitas obras menores que deixou impressos, há uma grande quantidade de manuscritos, talvez mais do que as obras que publicou, ficamos impressionados também e podemos bem entender a observação de seu cunhado, Bispo Benzelius: “Ele foi muito parcimonioso com seu tempo”.

Apesar dessa enorme produtividade, Swedenborg nunca se descuidou da correção de seus escritos. Alguns de seus trabalhos mais importantes foram rascunhados várias vezes, antes de aparecerem na forma final, enquanto outros projetos foram abandonados completamente, porque não ficara satisfeito com o resultado de seus labores.

Muitas testemunhas afirmam que, nos seus últimos anos de vida, Swedenborg escrevia somente com o auxílio da Bíblia e seus próprios índices cuidadosamente preparados. “Embora fosse muito culto”, diz Robsahm, “Swedenborg tinha, em seus aposentos, apenas um exemplar da Bíblia, em hebraico e grego e um índice de seu ideário. Possuía quatro diferentes edições da Bíblia hebraica, mas a que mais consultava era a editada por Sebastian Schmidius, com tradução latina, publicada em Leipzig, em 1740. Essa Bíblia foi dada por Swedenborg, pouco antes de sua morte, ao Reverendo Arvid Ferelius, pastor da Igreja sueca de Londres. O Rev. Ferelius também afirmou que Swedenborg não tinha livros, exceto índices.

Durante muito tempo, Swedenborg publicou seus trabalhos teológicos anonimamente, não auferindo nenhum benefício com sua venda. Seu editor londrino, John Lewis, estabelecido na Paternoster Row, escreveu a seguinte nota num anúncio do segundo volume da obra *Arcanos Celestes*: “Quero, de público, testemunhar que esse cavalheiro, com infatigável labor e pesares, gastou um ano inteiro preparando e escrevendo o primeiro volume dos *Arcanos Celestes* e pagou, pela sua impressão, duzentas libras, tendo adiantado outras duzentas para este segundo volume. E, tendo feito isto, deu ordens expressas para que todo o dinheiro fosse dado à obra de propagação do evangelho. Assim, está muito longe de desejar obter lucro deste seu labor, visto que não receberá de volta nem um níquel das quatrocentas libras que gastou. Por essa razão, a obra chega ao público a um custo extraordinariamente baixo”.

De acordo com Cuno, o público nem sempre conseguia comprar as obras por esse custo “extraordinariamente baixo”, mas a culpa não era do autor. “Ele tem publicado seus muitos escritos na Inglaterra e neste país (Holanda) às suas expensas somente, e nunca ganhou um centavo com sua venda. Todos esses escritos são impressos em papel caro e, no entanto, ele os dá de graça. Os livreiros a quem os dá para venda cobram por eles o que podem. De fato, vendem-no razoavelmente caro, segundo minha própria experiência, pois tive de pagar quatro florins por uma cópia de seu *Apocalipse Revelado*. O livreiro mesmo, porém, me disse que o autor nunca pede lhe contas nem a qualquer outro negociante”.

Cumprir citar outro incidente relativo aos negócios de publicação, como testemunho da absoluta fidelidade de Swedenborg. Desejou publicar sua obra *Verdadeira Religião Cristã* em Paris, e submeteu-a à aprovação do Censor de imprensa. A permissão para publicação foi dada, com a condição de que a edição saísse como tendo sido publicada em Londres ou Amsterdam, como era de costume. Todavia, não era assim que Swedenborg agia, e, por isso tomou seu manuscrito e foi publicá-lo em Amsterdam com um editor honesto. A maior parte de sua obra teológica foi publicada na Inglaterra ou na Holanda. O autor dizia que “naqueles países se sentia livre para publicar o que bem entendes-

se. E essa liberdade não encontrava em seu próprio país nem provavelmente em qualquer outra nação cristã”.

Deve-se falar alguma coisa sobre a casa de Swedenborg. Estava situada no bairro de Södermalm, um distrito do sul de Estocolmo. Era uma modesta casa de madeira, construída ao gosto e conveniência do dono. A propriedade compreendia uma área de 6.000 jardas quadradas; havia um jardim, um aviário e outras construções menores. Uma dessas era o estúdio de Swedenborg, onde ficavam os livros do autor. As outras eram mobiliadas com telas, espelhos etc., para distração dos visitantes. No jardim, havia um canteiro com plantas floríferas podadas curiosamente em forma de caixotes, à maneira da Holanda. Havia ainda um canteiro de hortaliças e um pomar com frutas selecionadas, sobressaindo-se uma esplêndida limeira. Toda a produção do pomar e da horta era compartilhada por Swedenborg e seu jardineiro e esposa, os únicos criados da casa.

Swedenborg passava as horas de lazer no jardim, fazendo do cuidado das flores a recreação de suas sérias ocupações. Um de seus biógrafos suecos comenta que “com espírito infantil, Swedenborg era muito apegado à floricultura”. De fato, num dos seus almanaques, do ano de 1750, faz várias referências às suas atividades de floricultor com uma tal precisão de detalhes que era como se fosse a introdução ou conclusão de um de seus profundos tratados. Marcou quando plantou uma aurícula ou uma roseira, o tempo em que elas floriram, quanto de semente tinha empregado e assim por diante. Na sua correspondência com Joachim Wretmam, de Amsterdam, há também muitas referências sobre a encomenda de plantas e sementes raras, canteiros etc. Gjorwell, bibliotecário da Biblioteca Real da Suécia, conta que, certa ocasião, em 1764, foi à casa de Swedenborg buscar alguns exemplares de seus livros mais recentes e o encontrou no jardim, absorto com as plantas. Aproximando-se de Swedenborg, este logo convidou-o a passear pelo jardim, pensando que se tratava de mais um transeunte que examinava seu jardim, visto que ficava aberto à visitação pública.

Seria impossível imaginar um homem mais simples e menos mundano que Swedenborg. Embora fosse de muitas posses, não as gastava consigo mesmo, e se contentava com as coisas mais básicas da vida. Confiava tanto nas pessoas, que mandava seu senhorio apanhar

numa gaveta o dinheiro de que precisasse. Em sua morte, não deixou testamento e tinha poucas posses.

Nos últimos anos de vida costumava viajar sozinho; disse a Cuno que não precisava de companheiro, porque seu anjo sempre o acompanhava. Onde quer que fosse, Swedenborg era muito querido e as pessoas achavam que lhes trazia boa sorte. Até os capitães de navio diziam que as viagens transcorriam sempre melhor quando estava a bordo. Um comandante chegou a declarar: “Se Swedenborg quiser, terá sempre passagem grátis comigo, porque em toda minha experiência no mar, nunca velejei melhor”. O Sr. Shearsmith, com quem Swedenborg se hospedava em Londres, observou que “todas as coisas prosperavam em sua vida enquanto Swedenborg estava morando em sua casa”. E a esposa, Sra. Shearsmith, disse ao Sr. Peckitt, que “Swedenborg era uma bênção em sua casa, pois eles tinham harmonia e bons negócios enquanto estava com eles”.

Por alguns anos, Swedenborg raramente ia à igreja, o que provocou severas críticas de seus inimigos e algumas interpelações de amigos mais íntimos. Robsahm explica que “Swedenborg não podia continuar aceitando como verdade pregações tão diferentes de suas revelações. Além disso, já enfrentava graves problemas de saúde”. O próprio Swedenborg confidenciou ao Reverendo Ferelius que “já não encontrava paz na igreja, por causa dos anjos que discordavam do que o ministro dizia, especialmente quando o assunto do ministro era as três pessoas da Divindade, o que é o mesmo que três deuses”.

Um sabatista comentou com Shearsmith que Swedenborg não podia ser considerado um bom cristão, pois não guardava o “Sabbath”. Shearsmith respondeu-lhe que, “para um homem bom como Swedenborg, todos os dias de sua vida eram “sabbath”.

Swedenborg não prestava muita atenção a datas ou estações. Trocava o dia pela noite e nunca se preocupava em saber o dia da semana. Certa vez, pediu ao senhorio que providenciasse a limpeza de seu tapete, que estava impregnado de rapé. Shearsmith lembrou-lhe, então, que era domingo, fato que Swedenborg parecia ignorar completamente; ele respondeu: “Dat be good”, em seu inglês carregado, e deixou o pedido para depois.

Com o intuito precípua de desacreditar os ensinamentos teológicos de Swedenborg, pessoas inescrupulosas têm procurado insinuar que sua sanidade mental ficara bastante comprometida, a partir da meia-idade. A tese não tem o menor fundamento, pois Swedenborg gozava perfeita sanidade física e mental até poucas semanas antes de sua morte, exceto pelo fato de uma vez, quando teve febre, ter tido delírios próprios desse estado. O conselheiro Sandels atesta que “Swedenborg gozava excelente saúde e raramente ficava indisposto”. Os registros do Conselho de Mineração mostram que, quando estava na Suécia, Swedenborg comparecia, assiduamente, às sessões. As faltas eventuais eram devidas a curtas enfermidades, talvez gripes ou outras indisposições do gênero. Mesmo em sua última viagem, aos oitenta e três anos, Swedenborg viajava desacompanhado.

Os últimos tempos da vida de Swedenborg guardam perfeita coerência com tudo o que pregou e escreveu. Nunca teve medo da morte; ao contrário, esperava-a com indisfarçável alegria. Certa ocasião, Swedenborg disse a Cuno: “Se alguém está conjunto ao Senhor, já terá experimentado o gosto da vida eterna neste mundo; e se tiver tido essa experiência, não se apegará mais a esta vida transitória. Acredite-me, se soubesse que o Senhor ia me chamar amanhã, convocaria hoje alguns músicos, para manifestar minha alegria ao deixar este mundo”.

Algumas semanas antes de sua morte, Swedenborg revelou a data exata de seu óbito a sua senhoria e à empregada que o assistia no derradeiro instante. A empregada comentaria, anos mais tarde, “que Swedenborg parecia regozijar-se com a perspectiva da morte, com a alegria de quem estava saindo de férias ou de quem vai ao encontro de toda a felicidade do mundo”. Isso não significa que Swedenborg tenha tido uma vida infeliz no mundo natural. Ao contrário, sempre pareceu estar muito bem consigo mesmo e com as circunstâncias, levando uma vida feliz, em todos os sentidos. No seu *Diário Espiritual* (no registro de 20 de outubro de 1748) Swedenborg escreveu: “Alguns pensam que as pessoas que estão na fé devem afastar-se de todos os deleites da vida e de todos os prazeres do corpo. Mas posso garantir que tais deleites e prazeres nunca me foram negados, pois foi-me dado experimentar todos os prazeres do corpo e dos sentidos, como qualquer outro que vive [no mundo], mas tive também o ensejo de desfrutar prazeres e felicidades

que nenhum outro mortal jamais experimentou; maiores e mais refinados do que se pode imaginar ou acreditar”.

Cap. 19 - Testemunhos

Se pudéssemos induzir os homens a deixar de lado seus preconceitos para julgar com isenção um escritor com base nos seus escritos e dados biográficos, não haveria quase necessidade alguma de invocarmos o testemunho de terceiros sobre seu caráter ou seus méritos literários. Com relação a Swedenborg, o Dr. Beyer, em carta ao Reverendo Oetinger, assinalou “A marca Divina nos escritos de Swedenborg, a mais adequada aos estados de todos os homens, é esta, que seus princípios se harmonizam com uma razão sã, e um amante desse escritos terá por eles seu caminho desimpedido de tantas dúvidas, tantas contradições e tantas doutrinas inaceitáveis à razão sã”. No caso do nosso biografado, o preconceito se fez tão manifesto que julgamos apropriado trazer aos leitores o testemunho de seus contemporâneos sobre seu caráter, sua cultura e sua idoneidade, bem como o depoimento daqueles que constatarem as verdades que professou.

Inicialmente, citaremos os testemunhos do caráter. Todos os que conviveram com Swedenborg, mesmo os seus críticos mais ferrenhos ou aqueles que contestavam seus ensinamentos, são unânimes em atestar que “onde quer que Swedenborg fosse conhecido, a lembrança dele é agradável”, e que “nele nunca houve intransigência, ira, ódio, sarcasmo, desrespeito ou irritação... Era destituído de qualquer vestígio de inveja e em seus escritos não encontramos sequer uma palavra de malícia ou maldade”. Se Swedenborg almejou a fama, nunca se afastou do caminho do bom senso para alcançá-la. E nunca procurou atrair para si a atenção ou adulação de seus contemporâneos”. Há poucos homens públicos de quem se possam dizer as mesmas coisas com tanta propriedade.

O professor Scherer, que morava em Estocolmo na mesma época que Swedenborg, afirma que, “por causa de seu excelente caráter, era admirado e estimado por todos”, e muitos outros apóiam essa afirmação. Logo após a morte de Swedenborg, o sentimento comum em rela-

ção ao seu caráter foi expresso pelo conselheiro Sandels, em necrológio proferido na Câmara do Nobres, em nome da Academia Real de Ciências de Estocolmo. Esse pronunciamento pode ser considerado como um pouco exagerado, mas, por outro lado, devemos nos lembrar de que o Conselheiro Sandels não era adepto das opiniões teológicas de Swedenborg, e, portanto, não estava interessado em exaltar seus méritos publicamente. Sandels descreve Swedenborg como “um nobre homem que se tornou célebre por suas virtudes e pela profundidade de seu saber; um dos membros mais antigos desta Academia, a quem todos nós admirávamos e amávamos. O belo cenário de sua vida merece ser visto e examinado meticulosamente”. Referindo-se à nomeação de Swedenborg para o Conselho de Mineração, o conselheiro salientou que, apesar de muito jovem, Swedenborg “já era muito conhecido em seu próprio país e no exterior, por suas aquisições em literatura geral e em ciências, e por sua conduta digna”. Sandels referiu-se, ainda, à “sua disposição genuinamente boa” e declarou que “Swedenborg deveria servir de modelo de virtude e de reverência ao Criador, porque nele não havia procedimento dúbio”. E continua: “Não se viu nele nenhum sinal de arrogância, grosseria ou intenção de enganar”.

O abade Pernety se expressou assim sobre o nosso biografado: “Swedenborg era muito gentil, mas também franco, e nunca traiu a verdade por temor de homens nem por qualquer outra razão”.

Em carta escrita ao General Tuxen, datada de 21 de maio de 1773, o conde Höpken escreve: “O saudoso Swedenborg foi, certamente, um modelo de sinceridade, virtude e piedade, e, ao mesmo tempo, na minha opinião, o homem mais culto deste reino”. E, em outra passagem, se refere a Swedenborg como “aquele honesto ancião”. Em outra carta, o conde Höpken escreveu: “Estou convencido de que Swedenborg relatou os seus Memoráveis de boa fé”.

John Christian Cuno, de Amsterdam, que foi amigo íntimo de Swedenborg durante seus últimos anos de vida, não poupa elogios à sua integridade moral. O curioso é que, apesar de sua amizade com Swedenborg, Cuno nunca chegou a aceitar seus ensinamentos. Ele descreve Swedenborg como “um homem correto, justo e muito culto”. E disse estar convencido de “sua probidade e amor sincero à verdade”, dizendo também que Swedenborg era “honesto demais para mentir”.

Cuno se referia carinhosamente a ele chamando-o de “meu velho, querido e honesto amigo, Swedenborg” e diz que se sentia irresistivelmente atraído por ele, muito embora fizesse objeções aos seus ensinamentos.

O professor Atterbon, que também era céptico em relação às experiências espirituais de Swedenborg, declara que “em tudo o mais, foi um luminar da erudição nórdica e um modelo de excelência moral”.

Kant presta o seguinte testemunho sobre Swedenborg, baseado nas informações de um amigo pessoal que conhecera Swedenborg: “É um homem educado, razoável e generoso; e também é um homem de saber”. O Reverendo Nicholas Collin refere-se, assim, sobre Swedenborg, em carta ao Reverendo John Hargrove, o primeiro pastor da Nova Igreja na América, em Baltimore, E.U.A., datada de 16 de março de 1801: “Swedenborg celebrizou-se universalmente por sua erudição nos campos da matemática, da mineralogia etc., e por sua probidade, benevolência e outras virtudes pessoais”.

O capitão Stalhammar escreveu ao jornal *Berlinische Monatsschrift* carta, datada de 13 de maio de 1788, solicitando a retratação de falsa afirmação que aquele órgão publicara sobre Swedenborg. Na missiva, o capitão Stalhammar salientava que, conquanto nunca fora adepto de Swedenborg, reconhecia que “a única fraqueza desse homem honesto e probo foi acreditar em visões de fantasmas. Porém, tendo-o conhecido por muitos anos, posso afirmar, categoricamente, que estava genuinamente convencido de que podia comunicar-se com espíritos... Como cidadão e como amigo, Swedenborg foi um homem da maior integridade e abominava a mentira, levando uma vida exemplar”.

Sinceridade e fraqueza foram qualidades marcantes da personalidade de Swedenborg, como afirmaram muitos que o conheceram. A Sra. Hart, esposa de seu tipógrafo londrino, disse ao Sr. Provo que “Swedenborg era de uma natureza tal que nunca tentou impor suas idéias a ninguém; falava sempre a verdade sobre os assuntos mais insignificantes e nunca usaria de evasivas, ainda que sua vida estivesse em risco”. Esse depoimento é corroborado por outros contemporâneos de Swedenborg.

Mesmo seus inimigos não encontravam ocasião para reprovarem seu modo de vida. O bispo Filenius, atacando os ensinamentos teológicos e chamando-os de “infames e absurdos”, reconheceu, publicamente,

que Swedenborg se tornara “sempre e universalmente honrado e distinguido por sua erudição nas ciências da mineração e da física”.

Se os inimigos se curvaram assim diante da idoneidade e do caráter louvável de nosso autor, o que dizer dos seus inúmeros admiradores? O Reverendo Thomas Hartley, em carta escrita a Swedenborg, a 2 de agosto de 1769, faz a seguinte confidência: “Considero-me sumamente favorecido e me regozijo do fundo de meu coração por ter tido a honra de privar de seu convívio e, recentemente, de conversarmos. Agradeço-lhe também pelo tratamento tão amável e amigo que me dedicou, eu que sou indigno de um tal favor. Contudo, sua caridade para com o próximo, a benevolência celestial que se irradia de seu semblante e sua simplicidade de criança, despojada de qualquer vaidade ou egoísmo, são realmente notáveis. E toda essa sua sabedoria extraordinária inspirou-me um sentimento de amor que tocou o fundo do meu coração”.

A resposta de Swedenborg a esses efusivos sentimentos foi caracteristicamente modesta. “A amizade que o senhor manifesta em sua carta muito me lisonjeia. Sou-lhe muito grato por suas palavras, mas principalmente por sua amizade. Os elogios que o senhor me faz, recebo-os como demonstração de seu amor pelas verdades contidas em meus escritos. E essas verdades eu atribuo ao Senhor, nosso Salvador, a Fonte de Que emana tudo o que é verdadeiro, pois Ele é a Verdade mesma”.

No prefácio à sua tradução do livro *Interação da Alma e o Corpo*, o Reverendo Hartley aproveita a oportunidade para falar do caráter do autor: “A vida, as qualificações e as elevadas pretensões do Sr. Swedenborg têm passado por severo escrutínio em seu próprio país quanto a todas as coisas de seu caráter, sua moralidade e sua civilidade; disso ninguém pode duvidar. E lá ele tem conservado a dignidade, a estima e a amizade com os grandes, os sábios e os bons, como fui informado por um cavalheiro daquele país que agora reside em Londres”. E, falando de seu próprio conhecimento, acrescenta: “ele nada tem de fanatismo em suas maneiras, ou de melancolia em seu temperamento nem coisa alguma de exacerbado entusiasmo em suas conversas e seus escritos. Em seus escritos, apresenta fatos num estilo de franca narrativa, fala de suas conversas com espíritos e anjos com a mesma tranqüi-

lidade com que trata de coisas terrenas... Prova todos os pontos da doutrina nas Escrituras Santas, e sempre associa a vida e a caridade com a verdadeira fé; e essa doutrina é em todas as coisas racional e Divina, como jamais vi.

“Se tomarmos todas essas virtudes em testemunho de seu caráter, somos forçados a admitir que ele é o mais extraordinário Mensageiro de Deus que apareceu na terra, desde a era apostólica, e que deve, portanto, ser chamado o Apóstolo vivo da nossa época”.

Escrevendo ao Reverendo John Clowes, de Manchester, o mesmo Reverendo Hartley escreve: “Cumpro saber que eu avaliei o caráter de nosso ilustre autor na escala de meu melhor juízo, à luz do meu próprio conhecimento a respeito dele, à luz das mais exatas informações que busquei sobre ele e à luz de diligente exame de seus escritos. E pelo que pude até agora concluir, tenho visto que ele tem inspiração Divina, é um homem bom, um profundo filósofo, um erudito universal e um cavalheiro gentil. Acredito ainda que tenha recebido um alto grau de iluminação do Espírito de Deus, que foi por Ele comissionado como Seu mensageiro extraordinário aos homens, e que, efetivamente, se comunica com anjos e com o mundo espiritual como jamais houvera desde os tempos dos apóstolos”.

Defendendo-se perante o Consistório de Gotemburgo, o Dr. Beyer, observou: “Sabe-se que, quanto à sua pessoa e sua vida, Swedenborg é um homem temente a Deus, virtuoso e também pacífico e cidadão bem considerado. E, no campo da publicação escrita, é tido como um gigante de erudição em várias ciências; todavia, é especialmente conhecido por sua inarredável reverência à Palavra Divina. Portanto”, acrescenta Dr. Beyer, “os pensamentos religiosos de um homem de tal envergadura, não podem ser condenados precipitadamente, sem que se faça um exame minuciosíssimo.”

Em carta escrita ao professor de Divindade na Universidade de Edimburgo, datada de 23 de outubro de 1769, o Dr. Messiter disse: “Tendo tido o privilégio de estar freqüentemente em companhia de Swedenborg durante suas estadas em Londres e de conversar com ele sobre os mais variados assuntos, aventurei-me a afirmar que não há ponto algum da matemática, da filosofia, da anatomia e, acredito, da erudição humana, que lhe seja completamente estranho. Contudo, pare-

ce ser tão indiferente quanto ao seu próprio mérito, que tenho certeza de que não sabe que tenha algum. E, como ele mesmo disse a respeito dos anjos, prontamente se desvia de qualquer elogio que lhe façam”. Em carta escrita ao professor de Divindade em Glasgow, o mesmo Dr. Messiter escreveu: “Posso atestar, com toda a convicção, que Swedenborg é homem de grande integridade moral, notável saber, de hábitos e discurso simples e de comportamento afabilíssimo, humano e cortês. E combina todas essas qualidades com um entendimento sólido e a penetração acima do nível de um gênio comum”.

Thorild, o famoso poeta e metafísico sueco, descreveu Swedenborg como “um homem de vasta erudição, que honrou e glorificou seu país, que ganhou a admiração de seus contemporâneos, através de sua pureza moral e simplicidade apostólica”. O Dr. V. Baur, fundador da Escola de Teologia de Tübingen, costumava dizer aos seus alunos que “Swedenborg foi o maior dos mortais”. “Esta afirmação”, diz o Dr. R. L. Tafel, “foi feita a meu pai, por meu tio, professor Immanuel Tafel, residente em Tübingen, que lhe informou, ainda, que, por influência do Dr. V. Baur, a biblioteca da Universidade havia adquirido para seu acervo toda a obra de Swedenborg”.

A capacidade e o alcance intelectual de Swedenborg são evidentes. Sobre esse assunto, diz o Dr. Beyer: “A obra de Swedenborg demonstra claramente seus profundos conhecimentos das chamadas línguas cultas, como o grego, o hebraico, o árabe, além, obviamente, do latim, conhecimento esse que está perfeitamente à altura da importância dos assuntos que trata. Além disso, tem um alto grau de domínio de várias ciências úteis, como filosofia, em sua mais abstrata profundidade, matemática, arquitetura, história natural, química, filosofia experimental, astronomia, história e, particularmente, anatomia, além de outras”. O Dr. Rosén se refere ao “singular conhecimento de coisas espirituais” de Swedenborg e à “sua extraordinária percepção”. “Seus escritos”, escreve o conde Höpken, “refletem genialidade em toda parte”. Cuno escreve: “Ninguém pode negar que Swedenborg é um grande filósofo, e um dos primeiros em sua magnitude... Em toda a história do mundo eu só conheci outro erudito a quem o comparo, o grande médico e químico Theophrastus Paracelsus”. M. Matter, autor de uma biografia de Swedenborg, em francês, assim se expressou: “No contexto do

último século, que produziu tantos sábios, ninguém conseguiu superar o vigor físico e a acuidade mental de Swedenborg. E ninguém conseguiu suplantar sua engenhosidade, sua cultura, sua lucidez intelectual e sua produção literária. E, nesse século em que Rousseau se proclama modelo de sapiência e virtuosidade, ninguém foi melhor, mais amado e mais feliz que Swedenborg”.

Muitos escritores de renome do século XIX se confessaram influenciados por Swedenborg, e outros tantos, consciente ou inconscientemente, adotaram algumas de suas idéias sem lhes reconhecer a fonte. Coleridge, por exemplo, foi fortemente atraído por Swedenborg e fez elogiosas referências aos seus ensinamentos filosóficos e teológicos. Numa carta escrita em 1820, disse: “Tenho dedicado grande parte de meu escasso tempo, tão limitado pela intensa lida e meu precário estado de saúde, à leitura dos escritos de Swedenborg e, especialmente, do seu livro “Teologia Universal da Nova Igreja” [*Verdadeira Religião Cristã*]. E não vejo diferenças substanciais entre nossas opiniões e postulados filosóficos”. Essa carta está exposta na biblioteca da Swedenborg Society, um documento longo, em entrelinhas estreitas e cobrindo três páginas. Foi publicada, na íntegra, no número de março de 1897, da revista *New Church Magazine*. Nessa carta são abordadas diversas questões teológicas, entre as quais destacam-se a Trindade e o uso da palavra “pessoa” em referência a ela; questões concernentes ao Credo e à Fé etc.. Referindo-se aos ensinamentos de Swedenborg sobre a doutrina da “fé só”, escreve: “Concordo, com todo o meu coração e espírito, com o que ele diz, pois vejo a “fé só” como a abelha-rainha na colmeia do pensamento teológico errôneo”.

Há várias referências à obra de Swedenborg na obra de Coleridge intitulada *Literary Remains*. Comentando alguns aspectos do livro *Æconomia Regni Animale*, escreve: “Não encontrei nos escritos de Lorde Bacon nenhum conceito ou idéia superior às verdades contidas nesta obra; encontrei algumas poucas passagens de igual nível, seja na profundidade de pensamento, seja na riqueza, ou na dignidade ou na felicidade de escolha dos termos”. E, concluindo suas observações sobre Swedenborg, Coleridge diz: “Posso afirmar, com convicção, que, como moralista, Swedenborg está acima de todos os louvores; e como

naturalista, psicólogo e teólogo, merece as homenagens e a gratidão de todos os estudantes e profissionais do campo da filosofia”.

A opinião de Emerson sobre a obra de Swedenborg é tão conhecida que julgamos desnecessário incluí-la neste nosso trabalho. Contudo, é sabido que, embora Emerson não tivesse poupado críticas a algumas teorias de Swedenborg, também foi pródigo em elogios, e descreveu Swedenborg como “um mastodonte e uma das principais vertentes da literatura.... que não poderia ser julgado por meros critérios acadêmicos. Uma alma colossal.... que só poderá ser corretamente contemplada a partir de uma perspectiva distante”.

Outro autor americano influenciado por Swedenborg foi Henry James, o pai; em seu livro *Substance and Shadow (Substância e Sombra)*, escreve: “Reconheço em Swedenborg tudo aquilo que, geralmente, tentam negar-lhe, a saber, uma grande sobriedade mental em momentos bem difíceis de sua vida e que acaba por nos deixar convencidos da veracidade de suas palavras... Parece-me que nunca se escreveram antes livros tão sinceros” (p. 103).

Foi, em parte, através de Emerson e, em parte, através de James e do Dr. J. J. Garth Wilkinson, tradutor dos escritos filosóficos de Swedenborg para o inglês, que Carlyle tomou conhecimento da obra swedenborguiana. Embora o fato não seja reconhecido, a obra *Sartor Resartus*, daquele autor, está impregnada de Swedenborg. Certa vez, Emerson enviou para Carlyle um exemplar do livro *Observations on the Growth of the Mind (Observações Acerca do Crescimento da Mente)*, de autoria de Sampson Reed. Acusando o recebimento do livro, o filósofo de Chelsea escreveu: “Esse farmacêutico swedenborguiano, seu amigo, é um devotado pensador, com idéias realmente profundas, que me fazem parar e pensar sobre o tipo de homem que ele é e o que realmente é a filosofia swedenborguiana” (*Correspondência de Carlyle com Emerson, volume I, pág. 19*). Na mesma época, Carlyle escreveu ao Dr. Wilkinson uma longa carta, na qual diz: “Até aqui, sabia muito pouco a respeito de Swedenborg ou, diria melhor, menos que nada. E tendia a vê-lo como um visionário insano... com quem nada se tinha a aprender. E é assim que, geralmente, julgamos os seres extraordinários. Porém, já fui corrigido. Um livrinho, escrito por um tal Sampson Reed, de Boston, New England, que me foi ofertado por um

amigo, ensinou-me que um swedenborguiano é capaz de ter pensamentos da maior profundidade sobre as coisas mais complexas. Em suma, eu não conhecia Swedenborg, mas estou obrigado a conhecê-lo”.

Muitos anos depois, Carlyle escreveu a uma de suas leitoras desculpando-se pelo fato de haver classificado os swedenborguianos de esotéricos, como os mesmeristas, mágicos, cabalistas etc., no seu ensaio sobre *Cagliostro*, publicado em 1883, (o ano em que conheceu Emerson). Na carta, Carlyle se arrepende de ter feito tal classificação, explicando que escreveu por ignorância, e apenas “por ter ouvido dizer”. E conclui: “Desde então, adquiri algum conhecimento sobre Swedenborg e li vários de seus livros... e tenho refletido sobre sua singular presença no mundo e sobre a mensagem notável que foi enviado a entregar aos de sua época. Um homem de cultura indiscutível, sólido intelecto matemático e piedosíssimo... um belo personagem, amável e, para mim, trágico, porque tem pensamentos que, quando os interpreto por mim mesmo, descubro que pertencem às regiões mais elevadas e perenes do pensamento humano”. No *Diário* de William Allingham há várias referências de suas conversas com Carlyle, Tennyson e o professor A. R. Wallace a respeito de Swedenborg. Na obra, Allingham alude, também, a seus estudos da obra de Swedenborg.

Seria impossível sequer relacionar os nomes dos escritores cujas obras mostram uma nítida influência de Swedenborg. Tennyson, os Brownings e Coventry Patmore, são os que mostram essa influência mais visivelmente, entre os poetas ingleses. E os escritos de Ruskin, George Macdonald, Henry Drummond, Oliver Wendell Holmes, Thoreau, Elizabeth Stuart Phelps, Goethe, Heine e Balzac estão todos mais ou menos impregnados de sua idéias. Alguns desses autores teceram os maiores elogios aos ensinamentos de Swedenborg, enquanto outros os citam positivamente em seus livros.

O interesse de Balzac pela obra de Swedenborg é bem conhecido e está manifesto em vários de seus livros. Num deles, um dos personagens declara: “Voltei para Swedenborg, depois de estudar todas as religiões. Estou convencido da profunda verdade das percepções da Bíblia de meus tempos de juventude, depois de estudar todos os livros publicados na Alemanha, na Inglaterra e na França, durante os últimos sessenta anos. Sem dúvida alguma, Swedenborg é a síntese de todas as

religiões, ou melhor, de todas as religiões da humanidade em seus princípios... Embora um tanto difusos e obscuros, em seus livros estão contidos todos os elementos de uma vasta concepção social. Sua teologia é sublime, e sua religião é a única que uma mente superior pode aceitar. Só Swedenborg mostra que o homem é capaz de tocar Deus; ele inspira uma sede de Deus; restaura a majestade de Deus, despiendo-o das vestes infantis com que as crenças humanas O sufocaram”.

A idéia de que os escritos de Swedenborg são “difusos e obscuros” é muito comum, mas não compartilhada por todos os que os conhecem. R. A. Vaughan, no seu livro *Hours with the Mystics (Horas com os místicos)* expressa opinião exatamente contrária a esta. Diz ele: “Os pensamentos de Swedenborg nunca careceu de maiores explicações, como acontece, por exemplo, com o ideário do semi-educado Behmen. A mente do vidente sueco era de uma casta metódica e científica. Seu estilo, calmo e claro... Suas descrições são tão minuciosas quanto as de Defoe. Nada fica envolto em nuvens. ... Ele nunca impressiona, nunca exagera. É impassional e não usa de efeitos. ... Swedenborg nunca se exaspera nem disputa – nada tem daquela veemência lacrimosa e daquela transparente emoção que prejudicam o discurso de Behmen. ... Sempre sereno, esse filósofo imperturbável é o Júpiter olímpico dos místicos. He escreve como alguém que conhecia a si mesmo e que sabia esperar... Explorou profundamente esse veio de misticismo que não se respalda em teorias duvidosas e frágeis como bolhas de sabão” (Vol. II, pág. 279, edição de 1856).

“Sua doutrina não se baseia em interpretações arbitrárias ou fantásticas. Seu sistema doutrinal é tirado do sentido literal, e, serenamente exposto por meio de citações, exegese e comparação de passagens, sem qualquer misticismo. Assim, o equilíbrio entre o literal e o espiritual dá à sua teologia uma veracidade que é incomparável na história do misticismo” (Vol. ii, pág. 275).

Não é do conhecimento geral o quanto os Brownings, particularmente a Sra. Browning, foram imbuídos das idéias de Swedenborg. O *Aurora Leigh* está repleto de conceitos extraídos dos escritos swedenborguianos. E a Sra. Browning nunca fez segredo da influência do nosso autor em seus escritos; na sua obra *Letters* há freqüentes alusões a ele. Lemos, por exemplo, que o inverno de 1852/1853, foi quase todo

dedicado a meditações sobre o significado da filosofia swedenborguiana (Vol. ii, pág. 141); e, em outubro de 1853, a Sra. Browning escreveu para a Srta. I. Blagden a seguinte nota: “Continuarei meus estudos sobre Swedenborg em Roma. Não posso negar que há profundas verdades em seus ensinamentos, embora eu não seja capaz de receber tudo, o que pode ser minha falta”. É evidente que ela continuou seus estudos, aprofundando suas convicções quanto aos ensinamentos do sueco. Com efeito, em março de 1859, a Sra. Browning escreveu: “Nós, swedenborguianos...”, referindo-se a ela e, muito provavelmente a seu marido, incluídos, assim, nessa categoria de seguidores.

Coventry Patmore foi outro poeta que admitiu publicamente a influência de Swedenborg. Edmund Gosse, em seu livro *Life of Patmore*, transcreve excertos de uma carta de Patmore, onde se lê textualmente: “Nunca me canso de ler Swedenborg; é incrivelmente profundo e, ao mesmo tempo, simples. Agora mesmo, dei com uma passagem... cuja clarividência da verdade me causa grande admiração. A princípio se nos afigura contundente, mas logo que nos refazemos do choque, percebemos que sua percepção da verdade não tem paralelo na literatura universal” (pág. 192).

É evidente que a influência de Swedenborg não pode ser aferida pelo número de seus adeptos. Seus ensinamentos estão, pouco a pouco, se fixando na mente dos homens e norteados sutilmente as correntes do pensamento moderno. “Swedenborg”, escreve James Freeman Clark, “tornou-se o órgão propulsor de uma filosofia espiritual cuja força ainda não foi compreendida pelos homens, mas que está fadada a influenciar todas as correntes do pensamento religioso”. Emerson também percebeu isto: “O passo mais notável na história recente da religião foi dado pelo gênio de Swedenborg... E as verdades que emanam de seus ensinamentos se fazem sentir nos cultos diários de todas as religiões e credos, e até mesmo entre aqueles que não têm confissão definida”. Quem melhor definiu essa influência de Swedenborg nas religiões e filosofias modernas foi Henry James, pai, que, certa vez, observou: “Swedenborg captou com incrível acuidade intelectual e visão, o princípio seminal das coisas”.

Embora muitos reconheçam que os ensinamentos de Swedenborg constituem um poderoso elemento no desenvolvimento da filosofia mo-

derna, só podem apreciar plenamente esse poder aqueles cuja natureza moral e espiritual, como também as faculdades mentais, são influenciadas por ele. Estes são irresistivelmente atraídos por seus ensinamentos. Um deles, o Dr. Beyer, em carta escrita a Swedenborg diz: “Deixo de falar na alegria que tenho experimentado, e de como as gloriosas verdades começam a brilhar diante de mim”. O mesmo Dr. Beyer em carta ao Reverendo Oetinger, escreve: “Estou certo de que a humanidade nunca recebeu a revelação das Verdades Divinas com características de certeza maiores que as de agora”. E o General Tuxen assim se expressou: “Penso que nenhum outro sistema religioso é mais merecedor das graças de Deus ou mais confortador para o homem. E pela graça Divina, vou conservar sempre comigo esta crença, até que eu me convença de que alguma parte dela é contrária às Escrituras e à Palavra de Deus ou à razão sã”.

Portanto, segundo o testemunho de pessoas bem informadas e confiáveis, Swedenborg foi um homem de extraordinária capacidade intelectual, sincero, íntegro e em perfeita sanidade mental, até o fim de sua vida. Seus ensinamentos são, portanto, merecedores de toda a consideração. E esses ensinamentos teriam sido aceitos naturalmente, se o autor não tivesse declarado que recebera especial iluminação e que fora indicado por Deus para transmitir aos homens ensinamentos para uma nova dispensação religiosa. É isto que tem causado medo às pessoas. Mas sua aparente estranheza não pode nos impedir de examiná-la adequadamente. Devemos indagar se na época de Swedenborg as condições do mundo não eram tais que estavam a clamar por uma intervenção Divina; e se as doutrinas propostas por Swedenborg foram tão excelsas e sagradas que sua revelação ao mundo podem ser tidas como o advento da Nova Jerusalém emanada de Deus e vinda do Céu; pois assim, como o próprio Swedenborg declarou, “a profecia do Apocalipse está plenamente cumprida”.

Quando Swedenborg proclamou que uma nova dispensação cristã estava às portas, poucos eram os sinais dessa nova ordem. As condições morais da sociedade civilizada estavam no seu nível baixo, e a igreja encontrava-se afundada em formalismo e apatia. Os esforços para tirar a Igreja da letargia vinham, via de regra, de foros estranhos à própria igreja e tinham conotações nitidamente revolucionárias. Esses

clamores buscavam a reparação de antigos abusos, a abolição de privilégios injustos, e a restauração dos direitos naturais do homem; restringiam-se, portanto, a males exógenos ao homem. As forças intelectuais estavam exauridas e em desintegração; a literatura estava desmotivada e sem objetivos; ninguém, então, poderia prever as enormes mudanças que estavam prestes a ocorrer. Embora essas mudanças tenham sido flagrantes no plano material, houve ainda mais notáveis mudanças no espiritual, tanto no plano moral quanto no intelectual. No plano moral, as mudanças têm sido na direção de um alargamento dos sentimentos humanitários. No plano intelectual, a despeito de ser frequentemente negativo ou racionalista, tem havido avanço em vários campos da ciência. Atualmente, as Igrejas estão numa fase de aflição: uma a uma, as antigas doutrinas, que costumavam ser a própria essência da religião cristã, estão sendo abaladas pelo criticismo negativo, e é grande o clamor por uma nova teologia que as substitua.

Só Swedenborg nos oferece uma teologia nova e construtiva, ao mesmo tempo que nos proporciona a resposta satisfatória para todas as nossas indagações sobre as doutrinas fundamentais da religião cristã. Seus ensinamentos vêm de encontro a todos esses anseios e postulam uma doutrina racional sobre a encarnação de Deus; ele nos mostra em que consiste a Divindade da Palavra e lança luz reveladora em seus mistérios. Na formulação de sua “doutrina do uso”, Swedenborg provê a força e a inspiração regeneradoras da sociedade; e em suas revelações sobre o mundo espiritual, ele nos dá todo o conhecimento que é tão ansiosamente buscado e cuja falta tem feito que muitos homens e mulheres saiam atrás de médiuns espíritas e outras fontes ilícitas de informação espiritual.

Os escritos de Swedenborg abordam de forma abrangente e nova todo o escopo da psicologia humana, a criação do mundo, a universalidade da Providência Divina. Swedenborg nunca afirmou que esses ensinamentos eram seus, mas constantemente afirmava que os escreveu sob a direção e a ordem do Senhor. Ele sempre se considerou, humildemente, “um servo do Senhor Jesus Cristo”.

Um dos testemunhos mais claros, porém, é o da história subsequente. Qualquer um que faça um estudo metódico das obras de Swedenborg descobrirá que a filosofia das coisas ali expostas com todas as

suas aplicações, religiosa, intelectual e social, realmente aponta para as direções que têm sido expressas desde então no pensamento e vida da humanidade.

Se aceitamos a afirmação de Swedenborg, de que esses ensinamentos não procedem dele mesmo, então podemos dizer que eles têm sido o dínamo invisível que, nos últimos 200 anos, impulsiona a humanidade para o alto. E também podemos dizer que, quando esses ensinamentos forem estudados com isenção de preconceitos e predileções pessoais, e chegarem a ser apreendidos racional e conscientemente, a raça humana estará no alvorecer de uma dispensação nova e verdadeiramente cristã.

Índice Remissivo

Itálico indica os títulos das diversas obras citadas

A

A grande profundidade da água e a força das ondas no mundo primitivo, 192
A Interação da Alma e o Corpo, 90
A Nova Igreja, 189, 254
A Nova Jerusalém e Sua Doutrina Celeste, 90
Abadia de Westminster, 19, 212
Academia Real de Ciências, 33, 59, 91, 115, 116, 191, 193, 194, 234
Academia Real de Medicina, 49
Acta Eruditorum, 23
Acta Literaria Sueciae, 23
Adão, 69, 88, 121, 122
Adversaria, 74, 83, 84, 88, 89

Æ

Æconomia Regni Animalis, 37, 41, 42, 47, 49, 50, 51, 53, 55, 56, 59, 60, 61, 63, 64, 71, 72, 73

A

Albrecht Behm, 11
alegria celeste, 142
Alemanha, 9, 32, 92, 180, 181, 241
Allingham, 241
Almanaque Biográfico Sueco, 15
ambrosianos, 44
amor a Deus, 76
amor ao próximo, 14
amor conjugal, 151, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164

Amor Conjugal, 91, 138, 142, 143, 147, 148, 149, 150, 151, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 181
amor dominante, 158
Amsterdam, 32, 38, 47, 90, 91, 173, 180, 181, 182, 225, 228, 229, 234
anatomia, 34, 37, 42, 49, 50, 55, 57, 73, 192, 200, 201, 237, 238
anatomista, 200
anjos celestes, 132, 160
anjos e espíritos, 7, 74, 82, 91, 92, 137, 146, 166
Antuérpia, 39
Apocalipse Explicado, 90, 104, 108, 110, 111, 113, 115, 117, 125, 157, 159, 160, 185, 226
Apocalipse Revelado, 90, 91, 115, 228
Aquiles, 134
Arcanos Celestes, 72, 73, 87, 88, 89, 90, 104, 115, 118, 119, 120, 122, 124, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 144, 145, 148, 149, 158, 159, 160, 181, 216, 228
Aristóteles, 59, 60
arquitetura, 19, 34, 45, 129, 147, 238
Askbom, 225
atmosfera, 41, 66, 144, 154, 198
Atterbon, 235

B

Balzac, 241
Baur, 238
Behmen, 242
Benham, 21
Benzelius, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 49, 227
Bérgamo, 35

Bergström, 222
 Berzelius, 192, 202
 Beswick, 198, 200
 Beyer, 14, 176, 178, 181, 182, 233,
 237, 238, 244
 Bíblia, 12, 15, 57, 89, 116, 117, 119,
 123, 126, 133, 134, 227, 241
 Bíblia da Natureza, 57
 Biblioteca Ambrosiana, 34
 Biblioteca Bodleian, 21
 Biblioteca de San Lorenzo, 34
 Biblioteca Real, 34, 74, 181, 221,
 229
 Blake, 6
 Bloomsbury, 4, 188, 213
 Bloomsbury Street, 188
 Bohn, 197
 Bolander, 175
 Borowsky, 169
 Brockmer, 214, 215, 216
 Browning, 242
 Brunsbo, 16
 Bruxelas, 39
 Buffon, 197
 Bunyan, 118

C

Cagliostro, 241
 Calvert, 194
 Camena Borea, 23
Cânones da Nova Igreja, 94
 Capela Moraviana, 215
 Carlos XII, 26, 31, 34
 Carlsberg, 39
 Carlyle, 240, 241
 Casa dos Nobres, 31, 204
 casamento, 10, 46, 156, 157, 158,
 159, 160, 161, 162, 164
 Casaubon, 7, 19
 Cassini, 22
 Castel, 168
 castigo, 39, 97, 144, 145
 Catedral de São Paulo, 19, 212

cérebro, 12, 19, 51, 53, 57, 200, 202,
 203
 Chastanier, 185, 188
 Cidade Santa, 133
 ciência das correspondências, 124,
 129, 133
 Clerkenwell, 212, 213, 219
 Clissold, 51, 188
 Clowes, 184, 188, 189, 220, 237
 Cold Bath Fields, 171, 216, 217,
 218, 219
 Cold Bath Square, 212, 219
 Coleridge, 55, 239
 Collin, 92, 165, 221, 235
 Comte, 59
 cônjuges, 151, 158, 161, 162
 Conselho de Mineração, 11, 24, 25,
 27, 28, 32, 33, 46, 47, 73, 85, 86,
 205, 231, 234
 convento, 44, 46
 Copenhagen, 35, 38, 170
 criação do mundo, 83, 88, 121, 127,
 177, 245
 crianças, 44, 137, 148, 149, 163,
 221, 224, 225
 Cuno, 166, 180, 220, 221, 222, 224,
 225, 226, 227, 228, 230, 231, 234,
 238

D

Dædalus, 26, 31, 194
 Dante, 85
De Cerebrum, 51
De Cultu et Amore Dei, 37, 64, 66,
 67, 68, 70, 72, 88
De Generatione, 51
De Rationale Psychologica, 51
 Defoe, 242
Diário Espiritual, 74, 83, 84, 86, 87,
 88, 135, 150, 178, 231
Digesta, 21
 Dinamarca, 92, 190, 217
Divina Providência, 24, 91, 95, 97,
 98, 104, 105, 138, 162, 179

Divindade da Palavra, 245
 Divindade de Jesus Cristo, 81, 89,
 95, 127, 215
 Divino Humano, 132, 135, 184
 Dixon, 176
 Documents, 168, 169, 172, 175, 182,
 183
Doutrina da Escritura Santa, 91,
 116, 117
Doutrina da Fé, 91
Doutrina de Vida, 91, 94
 doutrina dos graus, 109, 110
 Dresden, 33
 Drummond, 241
 Dumas, 194

E

Éden, 88, 121, 123
 Ekebom, 178
 Ekman, 225
 Elberfeld, 173, 175
 Elfvius, 20
 Elsinore, 222
 Emerentia, 28
 Emerson, 7, 51, 240, 241, 243
Environs of London, 216
 Eric, 24, 216, 222
 Escrituras Santas, 8, 124, 237
 Espanha, 92
 espíritos angélicos, 141
 espíritos e anjos, 72, 154, 236
 espíritos malignos, 77, 80, 87, 144,
 145, 178
Essays on Colonisation, 183
 Eustachius, 42, 43
 Everard, 19
 Êxodo, 87, 115, 124
 Exposição Sumária, 91, 95, 115, 181
*Exposição Sumária das Doutrinas da
 Nova Igreja*, 91, 95, 181
*Exposição Sumária dos Profetas e
 dos Salmos*, 115

F

Faulkner, 189
 Feif, 24
 Fell, 13
 Ferellus, 183
 Fetter Lane, 212, 214, 215
 Filenius, 178, 235
 fim do mundo, 100
 Flamsteed, 19, 20
 Florença, 34, 45
 Florentin, 41
 França, 20, 32, 40, 42, 92, 190, 194,
 241
 franciscanos, 40
 Fraser, 184
 Frederico, o Grande, 211
 Frese, 175

G

Gabriel Polhem, 29
Gênesis, 83, 87, 88, 115, 116, 117,
 118, 120, 121, 124, 134
 Gênova, 44
 Gjorwell, 221, 229
 Goethe, 241
 Gotemburgo, 14, 92, 168, 171, 175,
 178, 182, 237
 Greifswalde, 23, 24, 223
 Gyllenhaal, 182

H

Haia, 48, 55
 Halley, 19, 22
 Hamburgo, 22, 38, 48
 Hargrove, 235
 Hart, 188, 216, 225, 235
 Hartley, 73, 179, 181, 185, 220, 224,
 236, 237
 Hartz, 32
 Hawkins, 171
 Heidelberg, 200
 Helsingborg, 38

Herschel, 37, 197, 199
 Hesse-Darmstadt, 181
 Highgate, 213
 Hindmarsh, 186, 187, 188, 226
 hipótese nebular, 191, 197, 198
 Hjarne, 32
 Holanda, 22, 32, 38, 42, 81, 87, 91,
 92, 166, 169, 170, 180, 181, 206,
 214, 228, 229
 holandeses, 38, 39
 Holden, 191, 197
 Höpken, 92, 93, 166, 181, 200, 205,
 234, 238
 Hungria, 32
 Hunt, 19
 Hutchinson, 192
 Hyde, 213
 Hyperboreus, 26

I

Iddefjord, 28
 Igreja Católica, 46, 125, 126
 Igreja da Inglaterra, 190
 Igreja Luterana, 12, 15, 81
 Igreja Sueca, 92, 183, 214, 217, 221,
 223
 infância, 14, 15, 73, 81, 163, 204
 Infinito, 49
 influxo, 50, 99, 107, 110, 112, 126,
 131, 132, 215
Interação da Alma e o Corpo, 104,
 111, 181, 236
 Isaacsson, 11
 Itália, 32, 42, 43

J

James, 7, 51, 185, 217, 240, 243
 Jesper, 11, 12, 15
 Jesus Cristo, 15, 44, 76, 78, 81, 89,
 94, 95, 133, 136, 184, 245, 254
 Juízo Final, 91, 99, 100, 157
 Jung-Stilling, 166, 167
 Júpiter, 152, 153, 154, 242

K

Kant, 37, 167, 168, 169, 170, 197,
 198, 235
 Karlskrona, 28
 Kinnekulle, 25
 Klemming, 74
 Knobloch, 167, 168, 169

L

Lancisi, 42, 43
 Laplace, 37, 197, 198
 Leeuwenhoek, 43
 Leipzig, 23, 32, 33, 227
 Leslie, 94
 Lewis, 87, 90, 216, 228
 Leyden, 17, 22
Life of Kant, 169
 Linköping, 49
 Livorno, 35, 44, 45, 46
 London Coffee-House, 187
 Louisa Ulrica, 166
 Louthembourg, 188
 Lua, 20, 23, 154
 Lutero, 92
 Lutzow, 170
 Lyon, 43
 Lysons, 216

M

Macdonald, 241
 Madeley, 129
 Manchester, 184, 237
 Marte, 154
 Marteville, 166, 168, 169, 171
 Mathesius, 214, 215
 Matter, 238
 Maurepas, 41
 Máximo Homem, 146
 Memoráveis, 92, 234
 meninas, 148, 150, 222
 meninos, 148
 mente racional, 61, 62

Mercúrio, 152, 153
 Messiter, 185, 237
 metralhadora, 23
 milagres, 97, 124, 177
 Milão, 34, 43, 44
 Milton, 21, 85
 Minories, 212
Miscellanea Observata Circa Res Naturales, 32
Miscellaneous Observations, 192
 Monarquia, 38
 monges, 34, 39, 40
 moravianos, 215
 Morell, 37, 59
 Morrell, 191
 mosteiro, 46
 mundo dos espíritos, 7, 73, 82, 99, 100, 148, 165, 167, 170, 171, 172, 173

N

nascimento, 14, 65
 Nathorst, 193
 natureza da alma, 50, 53
 Neuburger, 200
New Church Magazine, 239
New Observations and Discoveries respecting Iron and Fire, 194
 Newton, 18, 19, 21, 63
 Nils Bjelke, 46
 Nordenkrantz, 209, 210
 Nordenskold, 115, 167, 179, 182, 186
 Nova Igreja, 6, 8, 126, 186, 188, 189, 190, 235, 239
 Nova Jerusalém, 3, 4, 6, 95, 126, 188, 189, 190, 244, 254
Novo Método para Determinar a Longitude dos Lugares na Terra e no Mar, 91
 Nyrén, 198, 199

O

O Cavalo Branco, 90, 115
O Céu e o Inferno, 74, 90, 98, 99, 131, 132, 138, 143, 147, 148, 149, 151, 152, 157, 164, 183, 185
O Juízo Final, 90, 100
O Pensamento Filosófico na Europa no Século XIX, 37
O Peregrino, 118
 Oberlin, 183
Observations on the Slave Trade, 183
 Oelreich, 211
 Oetinger, 165, 183, 233, 244
 Olofsohn, 172
Opera Philosophica et Mineralia, 33, 37, 192, 193, 196, 220
 ordem Divina, 121, 124, 145
 Ospedale Maggiore, 44
 Oxford, 13, 21, 22, 212

P

Pádua, 45
 Palavra de Deus, 78, 83, 116, 134, 135, 178, 244
 Palavra Divina, 83, 101, 133, 237
 Palmqvist, 22
 Paracelsus, 238
 Paris, 22, 40, 41, 43, 46, 181, 183, 228
 Paternoster Row, 87, 89, 216, 228
 Patmore, 202, 241, 243
 Patterson, 196
 Paulo, 46, 92, 95, 96, 187, 217
 Peckitt, 115, 116, 185, 187, 188, 230
 Pedro III, 172
 Pernety, 175, 176, 179, 183, 227, 234
 Péronne, 40
 Phelps, 241
 Pisa, 45
 Pitt, 183
 planeta, 152, 153, 198
 Polhammar, 18, 20

Polhem, 18, 23, 27, 28, 29
 Potts, 189
 Príncipe Adolphus, 48
Principia, 20, 37, 49, 60, 191, 195,
 197, 198, 199
Principia de Newton, 20
Prodromus Philosophiae
Ratiocinantis de Infinito, 33
 Provo, 185, 187, 216, 222, 235
 Prússia, 166, 175

Q

quakerismo, 35
 Quincey, 184

R

R. L. Tafel, 9, 83, 168, 169, 182,
 183, 202, 238
 Reed, 240
 regeneração, 58, 88, 118, 119, 120,
 133, 135
Regnum Animale, 37, 42, 47, 48, 50,
 55, 56, 57, 58, 66, 191, 193, 202
Regnum Minerale, 47
Regras de Álgebra, 32
 reino animal, 49, 50, 51, 65, 131
 reino mineral, 65, 130, 131
 reino vegetal, 65, 130, 131
 Retzius, 191, 193, 200, 201
 revelação Divina, 116, 132
 revelações, 14, 81, 92, 93, 131, 137,
 138, 152, 153, 165, 212, 230, 245
Rise and Progress of the New Church
in England, America and other
parts, 186
 Robsahm, 28, 73, 82, 179, 226, 227,
 230
 Roma, 38, 44, 46, 243
 Rosén, 182, 238
 Rostock, 22, 23, 24
 Rotterdam, 38, 39
 Rousseau, 239
 Ruskin, 241

Rússia, 172, 198, 206
 Ruysch, 42, 43

S

Sabedoria Angélica, 67, 68, 91, 104,
 105, 106, 107, 108, 110, 131
 Sandels, 13, 15, 16, 34, 223, 224,
 227, 231, 234
 sangue, 44, 51, 52, 53, 56, 58, 81,
 133, 202, 208, 215
 São Petersburgo, 33
 Saturno, 154
 Saxônia, 32
 Scherer, 172, 233
 Schmidius, 227
 Schonen, 21, 34
 servo do Senhor, 245
 Shearsmith, 172, 216, 218, 221, 222,
 225, 230
 Skara, 11, 16
 Sociedade Escandinava de Ciências,
 192
 Sociedade Real de Ciências, 19, 20
 Sociedade Teosófica, 115, 188
 Societas pro Fide et Charitate, 186
 Society for Printing and Publishing
 the Writings of Emanuel
 Swedenborg, 188
 Sol, 35, 57, 65, 66, 105, 107, 108,
 146, 198, 199
 Sonhos, 74, 84
Sonhos de Swedenborg, 74
 Sorbonne, 41
 Spence, 187, 188
 Springer, 175, 176, 180, 183
 Spurgin, 55
 Stalhammar, 235
 Stephen, 94
 Stralsund, 23, 24
 Strömstad, 28
 substância espiritual, 52
 Suécia, 9, 11, 12, 17, 18, 20, 22, 23,
 24, 25, 27, 30, 32, 37, 59, 91, 93,
 115, 116, 166, 167, 170, 175, 180,

181, 186, 190, 191, 192, 193, 201,
204, 205, 206, 207, 209, 211, 217,
229, 231

Swammerdam, 57

Swedberg, 11, 12, 13, 15, 20, 23, 31

Swedenborg Society, 4, 188, 203

T

Tafel, 9, 84, 90, 172, 175, 214, 238

tentação, 76, 77, 121

Terra, 23, 25, 54, 65, 66, 152, 153,
191

Terras no Universo, 90, 152

Tessin, 93

The Brain, 200

The Swedenborg Concordance, 189

Theophrastus, 238

Thomas French, 191

Thomé, 183, 196

Transações, 21, 41

Trindade, 70, 81, 94, 95, 96, 239

Tübingen, 238

Tulk, 186, 187

Turim, 43, 44

Tuxen, 179, 181, 183, 222, 224, 226,
234, 244

Tybeck, 182

U

Ulrica Eleonora, 11, 31, 204

Unge, 29

usos, 57, 119, 147

Utrecht, 22

V

Varrignon, 22

Vaticano, 34

Venator, 166

Veneza, 44, 46

Vênus, 154

Verdadeira Religião Cristã, 8, 73,

81, 91, 94, 95, 96, 97, 102, 104,

113, 142, 184, 228, 239

Via Láctea, 197, 199

Vingaker, 11, 14

W

Wadström, 183

Warner Street, 216, 218

Wellclose Square, 212, 216, 217

Wesley, 171, 172

Westminster, 7, 19

Wilkinson, 51, 59, 201, 202, 240

Wolf, 38

Woodward, 19

Worcester, 89, 196

Z

Zacarias, 135

Escritos teológicos de E. Swedenborg traduzidos em português:

- A Verdadeira Religião Cristã (2 volumes)
- Apocalipse Revelado (2 volumes)
- Céu e o Inferno
- A Nova Jerusalém e Sua Doutrina Celeste
- Exposição Sumária da Doutrina da Nova Igreja
- Divina Providência
- Sabedoria Angélica
- Amor Conjugal
- Arcanos Celestes (volume I)

Podem ser solicitados à

Sociedade Religiosa “A Nova Jerusalém”
Rua das Graças, 45 – Bairro de Fátima
CEP 20.240-030 – Rio de Janeiro, RJ

A Nova Igreja, chamada “A Nova Jerusalém”, é o novo cristianismo, dedicado ao culto do Senhor Deus Jesus Cristo. Sua Doutrina se baseia nos Antigo e Novo Testamentos da Palavra à luz dos Escritos teológicos de Emanuel Swedenborg.

Os pontos fundamentais desta Doutrina são:

O Senhor Jesus Cristo é o único Deus. Nele habita a trindade de Alma, Corpo e Operação Divina, atributos que são chamados Pai, Filho e Espírito Santo. O Senhor agindo como Criador chama-se JEHOVAH, o Pai, a Alma invisível; agindo como Redentor e Salvador é Jesus Cristo, o Filho, o Humano visível; e agindo como Regenerador é o Espírito Santo, o Espírito da Verdade e Consolador. Não há, portanto, três pessoas Divinas separadas, mas o próprio Deus “Se fez carne e habitou entre nós”, no Senhor Jesus Cristo.

A fé que salva é não somente crer no que o Senhor diz em Sua Palavra, mas é também viver de acordo com essa fé e dar frutos ou fazer as obras de Deus, porque todos nós seremos julgados segundo as obras que tivermos feito.

O homem tem o dom sagrado do livre arbítrio e por isso deve, como se por sua própria força e razão, lutar para afastar-se do mal como pecado contra Deus. Após isso, deve praticar os bens como ações úteis para si e para o próximo. Contudo, deve saber e crer que é pelo poder do Senhor que ele faz estas coisas e, sem esse poder, o homem nada pode.

Cada um, após a morte, entra imediatamente no mundo espiritual e vive, homem ou mulher, conforme vivia aqui em sua mente ou espírito. Sua sorte definitiva e eterna, de felicidade ou de frustração, será resultado das escolhas feitas aqui. Os que creram no Senhor e cumpriram Seus preceitos terão sido regenerados (nascidos de novo) por Ele e serão salvos. Este é o juízo final de todo indivíduo.

Mais informações: www.newchurch.org

